UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

JOALÊDE GONÇALVES BANDEIRA

CARTEANDO E DIALOGANDO COM O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO: CAMINHOS TRILHADOS DO SÉCULO XVI AO XX

Salvador – Bahia
2011

JOALÊDE GONÇALVES BANDEIRA

CARTEANDO E DIALOGANDO COM O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO: CAMINHOS TRILHADOS DO SÉCULO XVI AO XX

Tese de doutorado apresentada à banca Examinadora e ao Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito final à obtenção do grau de Doutor em Letras

Orientadora: Profª Dra. Therezinha Maria de Mello Barreto

Salvador – Bahia
2011

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Bandeira, Joalêde Gonçalves.
Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito: caminhos trilhados do século XVI ao XX / Joalêde Gonçalves Bandeira. - 2011.
329 f. : il.

Orientadora: Profª. Drª. Therezinha Maria de Mello Barreto.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

1. Gramática comparada e geral - Gramaticalização. 2. Língua portuguesa - Verbos. 3. Lingüística histórica. I. Barreto, Therezinha Maria de Mello. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 415
CDU - 81'362

EXAME DE TESE

BANDEIRA, Joalêde Gonçalves. **Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito:** caminhos trilhados do século XVI ao XX **.** Salvador: UFBA – Universidade Federal da Bahia, 2011. Tese de doutorado.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. THEREZINHA MARIA DE MELLO BARRETO (UFBA) – Orientadora

_____

Profa. Dra. NORMA DA SILVA LOPES – (UNEB)

_____

Prof. Dr.. LUCAS SANTOS CAMPOS (UESB)

_____

Profa. Dra. ROSA VIRGÍNIA BARRETO DE MATTOS OLIVEIRA E SILVA (UFBA)

_____

Profa. Dra. Sônia Bastos Borba Costa (UFBA)

DEDICATÓRIA

2.1.1.1

A *Leda*, minha mãe, alicerce de minha vida.
Ao meu filho, *João Pedro*, meu amor maior.
Aos meus protetores...

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.ª Dra. Terezinha de Mello Barreto, que com sua experiência, sabedoria, generosidade, carinho e muita paciência está me conduzindo pelos caminhos do mais-que-perfeito. Muito obrigada, por sua presença constante em minha vida!

Á Prof.ª Dra. Rosa Virgínia por seus ensinamentos e, principalmente, por me fazer compreender, com o seu exemplo, que sabedoria e simplicidade podem andar juntas;

À Prof.ª Dra. Norma Lopes, uma grande guerreira, que, além dos muitos ensinamentos, me fez compreender que esta tese é o começo e não o fim;

Á Prof.ª Dra. Emília Helena por suas constantes palavras de apoio e carinho. Talvez ela nem saiba o quanto suas palavras foram importantes para que este momento chegasse!

À Prof.ª Dra. Gisele Cássia de Souza, não só por sua participação na etapa de qualificação desta tese, mas por sua constante disponibilidade e carinho em me auxiliar em todas as vezes que lhe recorri;

Ao Prof. Dr. Lucas Campos pelo constante incentivo e crença no meu trabalho;

À Prof.ª Dra. Sonia Borba pela constante disponibilidade em me ajudar;

À Prof.ª Dra. Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio pelos ensinamentos e pela confiança em meu trabalho;

Aos Prof. Drs. Josane Moreira de Oliveira e Jorge Augusto Alves da Silva, que aceitaram tão prontamente participar deste importante momento de minha vida;

A todos os meus professores que, ao longo de minha vida, formaram a base para que este momento fosse possível;

Aos Prof. Drs. Michael J. Ferreira, Paulo José Tente Osório, Márluce Coan, Juliana Bertucci Barbosa pelos muitos textos enviados e palavras de apoio;

À minha querida amiga e companheira de “sofrimento aspectual”, Simone Webering Martínez de Sant’anna, pelos ensinamentos e auxílio;

A Elisângela Souza pelo apoio constante.

Às bibliotecárias da Universidade Federal da Bahia por sua paciência e disponibilidade para me auxiliar a encontrar os livros tão preciosos e necessários para a minha escrita;

Aos meus colegas do Colégio Estadual Evaristo da Veiga, especialmente, à Prof.ª Daniela Lordelo, pelo apoio e incentivo;

Aos meus amigos, pela paciência e carinho que me dispensaram nos momentos de dificuldade e, também, por nem sempre entenderem a minha necessidade de solidão, pois estas incompreensões me fizeram perceber o quão querida era a minha presença;

A Márcia Augusta pela amizade e constante auxílio na correção das muitas versões desta tese;

Aos meus alunos, de ontem e hoje, incentivadores do meu crescimento, pelo meu compromisso de oferecer sempre o melhor.

E, por fim, mas não finalmente, pois, com certeza, devo ter deixado de mencionar alguém, a Deus, e a todos aqueles que Ele enviou para me auxiliar e proteger, pois sem a fé que tenho não seria possível esta construção.

Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro..." (Clarice Lispector)

LISTA DE FIGURAS

ORDEM	TÍTULO	PÁGINA
Figura 1	A Espanha romana no tempo de Augusto	28
Figura 2	O movimento da Reconquista	31
Figura 3	Expansão do galego-português	32
Figura 4	Formação dos tempos verbais simples	48

LISTA DE QUADROS

ORDEM	TÍTULO	PÁGINA
Quadro 1	Proposta de periodização para a história da língua portuguesa	36
Quadro 2	Modo verbal latino	46
Quadro 3	Modo verbal do português	54
Quadro 4	Tipos de Aspectos	71
Quadro 5	Valores aspectuais – Castilho	71
Quadro 6	Valores aspectuais - Costa	73
Quadro 7	Noções de aspecto (adaptado)	75
Quadro 8	Amostra linguagem oral do português europeu – Projeto VARPORT -1970	171
Quadro 9	Amostra linguagem oral do português europeu – Projeto VARPORT -1990	172
Quadro 10	Amostra linguagem oral do Brasil – Projeto NURC - 1970	176
Quadro 11	Amostra linguagem oral do Brasil – Projeto NURC - 1990	177

LISTA DE TABELAS

ORDEM	TÍTULO	PÁGINA
Tabela 1	*Corpus* utilizado para estudo do português europeu	146
Tabela 2	*Corpus* utilizado para estudo do português no Brasil	147
Tabela 3	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus do português europeu	182
Tabela 4	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus do português do Brasil	184
Tabela 5	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVI – Portugal/Brasil	187
Tabela 6	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVII – Portugal/Brasil	189
Tabela 7	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVIII – Portugal/Brasil	191
Tabela 8	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XIX – Portugal/Brasil	193
Tabela 9	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XX – Portugal/Brasil	195
Tabela 10	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus do português europeu falado (1970)	197
Tabela 11	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus do português europeu falado (1990)	198
Tabela 12	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus do português brasileiro falado (NURC - 1970)	199
Tabela 13	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus do português brasileiro falado (NURC - 1990)	199
Tabela 14	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas da Corte de D. João III	201
Tabela 15	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas	204

Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo

Tabela 16 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas portuguesas de Mariana Alcoforado 206

Tabela 17 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira) 208

Tabela 18 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Pina Manique 211

Tabela 19 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Ramalho Ortigão 212

Tabela 20 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Eça de Queirós 214

Tabela 21 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Camilo Castelo Branco 215

Tabela 22 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Fernando Pessoa 216

Tabela 23 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual 218

Tabela 24 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Teófilo 219

Tabela 25 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de autores portugueses dos séculos XVI a XX 220

Tabela 26 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil 221

Tabela 27 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas do Padre Antonio Vieira 223

Tabela 28 Valores do pretérito mais-que-perfeito na Correspondência dos Governadores Geraes 227

Tabela 29 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas Baianas Setecentistas 230

Tabela 30 Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas da Bahia do Marquês do Lavradio 232

Tabela 31	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples no Epistolário de Machado de Assis	234
Tabela 32	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas Brasileiras	236
Tabela 33	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples na Correspondência de Clarice Lispector	238
Tabela 34	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira	238
Tabela 35	Valores do pretérito mais-que-perfeito em textos do português do Brasil dos séculos XVI a XX	240
Tabela 36	Valores do pretérito mais-que-perfeito composto no *corpus* de Portugal, na década de 70	241
Tabela 37	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* de Portugal, na década de 90	242
Tabela 38	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* do Brasil na década de 70	243
Tabela 39	Valores do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* do Brasil na década de 90	244
Tabela 40	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto em períodos simples e compostos no corpus de Portugal	246
Tabela 41	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto em períodos simples e compostos no corpus português brasileiro	247
Tabela 42	Uso do pretérito mais-que-perfeito em períodos simples e composto no corpus de língua falada de Portugal	248
Tabela 43	Uso do pretérito mais-que-perfeito em períodos simples e composto no corpus de língua falada do Brasil	249
Tabela 44	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nos vários tipos de orações em textos do português europeu e do brasileiro	252

Tabela 45	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90 nos vários tipos de orações	259
Tabela 46	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua falada do Brasil nas décadas de 70 e 90 nos vários tipos de orações	261
Tabela 47	Presença de advérbio na sentença versus emprego do mais-que-perfeito na língua escrita	265
Tabela 48	Presença do advérbio na sentença *versus* emprego do mais-que-perfeito na língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90	268
Tabela 49	Presença do advérbio na sentença versus emprego do mais-que-perfeito na língua falada do Brasil nas décadas de 70 e 90	269
Tabela 50	Transitividade verbal versus emprego do mais-que-perfeito simples e composto no corpus de língua escrita consultado	273
Tabela 51	Transitividade verbal versus emprego do mais-que-perfeito no corpus de língua falada de Portugal	274
Tabela 52	Transitividade verbal versus emprego do mais-que-perfeito no corpus de língua falada do Brasil	274
Tabela 53	Saliência morfológica *versus* uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto no corpus de língua escrita consultado	276
Tabela 54	Saliência morfológica *versus* o uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus da língua falada de Portugal	277
Tabela 55	Saliência morfológica *versus* uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus da língua falada do Brasil	278
Tabela 56	Animacidade do sujeito *versus* uso do pretérito mais-que-perfeito no corpus de língua escrita de Portugal e do Brasil	279
Tabela 57	Animacidade do sujeito *versus* emprego do mais-que-perfeito no corpus de língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90	281

Tabela 58	Animacidade do sujeito *versus* emprego do mais-que-perfeito no corpus de língua falada do Brasil das décadas de 70 e 90	282
Tabela 59	Tipo de verbo *versus* emprego do mais-que-perfeito simples e composto no corpus da língua escrita de Portugal e do Brasil	286
Tabela 60	Tipo de verbo *versus* emprego do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus de língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90	290
Tabela 61	Tipo de verbo *versus* emprego do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no corpus de língua falada do Brasil nas décadas de 70 e 90	292
Tabela 62	Tipo de carta *versus* emprego do mais-que-perfeito simples ou composto no corpus de língua escrita do Brasil e de Portugal	295
Tabela 63	Grau de formalidade *versus* emprego do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto no *corpus* consultado	296
Tabela 64	Emprego do pretérito mais-que-perfeito simples e compostos na língua falada de Portugal e do Brasil nas décadas de 70 e 90	298
Tabela 65	Ocorrências por gênero do mais-que-perfeito na língua falada de Portugal e do Brasil nas décadas de 70 e 90	302
Tabela 66	Ocorrências por gênero do mais-que-perfeito na língua falada de Portugal e do Brasil nas décadas de 70 e 90	303

LISTA DE GRÁFICOS

ORDEM	TÍTULO	PÁGINA
Gráfico 1	Uso do pretérito mais-que-perfeito no *corpus* do português europeu	183
Gráfico 2	Uso do pretérito mais-que-perfeito no corpus do português do Brasil	185
Gráfico 3	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto: confronto entre o corpus do português de Portugal e do Brasil dos séculos XVI ao XX	186
Gráfico 4	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVI, no corpus de Portugal e do Brasil	188
Gráfico 5	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVII: no corpus de Portugal e do Brasil	190
Gráfico 6	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVIII no corpus de Portugal e do Brasil	192
Gráfico 7	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XIX: no corpus de Portugal e do Brasil	194
Gráfico 8	Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XX: no corpus de Portugal e do Brasil	196
Gráfico 9	Saliência morfológica: uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto no corpus de língua escrita consultado	277
Gráfico 10	Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nas décadas de 70 e 90 no corpus de língua falada do Brasil	299
Gráfico 11	Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nas décadas de 70 e 90 no corpus de língua falada de Portugal e do Brasil	299
Gráfico 12	Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nas décadas de 70 e 90 no corpus de língua falada das cidades de Salvador e Rio de Janeiro	301

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TERMO	ABREVIATURA
Cartas Baianas Setecentistas	CBS
Cartas Brasileiras	CBC
Cartas da Bahia do Marquês do Lavradio	CML
Cartas de amor de Sóror Mariana Alcoforado	CMA
Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira)	CCO
Cartas de D. João III	CCB
Cartas de Jaime, o duque de Bragança	CJB
Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira	CMM
Cartas de Pina Manique	CPM
Cartas de Ramalho Ortigão	CRO
Cartas de Teófilo	CT
Cartas de Theodosius, duque de Barcelos	CTB
Cartas do Infante Luís	CIL
Cartas do Padre Antonio Vieira	CPV
Cartas do Padre Antonio Vieira - Bahia	CVB
Cartas do Padre Antonio Vieira - Maranhão	CVM
Cartas dos Governadores Geraes	CGG
Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil	CJB
Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo	CFM
Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual	CIP
Corpus de Referência do Português Contemporâneo	CRPC
Correspondência de Eça de Queiroz	CEQ
Correspondência de Fernando Pessoa	CFP
Correspondência e declaração intima de Camilo Castelo Branco	CCB

Correspondências de Clarice Lispector	CCL
Epistolário Machado de Assis	CMA
Futuro do pretérito do Indicativo	IdFt2
Oração absoluta	ABSOL.
Oração principal	PRIN.
Oração subordinada adjetiva	ADJ.
Oração subordinada adverbial condicional	COND.
Oração subordinada substantiva	SUBST.
Português brasileiro	PB
Português europeu	PE
Presente do Subjuntivo	SbPr
Pretérito imperfeito do Indicativo	IdPt1
Pretérito imperfeito do Subjuntivo	SbPt
Pretérito mais-que-perfeito - Composto	IdPt3C
Pretérito mais-que-perfeito - Simples	IdPt3S
Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta - Rio de Janeiro	NURC-RJ
Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta - Salvador	NURC-SSA
Verbo auxiliar	AUX
Verbo Causativo	Caus.
Verbo Compacto	Comp.
Verbo de Atividade o cão	Ativ.
Verbo de Estado	Est.
Verbo de ligação	VL
Verbo de Posse	Pos.
Verbo de Processo	Proc.
Verbo *Dicendi*	Dic.
Verbo Existencial	Exist.
Verbo intransitivo	INT
Verbo Modal	Mod.
Verbo Psicológico	Psic.
Verbo transitivo circunstancial	TCirc

Verbo transitivo direto	VTD
Verbo transitivo direto relativo	TdRel
Verbo transitivo indireto	VTI
Verbo transitivo relativo	TRel
Verbo Volitivo	Vol..

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 23

2 REVISÃO DA LITERATURA 27

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA 27

2.1.1 A origem da língua portuguesa 27

2.1.2 O galego-português 32

2.1.3 O português arcaico 33

2.1.4 O português moderno 38

2.1.5 O português contemporâneo 39

2.1.6 Da matriz européia ao português brasileiro 39

2.2 O SISTEMA VERBAL 42

2.2.1 Do latim ao português 42

2.2.2 Categorias verbais: Tempo, Aspecto e Modo 54

2.2.2.1 O tempo 54

2.2.2.1.1 O tempo na concepção dos filósofos 55

2.2.2.1.2 O tempo para os lexicólogos e linguístas 59

2.2.2.2 O Aspecto 65

2.2.2.2.1 Apresentação da categoria 65

2.2.2.2.2 Origem e definições 67

2.2.2.2.3 Valores aspectuais 71

2.2.2.2.4 O Aspecto e o modo de ser da ação (aktionsart) 77

2.2.2.3 Modo e Modalidade 80

2.2.2.3.1 Tipos de Modalidade 83

2.3 O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO NO DECORRER DOS SÉCULOS 85

2.3.1 **O que dizem os gramáticos históricos** 86

2.3.1.1 *Do português arcaico ao português contemporâneo* 88

2.4 O PERÍODO HIPOTÉTICO 99

2.4.1 **O período hipotético no latim clássico** 103

2.4.2 O período hipotético no latim falado 108

2.4.3 O período hipotético no português arcaíco 111
2.4.4 O período hipotético no português clássico 115
2.4.5 O período hipotético no português contemporâneo 118
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 124
3.1 A MUDANÇA LINGUÍSTICA 124
3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA 128
3.3 O FUNCIONALISMO 133
3.3.1 Um pouco de história 135
3.4 GRAMATICALIZAÇÃO 138
3.4.1 Os princípios que regem a gramaticalização 140
3.4.1.1 Os cinco princípios de Lehmann (1982) 140
3.4.1.2 Os cinco princípios de Hopper (1991) 141
3.4.1.3 Os quatro princípios de Castilho (1996) 142
4 METODOLOGIA 145
4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* 145
4.2 O *CORPUS* DA LÍNGUA ESCRITA 146
4.2.1 O gênero epistolar: o porquê da escolha 148
4.2.2 **Caracterização do *corpus*** 149
4.2.2.1 *Corpus do português europeu* 149
4.2.2.1.1 Século XVI 149
4.2.2.1.2 Século XVII 151
4.2.2.1.3 Século XVIII 153
4.2.2.1.4 Século XIX 154
4.2.2.1.5 Século XX 158
4.2.2.2 *Corpus do português brasileiro* 161
4.2.2.2.1 Século XVI 161
4.2.2.2.2 Século XVII 161
4.2.2.2.3 Século XVIII 164
4.2.2.2.4 Século XIX 165
4.2.2.2.5 Século XX 168

4.3 *CORPUS* DE LINGUA FALADA 170
4.3.1 **Portugal** 170
4.3.2 **Brasil** 173
4.4 PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS 177
4.5 ESTABELECIMENTO DAS VARIÁVEIS 179
4.5.1 **A variável dependente** 179
4.5.2 **Variáveis independentes** 179
4.6 ANÁLISE DOS DADOS: O USO DO VARBRUL 180
5 ANALISE DE DADOS 181
5.1 VARIÁVEL DEPENDENTE 181
5.1.1 **Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua escrita** 181
5.1.1.1 Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito no corpus de Portugal e do Brasil nos diferentes séculos 187
5.1.2 Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito na língua falada 196
5.1.3 Valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito nos contextos analisados 200
5.1.3.1 Língua escrita 200
5.1.3.2 .Língua falada 241
5.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES 245
5.2.1 Variáveis linguísticas 245
5.2.1.1 Variáveis sintáticas 245
5.2.1.2 Variável morfológica 275
5.2.1.3 Variáveis semânticas 278
5.2.1.4 Variáveis discursivas 294
5.2.2 Variáveis extralinguísticas 297
5.2.2.1 Língua escrita 297
5.2.2.2 Língua falada 297
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 305
7 REFERÊNCIAS 313

RESUMO

BANDEIRA, Joalêde Gonçalves. **Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito:** os caminhos trilhados do século XVI ao XX **.** Salvador: UFBA – Universidade Federal da Bahia, 2011. Tese de doutorado.

Esta tese objetiva analisar e descrever o uso do pretérito mais-que-perfeito em textos escritos dos séculos XVI a XX e em textos de língua falada, do Brasil e de Portugal, no intuito de avaliar as funções e os valores desempenhados por esse tempo verbal em suas formas simples e composta, através dos séculos, detectando, se possível, o período em que o uso do mais-que-perfeito simples decresce e que fatores condicionam o uso de uma ou outra forma. Foram utilizados como *corpus,* para a língua escrita cartas pessoais e oficiais de portugueses e brasileiros, escritas nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, e, língua falada, diálogos entre informantes e documentadores (DID's), das décadas de 70 e 90 do século XX, do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) de Salvador e do Rio de Janeiro e diálogos do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT, com informantes cultos portugueses do mesmo período. Duas abordagens teórico-metodológicas dão suporte à pesquisa: a da dimensão sociolingüística, com base na Teoria da Variação e Mudança Lingüística, de Labov, e, por se tratar de um estudo que busca analisar a linguagem em uso, a do Funcionalismo Linguístico, cujo pressuposto principal é a concepção da língua como um instrumento de comunicação, maleável à satisfação das necessidades comunicativas do falante. O estudo revela o século XVIII, a época em que começa a haver a redução no uso desse tempo verbal e indica uma possível mudança em progresso: a substituição do pretérito mais-que-perfeito simples pelo mais-que-perfeito composto.

Palavras-chave: pretérito mais-que-perfeito - pretérito mais-que-perfeito simples e composto – línguistica histórica – sistema verbal – tempo verbal

ABSTRACT

BANDEIRA, Joalêde Gonçalves. **Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito:** os caminhos trilhados do século XVI ao XX **.** Salvador: UFBA – Universidade Federal da Bahia, 2011. Tese de doutorado.

This thesis aims to analyze and describe the use of past tense “plus-perfect” in written texts dating from the sixteenth to the twentieth century and texts transcribed from the spoken language of Brazil and Portugal. The objective is to evaluate the functions played by this tense in their simple and composed forms throughout the centuries, detecting, if possible, the period in which the use of the “plus-perfect” simple form decreases and the factors which influenced the use of one form or the other. The language used in Portuguese and Brazilian official and personal letters written in the sixteenth, seventeenth, eighteenth, nineteenth and twentieth centuries, along with spoken language dialogues between informants and documents (DID's) from the 1970's and the 90s; the Project for the Study of Urban educated Standard Linguistics (NURC) in Salvador and Rio de Janeiro; dialogues taken from Contrastive Analysis Project Variety of Portuguese – VARPORT; and Portuguese informants from the same period, served as corpus to this analysis. Two theoretical and methodological approaches support this research: a sociolinguistic approach, based on the Theory of Linguistic Variation and Change in Labov, and, because this thesis seeks to analyze the language in current use, the Theory of Functionalism in Language, which main assumption is the conception of language as a communication tool, flexible to meet the communication needs of the speaker. The study reveals the eighteenth century as the time when a reduction in the use of this tense starts and indicates a possible change, the replacement of the past “plusperfect” simple by more-than-perfect composite form.

Keywords: past pluperfect - past tense plusperfect simple and compound - historical linguistics - the verbal system - tense

1 INTRODUÇÃO

Toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem esses falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças. Isso ocorre, via de regra, porque: a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema linguistico e não o seu todo.

Tendo em vista que no português falado contemporâneo ou mesmo na língua escrita, nota-se, com mais frequência, o emprego do mais-que-perfeito composto, enquanto que o emprego do mais-que-perfeito simples é, praticamente, reservado a textos formais ou literários, essa pesquisa tem por objetivo analisar e descrever o uso do pretérito mais-que-perfeito em textos escritos nos séculos XVI a XX e em textos de língua falada, do século XX, do Brasil e de Portugal, no intuito de avaliar as funções e os valores desempenhados por esse tempo verbal em suas formas simples e composta, através dos séculos, detectando, se possível, o período em que o uso do mais-que-perfeito simples começa a decrescer.

Duas hipóteses foram estabelecidas para nortear a presente pesquisa:

i. somente no século XX dá-se a preferência pelo emprego do mais-que-perfeito composto, época em que também decresce o seu uso equivalendo ao futuro do pretérito do Indicativo ou ao pretérito imperfeito do Subjuntivo;
ii. o emprego do pretérito mais-que-perfeito nas formas simples e composta, nos textos do português moderno e contemporâneo, obedece a critérios específicos, tais como tipo de gênero, variação de registro,etc.;

A pesquisa deste tema que se insere na Linguistica Histórica, parte da linguística que se ocupa em estudar os processos de mutação temporal, as

substituições, o aparecimento e desaparecimento de formas, a conservação, ou seja, ocupa-se das constantes transformações que a língua sofre ao longo do tempo.

Desse modo, o presente estudo contribuirá para fornecer dados específicos sobre o emprego desse tempo verbal, considerando que o estudo do passado, conforme Faraco (2005, p.120), ”possibilita explicar o presente”.

Sabendo-se dos estudos realizados por Pascásia Costa (2002) em documentos dos séculos XIV e XV e por Márluce Coan (2003) em textos do século XVI ao XX, a originalidade deste trabalho constitui-se na ampliação do universo pesquisado sobre o tema, através da análise do mais-que-perfeito em cartas escritas por portugueses e brasileiros dos séculos XVI a XX, efetuando a comparação entre os usos do português europeu e brasileiro na língua escrita, e, no século XX, o confronto com os dados da língua falada que foram detectados através da análise dos diálogos entre informantes e documentadores (DID’s) do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) de Salvador e do Rio de Janeiro e diálogos do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT, com informantes cultos portugueses do mesmo período.

Para apresentar os caminhos trilhados pelo pretérito mais-que-perfeito, ao longo dos séculos, dividiu-se este trabalho em seis capítulos: (1) Introdução; (2) Revisão da Literatura; (3) Pressupostos teóricos; (4) Metodologia; (5) Análise dos Dados; (6) Considerações finais, sumarizados a seguir:

A **Introdução**, que apresenta o trabalho, foi considerada como o **capítulo 1**.

O **capítulo 2**, denominado Revisão da literatura, está dividido em quatro subitens. São eles: (i) **Algumas considerações sobre a história da língua portuguesa**, em que são apresentadas, com diz o nome do próprio tópico, algumas considerações referentes à origem da língua portuguesa, ao galego-português e aos diversos períodos em que se subdivide a história da língua, desde o português arcaico até o português contemporâneo, observando alguns dos fatores que influenciaram na formação do português brasileiro (PB). (ii) **O sistema verbal**, que enfoca o sistema verbal do latim ao português e as categorias verbais de tempo, aspecto, modo e modalidade. (iii) **O pretérito**

mais-que-perfeito no decorrer dos séculos, no qual é traçado um panorama das funções do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta no decorrer dos séculos, a partir da visão de gramáticos e linguístas, desde o português arcaico até o português contemporâneo; e, (iv) **O período hipotético**, que segue a mesma linha do subitem anterior, no qual o citado período é analisado a partir das considerações apresentadas também por diversos gramáticos e linguístas, a exemplo de Said Ali (1923), Huber (1933), Ernesto Faria (1958), Almeida (1982), Leão (1961), Neves (2000) e Mateus *et al* (2003).

O **Capítulo 3, Pressupostos teóricos,** apresenta as duas perspectivas teórico-metodológicas que servirão de base à pesquisa: a da dimensão Sociolingüística, que tem por base a Teoria da Variação e Mudança Lingüística, de Labov, e, por se tratar de um estudo que busca analisar a linguagem em uso, a do Funcionalismo Linguistico, que também é de muita relevância para essa análise. Estas duas perspectivas, a partir de suas premissas, fornecerão dados para analisar, de forma mais completa, o comportamento sincrônico-diacrônico do pretérito mais-que-perfeito, tendo em vista que propõem um modelo baseado no uso da língua, o qual restringe ou determina a estrutura gramatical, aproximando-se em vários pontos e mostrando-se complementares em muitos outros, o que permitirá uma abordagem associada no estudo. Também em relação ao Funcionalismo, será analisada a Teoria da Gramaticalização, que embasará a análise do uso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta,

O **Capítulo 4**, intitulado **Metodologia**, apresenta e caracteriza o *corpus* do português europeu e brasileiro*,* tanto da língua escrita, quanto da falada*,* e os procedimentos utilizados para análise dos dados, além de justificar a razão da escolha do gênero epistolar.

O **Capítulo 5**, refere-se à **Análise dos dados** obtidos a partir da aplicação parcial do programa computacional, VARBRUL. Essa análise considera inicialmente, a *variável dependente* - ocorrência do pretérito mais-que-perfeito simples e composto, observando-se as ocorrências e os valores assumidos por esse tempo verbal nos contextos estudados; em seguida são analisadas as *variáveis independentes* – linguísticas, discursivas e extralinguísticas – tanto do *corpus* de língua escrita, como do de língua falada.

Para finalizar, no **Capítulo 6**, são apresentadas as **Considerações Finais**. Nessa parte, serão retomadas algumas conclusões parciais a que se chegou ao momento da análise, assim como serão apresentados os resultados das observações das ocorrências do pretérito mais-que-perfeito ao longo dos séculos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Ciente de que, como afirma Faraco (2005, p.119), muitas vezes é necessário “Voltar ao passado para iluminar o presente”, este capítulo acha-se subdividido em quatro subitens: 1) Algumas considerações sobre a história da língua portuguesa; 2) O sistema verbal do latim ao português; 3) O pretérito mais-que-perfeito no decorrer dos séculos, e 4) O período hipotético do latim ao português; objetivando apresentar um painel de informações que possibilite traçar o percurso do emprego do pretérito mais-que-perfeito nas suas formas simples e composta em textos escritos nos séculos XVI a XX e entre textos de língua falada, do século XX, do Brasil e de Portugal.

3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Uma vez que serão utilizados como *corpus*, textos do português arcaico, clássico e contemporâneo, nesse subitem serão tecidas considerações sobre a história da língua portuguesa e sobre os vários períodos em que se subdividiu.

3.1.1 A origem da língua portuguesa

A língua portuguesa é uma das cinco línguas mais faladas no mundo. Pertence ao grupo das línguas românicas ou neolatinas e teve sua origem no latim falado, levado à Península Ibérica pelas legiões romanas, por volta do século II a.C:

> Os Romanos desembarcaram na Península no ano 218 a.C. A sua chegada constitui um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. Dão cabo dos cartigeneses no ano de 209 e empreendem, então, a

> conquista do País. Todos os povos da Península, com exceção dos Bascos, adoptam o latim como língua... (TEYSSIER, 1997, p. 3).

O território da Península Ibérica foi dividido, inicialmente, em duas grandes províncias, Hispania Citerior (região nordeste) e Hispânia Ulterior (região sudeste). O imperador Augusto, no ano 27 a.C. dividiu a Hispania Ulterior em duas outras províncias: a Lusitânia, ao Norte do Guadiana, e a Bética, ao Sul. Posteriormente, entre 7 e 2 a.C., a parte da Lusitânia situada ao Norte do Douro, chamada Gallaecia, hoje Galícia, foi anexada à província Terraconense (a antiga Hispania Citerior). Cada província foi dividida num determinado número de circunscrições judiciárias chamadas *conventus*. Como explica Tessyer, o atual território da Galícia espanhola e de Portugal corresponde, aproximadamente, a quatro *conventus*: os de *Lucus Augustus* - (Lugo), o de *Bracara* (Braga), o de *Scalabis* (Santarém) e o de *Pax Augusta* (Beja). (figura 1)

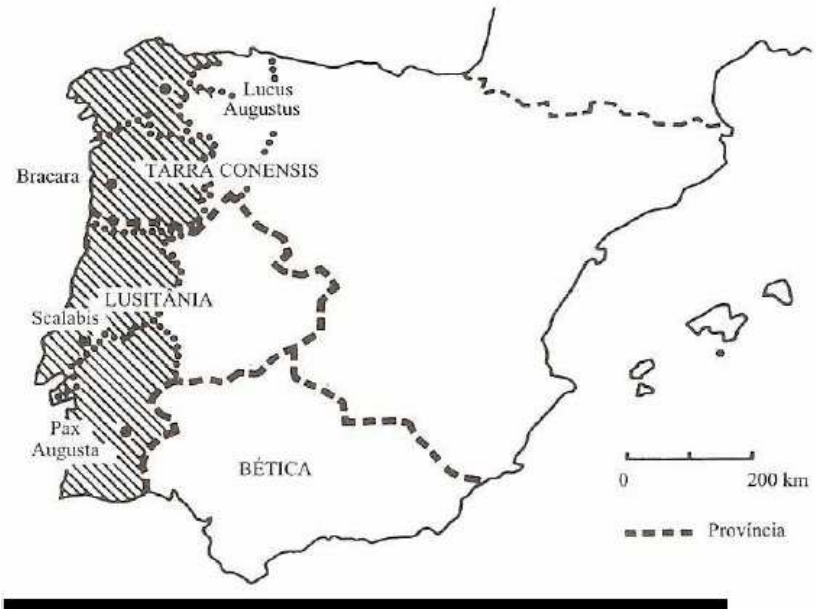


Figura 1: A Espanha romana no tempo de Augusto
Fonte: Teyssier, 1997, p.4

A romanização da Península não aconteceu de maneira uniforme, sendo mais rápida e completa no sul. Assim, o latim foi se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas. Em 409, a Península foi invadida

por germanos – vândalos, suevos e alanos –, seguidos, mais tarde, pelos visigodos. Em 711, dá-se a invasão dos muçulmanos que, em pouco tempo, conquistam toda a península. De origem semita, os mulçumanos, cuja religião era o Islamismo, tinham o árabe como língua de cultura, o que determinou a influência dessa língua sobre a língua popular de estrutura românica. Eram denominados pelos ibéricos de ‘mouros’.

Câmara Júnior (2004, p.15), afirma: “a ocupação romana da Península Ibérica foi cabal e permanente”. Desse modo, muito pouco se conservou das línguas pré-romanas, havendo resquícios apenas na área do vocabulário.

Quando se deu a queda do Império Romano (ano 476 d.C), a Península Ibérica estava totalmente latinizada. É fundamental destacar que, na época da dominação romana, existiam dois tipos de latim: "o culto", também chamado literário ou clássico, imposto como a única língua de cultura pelos mais privilegiados, e o falado, denominado impropriamente de "vulgar", falado, inicialmente, pelas classes inferiores da sociedade romana e depois difundido por todo o Império Romano. A essas classes pertenciam os agricultores, sapateiros, artistas, comerciantes, soldados, etc.. Embora houvesse alguns administradores letrados entre os romanos, eles, praticamente, não influenciaram no falar do povo da região. Desse modo, o latim que se impôs foi o falado, o considerado “da plebe”, do qual se formaram as línguas neolatinas.

Segundo Coutinho (1976, p. 47), a vitória do latim, levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos impôs-se pela força das próprias circunstâncias: tinha o prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura superior, era o idioma da escola.

É indiscutível a importância do latim na formação dos romances medievais e, posteriormente, na formação das línguas românicas ou neolatinas. Cabe ressaltar, entretanto, outras influências que se fizeram presentes, a exemplo da germânica e da árabe.

Até, aproximadamente, o ano 1000, segundo Teyssier (1997, p.4-6), os mulçumanos dominaram os inimigos cristãos, mas, no início do século XI, os reinos cristãos iniciaram o movimento denominado Reconquista, que objetivava expulsar, paulatinamente, os mouros e recuperar a Península, libertando, assim, o território ibérico.

A Reconquista, de acordo com Hauy (1994, p.16):

> Nasceu do nacionalismo cultivado pelos exércitos hispano-visigóticos nas montanhas das Astúrias. [...] Era uma guerra militar, santa, abençoada e beneficiada pelos papas. Avançando para o sul, foram recuperando aos poucos os territórios perdidos; assim se formaram os reinos cristãos de Leão, Aragão, Navarra e Castela.

Essa luta foi empreendida por nobres de diferentes regiões, para libertar a região dos invasores árabes. Dentre esses nobres, destacaram-se Dom Henrique e Dom Raimundo, conde de Borgonha, aos quais Afonso VI, rei de Leão e Castela deu "como prêmio", respectivamente, a mão de suas duas filhas Tareja e Urraca, em casamento. Juntamente com o casamento, coube a Dom Henrique a região da Galiza e a D. Raimundo, o Condado Portucalense, território desmembrado da Galiza (Galícia). A fronteira entre os dois condados, o Rio Minho, continuou a antiga divisão romana em *conventus* jurídicos.

O movimento da Reconquista parte, pois, do Norte e vai, aos poucos, expulsando os mouros para o Sul (figura 2). É durante esse movimento que nascerá, no século XIII, o "reino independente de Portugal", com a conquista das regiões de Coimbra, Santarém, Lisboa, Évora e Faro, último território a ser retomado em 1249. O restante da Península só seria definitivamente reconquistado bem mais tarde, em 1492, quando os Reis Católicos, D. Fernando e D. Izabel, se apoderaram do reino de Granada.

Figura **2**: O movimento da Reconquista
Fonte: Vaz, 2008.

Ainda de acordo com Teyssier (1997, p.6):

> A invasão muçulmana e a Reconquista são acontecimentos determinantes na formação das três línguas peninsulares - o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste. Estas línguas, todas três nascidas no Norte, foram levadas para o Sul pela Reconquista.

Na região Meridional, o domínio muçulmano deixara subsistir uma importante população cristã de língua românica: os cristãos chamados moçárabes. É interessante destacar que a palavra ‘moçárabe’, tem origem árabe, “mustácrib” e significa ‘tornar-se semelhante aos árabes’. Era utilizada pelos cristãos, para designarem os seus irmãos de crença que viviam entre os mouros, conservando, entretanto, os seus próprios costumes.

A Reconquista provocou importantes movimentos de populações. Os territórios retomados aos "mouros" estavam frequentemente despovoados. Os soberanos cristãos "repovoaram" esses territórios e, entre os novos habitantes, havia em geral uma forte proporção de povos vindos do Norte. Foi assim que o galego-português recobriu, pouco a pouco, toda a parte central e meridional do território português.

3.1.2 O galego-português

Portugal constituiu-se, no século XII, como reino independente, quando o rei Afonso Henriques (Afonso I), após a batalha de São Mamede (1128), separa-o de Leão e da Galícia, ao tempo em que, estende seus territórios para o sul, anexando as regiões reconquistadas aos mouros. Com a tomada de Faro (1249), o território português atingiu limites próximos aos das fronteiras atuais. (Figura 3)

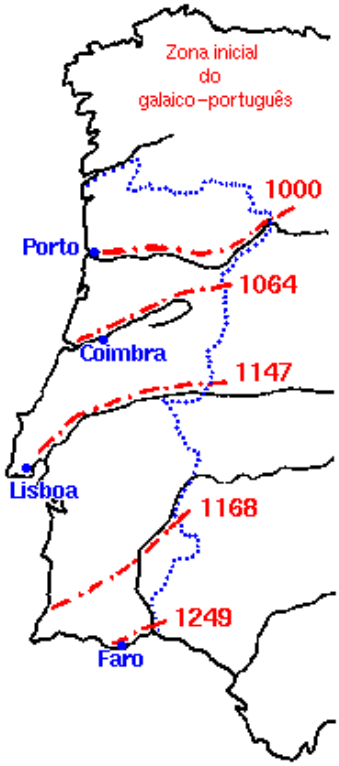


Figura 3: Expansão do galego-português
Fonte: Teyssier, 1997, p.7

Quando Portugal se separou da Galícia, no século XII, o galego-português já era o idioma falado em toda a região da Galícia e da então nação portuguesa, situação que perdurou até o século XV, quando fatores políticos, sociais e linguisticos deram fim à relativa unidade linguística galego-portuguesa.

Alguns fatores foram determinantes para o prestígio do galego-português desde o século XI, tais como: a) **a fé cristã** - Santiago de

Compostela, na Galícia, representou o maior centro de devoção da Idade Média, tendo, como consequência, uma intensa peregrinação; transformou-se, assim, em um centro de desenvolvimento comercial, o que se refletiu nos aspectos sociopolíticos e culturais da região; b) **a educação dos reis e membros da nobreza dos reinos em formação**, ministrada na Galícia, que se tornou o centro irradiador da produção poética trovadoresca. Assim, em galego-português foram escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região, como os cancioneiros, ou seja, as coletâneas de poemas medievais, a exemplo do Cancioneiro da Ajuda, do Cancioneiro da Vaticana e do Cancioneiro Colocci-Brancutti; c) o fato de **ter sido, durante o período da Reconquista, o idioma de comunicação com as populações mouras e moçárabes**, sofrendo e exercendo influências linguísticas, o que acelerou o processo de divergência entre os falares do norte e do sul do Minho.

Por volta de 1350, quando se exaure a escola literária galaico-portuguesa, as consequências do deslocamento para o Sul do centro de gravidade do reino independente de Portugal emergem. O português, separado do galego por uma fronteira política, passa a ser a língua de um país cuja capital é Lisboa, que, além de ser residência privilegiada do rei, era a cidade mais povoada e o primeiro porto do país. O eixo Lisboa-Coimbra passou a ser, daí por diante o centro do domínio da língua portuguesa. É, portanto, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português vai se constituir, “longe da Galícia e das províncias setentrionais onde tinha suas raízes”. É daí que partirão as inovações destinadas a permanecer; é aí, como afirma Teyssier (1997, p.41), que se constituirá a norma.

3.1.3 O português arcaico

De acordo com Vasconcelos (1956, p.19) “uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar, outras muito depressa”. Desse modo, os diversos períodos que se apresentam para a história da língua portuguesa são propostos para fins de estudo, não podendo ser considerados definitivos. Nesta mesma perspectiva, afirma Said Ali (1971, p.196):

> Limites entre os diversos períodos não podem ser traçados com rigor. Alterações linguísticas não dependem do calendário, nem do ano em que o século acaba ou começa. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista, etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nela principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das épocas continuam muitas vêzes a ser usados por alguns escritores do período seguinte.

Determinar os períodos da história da língua portuguesa até os dias atuais, pois, não é tarefa das mais fáceis, considerando que há um período, o pré-histórico, até o século IX, sobre o qual não se tem nenhuma documentação, a não ser, como explica Vasconcelos (1956, p.17) “a do latim vulgar nas inscrições peninsulares”, assim, o que se conhece sobre esse período é por dedução.

Alguns estudiosos, a exemplo de Silva Neto e Leite de Vasconcelos, consideram até o século IX, um período pré-histórico e até, mais ou menos, 1216, um período proto-histórico. Já Lindley e Cintra apresentam esse mesmo período como um período único que denominam de pré-literário. A partir de 1216, inicia-se português o arcaico – que vai até Camões (século XVI) –, seguido do moderno ou clássico, que começa a partir do século XVI. Essa periodização, entretanto, não é unânime. Há divergência quanto ao início e término dos períodos, uma vez que existem autores que embasam a periodização nas divisões tradicionais da história, nas escolas literárias ou nos séculos.

Segundo Mattos e Silva (1993, p. 13), o português arcaico é o período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e meados do século XVI, periodização que concordamos e seguimos no presente trabalho. A autora, entretanto, faz a seguinte observação:

> Qualquer tentativa de periodização histórica, como qualquer classificação ou taxionomia é arbitrária e está necessariamente condicionada pelos princípios que estão na base da classificação. A delimitação do português arcaico, no fluxo da história da língua portuguesa, não poderia fugir a essa fatalidade;

admitindo que o português arcaico tem como marco inicial o Testamento de Afonso II, datado de 1214, e a Notícia do Torto (1214-1216). Ainda segundo a mesma autora, os historiadores e filólogos são unânimes em situar esse início nos princípios do século XII, por considerarem que é o momento no qual a língua portuguesa aparece documentada pela escrita.

Lindley e Cintra (1963) e Ivo Castro (1991), entretanto, deixam claro que esses documentos não teriam sido os únicos dessa primeira fase, uma vez que, na visão desses autores, o Testamento, devido à estabilidade de sua escrita, apesar da variabilidade entre as duas cópias remanescentes e a Notícia, por ser uma pista, um indício de que outros documentos da mesma natureza existissem nos fundos dos arquivos portugueses. (MATTOS E SILVA, 1999, p.23).

Martins (2007, p.11) afirma que:

> Quando comparado com documentos coevos produzidos fora da chancelaria régia, o Testamento, em ambas as versões que chegaram até nós, apresenta uma escrita surpreendentemente estabilizada e liberta de marcas da tradição scriptográfica tardo-latina

Mattos e Silva relata que, até o momento, nenhum outro documento oficial foi encontrado, entre as duas cópias do Testamento, de 1214, e os documentos em português da Chancelaria de Afonso III, a partir de 1255, sendo assim, realmente, o referido Testamento um documento temporão, explicável por razões da história de vida de Afonso II. Entretanto, Ana Maria Martins (1977, p.7), localizou, nos fundos conventuais arquivados na Torre do Tombo, alguns documentos assemelhados à Notícia do Torto, que aparentam ter sido produzidos no período entre 1175 e 1255. Esses documentos, de acordo com a autora são de *scripta* conservadora, como a Notícia do Torto, diferentemente do Testamento de Afonso II, que classifica como de *scripta* inovadora.

Mattos e Silva (1999, p. 4) destaca que:

> A questão da substituição progressiva do latim pelas línguas românicas na documentação medieval não só interessa aos historiadores de uma maneira igual, como aos filólogos e aos que

> fazem sociolinguística histórica, mais ainda aos historiadores das línguas, pois fornece, nesse último caso, dados empíricos para alicerçar a delimitação da periodização dos estágios mais remotos das línguas românicas. Assim sendo, a definição do momento em que a língua portuguesa aparece escrita indica o limite inicial do primeiro período histórico do português – histórico no sentido de documentado pela escrita – o chamado período arcaico.

Por outro lado, o limite final desse período é uma questão em aberto, já que filólogos da antiga tradição e linguistas contemporâneos discutem sobre essa delimitação, que varia entre as datas de 1500, indicada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Serafim da Silva Neto e 1572, data da publicação de Os Lusíadas, conforme Paul Teyssier. Como pode ser observado no quadro 1, Mattos e Silva apresenta os períodos da história da língua portuguesa, sumarizando propostas de quatro diferentes autores:

<table>
<tr><th>Época</th><th>Leite de Vasconcelos</th><th>Silva Neto</th><th>Pilar Vasquez Cuesta</th><th>Lindley Cintra</th></tr>
<tr><td>Até o séc. IX (882)</td><td>Pré-histórico</td><td>Pré-histórico</td><td rowspan="2">Pré-literário</td><td rowspan="2">Pré-literário</td></tr>
<tr><td>Até ± 1200 (1214 -1216)</td><td>Proto-histórico</td><td>Proto-histórico</td></tr>
<tr><td>Até 1385/1420</td><td rowspan="2">Português arcaico</td><td>trovadoresco</td><td>Galego-português</td><td>Português antigo</td></tr>
<tr><td>Até 1536/1550</td><td>Português comum</td><td>Português pré-clássico</td><td>Português médio</td></tr>
<tr><td>Até o séc. XVIII</td><td rowspan="2">Português moderno</td><td rowspan="2">Português moderno</td><td>Português clássico</td><td>Português clássico</td></tr>
<tr><td>Até o séc. XIX / XX</td><td>Português moderno</td><td>Português moderno</td></tr>
</table>

Quadro 1: Proposta de periodização para a história da língua portuguesa
Fonte: Mattos e Silva (1993, p.19)

Há ainda autores que indicam 1536 e 1540, datas do aparecimento das primeiras reflexões metalinguísticas sobre o português e do início da sua normativização explícita, como marco do fim do período arcaico, a exemplo de Said Ali, Lima Coutinho, Mattoso Câmara e Ivo Castro.

Mattos e Silva (1999, p.16), por sua vez, afirma que, embora o século XVI costume ser considerado como ponto de partida para um novo período da língua, um limite final para a fase arcaica, com base em fatores

linguisticos está “à espera de que se estabeleça uma cronologia relativa para o desaparecimento de características linguísticas que configuram o português arcaico com relação ao moderno”. Na verdade, a periodização tem sido feita com base em fatos extralinguisticos, como o surgimento do livro impresso, substituindo os manuscritos medievais, o incremento da expansão imperialista de Portugal e o delineamento de uma normativização gramatical, a partir de 1536.

Outra questão bastante discutível é a da subperiodização do português arcaico. Quanto a isso, como se pode verificar no quadro 1, os autores divergem. Para Leite de Vasconcellos, o período arcaico situa-se entre 1536/1550; Silva Neto subdivide esse período em período trovadoresco (até 1385/1420) e período do português comum (até 1536/1550); Pilar Vasques Cuesta também o subdivide em galego-português, que se situa entre 1385/1420 e português pré-clássico (1536/1550) e, ainda, Lindley Cintra o subdivide em português antigo (até 1385/1420) e português médio (até 1536/1550).

Vasconcelos (1956, p.20-21) também não concorda em considerar o período arcaico como uma unidade, justificando, assim, sua posição:

> Pessoalmente achamos extenso demais o tempo que se assinala ao período arcaico. ¡ Quatro séculos e séculos fecundos em feitos históricos e obras literárias, de Sancho I até D. Manuel !¡ Das cantigas trovadorescas ao Cancioneiro Geral, com versos de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda!¡ Do servintês aos que deram os castelos ao Bolonhês como não deviam, à Exortação da Guerra e á Barca do Inferno de Gil Vicente! ¡Dos primeiros documentos públicos em prosa, tão cheios de irregularidades e mesmo de barbarismos, às Crônicas de Rui de Pina e ao Clarimundo de João de Barros!
>
> Dividimo-lo por isso em dois: o período trovadoresco até 1350; e o da prosa histórica verdadeiramente nacional: o das Crônicas de Fernão Lopes, da ingenuamente linda Crônica do Condestável D. Nunálvares Pereira e da do Infante santo, o sacrificado de Tanger.

Como explica Mattos e Silva (2006b, p.16) ainda não é possível determinar “com rigor” o limite final do português arcaico e suas possíveis subdivisões; dessa forma, faz-se necessário que se analisem os fatos em uma *mesma documentação seriada,* desde finais do século XII até, pelo menos, os meados do XVI, senão até seu final, para que se tenha um mapeamento

rigoroso e consequente das mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e léxico-semânticas ocorridas entre os limites referidos.

3.1.4 O português moderno

No século XVI, com o aparecimento das primeiras gramáticas normativas, a língua entra na sua fase moderna. Assim como no português arcaico, não há unanimidade quanto ao início deste período.

Leite de Vasconcelos e Silva Neto o definem como um período único que se inicia no século XVI, prolongando-se até o século XX; Pilar Vasquez Cuesta e Lindley Cintra, por sua vez, subdividem-no em duas fases: 1) do fim do português arcaico até o século XVIII, o português clássico, e 2) do século XVIII até o século XX, o português moderno (conforme pode ser observado no quadro 1, p.36).

Carolina Michaelis Vasconcelos (1956, p.19) afirma que o português moderno "... em geral começa no tempo do Renascimento, depois de alguns humanistas, - guiando-se pelos gramáticos latinos, - haverem comparado as formas portuguesas com as latinas..."

Outra denominação dada, notadamente por Ivo Castro (1991, p. 243), ao período do português moderno é 'português clássico'. Para esse autor, a "inauguração do português clássico poderia ser cronologicamente assinalada por um evento editorial": a publicação, em 1536, da' **Grammatica da lingoagem portuguesa**', de Fernão de Oliveira, que, conforme destaca Castro, simboliza o início da reflexão metalinguística, que, em Portugal, passou a ter por objeto a língua nacional.

Entretanto, o termo português clássico possibilita algumas discordâncias:

> É costume ainda considerar, secundariamente, um período clássico, para os séculos 16 e 17, e outro pós-clássico, para os séculos subsequentes. Tal divisão é especialmente adequada ao estilo na língua literária: aí, no português clássico, é sensível uma disciplina sintática calcada no latim literário, com a estruturação de uma elaborada e complexa hipotaxe, enquanto a partir do século 18 essa disciplina se quebra e a frase escrita se pauta por períodos mais

> curtos, sintaticamente soltos, sob a influência do francês escrito. Mesmo, entretanto, do ponto de vista do português oral comum, ou língua nacional em sentido amplo, há diferenças gramaticais nítidas entre os séculos 16 e 17 de um lado, e de outro lado, os séculos subsequentes. Tudo indica, até, que a fonologia em que assenta a pronúncia padrão do português europeu atualmente, é posterior ao século 17. (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 21)

A avaliação de Câmara Júnior também é ratificada por Galves (2007) ao afirmar que "o termo português clássico remete mais à cultura/literatura do que à língua propriamente dita"

Considera-se, nesta pesquisa, português moderno ou clássico o período que teve início nos meados do século XVI, abrangendo os séculos XVII e XVIII.

3.1.5 Português contemporâneo

3.1.5.1 Da matriz européia ao português brasileiro

A partir do século XIX, tem início o português contemporâneo.

Como afirma Tarallo (1993, p. 69), fortes e contundentes argumentos já foram apresentados para tentar explicar se a língua portuguesa contemporânea é a mesma em Portugal e no Brasil, ou se, ao contrário, já contém a língua portuguesa do Brasil traços que a diferenciam da língua portuguesa de Portugal.

Analisando quatro fenômenos linguisticos: o objeto direto nulo, a presença do sujeito lexical, as estratégias de relativização e a mudança no padrão da ordem das palavras em perguntas diretas, Tarallo afirma que mudanças ocorreram na passagem do século XIX, estabelecendo uma nova gramática brasileira, radicalmente diferente da modalidade lusitana.

Muitos fatos – históricos, econômicos e culturais –, ao longo do período de 1500 a 1822, quando se deu a independência, contribuíram para a formação do que hoje resulta no povo brasileiro.

O Brasil é uma nação com território e estado definidos. A língua oficial, por força da lei, é a língua portuguesa. Entretanto, a lei não reflete a realidade linguística brasileira, fato estudado por diversos autores, a exemplo de Machado Filho (2007):

> Há muito que, na História, se têm identificado e registrado características que, crescentemente, distanciam o português brasileiro (PB) do português europeu (PE), quer no âmbito fônico ou lexical, quer, sobretudo, na morfossintaxe, a ponto de, hoje, por vezes, promover entre seus falantes - quando em contato direto -, a sensação de se tratar de duas línguas distintas e não mais de uma entidade linguística comum.

Mattos e Silva (2006a) assim se pronuncia sobre o distanciamento entre o português brasileiro e o europeu:

> O hoje designado português brasileiro difere, e muito, sobretudo nos seus usos falados, do português europeu: possui aspectos fonéticos próprios, como, por exemplo, a realização das vogais pretônicas e também as postônicas; aspectos prosódicos ou supra-segmentais que, de imediato, distinguem um brasileiro de um português; aspectos sintáticos, amplamente estudados por sociolinguistas e gerativistas, sobressaindo-se, nessa sintaxe, a colocação dos pronomes clíticos, e o sistema pronominal em geral; aspectos discursivos, ainda pouco estudados, que caracterizam modos de dizer próprios aos brasileiros e não aos portugueses. Para não falar das diferenças lexicais

Vários fatores têm sido apresentados, a fim de explicar o distanciamento entre o português europeu e o brasileiro. Dentre eles, a mencionada autora indica o multilinguísmo característico do território brasileiro e a demografia histórica; a mobilidade populacional, sobretudo a dos africanos e afro-descendentes e a escolarização ou sua ausência ao longo da história do Brasil (2006a, p.5).

Três outras hipóteses têm sido apontadas por diferentes linguístas. São elas: a dos que defendem que o português brasileiro sofreu um processo de crioulização prévia e posterior descrioulização; a daqueles que aceitam que o português brasileiro é resultado de um processo de transmissão linguística irregular, e, finalmente, a dos que defendem que as modificações ocorridas são decorrentes de uma deriva secular.

A hipótese da crioulização se baseia no fato de que o português europeu entrou como língua de base, fornecendo a maior parte dos itens lexicais, e as línguas africanas, ou outras línguas porventura presentes, entraram como línguas essenciais, intervindo na gênese das mudanças linguísticas estruturais (SCHERRE; NARO, 2000). São defensores desta hipótese: Silva Neto (1986); Câmara Júnior (1976); Jeroslow (1975); Holm (1992); Guy (1989) e Mello (1997).

A segunda hipótese, a da transmissão linguística irregular, capitaneada por Alan Baxter (1995) e Dante Lucchesi (2003), defende a idéia de “um *continuum* de níveis diferenciados de socialização/nativização de uma língua segunda, adquirida massivamente, de forma mais ou menos imperfeita, em contextos sócio-históricos específicos” (LUCCHESI, 2003, p.274).

Em defesa da hipótese da deriva, Sapir afirma que “a linguagem move-se pelo tempo afora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva”. (1954, p. 121). Para ele, "as mudanças dos próximos séculos estão em certo sentido prefiguradas em certas tendências não perceptíveis do presente" (SAPIR, 1954, p. 124). Nesta premissa, a língua portuguesa do Brasil seria o resultado de um lento, gradual e inexorável processo de mudança linguística que afeta qualquer língua. Assim sendo, as características do português do Brasil seriam fruto do jogo interno da estrutura. Coaduna-se com essas reflexões a afirmação de Naro e Scherre (2000, p.296) quando ressaltam que o português brasileiro resulta do "espraiamento de estruturas e variações" existentes na história da língua, cuja frequência se alterou em função de uma confluência de motivos.

Nota-se, assim, que tem havido uma grande motivação para o estudo do português brasileiro. Mattos e Silva destaca que os avanços dos estudos históricos do português brasileiro têm sido fundamentais, para que se comece “a entrever e explicitar com mais exatidão o aspecto da heterogeneidade linguística do Brasil e as suas complexas variações” (MATTOS E SILVA, 1995, p.81).

Nesse capítulo, foram apresentadas, pois, algumas considerações sobre a história da língua portuguesa. Essa contextualização histórica é bastante relevante, para que, através dos textos escolhidos como *corpus* para esta pesquisa, seja possível compreender a trajetória do mais-que-perfeito

através dos séculos e, especificamente, a sua realização em cada período da história da língua portuguesa.

3.2 O SISTEMA VERBAL

Este subitem acha-se dividido em duas seções: a primeira que enfoca o sistema verbal do latim ao português e a segunda que aborda as categorias verbais de Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade. O objetivo é traçar o percurso do sistema verbal do latim ao português e salientar as categorias verbais que são inter-relacionadas e bastante relevantes para a compreensão do tempo verbal em estudo.

3.2.1 Do latim ao português

Como explica Câmara Júnior (1976, p. 125-132), as categorias verbais no latim eram essencialmente três:

- O **tempo** que indicava o momento da ocorrência de um fato, com referência ao momento da comunicação, podendo ser: 1) presente, indivisível; 2) passado – também chamado de pretérito, subdividido em: imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, e 3) futuro, também subdividido em: imperfeito, correspondente ao futuro do presente simples do português (amarei) e futuro perfeito ou anterior, correspondente ao futuro do presente composto (terei amado).

- O **modo** que indicava a apreciação do falante a respeito da sua comunicação, podendo expressar certeza (modo Indicativo), dúvida, desejo ou hipótese (modo Subjuntivo), ordem ou proibição (modo Imperativo).

- O **aspecto** que se referia à temporalidade interna do evento, podendo ser *perfectum* ou concluso (expressando um evento acabado) e *imperfectum* ou inconcluso (expressando o fato em seu andamento).

O sistema verbal latino tinha por base um entremeado de oposições em torno das noções de aspecto, modo,tempo, pessoa número e voz, expressas por desinências: *amabam ~ amaui* [aspecto], *amo ~ amabo* [tempo], *amo ~ amem* [modo], *amo ~ amas* [pessoa], *amo ~ amamus* [número], *amo ~ amor* [voz]. Essas desinências, como ocorria no sistema nominal, permitiam frequentemente fenômenos de alomorfismo ({futuro} > [-bo]/[- am] amabo, legam), de coincidência formal ([-am] > {futuro}/{presente} + {subjuntivo} e de insegmentalidade dos morfemas ([-o] > {infectum} + {indicativo} + {presente} + {1ª pessoa} + {singular} + {ativo}. Tal sistema se viu submetido a profundas mudanças, sobretudo a partir do Baixo Império (LLEAL, 1990, p.88)1

Para caracterizar o tempo, partia-se de um sistema de oposições baseado no ato da fala e no momento da ação, o qual permitia uma visão tripartida entre ações anteriores ao ato da fala (passado), ações simultâneas (presente) e ações posteriores (futuro).

Segundo Lleal (1990, p.89), é possível que esse sistema, na época arcaica, tivesse um caráter homogêneo, de modo que cada tempo (presente, passado e futuro) pudesse ser expresso de acordo com as duas possibilidades aspectuais: frente ao presente do *infectum*, existiria um presente do *perfectum* que oporia uma ação que se está realizando a uma ação que acabava de ser realizada. O mesmo poderia ser dito acerca do passado e do futuro. Sem dúvida, no período clássico, o *perfectum* tendeu a ser utilizado para expressar uma ação terminada no passado, o que ocasionou, nas formas de passado, a confusão da noção de tempo com a de aspecto.

Ao mesmo tempo, produziu-se um deslocamento significativo quanto ao valor do que havia sido o *inrfectum* de passado, isto é, o pretérito mais-que-perfeito (*amaveram*) compreendido, não só como a expressão das ações terminadas no passado, já que se referia habitualmente ao perfeito (*amavi*),

[1] Traduzido pela autora

como também à expressão de uma ação terminada e acabada no passado. Desse modo, enfatizava-se tanto o seu caráter perfectivo, como o relacional.

Para expressar uma forma de passado imediato, relacionado ao presente, os falantes do latim começaram a utilizar as perífrases. As novas perífrases, formadas com verbo *habeo* mais o particípio passado do verbo em questão, partiam de construções predicativas em que *habeo* (indicando posse) era o núcleo do sintagma verbal e o particípio passado concordava com o complemento direto. Porém, a partir do séc. V, passa a ser frequente o uso das construções com o verbo *habeo*, tão enfraquecido semanticamente que, de fato, havia se convertido em um mero auxiliar, de modo que *habeo* + particípio passaram a atuar de forma única, como expressão do passado imediato. Dessa forma, não era raro que o particípio aparecesse em sua forma marcada, sem concordar com o complemento direto. (LLEAL,1990, p.89)

Lentamente, o modelo perifrástico foi se generalizando para as demais formas do *infectum,* para referir-se a um passado perfectivo anterior a outro passado. Assim, *habebam amatu* conviveu com *amaveram,* ainda que, progressivamente, a forma composta tenha substituído a forma simples em diversas áreas da România.

Havia, no latim, quatro conjugações: *are, ẽre, ēre, ire*. A conjugação dos verbos em português conserva, ainda hoje, com pouca diferença, toda a abundância e variedade de formas que possuía a conjugação latina. A diferença se refere não apenas às alterações ocorridas na fonética, mas à perda de alguns tempos verbais e à criação de outros.

Em relação aos modos verbais em latim, Almeida (1982, p.203) e Faria (1958, p. 158) explicam que eram, na realidade, quatro, pois além dos três indicativo, subjuntivo e imperativo, havia ainda o infinitivo, modo impessoal, que relatava a ação verbal sem flexionar-se, para indicar as diferentes pessoas gramaticais, podendo ser também presente, passado e futuro.

De acordo com Ragon (1926, p.62), porém, o latim possuía três modos verbais pessoais: o indicativo, o subjuntivo, o imperativo e quatro modos impessoais ou nomes verbais: o infinitivo, o particípio, gerúndio e o supino. Nesse aspecto, há uma divergência entre Ragon e Almeida (1982, p.203), visto que este último indica a existência de quatro modos verbais: o indicativo, o

subjuntivo, o imperativo e o infinitivo, além de outras variantes impessoais também chamadas de formas nominais: o particípio, o gerúndio e o infinitivo.

A mesma divergência que ocorre em relação ao número de modos se verifica também na quantificação e especificação dos tempos verbais. Ragon (1926, p.62), indica a existência de seis tempos verbais: “três principais: o presente, o perfeito e o futuro, e três secundários: imperfeito, mais-que-perfeito e futuro anterior”; enquanto Almeida (1982, p.208), apresenta quatro tempos, distinguindo-os em primitivos e derivados. São primitivos: o indicativo presente, o perfeito do indicativo, o supino e o infinitivo, dos quais foram derivados:

- **do indicativo presente**: o imperfeito do indicativo, o futuro imperfeito, o subjuntivo presente, o particípio presente e o gerúndio;
- **do perfeito do indicativo**: o mais-que-perfeito do indicativo, o futuro anterior, o perfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito do subjuntivo e o infinitivo passado;
- **do supino:** o particípio passado e o particípio futuro e do infinito, o imperativo e o perfeito do subjuntivo.
- **do infinitivo:** o imperativo e o imperfeito do subjuntivo

Ernesto Faria (1958, p.158), por sua vez, quantifica e classifica os tempos de acordo com o modo verbal a que se referem: o **modo indicativo** formado por seis tempos: o presente, o imperfeito, o perfeito, o mais-que-perfeito, o futuro imperfeito e o futuro perfeito; o **modo imperativo**, presente e futuro; e o **subjuntivo,** presente, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito. Ele afirma ainda que, no latim, não havia o chamado condicional do português nem o futuro do subjuntivo.

Faria destaca ainda quatro formas impessoais: o infinitivo, o gerúndio e o supino, que, segundo o autor, “equivalem a substantivos verbais; e os particípios, que equivalem a adjetivos, sendo, aliás, frequentemente empregados como tais.”.

A título de síntese, eram assim organizados os tempos e modos verbais do latim:

MODO VERBAL				
MODOS PESSOAIS				
TEMPOS VERBAIS	INDICATIVO	CONJUNTIVO	IMPERATIVO	
	Presente Imperfeito Futuro Perfeito Pretérito mais-que-perfeito Futuro anterior	Presente Imperfeito Perfeito Pretérito mais-que-perfeito	Presente Futuro	
	MODOS IMPESSOAIS			
	INFINITIVO	PARTICÍPIO	GERUNDIO	SUPINO
	Presente Futuro Perfeito	Presente Futuro Perfeito		

Quadro 2: Modo verbal latino

Por razões diversificadas, perderam-se o futuro do indicativo em –*bo*, o imperativo futuro, o imperfeito e o perfeito do conjuntivo[2], o perfeito do infinitivo, o particípio futuro de ambas as vozes e finalmente os supinos. Em compensação, conforme Nunes (1975, p.271), novas formas se criaram: para substituir o futuro, recorreu-se a um processo que o próprio latim clássico não desconhecia: a anteposição do infinitivo ao presente do indicativo do verbo *habere*, *amare habeo* que evoluiu para *amare* **aio* ou **amarai* e, posteriormente para *amarei*. É fundamental destacar que o romance criou o condicional, que o latim não possuía, com a substituição do presente pelo imperfeito de *habere* após o infinitivo de um outro verbo e os tempos compostos para os perfeitos, mais-que-perfeitos e futuros, tanto do indicativo como do conjuntivo, os quais se formaram, respectivamente, juntando ao particípio passivo ou perfeito dos verbos principais, as formas do presente, imperfeito, futuro, condicional e infinitivo de ter ou haver.

[2] *Modo conjuntivo* denominação dada ao que hoje se chama *modo subjuntivo, pela* adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) recomendada pelo Ministério da Educação e Cultura,

O português pôs de parte o antigo particípio presente, deixando-o subsistir apenas como adjetivo ou substantivo.

Coutinho (1958, p.300) explica que a maioria dos tempos verbais do latim conservou-se na língua portuguesa, com idêntico emprego; alguns, todavia, passaram a desempenhar funções novas, enquanto outros desapareceram, tornando-se, assim, necessária, a criação de tempos novos para substituí-los. Tiveram novos empregos:

a) o imperfeito do subjuntivo que, provavelmente, tornou-se o infinitivo pessoal;

b) o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo que passou a funcionar como o imperfeito do mesmo modo.

c) o futuro perfeito do indicativo que fundido com o perfeito do subjuntivo passou a ser o futuro do subjuntivo;

d) o presente do subjuntivo, que além do emprego próprio, forneceu ao imperativo positivo as 1ª e 3ª pessoas e passou a ser usado como imperativo negativo;

e) o gerúndio que passou a ser chamado, “impropriamente”, de particípio presente.

O sistema verbal português é composto por três tempos verbais primitivos: o presente do Indicativo, o pretérito perfeito do Indicativo e o infinitivo impessoal.

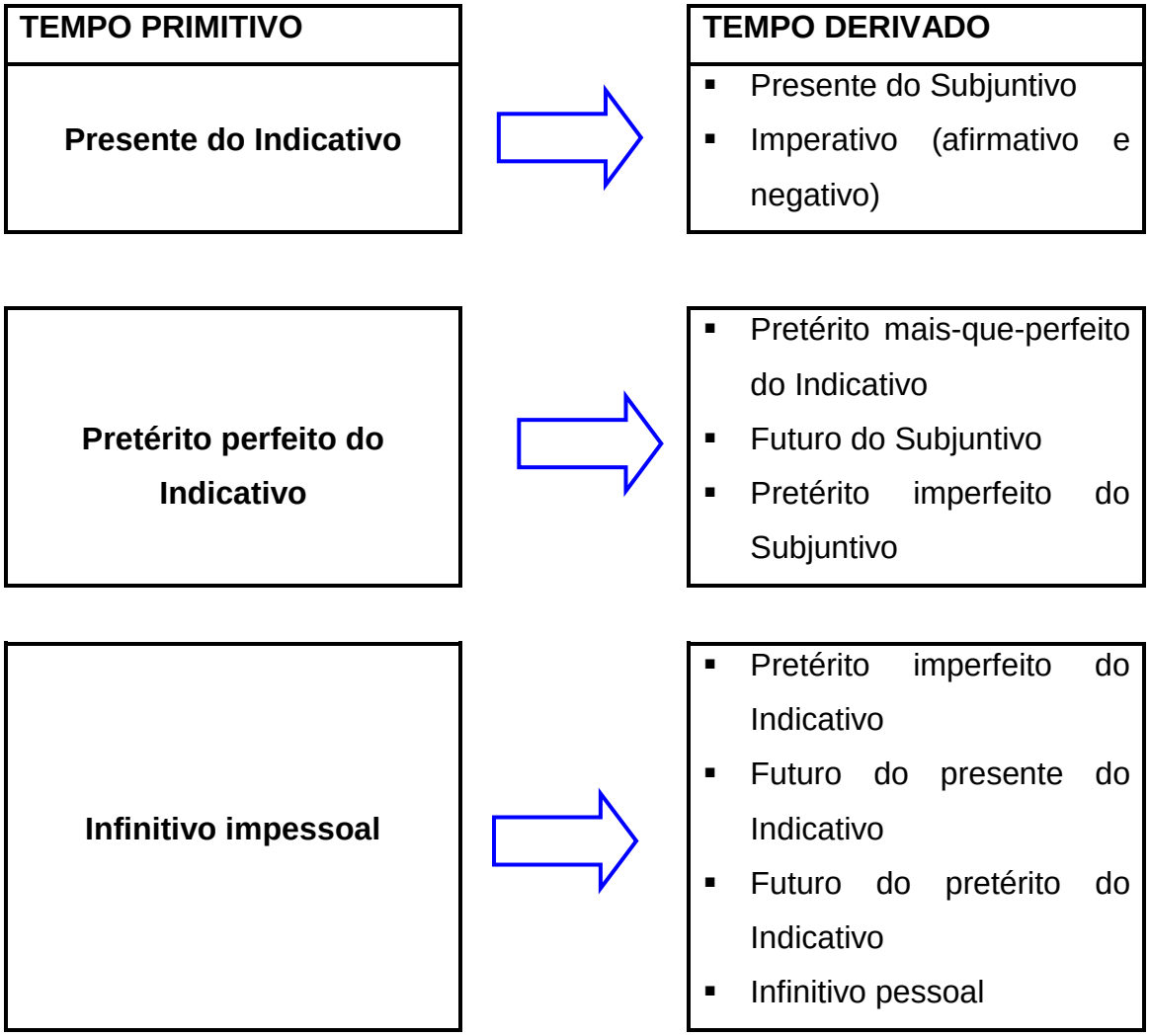


Figura 4: : Formação dos tempos verbais simples

Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com o passar dos séculos, alterações fonéticas (CUNHA; CINTRA, 2001, p.376).

Assim como o sistema verbal do latim, o do português apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz.

Como afirmam Coutinho e outros autores, a fim de preencher as lacunas deixadas pelos tempos verbais que não foram transpostos para a língua portuguesa, foram criados os tempos compostos:

> Estes tempos, de criação românica, de que se encontram vestígios no próprio latim clássico, foram formados a princípio com o verbo *habere*, depois com *tenere*, e o particípio passado de outro verbo. Perífrases tais já ocorriam em Plauto: *illa omnia missa habeo*; em César: *quem ex omni província coactum habebat*; em Cícero: *satis habeo deliberatum:* em Salústio: *compertum ego habeo..* (COUTINHO, 1958, p.304)

Barros (1540), ao abordar a questão dos tempos compostos, que ele denomina de "*tempo per maneira de rodeo*", afirma que esses tempos compostos substituem as formas simples latinas que não passaram para o português. O autor destaca que os tempos compostos são construídos, fundamentalmente, com o verbo ter. O imperfeito do verbo haver seguido da preposição de + infinitivo de um verbo principal constitui o que o autor denomina "*tempo per rodeo vindoiro*", e corresponde a uma ação futura.

Barros ainda destaca que há tempos *per rodeo* que possuem uma correlação com os tempos simples (amara/tinha amado), e que há, nessas formas, uma diferença aspectual.

> Chamamos tempo per rodeo, quando simplesmente nam podemos usár dalgũ, entã pera ô sinificár tomamos este uérbo, tenho, na quelle tempo que é máis confórme ao uérbo que queremos cõiugár, e cõ o seu participio passádo dizemos, tiuéra amádo: como se póde uer no tempo passádo e máis que acabádo no módo pera de seiár, o quál suprimos per este rodeo, por nam termos simples com que ô sinificár.
> E no módo infinitiuo nam acabádo por nã termos tempo passádo e uindoiro ambos simples, sinificámos per rodeo: o passádo, dizendo, ter amádo, lido, ouuido, sido, e o uindoiro, auer damár, ler, ouuir, ser. (BARROS, 1540)

Assim como os autores anteriormente apresentados, para Jerônimo Soares Barboza (1830), os verbos auxiliares são originados dos verbos latinos, que, por terem perdido suas marcas morfológicas aspectuais, passaram a constituir estruturas compostas. No que se refere aos tempos compostos, o autor afirma que, para compor as construções perifrásticas, os verbos, junto aos *"nomes verbais"*, perdem a significação natural para exprimir diversos estados de existência. Para o autor, ter e haver, como auxiliares, ainda mantêm alguns resquícios de sua natureza primitiva, exprimindo uma posse com caráter virtual, metafórico. Desse modo, o uso do verbo ter, como auxiliar, deve ser utilizado associado ao particípio perfeito ativo do verbo adjetivo "se queremos

uma acção ou existência já concluída e acabada" – tendo amado, tendo entendido, tendo aplaudido – e o uso do auxiliar haver com o infinitivo do verbo adjetivo, por sua vez, é indicado para uma "acção que he por fazer", - havendo de amar, havendo de entender, havendo de applaudir – ou seja, uma acção futura. (BARBOZA, 1830, p. 288).

Júlio Ribeiro (1884, p.194) ressalta o que já havia sido afirmado por Coutinho (cf. p. 47): o fato de ser o português a língua românica "que tem conservado com mais fieldade as formas da conjugação latina".

Em relação aos tempos compostos, o autor salienta que a maior diferença entre a conjugação latina e a portuguesa é:

> ... que os tempos de acção incompleta da voz passiva e todos da activa se exprimem em Latim por desinências (amor, amavero); ao passo que em Portuguez se exprimem pelo particípio aoristo precedido de *ter* na voz activa e de *ser* na passiva. (RIBEIRO, JULIO, 1884, p.202)

O autor esclarece, assim como Nunes (cf. p. 46), que esse fato não é original, pois já existem ocorrências no falar dos romanos, exemplificando com Cícero (43 a.C) e César (44 a.C) .

Ernesto Carneiro Ribeiro não se utiliza da terminologia tempos compostos, mas de "linguagem composta". Para isso, apresenta os verbos vir, ser, estar, dever, ir, andar, ter e haver como auxiliares, afirmando que "Todos eles como auxiliares formam a linguagem composta com as variações verbaes indefinidas a que se appõem." (RIBEIRO, E., 1915, p.152).

O autor faz ainda uma distinção entre os tempos simples e compostos. Para ele, simples são aqueles "que se formam só com a mudança de flexões: amo, amei, amasse, amarei, amaria, amando, etc" (1915, p.71), enquanto os compostos, que chama também de periphrásticos, são "os que se formam com o socorro dos verbos auxiliares ... tenho andado, tinha andado, haviam gastado, hei de gastar..." (1915, p72)

Em relação aos tempos compostos, o conjunto verbo auxiliar + verbo principal constitui uma locução na qual o auxiliar contém as flexões e o verbo principal se apresenta em uma forma nominal de gerúndio, de particípio ou de infinitivo do verbo. Com a formação do tempo composto, há a fusão semântica

das duas formas verbais, ficando a ação subordinada a um mesmo agente. As diversas formas dos tempos compostos, quer no indicativo, quer no subjuntivo ou nas formas nominais possuem um mesmo traço semântico aspectual que as difere das formas simples.

Em sua Gramática Histórica da Língua Portuguêsa (1971, p. 180), Said Ali destaca também que o tempo composto resulta da combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerúndio ou particípio do pretérito de um verbo nocional (principal). Como explica, era praxe antiga dos gramáticos, por desconhecimento da verdadeira história das formas analíticas, considerar tempos compostos e conjugações perifrásticas como "cousas distintas". Para ele, trata-se de processos análogos.

O autor confirma o fato de, no uso de ter e haver, a conjugação perifrástica indicar a existência de um elemento ativo, representado por haver ou ter, e um elemento passivo, o particípio passivo. Nesse caso, o verbo ativo estaria relacionado ao sujeito da ação e o particípio passivo, ao complemento verbal, demonstrando uma independência das duas formas verbais, cada qual relacionada a um elemento específico: uma ao sujeito e outra ao objeto.

Na conjugação composta, para o mesmo autor, deve ser utilizado o tempo presente, em português, para denotar o "acto da realização perfeita", porém durativo ou iterativo, abarcando o momento em que se fala e podendo, até, excedê-lo, e, raras vezes, para enfatizar um ato que durou "sómente até este mesmo momento". Para ele, nos demais tempos, a ausência do aspecto perfectivo objetiva "assignalar o acto perfeitamente executado no passado e no futuro" (1964, p.180).

Cegalla (1984, p.162), Rocha Lima (2003, p.123) e Bechara (2006, p.221) reconhecem que o verbo ter corresponde ao auxiliar prototípico para o tempo composto, sendo o haver menos frequente. O auxiliar, na formação das estruturas compostas, contém apenas uma noção gramatical, que indica as marcas morfológicas de pessoa, número, tempo e modo.

Câmara Júnior (1976, p. 164) afirma que as línguas indo-européias sempre conheceram, ao lado das formas flexionais do verbo, locuções verbais ou perífrases para expressar categorias não previstas no quadro das flexões. O futuro, por exemplo, constituiu-se comumente dessa maneira.

O processo geral das línguas indo-européias, nas conjugações perifrásticas, como afirma o autor, é o de combinar uma forma nominal do verbo com qualquer forma flexional de outro verbo selecionado para auxiliar no padrão perifrástico dado. A significação lexical do conjunto está na forma nominal, assim como a forma simples flexional apresenta no radical a sua significação. Desse modo, a flexão do auxiliar traz em si uma significação gramatical dupla: por um lado, as categorias número-pessoal e modo-temporal e por outro, a associação do significado lexical do auxiliar com o tipo de forma nominal que o acompanha, que, no caso do português, são o particípio perfeito, o gerúndio e o infinitivo.

Este processo de unidade semântica, não obriga, entretanto, a uma ordem fixa das formas constituintes, não impedindo, também, que haja uma possível intercalação de locuções ou vocábulos. Assim, as duas formas verbais *auxiliar* + *forma nominal* não se distinguem, ao se analisar a oração para se associar, separadamente, a outro elemento do período.

As conjugações perifrásticas, portanto, são menos ou mais gramaticalizadas. Quanto mais gramaticalizada ela for, mais o auxiliar terá seu conteúdo lexical esvaziado, tornando-se um mero índice da categoria que se destina a exprimir.

Tradicionalmente, no português, por conta do processo de gramaticalização do auxiliar, há dois modelos de composição denominados tempos compostos:

1. a locução do verbo ser, em todas as suas flexões, + particípio perfeito, que sob o nome de ‘voz passiva’ é apresentada como a contrapartida da conjugação flexional ativa;
2. a locução de alguns tempos do verbo *ter* + particípio perfeito nominalmente invariável, incorporada à série de tempos de formas flexionais unas.

Câmara Júnior (1976, p.164) considera que o verbo haver, na construção do tempo composto, aparece “às vezes na língua literária, sem raízes no uso corrente”. Afirma que a sua origem está num padrão oracional que se estabeleceu no latim, para indicar o aspecto permansivo que desaparecera do *perfectum* latino. Usava-se o verbo *habere* “ter” com um

objeto modificado por um particípio perfeito que com ele concordava em número, gênero e caso: *habeo litteram scriptam* ‘tenho uma carta escrita (em meu poder)‘.

Esse tipo de locução não sofreu mudança, do ponto de vista morfológico, conservando-se gramaticalmente a concordância nominal do particípio com o substantivo objeto. Foi somente após um período de variação livre na língua literária clássica que a concordância do particípio com seu objeto direto perdeu-se, e a construção se estendeu a verbos intransitivos.

O português, dentre as línguas românicas, como já mencionado, é a que melhor conserva o valor primitivo da locução, um ato perfeitamente executado no passado ou no presente. Como afirma Câmara Júnior, “é um perfeito, delimitado no tempo pelo auxiliar.”.

Desse modo, para Câmara Junior (1976, p. 168) não há conflito entre a unidade significativa geral e as especializações que se verificam em alguns tempos verbais, a exemplo do pretérito perfeito e mais-que-perfeito que, em linhas gerais, coincidem quanto à marca de conclusão do evento num dado momento do passado.

No Português arcaico, já se iniciara a substituição frequente de haver, como auxiliar, por ter, que se consolidou e passou a distinguir o português das demais línguas românicas e até do espanhol, que manteve o haver como primeiro auxiliar em suas construções.

Ainda no português arcaico se encontrava, conforme Said Ali (1971), Câmara Junior (1976) e, posteriormente, Mattos e Silva (1989a) a construção ter + particípio na função de predicativo do objeto. Os autores admitem que, enquanto se documenta a flexão do particípio passado de acordo com o complemento direto desse particípio, essa sequência não é de se considerar como tempo composto ou locução verbal, por não ter ocorrido ainda a fusão semântica e sintática que está implícita na construção do tempo composto, constituído de ter ou haver nas suas formas flexionadas mais o particípio passado invariável, isto é, não está em causa ainda a relação auxiliante/auxiliado necessária a essa construção. Para arrematar, Câmara Júnior (1976, p.82) afirma que “enquanto a forma verbal adjetiva se mantém articulada com o objecto de acção, não há a rigor uma conjunção verbal

composta, mas uma construção frasal que deixa em evidência o estado de posse".

Dessa forma com a inclusão dos tempos compostos, o sistema verbal do português passa a ser assim constituído:

	MODOS VERBAIS				
	INDICATIVO		SUBJUNTIVO		IMPERATIVO
TEMPOS VERBAIS	TEMPO SIMPLES	TEMPO COMPOSTO	TEMPO SIMPLES	TEMPO COMPOSTO	
	Presente Pretérito imperfeito Pretérito perfeito Pretérito mais-que-perfeito Futuro do presente Futuro do pretérito	Pretérito perfeito Pretérito mais-que-perfeito Futuro do presente Futuro do pretérito	Presente Pretérito imperfeito Futuro do presente	Pretérito perfeito Pretérito mais-que-perfeito Futuro do pretérito	Afirmativo Negativo
	FORMAS NOMINAIS				
	INFINITIVO	GERÚNDIO		PARTICÍPIO	
	Presente impessoal Presente pessoal Pretérito impessoal Pretérito pessoal	Presente Pretérito			

Quadro 3: Modos verbais do português

Serão analisadas, a seguir, as categorias de Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade.

3.2.2 Categorias verbais: Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade

3.2.2.1 O tempo

O conceito de Tempo há muito vem sendo discutido por vários autores das mais diversas áreas de conhecimento. No presente capítulo será

abordado o tempo na visão dos filósofos, lexicógrafos e linguistas.

3.2.2.1.1 O tempo na concepção dos filósofos

Muitos filósofos analisaram o tempo. Para este trabalho, foram selecionados alguns autores com base nos períodos que representam. São eles: Platão, Aristóteles (Antiguidade Clássica), Santo Agostinho (Idade Média), Immanuel Kant (Idade Moderna), Heidegger e Jean Paul Sartre (Idade Contemporânea).

Platão (427 - 348 a.C.) afirmou que a origem do tempo podia ser atribuída a um ser divino no momento em que colocou ordem e estruturou o caos primitivo.

Platão procurava estabelecer a distinção entre o "ser" e o "não ser"; o mundo do "ser", fundamental, não sujeito a mutações, eternamente o mesmo. Esse mundo que, entretanto, é o mundo das idéias, apreensível apenas pela inteligência, pode ser entendido utilizando-se a razão. O mundo do "não ser" faz parte das sensações, que são irracionais, uma vez que dependem essencialmente de cada pessoa. Para Platão esse mundo é irreal.

O domínio do tempo estaria nesse segundo mundo, assim como tudo o que se observa no universo físico, tendo assim uma importância menor. Talvez possa ser dito que, para Platão, o tempo essencialmente não existe, visto que faz parte do mundo das sensações.

Aristóteles, por sua vez, trata do tempo, em duas de suas obras: na Poética, quando compara a tragédia com a epopéia, e afirma que a tragédia deve encerrar-se, tanto quanto possível, “no tempo de uma única revolução do sol ou não ultrapassá-la senão um pouco, e a epopéia não tem duração delimitada no tempo”; e em Física (parte IV) na qual se detém mais no conceito de Tempo, caracterizando-o como um fenômeno físico, natural. Para analisar esse conceito, mostra as dificuldades a respeito da existência e da natureza do Tempo, negando que ele seja “movimento”. Entretanto, afirma que este não existe sem a mudança nem sem o movimento, pois é quando se percebe o movimento (kínesis) que se percebe o Tempo. Assim, o Tempo pode ser definido como a medida do movimento (anterior e posterior),

caracterizando um processo quantitativo, expresso mediante grandezas, como dias, horas, minutos e segundos (ARISTOTELES *apud* PUENTE, 2001, p.15).

Puente (2001) afirma que Aristóteles foi o “mestre do discernimento e do estabelecimento de nuanças entre os diversos significados de um termo”, e que depois de muitas considerações sobre o Tempo, chega à conclusão de que o Tempo é “um enigma e um desafio insolúvel que se coloca ante a nossa capacidade de compreensão”.

A conclusão de Aristóteles parece ratificada por Santo Agostinho que, no século V da era cristã, resumiu a dificuldade para estabelecer a noção de tempo na questão: "O que é, então, o tempo? Enquanto não me perguntam, eu sei; se me perguntam e quero explicar, não sei."

Santo Agostinho destaca a impossibilidade de medir-se o tempo, teorizando esse conceito a partir de dois pontos específicos: 1) o subjetivo, considerando o tempo em suas modalidades de presente, passado e futuro como existente apenas na consciência; 2) o objetivo, em que o conceito de tempo toma um direcionamento epistemológico; é o tempo exterior à consciência. Em ambas as abordagens, o filósofo apresenta a realidade do tempo, tanto em seu aspecto subjetivo, quanto em seu aspecto objetivo, sempre com base no primado do presente. O presente é, para ele, o próprio fundamento do tempo, determinando, inclusive, as duas outras modalidades: o passado que é validado pela visão presente das coisas passadas e o futuro pela visão presente das coisas futuras.

> O passado não tem ser, porque não é mais (*iam non est*), o futuro, porque ainda não é (*nondum est*), e o presente, porque não permanece. Na análise do presente, é de fundamental importância a comparação com a eternidade. *Praesens autem si semper esset praesens nec in praeteritum transiret, non iam esset tempus, sed aeternitas*.[3] Para que o presente seja tempo, precisa perder-se no passado. Portanto, não podemos dizer que ele é, já que a razão de seu ser é de não mais ser. *Si ergo praesens, ut tempus sit,ideo fit, quia in praeteritum transit, quomodo et hoc esse dicimus, cui causa, ut sit, illa est, quia non erit, ut scilicet non uere dicamus tempus esse,*

[3] Com efeito, se o presente fosse sempre presente e não transitasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. (FIORIN, 1994, p.138-9)

> *nisi quia tendit non esse*?[4] (AGOSTINHO *apud* FIORIN, 1994, p.138-9)

Outro aspecto discutido por Santo Agostinho, apresentado por Fiorin (1994), é a questão da duração do tempo:

> ... como o tempo pode ser, se o passado não é mais, o futuro não é ainda e o presente não é sempre? Por outro lado, falamos em tempo longo e tempo curto. No entanto, como se pode medir aquilo que não é? Novamente, a linguagem é o guia seguro, pois dizemos a respeito do passado que foi longo e do futuro que será longo. Mas "esse longo passado foi longo quando era já passado ou quando era ainda presente? Ele não podia ser longo senão enquanto fosse algo suscetível de ser longo. Uma vez passado, não era mais; portanto, não poderia ser longo, já que não era de modo algum mais". Por isso, "dizemos 'o tempo presente foi longo', porque é enquanto presente que ele era longo. Ele não se tinha ainda perdido no não ser; era, portanto, alguma coisa que podia ser longa. Mas logo que passou, imediatamente, deixou de ser longo porque deixou de ser". (FIORIN, 1994, p.130)

Na visão de Fiorin, Santo Agostinho “deixa de interessar-se pelo tempo físico e caminha na direção da reflexão sobre o tempo linguistico”, considerando que “a linguagem não é somente a prova de que o argumento cético não subsiste, mas é ela que propicia ao homem a experiência temporal” (FIORIN, 1994, p.137)

Ao contrapor o passado e o futuro ao presente, Santo Agostinho volta-se para esse tempo para refletir sobre ele, afirmando ser o único tempo que pode ser mudado. Para esse filósofo, não é correto afirmar a existência de três tempos, passado, presente e futuro, pois o que se tem, de fato, são três modalidades[5] a do passado, que é a memória, a do presente, que é o olhar, a visão e a do futuro, que é a espera.

Outro filósofo que discute o tempo é Imanuel Kant (1724–1804) cuja reflexão filosófica, de acordo com Kurz (1999, p.3), foi decisiva sobre o conceito moderno de tempo e é válida até hoje. Para Kant, o espaço e o

[4] Se, portanto, o presente, para ser tempo, precisa transitar para o passado, como dizemos que ele é, já que a única razão, para que seja, é não ser, de forma que de fato não dizemos que o tempo é, a não ser porque tende para o não ser? (FIORIN, 1994, p.138-9).

[5] Modalidade, conforme Travaglia (1994) é a atitude do falante em relação ao que diz.

tempo não são conceitos que se referem ao conteúdo do pensamento humano, mas às formas *a priori* de nossa capacidade de perceber e pensar. De acordo com o autor, pode-se conhecer o mundo somente nas formas de tempo e espaço que estão inscritas na razão humana, anteriores a todo conhecimento. Kant define as noções de tempo e espaço, considerando-as absolutamente abstrata e a-históricas, mas válidas igualmente para todas as épocas, culturas e formas sociais. Tempo, para ele, é "a temporalidade pura e simples", sem nenhuma dimensão específica, sendo o espaço e o tempo "formas puras da intuição". Na visão kantiana, portanto, o tempo é um fluxo temporal abstrato, sem conteúdo e sempre uniforme, cujas unidades são todas idênticas: "tempos diversos são apenas partes do mesmo tempo". Assim, se o tempo é uma forma inscrita *a priori* na capacidade cognitiva humana, não é menos verdade que a essa forma subjaz uma mudança histórica e cultural, ou seja, o tempo não apenas "transcorre" de modo distinto; existem formas inteiramente diversas de tempo que transcorrem paralelamente e cuja aplicação varia de acordo com o objeto ou a esfera de vida a que se reporta a percepção temporal: "cada coisa tem seu próprio tempo". (KANT, 1999, p.16-30)

Nesta mesma perspectiva, Heidegger compreende o tempo:

> Para corresponder ao caráter de ser do que aqui é tema, devemos falar temporalmente sobre o tempo. Queremos retomar temporalmente a questão sobre o tempo. O tempo é o como (*das Wie*). Se perguntamos pelo que é o tempo, então não devemos agarrar-nos precipitadamente a uma resposta – isto ou aquilo é o tempo – que sempre designa um o que (*ein Was*). (HEIDEGGER,1997, p.39)

Pode-se observar, na perspectiva de Heidegger, que o conceito de tempo tem uma função expressamente interpretativa, isto é, a partir dele é possível tornar explícita a projeção ontológica[6] de um dado fenômeno. Destacar a sua estrutura temporal é explicitar a perspectiva a partir da qual foi projetado, o que significa interpretação e elaboração de uma compreensão. Desse modo, o tempo funciona como a perspectiva de projeção que possibilita

[6] O filósofo alemão Martin Heidegger declarou-se um investigador da natureza do Ser. Heidegger contribuiu com seu pensamento sobre o ser e a existência, de onde o nome dado à corrente filosófica de "Existencialismo". (COBRA, 2001)

tanto compreender o existente humano em seu ser, como compreender qualquer modo de ser possível. (REIS, R. 2004, p. 106)

Como uma filosofia do tempo, o existencialismo, do qual Heidegger é líder, exorta o homem a existir inteiramente "aqui" e "agora", para aceitar sua intensa "realidade humana" do momento presente. O passado representa arquivos de experiências a serem usadas a serviço do presente, e o futuro não é outra coisa senão visões e ilusões para dar ao nosso presente direção e propósito. (COBRA, 2001)

Jean Paul Sartre, influenciado pelo Existencialismo de Heidegger, também discute o conceito do Tempo. Para esse autor, o Tempo condiciona a realidade humana, visto que nasce com o homem. Portanto, não pode ser compreendido através de uma análise meramente objetiva e quantitativa. Deve ser visto essencialmente no modo como é especificamente vivido por um sujeito determinado. Não existe o tempo "em geral", o tempo "universal".

Dessa forma, o tempo deve ser reduzido à "temporalidade", isto é, a uma estrutura do próprio para-si. As dimensões que compõem o tempo, passado, presente e futuro, são "momentos estruturados de uma síntese original" (SARTRE, 1980, p.150), isto é, a temporalidade entendida como característica original do para-si.

Para o mencionado filósofo, o Tempo é composto pelas dimensões do passado, presente e futuro, que são "momentos estruturados de uma síntese original": o passado, como algo que é perpetuamente negado; presente, como fuga; e o futuro, como falta. (SARTRE, 1980, p. 150-79).

Mas nem só os filósofos tentaram definir o tempo. Lexicólogos e linguistas também se encarregaram de explicá-lo e conceituá-lo.

3.2.2.1.2 O tempo para os lexicólogos e linguístas

Os dicionários são um recurso de que podemos dispor para obter a definição do termo tempo, pois eles não só definem cada uma das palavras, como também mostram como a cultura de um povo as concebe. Assim, registram a maneira como um povo traduz e define um signo linguistico

caracterizando, portanto, uma determinada sociedade. Segundo Benveniste (1988, 57), "para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade". Portanto, para definir um termo, é preciso ir além, pois ele não é definido por si só, mas no contexto cultural e social em que é empregado.

As definições encontradas nos dicionários de língua portuguesa de Michaelis (1997), Houaiss (2002) e Ferreira (2006, p.38) apresentam muitos traços em comum. O tempo é definido como:

> **1.** duração relativa das coisas que cria no ser humano a idéia de presente, passado e futuro; período contínuo e indefinido no qual os eventos se sucedem; **2**. determinado período considerado em relação aos acontecimentos nele ocorridos; **3**. certo período da vida que se distingue de outro; **4**. época atual; **5**. ocasião própria para um determinado ato; ensejo, conjuntura, oportunidade; **6**. estado meteorológico da atmosfera; vento, ar, temperatura; **7**. conjunto de condições meteorológicas; **8**. época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra; **9**. categoria verbal que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo ou o tempo em que transcorre a ação especificando que o conteúdo dessa categoria varia segundo as línguas: em português, compreende presente, pretérito (ou passado) e futuro, e suas subdivisões.

Comparando o conteúdo dos três dicionários, quanto ao que se refere ao termo tempo, pode-se observar que as definições são semelhantes, sempre havendo considerações sobre o tempo cronológico, físico e linguistico.

Do ponto de vista linguistico, o tempo refere-se à categoria de tempo verbal. Tradicionalmente, os estudos de categorias verbais costumam inspirar-se na proposta do lógico Hans Reichenbach (1947) para definir as relações temporais. Reichenbach (1947) definiu três pontos teóricos na linha do tempo: o que marca o momento da fala (MF), o que assinala o momento em que transcorre o evento (ME) e o que é ponto referencial (MR) para os dois primeiros.

Segundo Ilari (2001, p.13), essa concepção de Reinchenbach está bem próxima das intuições do falante e se aplica bem ao português. Esse fato pode ser constatado observando-se que Jerônimo Soares Barboza, um dos mais importantes gramáticos da língua portuguesa, já no século XVIII, indicava a necessidade de correlacionar cronologicamente três momentos

distintos, assim como Reinchenbach, um dos quais é o próprio momento da fala, outro momento em que a ação se realiza, e outro, um momento tomado como ponto de referência suprido pelo contexto. Referindo-se ao mais-que-perfeito, o autor afirma:

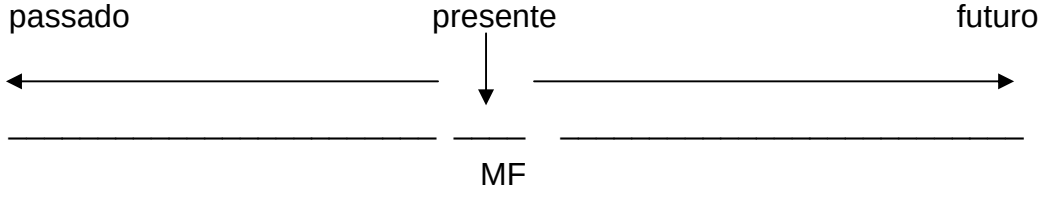
> Este pretérito nota uma existência não só passada, como o pretérito imperfeito, e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto, e não só passada e acabada relativamente à época atual, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra época também passada, mas há mais tempo, e marcada ou por um tempo determinado, ou por um fato, quer expresso, quer subentendido, como quando digo: *ontem, ao meio dia, tinha eu acabado esta* obra; onde meio-dia é a época a respeito da qual, e antes dela era já passada e acabada a obra. E quando digo: *eu tinha saído quando ele entrou;* a entrada é também uma época pretérita a respeito da presente em que estou falando. Mas, minha saída não só é anterior e passada, mas ainda concluída e acabada a respeito da dita entrada. (BARBOZA, 1830, p.150)

Pode-se observar que essa descrição de Soares Barboza corresponde perfeitamente à fórmula apresentada por Reinchenbach:

(I) ME → MR → MF

Desse modo, o tempo verbal exprime a experiência de tempo, representando situações (estados, processos e ações) nas referências temporais – presente, passado e futuro, que são analisadas a partir do momento da fala. A partir deste ponto de referência, podem-se localizar os fatos à esquerda ou à direita, conforme representação abaixo:

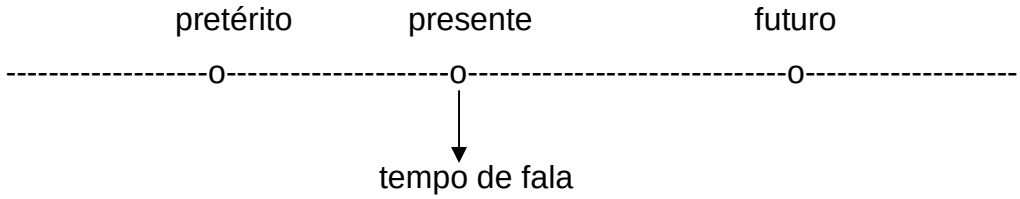
(II) Referência temporal



Caso uma língua tenha uma categoria gramatical para expressar uma referência temporal, de acordo com Comrie (1990, p.47), esta língua tem um tempo verbal. Convém considerar também que há línguas que não têm esta referência, expressando o tempo através de marcas adverbiais ou até pelo contexto linguistico. Givón (1984, p. 272) utiliza o termo “tense” como um modo de construção do tempo, como uma sucessão de pontos, cada um ocupando posição fixa na ordem linear. Esses pontos se inter-relacionam, de modo que o tempo da fala funciona como uma referência universal.

Pode-se representar os tempos verbais da seguinte maneira:

(III) Tempos verbais



Sobre os tempos verbais do português, Mateus *et al* (2003, p.104) afirmam:

> ... no Português, os tempos naturais são o presente, o passado e o futuro que exprimem uma ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação definida, respectivamente, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Em enunciados descrevendo mais do que um estado de coisas. a ordenação temporal é mais complexa, visto que os estados de coisas descritos são ordenados relativamente ao momento de enunciação mas, para além disso, são ordenados uns relativamente aos outros.

Para Mattos e Silva (1989a, p.411) o tempo verbal expressa a relação que se estabelece entre o tempo da ação, do acontecimento referido na frase e o momento do enunciado. Essa relação entre o momento do enunciado e o tempo da ação expressa pelo verbo da frase só existe

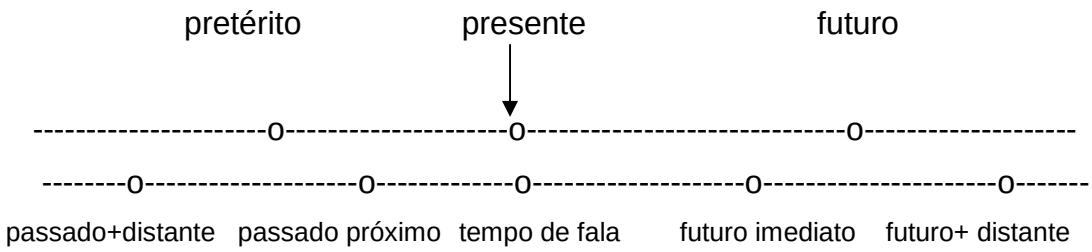
nitidamente nas formas verbais do indicativo. Em relação a esses tempos verbais do indicativo, define a mencionada autora que o:

a. **presente** (IdPr) apresenta uma relação de coincidência entre o momento do enunciado e o tempo do evento expresso na frase;
b. **pretérito imperfeito** (IdPt1) estabelece uma relação de anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento ainda não terminado expresso na frase;
c. **pretérito perfeito** (IdPt2) estabelece uma relação de anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento terminado expresso na frase;
d. **pretérito mais-que-perfeito** (IdPt3) apresenta uma relação de dupla anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento já terminado expresso na frase que, por sua vez, relaciona-se a outro evento a ele posterior, mas também anterior e também terminado em relação ao momento do enunciado;
e. **futuro do indicativo** (IdFt1) estabelece uma relação de posterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento a realizar-se expresso na frase;
f. **futuro do pretérito do indicativo** (IdFt2) estabelece uma relação de posterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento que não se realizou e, portanto, já passado, expresso na frase.

Mattos e Silva esclarece que considera, para conceituar os tempos verbais, não só características estritamente cronológicas (coincidência, anterioridade, posterioridade) em relação ao momento do enunciado, mas também traços tradicionalmente considerados aspectuais (término, realização) que parecem não poder ser eliminados em uma análise do sistema dos chamados tempos verbais do português.

Partindo dessa interpretação, observa-se que nem todos os tempos verbais são analisados exclusivamente a partir do tempo da fala, podendo, desta maneira, serem relativizados, considerando-se o enunciado.

(IV)*Continuum* do tempo



Dessa forma, o pretérito mais-que-perfeito, tempo de referência passada, situa-se no *continuum* anteriormente apresentado à esquerda do tempo da fala e é descrito, de forma canônica, como o tempo que situa o momento do evento antes do momento de referência, por sua vez, anterior ao momento da fala.

Comrie (1990) também postula uma teoria para o tempo verbal, inspirada no modelo de Reichenbach (1947), mas com algumas modificações. Para Comrie (1990, p.36), o sistema temporal que toma entidades como momento de referência é denominado sistema dêitico, em contraponto ao modelo anafórico de Reichenbach, que é estruturado a partir de um momento de referência, ainda que coincidente com o momento da fala ou o momento da situação. Os tempos verbais, na classificação de Comrie (1990), podem ser classificados de três formas: tempo absoluto, relativo e relativo-absoluto

As teorias do tempo absoluto são baseadas em Newton e Galileu (CÔROA, 2005, p. 26). Essas teorias postulam que o tempo “flui sem relação com qualquer coisa externa a ele”. O momento presente é o ponto de referência, e também parte de seu sentido.

Já no tempo verbal relativo, o ponto de referência é dado pelo contexto linguistico. Comrie (1990, p. 58) considera que "tudo que é requerido para tempos verbais relativos é a identificação de um ponto de referência compatível com o contexto dado."; conceito ratificado por Côroa (2005, p.30) ao afirmar que o tempo pode ser definido, mas não determinado, pois depende do referencial que se tome.

Por sua vez, o tempo relativo-absoluto é vinculado ao tempo da fala.

Coan (1997, p.45), tomando por base os pressupostos de Comrie (1990), afirma que o pretérito mais-que-perfeito é classificado como um tempo relativo-absoluto, pois resulta de sua conjugação com um outro tempo passado vinculado ao tempo de fala.

Outra categoria bastante relevante, para a análise do sistema verbal, e do pretérito mais-que-perfeito, é o Aspecto, que será vista a seguir.

3.2.2.2 O Aspecto

Serão apresentadas algumas considerações a respeito do Aspecto, enquanto categoria linguística: origem, função do termo e valores aspectuais, correlacionando-os ao estudo do pretérito mais-que-perfeito, objeto desta pesquisa.

3.2.2.2.1 Apresentação da categoria

A categoria linguística do Aspecto é bastante controvertida, não só no que se refere à definição do termo, mas também à marcação dos seus valores e subvalores, apresentando, assim, uma grande diversidade de interpretações.

No Brasil, o tema Aspecto é raramente abordado pelos professores de português em aulas do curso médio ou superior, o que levou Costa, S. (1986, p. 8), a afirmar que, “no nosso país, uma pessoa pode ir até o fim de sua formação escolar, inclusive universitária, sem nunca ter ouvido qualquer referência a respeito do Aspecto”.

Os gramáticos tradicionais também têm demonstrado indiferença em relação à categoria, limitando-se, na maioria das vezes, a ligeiras menções sobre o assunto - Saconi (1991); Faraco e Moura (2000, 2001, 2002) -.

Cunha e Cintra (1975; 2000, p. 370-372) referem-se ao tema, contudo ainda sem a devida profundidade. Afirmam que “diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa uma

categoria que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo" e ressaltam o fato de alguns estudiosos ampliarem o conceito de aspecto, nele incluindo valores semânticos pertencentes aos próprios verbos ou aos contextos.

Bechara (1977) trata o assunto ainda de modo superficial, definindo o aspecto indiretamente, na forma de pequenas observações ou em notas de rodapé, quando se refere a "aspectos do momento da ação verbal". Entretanto, na edição revista e ampliada da sua Moderna gramática portuguesa (2009) aborda o tema com mais detalhe, afirmando que, no português e demais línguas românicas, a categoria se refere à maneira de considerar a ação verbal no tempo.

Nota-se, pois, que há, na gramática tradicional, predominância da categoria de tempo para a classificação e distribuição das formas verbais, isto é, para o sistema de conjugação, fato que já causava estranheza a Lyons (1979, p. 320):

> O fato do aspecto não ser tão difundido quanto o tempo na gramática tradicional é um acidente histórico, pois a marcação gramatical de aspecto é muito mais significativa nas línguas humanas em comparação à marcação gramatical de tempo. A gramática greco-latina recebeu como herança a determinação de tempo distorcida entre o significado de tempo dêitico e não dêitico. A gramática do português calcada no paradigma verbal grego acabou por adotar esta terminologia.

Alguns gramáticos descritivos também abordam, ainda de forma incompleta, o Aspecto, ora considerando-o uma categoria meramente verbal, ora salientando os valores aspectuais que podem ser transmitidos por determinados semantemas e por outras classes gramaticais, ora ressaltando o fato de o Aspecto ser expresso através de perífrases que indicam nuances detectadas no tempo verbal.

Neves (2004, p.61), por exemplo, não define a categoria de Aspecto, mas cita o fato de os verbos aspectuais formarem perífrases ou locuções que podem indicar o início do evento (aspecto inceptivo), o desenvolvimento do evento (aspecto cursivo), o término ou a cessação do evento (aspecto terminativo ou cessativo), o resultado do evento (aspecto resultativo), a

repetição do evento (aspecto iterativo ou frequentativo), além das noções de consecução, intensificação e aquisição de estado. É interessante observar que a autora em questão restringe a sua abordagem sobre o Aspecto às formas perifrásticas, não fazendo referência ao Aspecto expresso pelas formas simples dos verbos.

Mateus et al. (2003) dedicam uma parte de sua Gramática da Língua Portuguesa à categoria de Aspecto, na qual Fátima Oliveira (2003, p.128), no capítulo intitulado Tempo e Aspecto, destaca o fato de não existir, em geral, nas gramáticas do português, um estudo adequado da categoria. Para a mencionada autora, o que há, quase exclusivamente, é uma subalternização do Aspecto à categoria de Tempo, o que é incompreensível, tendo em vista que, no português, encontra-se lexicalizada a oposição aspectual ser/estar.

Apesar de colocado em segundo plano por parte dos professores de português, está havendo, no âmbito das pesquisas acadêmicas, um crescente interesse em relação aos estudos aspectológicos. Uma evidência disto é a pesquisa que vem sendo desenvolvida junto à UFRGS, pelo Prof. Dr. Valdir Nascimento Flores, intitulada “A relevância da noção de dêixis para a interpretação semântica do aspecto verbal: um estudo enunciativo da categoria”, em que se contrapõe a base teórica que sustenta a interpretação não-dêitica do Aspecto à perspectiva benvenistiana que afirma o caráter dêitico dessa categoria (SANT’ANA, 2008, p.19), e muitos outros artigos, monografias e dissertações que, na sua maior parte, se concentram em analisar, exclusivamente, o Aspecto Verbal.

3.2.2.2.2 Origem e definições

Como explica Sant’Anna (2008, p. 23) são inúmeras as conceituações para o Aspecto, as quais refletem as perspectivas teóricas de cada autor. Apesar desse emaranhado de definições, pode-se observar, no montante dos estudos referentes ao tema, algumas características mais ou menos consensuais atribuídas à categoria, tais como: (i) a não-referência à localização no tempo; (ii) a expressão da duração ou desenvolvimento do

processo, de sua estrutura temporal interna; (iii) a maneira de ser da ação; (iv) o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si, ou seja, a explicitação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo.

Além das características acima citadas, vale destacar que muitos autores vinculam a categoria a situações, processos e estados, enquanto outros se preocupam apenas em delimitar a noção de Aspecto e de descrevê-la em função de oposições formais (morfológicas) e léxico-sintáticas.

A origem do termo Aspecto, segundo Bertinetto (1997, p. 81), percorre uma linha de tratados filosóficos humanistas, nos quais parece haver uma restrição do sentido do termo grego ειδος ("forma exterior"), usado na antiga tradição gramatical, na acepção de "classe", ou melhor, 'classe derivada de uma categoria lexical maior'.

Posteriormente, uma nova acepção se origina na tradução do termo russo *"vid"* (LYONS 1979, p. 329), usado primeiramente para referir-se à distinção entre "perfectivo" e "imperfectivo" na flexão dos verbos em russo e em outras línguas eslavas.

Convém ressaltar que as línguas eslavas sempre tiveram uma posição de destaque nas discussões sobre o Aspecto, o que, conforme Dahl (1981, p.79) propiciou uma linha de estudos denominada "oriental". Entretanto, o reconhecimento da noção aspectual não se deu no grupo das línguas eslavas, e sim, no grego.

Na Grécia antiga, como explica Castilho (1967, p. 20), os estóicos, ao analisarem os tempos verbais, denominavam-nos, ressaltando valores não temporais. Assim, dividiram os tempos dos verbos gregos em dois grandes grupos, o dos determinados e o dos indeterminados ou aóristoi (aoristo e futuro). Os do primeiro grupo foram subdivididos em duas classes distintas: a) o presente e o imperfeito, e b) o perfeito. Enquanto o presente e o imperfeito se referiam à duração de um evento em diferentes perspectivas temporais, o perfeito designava uma ação cumprida, acabada. Foram essas as noções aspectuais de duração e acabamento descritas pelos gregos. Assim como os estóicos, Varrão, no século I a.C., também reconheceu a existência do Aspecto, sem contudo se servir do termo.

Com a linguística histórico-comparativa, os indo-europeístas (re)descobriram a noção aspectual através da comparação de algumas línguas,

constatando que, dentre as línguas indo-européias, foram as eslavas que conservaram, de forma mais evidente, essa noção. Georg Curtius, indo-europeísta, em 1846, em sua obra A Formação dos Tempos e dos Modos em Grego e em Latim, constata que havia, no verbo grego, algo além da noção temporal. Assim, ao comparar o verbo grego com os demais, percebeu que havia uma noção aspectual de duração e completamento, presente no eslavo e ali denominada *vid*. Para Curtius, o Aspecto era uma categoria com fundamentação morfológica, entretanto os autores que o seguiram entenderam-na como categoria semântica, sem morfologia correspondente.

Neste mesmo estudo, Curtius ressalta ser possível distinguir no verbo grego os “graus do tempo” (*Zeitstufe*), ou seja, o presente, o passado e o futuro, e a “qualidade do tempo” (*Zeitart*) que admitia três possibilidades: a) ação durativa, indicada pelas formas do tema do presente; b) ação incipiente, expressa pelas formas do tema do aoristo, e c) ação completa, representada pelas formas do tema do perfeito.

Dubois et al. (1984, p.73), afirmam ser o Aspecto “uma categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo (ou pelo nome de ação), isto é, a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento”.

Comrie (1976, p.3) define o Aspecto como “os diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação”. Por outro lado, Castilho (1967, p. 14) afirma que o Aspecto “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo”.

Percebe-se, nas diferentes concepções, ser comum que a definição do Aspecto em oposição à categoria de Tempo, tomando por referência a dêixis e Travaglia reforça essa ideia quando afirma:

> Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e a da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1994, p.44)

Sob esse ponto de vista, as categorias de Tempo e de Aspecto expressam noções que se referem a eventos temporais, mas sob diferentes perspectivas. O Tempo localiza um evento em relação a um centro dêitico (*tempo absoluto*) ou a outro ponto de referência (*tempo relativo*), enquanto o Aspecto diz respeito ao modo como o evento é temporalmente distribuído dentro de uma fração de tempo necessária à sua ocorrência, independente de quando o mesmo se realiza. Assim, o Aspecto é uma categoria temporal não-dêitica, uma vez que se ocupa do tempo como uma propriedade intrínseca ao próprio evento.

Câmara Júnior (2004, p.112) salienta que, diferentemente do sistema verbal do primitivo indo-europeu, cujo eixo da conjugação era a categoria verbal de Aspecto, os sistemas verbais das línguas românicas se estruturam em torno da categoria gramatical de Tempo. Isto, porém, não significa que a categoria de Aspecto tenha sido suprimida nas línguas ocidentais modernas, mas que, nessas línguas, prevalece a “concepção temporal” em detrimento da “concepção aspectual”, a qual continua a ser expressa, mas de forma acessória, em construções idiomáticas e na própria essência da significação verbal. Desse modo, na contemporaneidade, essas duas categorias coexistem, constituindo um complexo sistema de categorias verbais, e, a depender da língua, uma ou outra predomina.

Apesar de ser estudado com frequência nos verbos, o Aspecto pode ter os seus valores expressos por outras classes de palavras, como substantivos, adjetivos, alguns advérbios e algumas conjunções. Dubois et al (1984) e Travaglia (1994), por exemplo, destacam os valores aspectuais presentes nos lexemas dos nomes, salientando que o Aspecto verbal pode ser expresso através da flexão verbal, das perífrases verbais, do semantema do verbo, dos afixos (alguns sufixos e prefixos), da repetição de verbo, dos adjuntos adverbiais, pelo tipo oracional e pelo complemento do verbo. Nesta pesquisa, serão considerados, exclusivamente, devido aos objetivos propostos, os valores aspectuais provenientes das formas verbais

3.2.2.2.3 Valores aspectuais

Assim como o conceito, diversos autores analisam diferentemente os valores aspectuais. Como pioneiro, no Brasil, no estudo sobre o Aspecto verbal no português, Castilho, em sua tese de doutorado - Introdução ao Aspecto verbal na língua portuguesa -, (1967, p.14), afirma que o Aspecto é "a relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento", apresentando os seguintes valores fundamentais: **duração** (imperfectivo), **completamento** (perfectivo), **repetição** (iterativo), e **neutralidade** (indeterminado), conforme sintetizado no quadro a seguir:

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

Quadro 4: Tipos de Aspectos
Fonte: CASTILHO, 1967, p.14

Esses quatro valores aspectuais apresentam subdivisões:

VALORES	ASPECTOS
1. Duração	**Imperfetivo**: Inceptivo Cursivo Terminativo
2. Completamento	**Perfectivo:** Pontual Resultativo Cessativo
3. Repetição	**Iterativo:** iterativo imperfetivo iterativo perfectivo

4. Negação da duração e do completamento (neutralidade)	**Indeterminado**

Quadro 5: Valores aspectuais
Fonte: CASTILHO, 1967, p.14

Outro autor que também analisa o Aspecto e seus respectivos valores é Comrie (1976). Ele estabelece, inicialmente, uma distinção entre os termos “tense” e “time”. O “tense”(tempo) se refere ao tempo da situação em relação a algum outro tempo, usualmente o momento da fala” (1976, p. 1-2). O “tense” localiza o “time” de uma situação, e se refere a uma situação de enunciado. Em virtude disso, é possível descrever o tempo como uma categoria dêitica, o que o difere sobremaneira do Aspecto.

De um modo geral, os autores caracterizam as formas perfectivas como de curta duração e as formas imperfectivas como de longa duração. Entretanto, Comrie, distingue a perfectividade da imperfectividade, afirmando que,de um modo geral, a primeira indicaria a visualização de uma situação como sendo completa, acabada, enquanto a segunda apresentaria uma situação em andamento em relação a um ponto de referência específico, no presente ou no passado. Para este autor, existem línguas que expressam a imperfectividade como uma categoria simples, enquanto outras a subdividem em várias categorias. Comrie ressalta que a perfectividade e a imperfectividade não são incompatíveis, já que ambas podem ser expressas em uma dada língua se esta possui significado formal para isso.

A maioria dos autores estuda o Aspecto a partir de textos de língua escrita. Sonia Costa (1986), entretanto, desenvolveu um trabalho sobre o Aspecto verbal com dados da língua falada, utilizando dados do *corpus* do Projeto NURC. Para a autora, existem duas formas principais para a expressão do Aspecto: a perfectiva e a imperfectiva, apresentando, a imperfectiva, algumas subdivisões:

ASPECTO	
Categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato. Apresenta duas possibilidades:	
PERFECTIVO	**IMPERFECTIVO**
Fato referido globalmente, não marcado para as nuances da constituição temporal interna.	Fato referido com marca de constituição temporal interna. Por vezes, semanticamente restrito a lexemas que incluam o traço [+durativo]. • Imperfectivo em curso: • Imperfectivo de fase inicial: • Imperfectivo de fase intermediária: • Imperfectivo de fase final: Imperfectivo resultativo:

Quadro 6: Valores aspectuais
Fonte: SONIA COSTA. 1986, p.38

Sob o ponto de vista semântico, Sonia Costa considera o perfectivo como uma forma não-marcada aspectualmente, visto que, para a referida autora, “marcar a categoria de Aspecto em português significa, em última instância, imperfectivizar o enunciado” (1986, p. 89). Para que isso ocorra é necessário que a forma verbal a ser imperfectivizada atenda a algumas condições:

a) que o lexema verbal não seja pontual;
b) que o lexema verbal passível de ser imperfectivizado seja interpretado como de número singular;
c) que o lexema possa ser tratado como um processo.

Dessa forma, caso estas condições sejam atendidas, poderá o falante optar entre duas possibilidades: (1) referir-se ao fato expresso pelo verbo globalmente, sem se preocupar com a sua constituição temporal interna -

forma perfectiva, forma neutra; (2) ou referir-se ao fato, atentando para a sua constituição temporal interna - forma imperfectiva, forma marcada aspectualmente.

Sonia Costa reconhece que a imperfectivização (presença de Aspecto) se manifesta, não só através de formas verbais simples ou perifrásticas, mas também através de circunstanciais temporais e afixos, embora afirme que é através das perífrases verbais que mais se produz a expressão aspectual.

O Aspecto verbal em perífrases manifesta-se mais claramente com o gerúndio e particípio. Nas perífrases com gerúndio tem-se a expressão do Aspecto imperfectivo em curso (processo) e a voz ativa; quanto às perífrases com particípio, expressam o Aspecto imperfectivo resultativo (estado resultante) e a voz passiva. Sonia Costa (2002, p. 51) destaca também que os auxiliares aspectuais são os verbos que mais contribuem para a formação de perífrases aspectuais, citando, como exemplo, o verbo estar, formador de grande número de perífrases e o verbo ter, formador dos tempos compostos.

Outro trabalho sobre o tema que deve ser destacado é o de Travaglia: *Aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão* (1994), que, assim como Castilho, faz um estudo detalhado sobre o Aspecto verbal na língua portuguesa. Define o Aspecto como uma "categoria verbal de Tempo, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, podendo estas serem consideradas sob diferentes pontos de vista: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação".

No que se refere aos valores aspectuais, o autor apresenta treze tipos:

Noções Aspectuais				**Aspectos**
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. limitada	**Durativo** João **ficará atendendo** as pessoas. (p.80)
			b. ilimitada	**Indeterminado** Eu **trabalho** em uma loja de peças (p.80)
		B. Descontínua	a. limitada	**Iterativo** Ele me **acenou** várias vezes. (p.82)
			b. ilimitada	**Habitual** Se fica sem dormir

<table>
<tr><td></td><td colspan="2"></td><td>ele adoece. (p.84)</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">2. Não-Duração ou Pontualidade</td><td>Pontual
O Visconde de Mauá funda estaleiros e inicia no Brasil a construção naval. (p.87)</td></tr>
<tr><td rowspan="7">II. FASES</td><td rowspan="2">1. Fases de Realização</td><td>A. Por começar
A.’ Prestes a começar</td><td rowspan="2">Não-começado
Pedro está para emoldurar o quadro (p.89)</td></tr>
<tr><td>B. Não-acabado ou começado</td><td>Não- acabado ou começado

José está doente. (p.91)</td></tr>
<tr><td rowspan="2">2. Fases de Desenvolvimento</td><td>C. Acabado há pouco
C’. Acabado</td><td rowspan="2">Acabado
Maria leu o livro. (p.91)</td></tr>
<tr><td>A. Início (situação em seu ponto de inicio ou nos primeiros momentos)</td><td>Inceptivo
José começou a falar na segunda aula. (p.92)</td></tr>
<tr><td>B. Meio (situação em pleno desenvolvimento)</td><td>Cursivo
Os rapazes continuam jogando apesar da chuva. (p.92)</td></tr>
<tr><td>C. Fim (situação em seu ponto término ou nos últimos momentos)</td><td>Terminativo
Rita terminou de limpar a casa às 11 horas. (p.93)</td></tr>
<tr><td rowspan="2">3. Complemento</td><td>A. Completo</td><td>Perfectivo
Pedro pulara o muro com facilidade. (p.76)</td></tr>
<tr><td>B. Incompleto</td><td>Imperfectivo
Estou escrevendo há dias e começo a sentir-me fatigado. (p.78)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Ausência de noções aspectuais</td><td>Aspecto não atualizado

Hei de passar no concurso. (p.95)</td></tr>
</table>

Quadro 7: Noções de aspecto (adaptado)
Fonte: Travaglia, 1994, p. 77

Como pode ser visto, no quadro 3, o autor busca sintetizar as noções aspectuais que existem na língua portuguesa apoiado no seu trabalho de pesquisa.

Côroa (2005, p.62), define o Aspecto como a “quantificação lógica dos subeventos de um evento”, considerando que o subevento “é qualquer dos estágios intermediários de um evento, inclusive o inicial e o terminal” e o evento “é qualquer ação, estado ou processo expresso pelo verbo.”. Dessa forma, admite dois tipos de valores aspectuais: 1) perfectivo: todos os subeventos estão incluídos dentro de um espaço de tempo; e 2) imperfectivo, apenas um subevento, necessariamente, está incluído dentro de um mesmo espaço de tempo (CÔROA, 2005, p.74). Para a autora, o Aspecto é uma categoria gramatical (categoria morfológica), tendo em vista que é expressa pela flexão do verbo.

Givón (2001, p. 288) diferencia os aspectos perfectivo e imperfectivo afirmando que “a gramática da perfectividade envolve, principalmente, a distinção binária entre os aspectos perfectivo e imperfectivo”. Para o autor, o perfectivo está fortemente associado ao tempo passado, além de focalizar um evento como acabado, enquanto o imperfectivo, destaca a trajetória do evento, considerando seu início, se ainda está em processamento ou o seu término.

Para exemplificar essa distinção, Givón utiliza a metáfora do zoom de uma câmera fotográfica: no aspecto perfectivo, o evento é retratado como muito distante do falante, mas, por ser bem delimitado, é necessário o uso do zoom para que seja visto de forma nítida; enquanto no aspecto imperfectivo, o evento está mais próximo do falante, mas exige a abertura do foco para que se obtenha uma visão ampla do acontecimento.

Givón propõe uma divisão lexical dos verbos conforme a aspectualidade que lhes é inerente. Para o autor, duas propriedades associadas à escala de perfectivadade dos verbos, a delimitação e a duração, determinam a existência de quatro tipos de verbos: compactos, accomplishment, de atividade e de estado.

a) os **verbos compactos** são os de duração extremamente curta; os eventos por eles codificados têm o início e o fim como dois pontos

bastante delimitados. São exemplo desse tipo de verbo: pular, piscar, cuspir, esbofetear.

b) os **verbos accomplishment** indicam a efetivação ou completude de um evento com duração mais longa do que a dos verbos compactos, entretanto, a perspectiva comunicativa é a de delimitação temporal terminal, ou seja, a duração não é o foco. São exemplos desse tipo de verbo: concluir, nascer, morrer, sentar.

c) os **verbos de atividade ou processo** são os mais frequentes em diversas línguas. Eles codificam eventos que podem ser durativos e delimitados temporalmente. Givón divide os verbos desse tipo em mais curtos e mais longos. Os mais curtos podem ser exemplificados por quebrar, esmagar, tocer; e os mais longos, caminhar, trabalhar, dançar, ler.

d) os **verbos de estado** (ou adjetivos) são os que representam situações de longa duração, cujos limites inicial e terminal não são o foco. Esses verbos estão divididos em temporários - ser triste, ser feliz, estar cansado, estar quente - e duradouros - ser alto, ser vermelho, ser grande, ser peludo.

Givón (2001, p.288) afirma ainda que qualquer um dos quatro tipos de verbos acima mencionados pode ser também marcado com uma forma gramatical de indicação de aspecto específica, alterando, assim, o foco da perspectiva comunicativa, ou seja, os eventos com aspectualidade inerente (ao léxico) podem ter sua representação modificada pelo acréscimo de formas gramaticais de indicação de aspecto.

3.2.2.2.4 O Aspecto e o modo de ser da ação (aktionsart)

Na literatura sobre o Aspecto verifica-se, não só haver confusão no que diz respeito às noções de Aspecto e Tempo, mas também no que se refere aos conceitos de Aspecto (Aspect) e Modo de ser da ação (Aktionsart),

expressão utilizada para designar os valores aspectuais provenientes do conteúdo semântico do verbo.

De um modo geral, os autores assumem três posições com referência à relação estabelecida entre o Aspecto e a *Aktionsart* (maneira de ser da ação): 1) não separam radicalmente aspecto e modo de ação considerando-os sinônimos; 2) afirmam que são conceitos distintos entre si; ou 3) consideram-nos semelhantes, mas com características diferenciadas.

No primeiro grupo encontram-se, entre outros autores, Câmara Júnior (1976) e Castilho (1967, p. 40), que afirma:

> O modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto. Decorre essa variedade de possibilidades do fato de assentar o modo da ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender através de análises diversas, levadas sempre pela perspicácia dos linguistas a pontos cada vez mais distanciados dos limites da pura e simples noção de duração e de completamento.

Nessa mesma linha, encontra-se Travaglia que, como Castilho, também opta por não separar aspecto e modo de ação. O grupo que defende a distinção entre os dois conceitos, é representado por Jakobson (1969), Corôa (2005) e Soares (1987) entre outros.

Corôa afirma:

> O aspecto se opõe, assim, ao modo de ser da ação como uma passagem obrigatória no uso dos verbos enquanto este, por não fazer parte das categorias gramaticais, mas das semânticas, é meramente facultativo . (2005, p.65)

A mesma autora afirma ainda que:

> Podemos caracterizar o aspecto como categoria gramatical e o modo de ser da ação como categoria léxico-semântica. Embora os limites entre estas duas categorias não possam ser rigidamente fixados na prática — como os limites entre aspecto e tempo e entre tempo e modo também não podem —. Uma interpretação teórica permite que o separemos. (2005, p.65)

Representando o terceiro grupo, Almeida (1999) opta pela não-necessidade da separação radical das duas categorias, embora, mantenha a oposição entre a perfectividade e a imperfectividade como oposição binária fundamental. Afirma que:

> Se há um grupo predominante, o da dualidade perfectivo/imperfectivo, parece-nos melhor, então, que o consideremos como aspecto stricto sensu, em oposição ao aspecto latu sensu que fundamentalmente se caracteriza pelas noções de inceptividade, cursividade, terminação, pontualidade, duração, iteração ou de globalidade.

Como se pode notar, enquanto alguns autores afirmam que não é necessária a separação entre Aktionsart e Aspecto, visto que ambas se referem à mesma noção, divergindo apenas na sua forma de expressão, outros autores argumentam em favor da separação das duas categorias, reservando o nome de Aspecto apenas para o que advém do emprego de um meio gramatical. É a partir dessa distinção que se estabelece uma dicotomia entre aspecto lexical e gramatical.

O que se pode afirmar em relação a Aspecto e Modo de Ação é que grande parte dos autores que estudam o Aspecto, de uma forma ou de outra, detém-se nessa questão, seja para identificar ou para distinguir as duas categorias. Sonia Costa (2002, p. 22) esclarece que, em geral, os argumentos apresentados para esta bipartição dizem respeito à forma de expressão da categoria. Portanto, conclui que enquanto para os estudos do Aspecto seriam reservados os recursos expressivos relativos à morfologia ou à sintaxe, ao Modo de Ação caberiam as distinções quanto à natureza do fato enunciado as quais se apresentariam no lexema verbal.

Há uma concordância quanto à relação do Tempo e do Aspecto como partícipes de um sistema complexo de categorias dentro do paradigma de conjugação verbal, em que, conforme a língua, predomina o aspecto ou o tempo.

No Português, há o predomínio do tempo no paradigma da conjugação verbal, mas pode-se observar que há uma distinção de base

aspectual: entre o pretérito imperfeito do indicativo (imperfectivo + passado) e o pretérito perfeito do indicativo (perfectivo + passado)

No que se refere ao mais-que-perfeito, nota-se que o aspecto concluso é que se refere a outro também concluso.

3.2.2.3 Modo e Modalidade

A noção de modalidade é oriunda da teoria lógica de Aristóteles, na qual são apresentados seis valores: verdadeiro, falso, possível, impossível, necessário e contingente. Ao longo dos séculos, a mencionada teoria foi estudada por diferentes filósofos com finalidades diversas, destacando-se, principalmente, a associação da modalidade aos valores de verdade. Em relação aos estudos linguisticos , vários autores têm discutido a modalidade, sua conceituação, abrangência e seus meios de expressão.

Alguns concebem-na, exclusivamente, como uma categoria associada à categoria de modo, uma vez que a modalidade pode ser expressa através do emprego de um determinado modo verbal. O fato, porém, de ser frequentemente expressa através dos modos não significa uma correspondência perfeita entre essas duas categorias.

Como afirma Bally (1942, p.10), “modos gramaticais” são apenas um dos meios de marcar a modalidade que pode também, por exemplo, ser marcada por advérbios (talvez, provavelmente, que marcam dúvida), por uma oração principal com verbos do tipo de crer, proibir, temer, ordenar, e até mesmo pela entonação.

Para Dubois (1984, p.415), o modo é uma categoria gramatical, em geral associada ao verbo, que traduz (1) o tipo de comunicação instituído pelo falante entre ele e o seu interlocutor (estatuto da frase) ou (2) a atitude do falante com relação aos seus próprios enunciados. Como se pode verificar, o autor apresenta os conceitos de modo e modalidade como sinônimos ao afirmar que “modalidade é sinônimo do modo ao definir o estatuto da frase: asserção, ordem ou interrogação” .

Brandão (1963, p. 382) explica:

> Os modos são as formas assumidas pelo verbo para indicar certos estados de espírito em relação ao fato ou estados expressos por ele. [...] As denominações tradicionais dos modos amiúde carecem de propriedade, porquanto pode o mesmo modo mostrar enunciado verbal sob prismas diversos.

Ao afirmar que os modos podem indicar diversos valores nocionais, nota-se que o autor também faz uma menção à modalidade. Assim, observa-se que, tentando descrever a categoria de modo verbal, alguns autores adotam critérios que igualam as duas noções.

Entretanto, modo é uma categoria morfológica do verbo que, geralmente, envolve um grupo distinto de paradigmas verbais (indicativo, subjuntivo, imperativo) e a modalidade é uma categoria semântica, que pode ser expressa por uma variedade de formas: morfológica, lexical, sintática, ou até mesmo, via entonação. A modalidade, como tradicionalmente definida, está relacionada à atitude do falante no que se refere ao conteúdo proposicional do enunciado.

De acordo com Halliday (1985, p.145), a gramática de uma língua é o mecanismo responsável por organizar e relacionar as seleções significativas derivadas de diversas funções da linguagem, através de uma estrutura unificada, organizando tais seleções em conjuntos dentro dos quais o falante de uma língua natural faz seleções simultâneas de acordo com o uso que esteja fazendo da língua. As diferentes redes sistêmicas codificam diferentes significados, relacionados a diferentes funções da linguagem, que ele denomina de “macro-funções

Essas funções são: a ideacional, representada pelo potencial para expressar um conteúdo em termos da experiência do falante e da comunidade linguística da qual é partícipe; a interpessoal, que expressa relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de intervenção do falante na situação de fala e no ato de fala e a textual, que preenche a exigência de que a língua seja operacionalmente relevante em contextos situacionais concretos. (HALLIDAY, 1973, p. 147-157)

Neves (2004, p.72), considerando as definições de Halliday, de que o sistema de modo, do qual deriva o da modalidade, está relacionado à função interpessoal e diz respeito aos papéis da fala, na qual se manifestam as

atitudes do falante em relação à organização da interação verbal, através das expressões linguísticas, e o sistema das relações humanas, sintetiza a categoria da modalidade como a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado. Com isso, a mencionada autora distingue o *dictum*, ou conteúdo do pensamento, do *modus* ou a atitude que o sujeito toma em relação a esse conteúdo, concluindo que , do ponto de vista linguistico, "a modalidade de uma sentença é determinada pelos elementos atitudinais" .

Segundo Travaglia (1994, p. 295), a modalidade designa a atitude do falante com relação ao seu próprio enunciado, em que explicita sua atitude psíquica em face da situação que exprime. Para o autor, .a modalidade permite ao falante manifestar seu grau de convicção quanto à veracidade do conteúdo real ou hipotético de seu enunciado, ou seja, está centrada essencialmente na atitude do falante, portanto, é caracterizada pela subjetividade.

Palmer (1998, p.4), por sua vez, afirma que a modalidade pode ser considerada como a "gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) do falante",ressaltando a intrínseca relação entre função e usos linguisticos, expressos através das manifestações linguísticas por falantes sócio-historicamente localizadas, em situações concretas de interação verbal. Para esse mesmo autor, o modo é uma categoria morfológica expressa, especialmente, pelo verbo, assim como tempo e aspecto também o são. Logo, o modo pode, frequentemente, conduzir a uma interpretação equivocada do "ponto de vista subjetivo do falante".

O modo constitui-se, pois, em uma das maneiras de expressar a modalidade; é, portanto, uma categoria morfológica expressa, não só, mas, principalmente, pelo verbo, enquanto a modalidade é "essencialmente um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva (NEVES, 2006, p.152). Lyons (1979), Palmer (1998), e Bybee et. al. (1994) afirmam que a modalidade é a gramaticalização das atitudes e opiniões subjetivas do falante. O que se pode notar é a complexidade para se conceituar modalidade, pois envolve, não apenas o significado das expressões modalizadas, mas também o domínio conceitual implicado nestas expressões.

Nessa mesma perspectiva, Givón (2001, p. 300) afirma que a modalidade codifica a atitude do falante frente ao conteúdo veiculado pela proposição. Atitude essa que pode apresentar dois tipos de julgamento: 1)

julgamento epistêmico: verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência; 2) julgamento avaliativo (deôntico): desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação. Esses dois tipos de julgamento não se excluem mutuamente, podendo haver uma interseção entre eles, como será especificado no item seguinte.

3.2.2.3.1 Tipos de Modalidade.

Como mencionado anteriormente, a definição de modalidade é bastante complexa, tendo em vista que envolve as atitudes e opiniões do falante.

Neves (2006, p.162) apresenta um síntese dos tipos de modalidade bastante interessante. Para a autora, os tipos de modalidade tradicionalmente reconhecidos são um tanto diferentes nos diversos autores, mas podem, na verdade ser resumidos na distinção genérica entre *modalidade epistêmica* e *não-epistêmica* (de raiz: deodôntica e dinâmica) como define Klinge (1996); bipartidas por Coates (1983) e Brown (1991) em modalidade epistêmica e modalidade de raiz (deôntica) ou tripartida, como fazem Palmer (1986, 1990), e Davidsen-Nielsen (1990), em modalidade epistêmica, modalidade deôntica e modalidade dinâmica, ou disposicional.

Para se analisar a modalidade, um grande problema é distinguir as relações estabelecidas pela Lógica e pela Linguística, uma vez que, na tradição da análise Lógica, as modalidades proposicionais se definem em “verdadeiro” e “falso”, enquanto na ótica da Linguística esta verdade pode ser vista de diferentes modos.

Para Givón (1984, p. 252), por exemplo, há três modos de verdade: a) a verdade factual; b) a verdade necessária; e c) a verdade possível. Nas línguas naturais, ainda segundo Givón, esses três modos sentenciais, redefinem-se em termos de conhecimento, visto que se há um falante e um ouvinte envolvidos em situação de comunicação, consequentemente haverá um contrato epistêmico redefinindo as modalidades pelo conhecimento. Assim temos: a) um conhecimento asseverado como real (que inclui a verdade

factual); b) um conhecimento não-contestado (que inclui a verdade necessária); e c) um conhecimento asseverado como irreal (que inclui a verdade possível). Na definição das modalidades epistêmicas, inclui-se, também, a noção de pressuposição, não analisada na lógica tradicional, embora constitua um componente da estrutura lógica do pensamento, que possibilita uma interpretação comunicativo-pragmática dessa modalidade.

Partindo desse princípio, Givón (2001, p.301-304) apresenta quatro tipos de modalidade epistêmica, que são: pressuposição, asserção "*realis*", asserção "*irrealis*" e asserção negativa.

No tipo "pressuposição", como o próprio nome indica, a proposição é pressuposta, socioculturalmente tomada como verdadeira, ou seja, "a proposição é aceita como verdadeira, ou por definição, resultante de um acordo prévio, de uma convenção socioculturalmente partilhada, por ser óbvia para todos os presentes à situação discursiva, ou por ter sido enunciada pelo falante e não contestada pelo ouvinte.", Givón (2001, p.304) :

"She knew the dog" – Ela conheceu o cachorro

A asserção *realis*, definida pelo autor como aquela em que "a proposição é firmemente asseverada como verdadeira; contudo, a contestação do ouvinte é considerada apropriada, embora o falante tenha evidências ou fortes motivos para sustentar firmemente sua crença.":

"She had the dog (for two years)" – Ela teve um cachorro (por dois anos).

Como asserção *irrealis*, o autor apresenta aqueles enunciados em que a proposição é fracamente comprovada, é dada como possível, eventual, "provável ou incerta (submodos epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (submodos avaliativos deônticos)". Nesse contexto, entretanto, o falante não consegue sustentar a afirmação com evidência necessária ou "há outros fortes motivos para isso"; e a contestação do ouvinte é prontamente acolhida, esperada ou mesmo solicitada. Como exemplo de asserção *irrealis* , Givón utiliza o seguinte enunciado:

"She wanted the dog (real bad) – Ela queria muito um cachorro.

O quarto tipo apresentado por Givón é a asserção negativa, cuja proposição é considerada como falsa, contradizendo a crença explícita ou assumida do falante. Trata-se de uma contestação do ouvinte , mas que o falante tem evidência e firmes motivos para sustentar sua forte crença.” Como exemplo, Givón apresenta a seguinte frase:

“She refused the dog” – ‘Ela rejeitou o cachorro.

A título de conclusão, pode-se afirmar que a Modalidade é vista como uma categoria gramatical muito mais ampla que o modo, tendo em vista que incorre, semanticamente, não apenas em relação ao verbo, mas sobre todo enunciado. Dessa forma, nota-se que a noção apresentada pela modalidade é mais ampla, uma vez que está relacionada a uma dimensão pragmática, através da qual revela a atitude do falante e o seu julgamento acerca da informação — seja ela de verdade, de probabilidade, de certeza, de crença, de evidência, de desejo, de preferência, de obrigação, de permissão, de necessidade.

É importante destacar, ainda, que a modalidade, como uma categoria nocional, manifesta diferentes noções referentes a atitudes, opiniões e atos de fala que refletem a subjetividade, factividade, assertividade, possibilidade e necessidade do falante/enunciador. O verbo, neste caso, será um dos recursos, mas não o único, que possibilita expressar a modalidade. No presente trabalho — O uso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta —, a modalidade será analisada em algumas estruturas, principalmente, naquelas em que esse tempo verbal aparece em períodos hipotéticos.

3.3 O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO NO DECORRER DOS SÉCULOS

Até então, foram analisadas categorias gerais pertinentes ao sistema verbal. Nesse subitem, será apresentado o percurso do pretérito mais-que-perfeito, à luz das gramáticas, ao longo dos séculos.

3.3.1 O que dizem os gramáticos históricos

Huber, em sua **Gramática histórica do português antigo**, editada originalmente em 1933, afirma que a língua portuguesa conservou do latim as formas verbais do infinitivo, do gerúndio, do particípio (presente e passado), o indicativo nos seus tempos presente, pretérito imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, o subjuntivo presente e o imperativo. Sobre o mais-que-perfeito, o autor afirma:

> [...] O mais-que-perfeito simples tem, em geral, o significado do mais-que-perfeito latino, i.e., indicando uma ação que se concluiu antes de outra também no passado. (HUBER, 1986, p.251).

E continua explicando que o mais-que-perfeito simples de aver a (‘dever’) e querer, apresenta-se também com o significado de um tempo definido (tempo de narração).

Acrescenta que, no português arcaico, havia a possibilidade do emprego da forma verbal ouvera, significando tive ou tivera. Como passado anterior, o pretérito mais-que-perfeito, era também empregado como “pretérito dependente na oração completiva”, especialmente depois de verbos declarativos e, por vezes, o pretérito mais-que-perfeito simples parece ter, no português arcaico, o significado de um imperfeito ou de um mais-que-perfeito do subjuntivo.

O autor considera que o pretérito mais-que-perfeito pode ser, ocasionalmente, substituído pelas seguintes perífrases:

a) imperfeito de *aver (avia)* ou *teer (tinha)* + particípio passado:
   avia combinado (Cancioneiro d'el Rei D. Denis 2652);

b) mais-que-perfeito de ser (fora) + infinitivo:
   fora matar (Cancioneiro d'el Rei D. Denis. 1770) = *matara*

c) imperfeito de *seer* + infinitivo (muito esporadicamente):

Disseram-lhe os moços que era andar fora (Euf. 358) ‘os criados disseram-lhe que tinha saído (saíra)’.

Analisando os exemplos apresentados por Huber, nota-se que esse autor enfatiza o sentido etimológico de um passado anterior para o pretérito mais-que-perfeito.

Por sua vez, Dias (1959, p.107) afirma que o pretérito mais-que-perfeito simples era empregado:

a) para exprimir uma ação passada, em relação a uma outra ação que havia realizado ou se realizava, exceto para as orações temporais com a conjunção logo que e seus sinônimos, em que o verbo empregado era o pretérito perfeito e não o mais-que-perfeito;

b) nas orações subordinadas ,podendo estar relacionado com o presente de uma oração subordinante, quando esse presente tinha o sentido de pretérito. O autor observa: ‘”Só escriptores que se exprimem incorretamente, empregam o pretérito mais-que-perfeito, em vez do pretérito perfeito” e prossegue em suas observações explicando que “do verbo dever determinado por um infinito não se emprega o pretérito mais-que-perfeito composto, mas sim o simples.”.

c) em lugar do presente condicional em orações “condicionadas”, a exemplo de “Que fora a vida, se nella não houvera lagrymas?”

d) em lugar do imperfeito do conjuntivo em orações optativas, condicionais e concessivas.

Quanto ao mais-que-perfeito composto, o autor observa ter sido muito utilizado no português arcaico médio, nas orações temporais, um “composto do pretérito definido de ter ou haver, e do particípio passivo de um verbo transitivo, para exprimir que em certo momento do passado, a ação estava consumada.”, ressaltando tratar-se do “pretérito anterior das gramáticas francesas” (DIAS, 1959, p.191).

Said Ali (1971, p. 315) declara que “quando queremos significar que certo fato ocorreu antes de outro fato passado, damos ao competente verbo a forma do mais-que-perfeito”. O mesmo autor faz referência à similaridade das

terminações –aram, -eram, -iram com as do pretérito perfeito, mas explica que a ambiguidade é desfeita através do contexto. Para isso, orienta que seja usada, em lugar do pretérito mais-que-perfeito simples, a combinação "*tinham + particípio do pretérito"*, ou seja, a forma composta.

Ainda, segundo Said Ali (1971, p.232) as formas em – ra têm aplicação secundária nas proposições condicionantes e condicionadas, fazendo as vezes do imperfeito do conjuntivo e do futuro do pretérito. São também empregadas em orações concessivas, equivalendo ao imperfeito do conjuntivo, podendo ainda suprir o imperfeito do conjuntivo em certas orações exclamativas: Prouvera a Deus! (por provesse a Deus!).

3.3.1.1 Do português arcaico ao português contemporâneo

A primeira gramática publicada em língua portuguesa, a **Grammatica da Lingoagem Portuguesa**, de Fernão de Oliveira (1536), que, segundo as palavras do próprio autor, é uma "primeira anotação da língua portuguesa", não contém, especificamente, referências ao pretérito mais-que-perfeito, apenas tece considerações sobre o verbo, em especial sobre a conjugação, como se pode verificar na citação seguinte:

> ...direi, como de caminho, que coisa é conjugação, e em outra parte o repetirei ou declararei mais por inteiro: conjugação é ajuntamento de diversas vozes (...) As conjugações nossas ou dos nossos verbos são três e cada uma delas tem seus modos, como *falamos, falemos, falai, falar)*. E cada modo tem seus tempos, como *falo, falava, falei e falarei*. E cada tempo tem seus números e cada número suas pessoas (...). (OLIVEIRA, 1536, p.122-123).

Observa-se que, pelas formas verbais acima citadas, não houve referência à forma da 1ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito.

De acordo com Passos (1994, p.5), a gramática de Oliveira é um conjunto de reflexões de caráter linguistico e cultural. Foi publicada em um período em que Portugal procurava afirmar a sua autonomia nacional, em relação às outras nações. Dessa forma, constitui-se em uma tentativa de

propor uma norma para o português do século XVI, não seguindo, no entanto, o modelo das gramáticas até então produzidas.

Outra publicação da primeira metade do século XVI (1540) foi a gramática de João de Barros que, ao lado da Gramática de Fernão de Oliveira, foi uma das primeiras a tentar uma descrição gramatical da língua portuguesa. De acordo com Monteiro, J. (1999, p.40), "só este fato já seria suficiente para que fosse lembrada e relida, até para se perceber em que aspectos se processaram, desde aquela época aos dias de hoje, alguma evolução em termos doutrinários e expositivos".

A ***"Grammatica da lingua portuguesa"*** é considerada a primeira verdadeira gramática portuguesa. Traz informações sobre o aparecimento do verbo ter nos tempos compostos (do pretérito ou presente), explicando que o emprego do verbo haver só ocorria em dados referentes a situações futuras.

Ao descrever o sistema verbal do português, João de Barros (1540), classifica os verbos em substantivos (ser) e adjetivos (todos os demais). Opõe ainda os impessoais aos pessoais, apresentando para esses últimos oito acidentes: o gênero ou voz (ativa, passiva ou neutra); a espécie (primitivos ou derivativos); a figura (simples ou compostos); o tempo (presente, passado por acabar, passado acabado, passado mais que acabado, vindoiro ou futuro); o modo (indicativo, imperativo, optativo, subjuntivo e infinitivo); a pessoa; o número; a conjugação.

É interessante observar que João de Barros salienta, na classe dos verbos, a mesma noção de grau que estabelece para os nomes. Assim, há, segundo o autor, os verbos aumentativos (embranquecer, enegrecer, enverdecer, adoecer e estremecer, respectivamente aumentativos de branquejar, negrejar, verdejar, doer e tremer) e os diminutivos (choramingar e batocar, de chorar e bater).

O autor indica os tempos verbais da língua:

> Temos em nóssa linguágem çinquo tempos como os Latinos: presente, passádo por acabar, passádo acabádo, passádo máis que acabádo e vindouro, ou futuro. (BARROS, 1540)

Sobre o pretérito mais-que-perfeito, denominado como o "Tempo Passádo Máis Que Acabádo", explica:

> Temos máis alguns tempos simples, os quáes por cópia da nóssa linguágem máis que por defeito déla, ôs podemos dizer também per rodeo, como o tempo passádo máis que acabádo do módo pera demonstrár, o quál, simples, dizemos amára e per rodeo, na mesma sinificaçám, tinha amádo. Ainda que paréçe no sentido que estes tempos simples com o partiçípio dam à óbra algua máis perfeiçám em tempo. (BARROS, 1540)

Nota-se que, para o autor, o pretérito mais-que-perfeito composto parece exprimir melhor o tempo anterior a outro tempo passado.

Em 1574, Pêro Magalhães de Gândavo publica **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa: com o diálogo que adiante se segue em defensão da mesma língua,** texto de grande valor histórico, mas que trata, exclusivamente, da ortografia. Do mesmo modo, a obra de Duarte Nunes de Leão, **Ortografia e origem da língua portuguesa**, em 1576. Essas obras, na avaliação de Mattos e Silva (1989b, p.34), podem ser consideradas, já a partir do próprio título, como tratados sobre ortografia e seus autores podem ser denominados ortógrafos.

No século XVII, a publicação da **Gramática de Port-Royal** (Grammaire Générale et Raisonnéé)[7], publicada em 1660, representa um corte epistemológico e uma ruptura com o modelo latino, uma vez que seus autores queriam declarar o francês como uma língua perfeita. Os gramáticos de Port-Royal elaboraram e postularam princípios gerais que se estenderiam a todas as línguas. Assim, afirmaram que, através das operações do espírito, o homem concebia, julgava e raciocinava. Tais operações serviam ao aspecto interno da linguagem e os homens utilizavam-se dos sons e das vozes, ou seja, do aspecto externo da linguagem, para expressa-las. (ARNAULD; LANCELOT, 2001, [S.p]). Nessa gramática, os usos verbais são analisados, com referência à língua francesa, mais especificamente:

> ... como, porém, no passado se pode indicar que a coisa apenas acabou de ser feita, ou indefinidamente que ela foi feita, sucedeu que, na maioria das línguas usuais, existem dois tipos de pretérito:

[7] Gramática Geral e Razoada

> um, que indica a coisa precisamente realizada, sendo por isso chamado definido como *tenho escrito*...; e o outro, que a indica como feita de modo indeterminado, sendo por isso chamado indefinido ou *aoristo*, como *escrevi*, o que não se diz propriamente senão estiver pelo menos afastado de um dia em relação àquele em que falamos; pois se diz bem, por exemplo, *eu escrevi ontem*, não, porém, *eu escrevi esta manhã*, nem *eu escrevi esta noite*... Nossa língua é tão exata na propriedade das expressões que não admite nisso nenhuma exceção, embora os espanhóis e italianos confundam às vezes esses dois pretéritos, tomando um pelo outro. Quanto ao mais-que-perfeito, indica duplamente passado (*jantara* ou *tinha jantado*);[8] por ele marco minha ação de jantar não apenas como passado em si, mas também como passado em relação a uma outra coisa, que também é passada como quando digo: *eu tinha jantado quando ele entrou..."* (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p.97-99).

Na Gramática de Port-Royal (2001), os autores pouco tratam sobre os tempos compostos, mencionando, apenas, ao analisarem os verbos auxiliares, que estes ajudam a formar diversos tempos, com o particípio passado e, também, que os verbos ter e haver configuram-se como auxiliares de tempos compostos dos verbos ativos. Em relação ao pretérito mais-que-perfeito, inclusive, não fazem nenhuma distinção entre a forma simples e composta.

A obra **Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, da disposição para facilitar o ensino da língua Latina pelas regras da Portuguesa**, publicada em 1725, pelo padre Dom Jeronymo Contador de Argote se constitui em uma gramática escrita em forma de diálogo entre o mestre e seu discípulo, a respeito das regras da língua portuguesa, conforme destaca o próprio autor: "Este, pois, é o intento desta Arte ensinar as regras da língua Portuguesa para facilitar aos meninos a percepção, e o uso da Gramática Latina."

Argote (1725) destaca, na apresentação inicial do seu texto, que: "contém esta Gramática, a analogia que se encontra entre a língua portuguesa e a latina, e um método fácil e claro para pelas regras da primeira conhecer e praticar os preceitos da segunda". Esclarece que utiliza, em sua análise, ideias apresentadas pelos gramáticos de Port-Royal:

---

[8] Grifo da autora

> Também advirto que alguns poderão estranhar a explicação, que dou a alguns pontos da Gramática Portuguesa, porém os que forem versados na lição do novo método dos Padres da Congregação de Port Royal, e da Gramática discursada do Padre Lami, verão que na explicação da Gramática Portuguesa observo a mesma doutrina, que eles observaram a respeito da Latina. (ARGOTE, 1725, p.5)

O autor enuncia os tempos verbais da língua, especificando cada um deles e identifica os tempos passados: três no Indicativo, três no Subjuntivo, e um no Infinitivo, explicando que as três formas do passado se referem a uma ação "passada simplesmente a respeito de si, passada a respeito de si, e presente a respeito de outra, passada a respeito de si, e a respeito de outra", sendo esta última, uma referência clara ao pretérito mais-que-perfeito.

Quanto aos verbos auxiliares, o autor afirma que, na língua portuguesa, há apenas dois verbos auxiliares: "o verbo Ser; o verbo Ter ou Haver". Esse autor toma os verbos ter e haver como sinônimos perfeitos, indicando que podem funcionar como auxiliares dos tempos compostos de verbos ativos, passivos e neutros.

Outra publicação do século XVIII foi **A Arte da grammatica da lingua portugueza**, de Antonio Lobato. Publicada em 1770 e quarenta vezes editada em menos de um século (de 1770 a 1869), é considerada por diversos autores, a exemplo de Jerônimo Soares Barboza (1830), Leite de Vasconcelos (1929) e José Pereira da Silva (2006) como "um instrumento", nos séculos XVIII e XIX, para a implantação da política linguística e pedagógica do Marquês de Pombal, com o intuito de uniformizar o ensino da língua naquela época.

Sobre os tempos verbais, Lobato afirma:

> Tempo no verbo he aquella especial inflexão das suas vozes em todos os modos, pela qual o verbo dá a conhecer o tempo, segundo as suas differenças [...] Os tempos no verbo são: Presente, Preterito imperfeito, Preterito perfeito, Preterito mais que perfeito, Futuro imperfeito, Futuro perfeito. Mas não he commum a todos os modos do verbo o ter todos os sobreditos tempos, pois o Imperativo te sómente o futuro. (LOBATO, 1770, p.65)

Cabe destacar o didatismo com o que o autor explica a formação e o sentido do pretérito mais-que-perfeito, fazendo as seguintes considerações:

> Preterito mais que perfeito significa, que huma cousa he não só perfeitamente passada a respeito de si, mas também passada a respeito da outra, que he também já passada, como v.g. quando digo: *Pedro queixou-se à Justiça, porque Paulo lhe furtára*[9] *o seu capote*. Onde o verbo furtára está no pretérito mais que perfeito por significar que a acção de furtar Paulo o capote já tinha passado, quando Pedro se queixou à Justiça, cousa, que é também já passada.
> .....
> O preterito mais que perfeito fórma-se da voz do presente impessoal do infinitivo, acrescentando-se-lhe em qualquer das conjugações hum a, assim como de Amar, Amára; de Defender, Defendêra; de Applaudir, Applaudira (LOBATTO, 1770, p.69-110)

Em relação à forma composta, inicialmente, o autor tece considerações, distinguindo as que compõem o modo Indicativo das que compõem o Conjuntivo. Sobre o pretérito mais-que-perfeito do Indicativo, afirma:

> O preterito mais que perfeito composto do indicativo fórma-se das vozes do preterito imperfeito do verbo Ter, e da primeira fórma do participio passivo do verbo conjugado, como v.g. no preterito mais que perfeito do indicativo do verbo Amar, em que se diz: Tinha amado, Tinhas amado, etc. (LOBATTO, 1770, p.115).

Quanto ao Conjuntivo, ele ressalta:

> O preterito mais que perfeito composto do conjuctivo fórma-se das vozes do mesmo tempo, e do modo do verbo Ter, e da primeira fórma do participio passivo do verbo conjugado, como v.g. no pretérito mais que perfeito do conjunctivo do verbo Amar, em que se diz: Tivera amado, ou tivesse amado; Tiveras, ou tivesses amado. (LOBATTO, 1770, p.115).

Como se pode observar, nesse trecho da sua obra, Lobato não menciona a possibilidade de uso do verbo haver para a constituição do tempo composto do pretérito mais-que-perfeito, embora em outro momento, na mesma Gramática, faça referência ao papel dos verbos ‘ser, estar e haver ‘ para ”... suprirem, e formarem de suas vozes alguns tempos, que faltão aos outros verbos” (LOBATO, 1770, p.69).

[9] Grifo da autora

Baseada na gramática de Port-Royal (1660), a **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza**, de Jerônimo Soares Barboza (1830), procura dar conta dos princípios particulares do funcionamento da língua. Sobre o pretérito mais-que-perfeito, o autor afirma:

> ... este pretérito nota huma existência não só passada, como o pretérito imperfeito; e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto , e não só passada e acabada relativamente à época actual da palavra, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente à outra epocha também passada... (BARBOZA, 1830, p. 217)

Segundo Mattos e Silva (1989b, p.38), a Gramática Filosófica somente foi publicada e difundida no século XIX, através de sete edições, entre 1822 e 1881. Entretanto, Jerônimo Soares Barboza segue a tradição iniciada pelos gramáticos seiscentistas de Port Royal, aperfeiçoada pelos iluministas franceses. Para a citada autora, ele foi introdutor de inovações conscientes, não só na teoria e descrição da língua portuguesa, como na pedagogia do ensino do português.

Bento José de Oliveira, publicou a **Nova Grammática Portugueza**, em 1862, a qual teve vinte e seis edições. O autor explica que os tempos verbais “sam as flexões que o verbo toma para indicar a época em que se faz a acção, assim como o estado da acção enunciada.” (OLIVEIRA, B., 1904, p21.).

Para o mencionado autor, os tempos verbais em que se faz a ação são presente, pretérito e futuro, enquanto os que indicam o estado da ação são: *tempos imperfeitos*, “os que exprimem acção não acabada, isto é, começada mas duradoura ainda no momento que se fala”; *tempos perfeitos***,** aqueles que “ exprimem acção já acabada no presente, no pretérito ou no futuro” e os *tempos por-fazer,* “os que exprimem acção começada na intenção e futura na execução” (OLIVEIRA, B. 1904, p.21-23)

Como se pode observar, Bento de Oliveira não menciona o pretérito mais-que-perfeito ao dividir os tempos verbais quanto ao estado da ação, embora se possa inferir que, nos tempos perfeitos, a ‘acção já acabada no pretérito’ seja uma referência a este tempo verbal. Entretanto, menciona o mais-que-perfeito quando apresenta a classificação dos tempos em principais e secundários:

> ... o presente, o pretérito e o futuro são chamados tempos principais, primários ou absolutos; ao imperfeito, mais-que-perfeito e condicional dam os gramáticos o nome de tempos secundários, relativos ou históricos.[10] (OLIVEIRA, B., 1904, p.23)

Bento Oliveira menciona ainda a divisão em tempos simples "quando sam representados por uma só palavra" e compostos "(ou locução verbal) quando sam representados por mais de uma palavra como: hei de louvar, teria louvado, será louvado, teria sido louvado" (OLIVEIRA, B., 1904, p.23).

Francisco Sotero do Reis publica, em 1862*, a* **Grammatica portugueza: acomodada aos principios gerais da palavra seguidos de immediata applicacao pratica.** A elaboração dessa obra adveio do exercício do magistério, e tem como propósito proporcionar um ensino da língua de forma simples, apenas com regras necessárias e definições de fácil entendimento.

Para Sotero dos Reis, o verbo é "a palavra de excelência que dá vida ao discurso, que sem ella não pode existir" (1871, p.34). Sobre os tempos verbais, afirma que são as "inflexões que elle toma para exprimir a affirmação em relação ao presente, ao passado ou pretérito, ao futuro, ou às três épocas de duração do tempo", sobre os quais especifica:

> O presente, ou tempo em que a coisa existe, é indivisível; mas o pretérito ou tempo em que existio, e o futuro, ou tempo em que existirá, admitem gráos de perfeição em anterioridade e posteridade: dahi a necessidade de novas inflexões para exprimir esses diversos gráos de anterioridade e posteridade, que constituem os tempos compostos do verbo, quer na forma, quer simplesmente no sentido. (SOTERO DOS REIS. 1871, p.36)

A partir da afirmação do autor, observa-se que ele acredita que os tempos simples do pretérito e do futuro não sejam suficientes para indicar os graus de perfeição que indicam a anterioridade ou a posteridade, necessitando-se assim do uso de tempos compostos, fato comprovado por outra afirmação que faz adiante, no texto: "Sendo mui conhecidos os tempos compostos na

[10] Grifo da autora

fórma, só tractarei de explicar aqui o que seja tempo composto no sentido. A Língua portugueza só tem dous nas linguagens do pretérito, - o imperfeito, e o mais-que-perfeito" (SOTERO DOS REIS, 1871, p.37).

O exemplo seguinte esclarece essa afirmação:

> Eu ceára quando elle entrou. O mais-que-perfeito *ceára*, vale igualmente tanto como *tinha ceado* ou *acabado de cear*; pois o exemplo citado corresponde exatamente a est'outro: <<Eu tinha acabado de cear, quando elle entrou>>. Assim esses dous tempos simples na aparência, são compostos no sentido. (SOTERO DOS REIS, 1871, p.37)

Ele afirma ainda que "essas formas do pretérito compostas no sentido passarão para o Portuguez das formas latinas *coenabam, coenaceram*, sem que passasse igualmente a do futuro *coenecero* que corresponde a nosso composto terei ceado" (*ibdem*).

Em 1881, Júlio Ribeiro publica **a Gramática Portuguesa** que, de acordo com Silvio Elia (1975, p.121), inicia, na gramática brasileira, o período científico no qual:

> ...as forças de renovação prevalecem sobre as de conservação quando despontam de maneira mais segura e auspiciosa, as manifestações da direção filológica a qual, daí por diante, irá caracterizar os estudos linguisticos no Brasil.

Sobre o mais-que-perfeito, afirma que esse tempo verbal "vem do mais-que-perfeito latino syncopado – *cantaram* por *cantaveram*

Em 1888, João Ribeiro, publica a **Grammatica Portugueza: curso superior***,* que, de acordo com Fávero e Molina (2006, p.163), foi editada pela primeira vez, em 1887, e adotada alguns anos após pelos professores do Colégio Pedro II, tendo inúmeras edições, muitas delas revistas e ampliadas pelo autor.

Para o autor, o verbo exprime condições de modo, tempo, número e pessoa, sendo a conjugação do verbo um "conjuncto methodico, isto é, distribuído por classes de modos, tempos, números, pessoas e de suas variações". Seguindo a análise sobre os verbos afirma, como outros autores já

citados, que “As formas verbaes que constituem o systema de conjugação, explicam-se pelas origens latinas ou por analogia” (RIBEIRO, JOÃO, 1933, p.159).

Sobre o pretérito mais que perfeito não ‘inova’ no conceito ao informar que se trata da “acção como anterior a um momento passado”, mas traz uma importante informação para a análise aqui proposta, ao afirmar que esse tempo verbal, “é hoje de uso raro e muito discreto nas obras literárias. Na linguagem falada já não existe” [11](RIBEIRO, JOÃO, 1933, p.161). Sobre o tempo composto apenas ressalta a sua existência.

Ernesto Carneiro Ribeiro, em 1890, publicou **os Serões grammaticaes ou Nova grammatica portugueza**, que chegaram à 6ª edição, em 1956. O autor conceitua o verbo como “a vida e a alma do discurso”. Quanto aos tempos verbais afirma que “são formas ou flexões por meio das quaes o verbo determina uma epocha”, acrescentando que os “tempos verbaes são relativos a uma epocha com que se comparam; é essa epocha o momento preciso, o acto mesmo da palavra.” (RIBEIRO, C., 1890, p.161).

O autor divide os tempos verbais em presente, passado e futuro, subdividindo-os, como faz Bento de Oliveira (cf.pág. 55), em tempos principais ou primários e secundários. Contudo, explica que os primários indicam uma “epocha referindo-a só ao momento da palavra”, enquanto os secundários “enunciam duas relações: uma como o momento preciso da palavra, outra como uma epocha determinada no discurso.” (RIBEIRO, E., 1890, p.163). Essa definição, como se pode verificar, é aplicada ao pretérito mais-que-perfeito. É interessante destacar que, além do valor canônico do pretérito mais-que-perfeito, o autor indica que esse tempo verbal é também empregado para exprimir uma existência ou ação condicional em lugar do ‘submodo supositivo ou condicional’, e também empregado para substituir o imperfeito do subjuntivo, fatos detectados no *corpus* estudado para essa tese.

Embora o autor não se refira ao pretérito mais-que-perfeito composto, é interessante observar a sua explicação sobre a existência dos auxiliares na língua portuguesa e nas demais línguas românicas, afirmando que este fato:

---

[11] Grifo da autora.

> ...explica-se pelas tendências analyticas desses idiomas, desde as primeiras phases de sua evolução. O emprego dessas formas auxiliares, pouco trilhadas, é verdade, nas construções do latim literário, torna-se mais frequente à medida que a língua latina se vão tornando vulgar e dando nascimento, pela differenciação dialectal, às línguas românicas, em cujo número figura a nossa língua portugueza. (RIBEIRO, E., 1915, p.152).

O autor não utiliza o termo, mas claramente refere-se ao processo de gramaticalização sofrido pelos verbos, que de verbos plenos tiveram seu conteúdo semântico esvaziado até se tornarem verbos auxiliares.

Hemetério José dos Santos (1913, p.70) em sua **Grammatica Portugueza**, define o tempo verbal como "a propriedade que têm os verbos de fazer-nos conhecer a época a que se refere a ação". Esse autor subdivide os tempos verbais em primários – presente, o pretérito e o futuro, e secundários – pretérito imperfeito, o pretérito mais que perfeito (ou pretérito relativo) e o futuro perfeito.

Especificamente sobre o mais-que-perfeito, Santos (1913, p71) apenas afirma, como os autores citados anteriormente, que "denota um tempo passado de outro igualmente passado". Sobre o mais-que-perfeito não tece diferentes considerações.

Almeida (1999, p.229), ratifica a postura dos gramáticos que afirmam ser o pretérito mais-que-perfeito o "passado do passado". O autor traz, à análise, a similaridade entre o uso das formas simples e composta do pretérito mais-que-perfeito, visto que, como explica, ao se utilizar a forma composta (imperfeito de um verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal) " nenhuma diferença de significado [12] existe".

O conceito de "passado do passado" para o mais-que-perfeito é ratificado por Cunha (1975, p. 436) e, posteriormente, por Cunha e Cintra (2001, p.456).

Os autores mostram que o pretérito mais-que-perfeito "indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada", afirmando ser esse o ***"****valor normal"* do mencionado tempo verbal (CUNHA; CINTRA, 2001, p.457). Entretanto, é perceptível que, de um modo geral, essas definições de cunho

[12] Grifo da autora

exclusivamente gramatical sobre o pretérito mais-que-perfeito focam apenas a noção de tempo expressa pela forma verbal: uma situação passada ocorrida antes de outra também passada, o que, entretanto, não é suficiente, para explicar o funcionamento do pretérito mais-que-perfeito em textos de registros diversos.

Cunha e Cintra ratificam a abordagem tradicional, segundo a qual os tempos compostos da voz ativa – auxiliar+particípio – serviriam para exprimir um fato acabado, repetido ou contínuo.

Cegalla (1984, p.162), Rocha Lima (2003, p.123) e Bechara (2009, p.221) apenas indicam a existência dos três pretéritos e exemplificam a distinção entre eles através de frases.

Neste subitem foi apresentada a visão dos gramáticos acerca do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta. Buscou-se aqui, não esgotar, pois seria humanamente impossível, mas traçar o percurso do pretérito mais-que-perfeito em uma coletânea das principais gramáticas publicadas, que possibilitou uma maior compreensão desse tempo verbal. No item a seguir será estudado o período hipotético.

3.4 O PERÍODO HIPOTÉTICO

O período hipotético é caracterizado pelas construções em que se evidencia claramente a relação entre a prótase ou condição e a apódose ou consequência. Nessas construções, a situação da oração principal é uma contingência direta daquela expressa pela oração subordinada condicional.

Leão (1961, p.13) destaca a importância de se estudar o período hipotético ao afirmar que esse período “pode ser considerado uma das mais importantes entidades sintáticas que se prestam à nossa observação”, ratificando, que nele se revelam muitas características de uma língua e, também, “alguns traços do feitio mental dos indivíduos que compõem a comunidade linguística”.

A autora denomina período hipotético o conjunto de duas orações, uma das quais (geralmente a primeira) exprime uma suposição, condição ou

ponto de partida de raciocínio e subordina-se sintaticamente à outra, chamando a atenção para a maneira de interpretar a estrutura sintática do período hipotético, que considera como um caso de subordinação. Entretanto, destaca que alguns especialistas a interpretam como um caso de correlação. Ernout e Thomas (1989, p.374), por exemplo, identificam as duas proposições como interdependentes e solidárias, em vez de principal e subordinada, porque, como afirmam, "não podem existir uma sem a outra e só têm sentido uma pela outra" Este fato é inegável, segundo Leão, de um ponto de vista lógico, mas não de um ponto de vista sintático, pois para admitir-se a existência de uma correlação sintática, exige-se mais que o sentido, visto que será necessário uma estrutura típica.

Na maioria dos casos, o período estrutura-se com a oração subordinada antes da principal, o que se explica pela precedência lógica e cronológica da hipótese a sua consequência. Ou seja, quando o fato é concebido, já está submetido a certas condições. Desse modo, em síntese, para que ocorra o período hipotético, é necessário que seja estabelecida uma profunda vinculação lógica entre as duas orações que o compõem.

Villalobos (1997, p.447) afirma que:

> As condicionais se encontram entre as mais complexas de nossas orações subordinadas, entre outros motivos, pela especial relação que se estabelece entre a prótase e a apódose, o que ocasiona um complicado jogo de relações modais e temporais com incidência também no plano semântico.

O período hipotético é formado por uma oração iniciada pela partícula se ou caso, caso que, dado caso que, denominada de condicionante, e a sentença principal ou condicionada, que completará o sentido da proposição hipotética.

A oração iniciada pela conjunção se pode denotar a condição de que depende certo acontecimento. Nesse caso, a oração condicionante pode se apresentar de três maneiras, como indica Said Ali (1971, p.188):

a. referir-se a um fato inexistente ou improvável: "Se eu tivesse dinheiro compraria uma casa"

b. referir-se a um fato realizável: “Se tiver dinheiro, comprarei uma casa.”

c. exprimir eventualidade: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra.”

Quanto à equivalência estilística, Said Ali indica quatro possibilidades de construção:

1 o ato condicionante é expresso sob a forma de conselho (oração subordinada) – o ato condicionado denotará efeito ou consequência (principal): neste caso, a oração subordinativa iniciada por se terá o verbo no imperativo e a oração seguinte terá o valor de coordenada: Tome este remédio e ficarás curado [Se tomares este remédio ficarás curado].

2 a condicionante tem o verbo no tempo passado (pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou pretérito imperfeito do subjuntivo) e é proferida antes da condicionada. Nesse caso, pode prescindir da conjunção se, mas o verbo deverá ser anteposto ao sujeito: Fizera-o eu, e arrependera-me.

3 A oração de se com verbo no imperfeito ou futuro do conjuntivo pode se converter em oração infinitiva precedida de a: A não ser assim, não fora possível o que vejo.

4 A oração condicionante pode ser substituída por uma oração gerundial: Ficarás curado seguindo os conselhos dos médicos.

As construções condicionais apresentam grande diversidade de estruturas sintáticas. Mateus *et al* (2003, p.706) classificam as orações condicionais em factuais (ou reais), hipotéticas (ou potenciais) e contrafactuais (ou irreais):

a. **Factuais ou reais** – nesse tipo de construção, o conteúdo das duas proposições se verifica no mundo real, no intervalo de tempo relevante. Nesse caso, a oração condicional terá o verbo no presente do indicativo:

- Se a água atinge a temperatura de 100℃, (então) entra / entrará em ebulição.

- Se o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal.

b. **Hipotéticas ou potenciais** - a proposição hipotética remete para um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação, e no qual, dado o antecedente, verifica-se o conteúdo proposicional do consequente. O tempo utilizado nesta oração é o futuro. Entretanto, se a oração antecedente for iniciada por: se, caso, no caso de, se porventura, com o verbo no futuro do conjuntivo, terá um valor condicional e temporal. Nesse caso, é usado na oração consequente, o verbo no presente ou no futuro do indicativo.

- Se tu vieres cedo, vamos / iremos jantar fora.
- Se a Maria estudar, tem / terá melhores notas.

c. **contrafactuais ou irreais –** nestas orações são estabelecidas relações entre proposições que se verificam em mundos alternativos ao mundo real. No intervalo de tempo relevante, a negação do antecedente verifica-se no mundo real, sendo sempre possível acrescentar à proposição antecedente a sua negação:

- Se tivesse chovido em Portugal em 1981, não tinha/ teria havido seca.
- Se a Terra não fosse esférica, era/seria cúbica.

O mesmo afirma Almeida (1999, p.359) acrescentando que quando a hipótese é real, a conjunção se equivale a uma conjunção causal e, assim, na prótese o verbo fica em qualquer tempo do indicativo, com exceção do futuro, que é substituído pela perífrase: verbo ir + infinitivo do verbo principal:

- Se vou ao teatro, é porque gosto.

Quando a hipótese é possível (potencial), o verbo da prótase ou vai para o imperfeito do subjuntivo e o da apódose para o futuro do pretérito ou vai para o futuro do subjuntivo e o da apódose para o futuro simples ou composto do indicativo:

- Se eu for, avisarei.
- Se eu fosse, avisaria.

Se a hipótese é irreal, o fato é inexistente; nesse caso, o verbo da prótase vai para o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo e o da apódose para o futuro do pretérito simples ou composto:

- Se eu pudesse falar, não estaria escrevendo.
- Se eu tivesse podido falar, não teria escrito.

Uma vez que o período hipotético se apresenta, no português arcaico, com uma estrutura diversa da que está em uso no português contemporâneo, será feita uma revisão da sua constituição a partir do latim.

3.4.1 O período hipotético no latim clássico

A principal característica das línguas humanas é sua heterogeneidade e as constantes mudanças que apresentam. A língua latina, língua oficial do império romano, não podia se furtar a essa realidade, apresentando basicamente duas variantes: o “latim clássico”, língua aristocrática e culta, língua dos escritores, que possuía uma estrutura gramatical rígida e um vocabulário apurado, e o “latim vulgar” ou “latim falado”, língua da plebe, língua do cotidiano, repleta de formas interpretadas como ‘transgressões ou erros’ se comparadas às da língua utilizada pela elite, como já especificado anteriormente.

Assim, o período hipotético deve ser analisado, observando-se as variações que ocorreram ao longo do tempo nas formas de expressar a hipótese.

Referindo-se à subordinação, Ernesto Faria (1958, p. 403), afirma que a oração subordinada difere da oração independente e também da oração coordenada por indicar uma relação de dependência referente a outra do mesmo período,que, por essa razão, é denominada de principal, e que a

subordinação se desenvolveu tendo por ponto de partida a simples justaposição.

A subordinação é indicada por um modo especial (o subjuntivo), o que, para o autor, possibilita vislumbrar a sua primitiva origem em frases cujo verbo bastava para exprimir a própria idéia de subordinação, que, posteriormente, passou a ser expressa por meio de partículas subordinativas.

No que diz respeito às orações condicionais, Faria distingue três tipos, no latim clássico, os quais se constroem com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo, segundo a natureza da condição expressa.

São apontados os seguintes tipos de condicionais pelo autor:

1) **a condicional que exprime pura e simplesmente uma condição, como uma coisa real**. Neste caso, o verbo da oração condicional é empregado em qualquer tempo do modo indicativo e o da oração principal em qualquer dos modos em que se constroem as orações independentes, principalmente no indicativo (ou imperativo, e raramente no subjuntivo volitivo ou optativo).

> *"Si fato omnĩa fiunt, nihil nos admonēre potest ut cautiōres simus"(*Cícero, Diu., 2,21) "se tudo acontece pelo destino, nada nos pode advertir a sermos mais cautelosos"

> *"Auaritĩam se tollĕre uoltis, mater eius est tottēnda, luxurĭes" (*Cícero, De Or., 2,171) " se quereis suprimir a cobiça, deverá ser suprimida a sua própria mãe, que é a luxúria".

O autor observa que o tempo verbal empregado tanto na oração condicional quanto na principal, depende do próprio sentido da oração, não havendo, pois, nenhuma correlação gramatical de construção. Assim o presente pode estar em correlação tanto com o presente, quanto com o passado ou o futuro.

2) **a que exprime uma condição meramente hipotética ou imaginária,** em que o verbo, de um modo geral, apresenta-se no presente do subjuntivo. Poderá, porém, apresentar-se no perfeito do

subjuntivo, se pretender que em dado momento a condição seja um fato consumado.

> *“Dies deficĭat, si uelim paupertātis causam defendĕre”* *(*Cícero, Tusc., 5.102) “não bastaria um dia, se quisesse defender a causa da pobreza”
>
> *“Quibus ego si me restitĭsse dicam, nimium mihi sumam”* *(*Cícero, Cat.., 3,22)
> ”se eu disse que eu as impedi, tomaria para mim um papel demasiado”

3) **a que exprime uma condição que é contrária à realidade (modo irreal),** o verbo vai para o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo, segundo a hipótese se refira ao presente ou ao passado.

> *“Uidēres si amāres”* (Plauto, M. Gor.,1262) “se amasses, verias"
> *“Si uocem habĕres nulla prior ales foret”* (Fedr., 1,13,8) “ se tivesses voz, nenhuma outra ave te seria superior”

Faria (1958, p.437) sintetiza o uso dos modos e tempos verbais nos períodos hipotéticos latinos:

> A oração principal, a que está ligada à condicional, tem geralmente o verbo no mesmo modo desta. Assim, se a condicional estiver no indicativo do modo real, a oração principal também, via de regra, estará no indicativo; se a condicional estiver no presente ou no perfeito do subjuntivo potencial, a principal construir-se-á no presente ou perfeito do subjuntivo; enfim, se a condicional estiver no imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo, a oração principal virá igualmente no imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo (modo irreal).

Observa, entretanto, que isso “nada tem de absoluto”, afirmando que pode ocorrer que, a uma condição meramente hipotética, corresponda uma consequência real, ou vice-versa ou a uma consequência real, corresponda uma condição irreal. Daí o modo do verbo ser empregado de acordo com o sentido da oração em que esteja: se exprime a realidade, será usado o

indicativo; se uma simples hipótese, o presente ou perfeito do subjuntivo; se uma hipótese contrária à realidade, o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo.

Assim como Faria, Almeida (1982, p.362) apresenta os três tipos de períodos hipotéticos em latim, destacando as diferentes estruturas de acordo com a hipótese formulada. Se:

1 **a hipótese é real ou tida como real,** o verbo da condicional fica no indicativo e o da principal no indicativo, imperativo ou no subjuntivo exortativo, optativo, se o sujeito for tu de sentido indeterminado:.

> *"Si homo es, vive ut homo"."*Se és homem, vive como homem".
>
> *"Memória minuĭtur nisi eam exercĕas"*. "A memória diminui se não é exercitada".

2 **a hipótese é possível de realizar-se,** ambos os verbos estarão no subjuntivo (presente ou perfeito, conforme a possibilidade seja presente ou passada)

> *"Si possim, faciam".* "Se eu pudesse, eu faria".
>
> *"Ego si negem, mentiar".*["Se eu negasse, mentiria".

3 **a hipótese, quer possível, quer impossível, é irreal,** duas regras podem ser aplicadas:

a. se a hipótese é irrealizável ou o autor quer considerá-la como tal, ambos os verbos são utilizados no perfeito do subjuntivo:

> *"Sicilia, si uma voce loqueretur, hoc dicĕrei".* "Se a Sicilia se expressasse com uma única palavra, diria isto".

b. se a hipótese é sobre um fato passado, ambos os verbos são utilizados no mais-que-perfeito do subjuntivo:

> *"Si dives fuissem, te adjuvissem".*["Se eu tivesse sido rico, ter-te-ia ajudado".

Ainda quando a hipótese é sobre um fato passado, o autor salienta poder ser empregado o mais-que-perfeito do subjuntivo na condicional e o imperfeito na principal:

> *"Si hás inimicitias cavĕre potuisset, vivĕrei. "*Se eu tivesse podido evitar essas inimizades ele (ainda) viveria".

- se a oração principal encerrasse uma idéia de dever, de obrigação, de conveniência, necessidade (*debĕre,oportĕposse, necesse, esse), poder-se-ia* usar o imperfeito ou perfeito do indicativo.

> *"Si hæc dixisse, puni debabat".* "Se ele tivesse dito isso, deveria ter sido punido.";

- quando se pretendia dar a entender que a ação se teria realizado sem falta, usava-se o pretérito perfeito ou mais-que-perfeito do indicativo.

> *"Nisi in morbum incidissem, Jam omnia absolvĕram".* "Se eu não tivesse caído doente, eu já teria resolvido tudo".

Observa-se que o autor faz referência ao emprego do mais-que-perfeito do indicativo em períodos hipotéticos, que será também tratado nesta tese.

Leão (1961, p.31), assim como os autores mencionados anteriormente, também reconhece a existência de três tipos de períodos hipotéticos no latim clássico. Quanto ao período **hipotético do real** ("*reallis*"), a mencionada autora esclarece que para se "dar idéia da realidade da condição e do fato dela dependente, qualquer combinação de tempos do indicativo é, em princípio, admissível.".

Si me laudat, laetus sum.
Si me laudabat, laetus eram.
Si me laudauit, laetus fui.
Si me laudauit, laetus sum, etc.

Sobre o **período hipotético do potencial** (“*pontentialis*”), observa a concordância dos tempos e dos modos “consecutio temporum et modorum”, esclarecendo que a disciplina gramatical exige o presente do subjuntivo tanto na oração condicionante quanto na condicionada Há, entretanto, uma oposição significativa entre o presente e o pretérito perfeito do subjuntivo, na oração subordinada, sendo usado este último, quando se quer marcar de maneira especial a anterioridade da condição. A A autora esclarece que “para exprimir a possibilidade da condição, não há outros esquemas fora dêsses dois.”. (LEÂO, 1961, p.32)

> “*Si me laudet, laetus sim”. “*Se me louvar,...”
>
> “*Si me laudauerit, laetus sim”. “*Se me tiver louvado, ...”

Quanto ao período hipotético do irreal (“*irrealis”),* explica que, nesse caso, há exigências da “*consecutio temporum et modorum*”. O mesmo tempo e o mesmo modo deverão ser usados em ambas as orações: imperfeito do subjuntivo, se a condição é uma irrealidade no presente; mais-que-perfeito do subjuntivo, se a condição é uma irrealidade no passado.

> *“Si me laudaret, laetus essem”. “*Se me estivesse louvando, mas não está”.
> *“Si me laudauisset, laetus fuissem”. “*Se me tivesse louvado’, mas não louvou”

Essas estruturas, contudo, não se conservaram no latim falado, como se poderá verificar a seguir.

3.4.2 O período hipotético no latim falado

Como mencionado anteriormente, segundo Maurer Júnior (1923, p.63), o latim falado, considerado “mais pobre, mais simples e menos sintético do que o literário” é resultado de um falar da plebe e, por isso, repleto de formas interpretadas pela elite como transgressões, erros ou simplificações da forma de prestígio. Contudo, no império romano em que a expansão territorial era constante, destacou-se por ser a língua do dominador. Foi imposta aos

povos conquistados e ocasionou mudanças linguísticas que não poderiam ser contidas e que resultariam, mais tarde, nas chamadas línguas neolatinas.

Quanto ao período hipotético utilizado nessa época, Maurer Júnior (1923, p.223) afirma que dos três tipos fundamentais da língua clássica: o real, com o verbo no indicativo; o potencial, com o verbo no presente ou no perfeito do subjuntivo, e o irreal, com verbo no imperfeito ou no mais que perfeito do subjuntivo, a língua vulgar só conhecia dois:

- **o real,** em que o verbo poderia ser usado em qualquer dos três tempos do indicativo:

> *si mansit, bene fecit; si manet, bene facit; si manserit, bene facere habet;* [Se permanece, faz o bem; se persiste, faz o bem; se permanece, tem feito o bem][13]

- **o irreal,** ou melhor, o potencial-irreal, com o verbo no imperfeito (i.e., mais-que-perfeito clássico) do subjuntivo:

> **si monsisset bene fecereet.* [Se tivesse desejado, teria feito o bem][14]

Observa-se que o latim vulgar não fazia, portanto, a distinção sutil, entre o potencial, que exprimia uma hipótese pura, e o irreal, no qual a condição ou hipótese não era verificada.

Sobre a construção do período hipotético real, Maurer Júnior observa que não há nada a destacar, visto que se trata de um tipo simples, que reproduz fielmente o uso antigo. O período hipotético irreal - ou potencial-irreal, segundo o autor, a melhor denominação, no uso popular, era mais variado, tendo em vista as divergências apresentadas entre as línguas românicas, algumas delas antigas, o que explica a sua larga disseminação em regiões diversas, por vezes isoladas entre si.

O autor admite, como tipo regular e mais antigo de construção, a forma *si mansisset, bene fecisset,* que concorda com o latim clássico ao usar o mesmo modo verbal na prótase e na apódose, esclarecendo que este fato ocorre em diversas línguas românicas, mas admite que não há explicação para a sua ocorrência, a não ser a influência erudita e latinizadora. Considera,

[13] Traduzido pela autora
[14] idem

pois, como tipos normais do período hipotético irreal do latim vulgar, as construções: a) *si mansisset, bene fecisset*, esclarecendo que não significa que, em época mais antiga, o latim vulgar não usasse, de um modo geral, o antigo imperfeito, *si maneret, bene feceret;* e b) *si mansisset,. bene facere habebat* (ou *si mansisset, bene fecerat*, ou ainda *bene faciebat*). Afirma que o primeiro tipo devia ser comum e que os outros devem ter surgido depois, tendendo a eliminar o primeiro, embora essa tendência, com raras exceções, só se consumasse no romance medieval.

Por sua vez, Leão distingue no latim vulgar dois tipos de hipóteses. Para a autora, trata-se da "continuação de um estado linguistico anterior", já que o latim arcaico "confundia no mesmo tipo sintático a potencialidade e a irrealidade dos períodos hipotéticos". Desse modo, ao invés de distinguir três tipos de hipóteses (real, potencial, irreal) como o latim clássico, ou de confundir em um só tipo o potencial e o irreal como o latim arcaico, o latim vulgar opõe ao irreal o real e o potencial juntos (LEÃO, 1961, p.35). Assim, para o:

a. período hipotético do real utilizava-se o modo indicativo, em qualquer tempo, e para o do potencial, em determinados tempos:

> Real: Si cantat, bene facit.[Se canta, faz o bem]
> Si cantabat, bene faciebat.[(Se cantava, fazia o bem]
> Si cantauit, bene fecit, [Se cantou, fez o bem]
>
> Potencial: Si canta(ue)rit, bene facere habet.[Se tivesse cantado, teria feito o bem]
> Si cantat, bene facere habet. [Se canta, tem feito o bem]

b. período hipotético do irreal: 1º membro, imperfeito do subjuntivo, em -sse; 2° membro, imperfeito do subj untivo a principio, com várias alterações posteriores, que já eram próprias da língua.

> Si canta (ui) sset, bene fecisset. [Se tivesse cantado, teria feito o bem]
> Si canta(ui)sset, bene facere habebat (habuit) [Se tivesse cantado, tinha feito o bem]
> Si cantabat, bene facere habebat. [Se cantava, tinha feito o bem]

Si canta (ul) sset, bene fecerat. [Se tivesse cantado, teria feito o bem]
Si canta (ul) sset, bene faciebat. [Se tivesse cantado, fazia o bem]

Para a autora, esses esquemas da língua corrente já previam as diferentes estruturas de frase que seriam utilizadas nas línguas românicas.

3.4.3 O período hipotético no português arcaico

Em relação ao português arcaico, Huber (1986) apresenta os seguintes tipos de períodos hipotéticos:

a. presente do indicativo na oração principal e na condicional:
Eu nada non desejo se non vos, eu vos non vejo (CV)[15]*;*

b. imperativo na oração principal e presente do indicativo na oração condicional:
Se te praz morar connosco, di-me como é teu nome.(Eref. 310);

c. futuro do presente na oração principal e presente do indicativo na oração condicional:
E gran pecado farpa, se me non Val. (CA,7370);

d. futuro do pretérito na oração principal e o presente do indicativo na oração condicional:
Se outr'amor a sigo, querria morrer (CV, 301);

e. futuro do presente na oração principal e futuro do conjuntivo na oração condicional:
E eu convoco, se vos quiseres (CV);

[15] Os exemplos utilizados pelo autor foram retirados do Cancioneiro da Vaticana (CV), Cancioneiro da Ajuda (CA). Algumas siglas, contudo, não estão identificadas, assim como alguns exemplos.

f. presente do indicativo na oração principal e futuro do conjuntivo na oração condicional:
E alguém non renunciar o padre e a madre, non pode ser meu decipolo (EREF 360);

g. presente do conjuntivo na oração principal e futuro do conjuntivo na oração condicional:
E ssi este for morto sen sem mel, o maior filio... Agia o reino (1214);

h. imperativo na oração principal e presente do subjetivo na oração condicional:
E ejades prazer de quanto no mund'amades, levade-me vose'amigo;

i. futuro do pretérito na oração principal, imperfeito do subjuntivo na oração condicional:
Gran razon seria, se en prazer vus caesse de quererdes prender dôo de min, mas faria bem quand'eu viss'ela pois, que lhu jurasse...(CA 4950);

j. imperfeito do indicativo na oração principa,l imperfeito do conjuntivo na oração condicional:
Se m'ora Deus gran sen fazer quisesse, nom m'avia mais de tant'a fazer (CA5242);

k. mais-que-perfeito simples na oração principal, imperfeito do conjuntivo na oração condicional (no sentido do mais-que-perfeito composto do conjuntivo)
Se eu marte prendesse aquel primeiro dia em que vus vi, fora meu bem (CA996);

l. imperfeito do indicativo na oração principal, mais-que-perfeito simples na oração condicional:
Se lhe eu nom dera o mango, ele non avia poder de me fazer o dǎapno que me faz (Fab 39)

Leão (1961, p.149-151) analisa os exemplos apresentados por Huber – “bastante numerosos e bem explicados” –, entretanto, observa que o mencionado autor não indica a frequência de cada um dos tipos apresentados, o que, ainda segundo Leão pode “induzir-nos em erro, fazendo crer que é corrente um caso isolado e excepcional.” Outro fato que a autora observa, fato que muito interessa à presente pesquisa, é a omissão do período “construído com o mais-que-perfeito simples do indicativo (forma em -ra) em ambas as orações, tipo corrente no português arcaico e único recurso de então para se exprimir a irrealidade no passado.”.

Em sua pesquisa intitulada “O período hipotético iniciado por se” (1961), a autora analisa textos do português arcaico (que vai dos primeiros documentos galego-portugueses até meados do século XVI), do português moderno (que vai da segunda metade do século XVI ao século XX), subdividindo-o nas fases clássica (XVI, XVII e XVIII) e hodierna (XIX e XX). Para o português arcaico, Leão identificou vinte e um tipos de períodos hipotéticos, os quais classifica em três grupos, a partir da forma verbal:

I – uso do indicativo na prótase (exceto a forma em –ra)

II – uso de subjuntivo

III – uso do mais- que-perfeito simples do indicativo.

Destaca que, dos vinte e um tipos documentados, doze não são citados por Huber (1986), esclarecendo que são “omissões compreensíveis, já que a sua obra procura dar uma visão de conjunto do português arcaico, e não, fazer um inventário exaustivo dos fatos isolados.”.

Em relação ao uso do mais-que-perfeito, a autora apresenta duas estruturas, por ela denominadas de sistemas, em que esse tempo verbal é utilizado:

1. SE + mais-que-perfeito simples do indicativo / mais-que-perfeito simples do indicativo

> “— Gram mingoa nos fezerom hoje êste dia aqui os boõs cavaleiros da Távola Redonda, ca certamente, se eles aqui

foram, nós **tomáramos** este logar". (Fernão Lopes, p. 100).

"— O Meestre, que mais voontade tiinha de o matar que d'estar com ele em razões, tirou logo uu cuitelo comprido e enviou-lhe uŭ golpe aa cabeça; porém nom foi a ferida tamanha que dela **morrera**, se mais nom **ouvera**". (Fernão Lopes, p. 29).

2. SE + forma em "-RA", composto[16] / mais-que-perfeito simples do indicativo:

"Seede çertos que, se alguum de vós de my **fora partido**, que eu cuidara que fora descuberto por elie; e assy **ouvera** a minha sanha contra sy sem merecimento!" (Port. Mon. Hist., Scriptores, ap. L. VASC., p. 38).

A autora observa que o uso dos sistemas formados por SE + mais-que-perfeito simples do indicativo / mais-que-perfeito simples do indicativo, assim como SE + imperfeito do indicativo / imperfeito do indicativo, podem ser "o único recurso de que dispunha a língua para situar a hipótese irreal no passado, negando-a implicitamente; aquêle, por ser usado em descrições no passado, servindo a estrutura hipotética para realçar uma relação entre dois fatos". Leão também destaca a ausência do mais-que-perfeito do subjuntivo nas orações condicionais, que para ela é "compensada" pelos sistemas acima apresentados e ainda pelo imperfeito do subjuntivo.

Barreto (1999) analisando textos do português arcaico – O Foro Real (séc. XIII), Demanda do Santo Graal (séc. XIII), Lenda do rei Rodrigo (séc. XIV), Crônica de D. Pedro e a Carta de Caminha (séc. XV) – encontrou dez tipos de período hipotético; alguns dos quais citados por Leão:

- presente do indicativo / presente do indicativo
- presente do indicativo / pretérito imperfeito do subjuntivo
- pretérito perfeito do indicativo / presente do indicativo

[16] Leão denomina "forma em "– RA" composto, o mais- que-perfeito na voz passiva

- pretérito mais-que-perfeito do indicativo / pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Outros, porém, não são apresentados por Leão:

- pretérito imperfeito do indicativo / futuro do pretérito do indicativo
- futuro do presente do indicativo / futuro do subjuntivo
- futuro do pretérito do indicativo / pretérito imperfeito do subjuntivo
- presente do subjuntivo / presente do indicativo
- presente do subjuntivo / pretérito mais-que-perfeito do indicativo
- presente do subjuntivo / futuro do subjuntivo

Cabe destacar que Leão (1961) trabalhou, exclusivamente, com os períodos hipotéticos iniciados por se, enquanto Barreto (1999) analisou os mencionados períodos com diferentes conjunções condicionais.

Conclui Barreto (1999, p.235) que “as orações condicionais contêm o verbo no modo indicativo, quando se trata de uma realidade, e no modo subjuntivo, quando se referem a uma possibilidade ou hipótese”. Para ela, a instabilidade no emprego dos tempos e modos verbais no português arcaico permite concluir, assim como Leão (1961) que, no tocante aos períodos hipotéticos, até 1500, “a correlação entre os tempos e modos verbais da prótase e da apódose não era fixa, podendo as sentenças, quer hipotéticas, quer reais, ter os verbos no indicativo ou no subjuntivo e em diversos tempos”

3.4.4 O período hipotético no português clássico

Leão (1961, p.188) destaca que no português clássico (séculos XVI a XVIII), houve o aumento do uso do mais-que-perfeito simples do indicativo, empregado tanto na prótase como na apódose. A autora afirma que esse uso “deve ter sido corrente”, pois aparece em todos os gêneros por ela pesquisados, inclusive, em peças teatrais que refletem melhor a linguagem

coloquial da época. O emprego desse tempo verbal em períodos hipotéticos, para a autora, “parece ter o seu apogeu no século XVII”, sendo utilizado para expressar:

a) hipóteses improváveis relativas ao presente e ao futuro (em concorrência com o imperfeito do subjuntivo, na prótase, e o futuro do pretérito, na apódose);

b) hipóteses irreais em relação ao passado (forma única, pelo menos na prótase).

Esse fato já havia sido apontado por Pereira (1923, p. 580) ao afirmar que:

> Entre os classicos era mais commum empregar-se na proposição condicional e na hypothetica o mais-que-perfeito do indicativo, que por isso é considerado em nossas conjugações como a 2. fórma do imperf. do condicional, e a 2ª. fórma do imperf. do conjunctívo. Exemplos: Não teve resistencia, e se a tivera, mais damno resistindo recebera (Lusiadas. 2. 69) — Se a vira o caçador.., nunca os famintos galgos o mataram (Lusiadas. 2, 35).

A autora afirma que esse uso vai diminuindo no século XVIII, restringindo-se o seu uso aos casos de hipóteses que se formulam em relação a momento anterior ao da fala, com negação implícita da sua realização.

O mais-que-perfeito do subjuntivo, para exprimir um fato hipotético que não se verificou no passado, também foi encontrado pela autora no poema “O Hissope” (1768) de Antonio Diniz da Cruz e Silva:

> E de novo começa: “Oh! Se eu lograsse
> A grande dita de nascer em *Roma*,
> E ali, na tenra idade, me TIVESSEM,
> Qual mísero e novel frangão, CASTRADO; [...]

Para Leão, “essa forma composta vai substituir, aos poucos, a forma em -ra, estendendo-se o seu uso na língua literária, durante o século XIX” (1961, p.189).

Observa, contudo, que, embora só tenha sido documentado esse uso em períodos hipotéticos, nos fins do século XVIII, “na língua corrente,

deveria ser muito mais antigo", possivelmente de existência multissecular, antes de passar à língua literária.

Barreto (1999) também pesquisou períodos hipotéticos, em textos do português clássico que denomina como Português moderno. Para o século XVI, pesquisou nas cartas da corte de D. João III e, para o século XVII, em quatro Sermões do Padre Antonio Vieira. E nesses textos, ela identificou as seguintes estruturas:

Século. XVI

- Presente do Subjuntivo / Presente do Indicativo
- Presente do Indicativo / Futuro do Subjuntivo
- Presente do Subjuntivo / Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo
- Pretérito Imperfeito do Indicativo / Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
- Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo / Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo
- Futuro do Pretérito do Indicativo / Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
- Presente do Subjuntivo / Futuro do Subjuntivo
- Pretérito Imperfeito do Indicativo / Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo
- Futuro do Presente do Indicativo / Futuro do Subjuntivo

Século. XVII

- Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo / Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo
- Futuro do Pretérito do Indicativo / Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo
- Presente do Indicativo / Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
- Futuro do Pretérito do Indicativo / Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

3.4.5 O período hipotético no português contemporâneo

Analisando textos dos séculos XIX e XX, Leão afirma que a expressão da relação condicional se faz, em português, pelos seguintes meios:

1. por um contexto, no qual a hipótese fica implícita ou é expressa com o auxílio de um verbo de conteúdo semântico apropriado, como imaginar, supor, etc. Neste caso, não há necessidade de uma oração iniciada por um item condicional:

> "Nesses momentos angustiosos outra mulher não penetre no recinto sem primeiro defumar-se ao fogo, nem traga na mão caça ou peixe: a criança morrerá pagã". (Monteiro Lobato, p. 289). (O contexto sugere uma hipótese provável: 'se isso acontecer, a criança morrerá pagã'.).

> "Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço e nós temíamos avisá-la do fim". (Machado de Assis, p. 154).
> (O contexto sugere a hipótese que não se verificou no passado, irreal: 'se falasse, cada palavra seria'...)

2. pela entoação ou justaposição de duas orações não subordinadas, que tenham sentido, respectivamente: interrogativo + declarativo, imperativo ou optativo + declarativo, ou declarativo + declarativo:

a) interrogativo + declarativo:

> "Eu preciso, eu "quero" viver a minha vida. Há óbices no caminho? Afasto-os. . ." (Monteiro Lobato, p. 189). (= 'Se há óbices no caminho, afasto-os'.)

> "Estava com dor de cabeça? Uma cafiaspirina me daria alívio". (Ernesto Ribeiro, p. 200). (= 'Se eu estava com dor de cabeça, uma cafiaspirina me daria alívio'.)

b) imperativo ou optativo + declarativo

> " — Não falta mais nada. Quer a sege, quer o boleeiro, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais sumário citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado, e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha". (Machado de Assis, p. 183). ('Se fizer isto, não perde nada'... A ultima frase de Cotrim a Brás Cubas, na discussão sobre a

herança, tem um tom de desafio que não teria o período hipotético comum.)

c) declarativo + declarativo

"— Parece que não gostou, seu Carlos!
— Gostei, Dôres. Mas acho que é uma pena você casar já, tão moça. E depois: por causa dos seus estudos que vão tão bem.
— Seu Carlos não quer eu não caso!" (Mário de Andrade, p. 67).
(= 'Se Seu Carlos não quer, eu não caso'. A resposta da aluna, que inventara um casamento para provocar o professor, é expressiva pelo uso da justaposição e pelo emprego do presente, que torna a promessa em certeza.)

3. pela compensação da ausência do nexo condicionante por uma inversão, colocando-se o verbo no início da oração que exprime a hipótese. Nesse caso, a ordem das palavras pode também compensar a falta do índice hipotético. A idéia de condição ou hipótese é expressa pelo tempo e modo dos verbos. Para a autora é "com o subjuntivo (futuro ou imperfeito) que melhor se revela o caráter duvidoso da suposição" (1961, p. 62).

"Era [anedota de um inglês] a derradeira esperança do facínora, seu último cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, metia duas balas nos miolos". (Monteiro Lobato, p. 119).

"Fôsse possível ler nos cérebros claro como se lê no papel e a humanidade crispar-se-ia de horror ante si própria.. (Monteiro Lobato, p. 188).

"O patrão é porque não tem fôrça. Tivesse êle os meios e isto virava um fazendão". — (Monteiro Lobato, p. 236).

"Se a Inglaterra brotou das ilhas novoentas da Caledônia, é que lá não medrava a mandioca. Medrasse, e talvez os víssemos hoje, os inglêses, tolhiços, de pé no chão, amarelentos, mariscando de peneira no Tâmisa". (Monteiro Lobato, p. 284)

"Morresse eu com o meu segrêdo, ninguém me acharia formidável". (Carlos Drummond de Andrade, p. 23).

A autora destaca que a eficácia desse recurso é tão grande que se verifica até com o presente do subjuntivo, que, por exigência gramatical, não se usa com se.

É justamente a eliminação do índice hipotético que vai tornar necessária a presença do modo subjuntivo.

Conspire eu contra o regime, e estarei bem arranjado (Carlos Drummond de Andrade).

4. por um adjunto adverbial que resuma condição já expressa ou que implique condição a ela contrária.

> “Sem a mulher o mundo voltaria ao caos e a Razão não se distinguiria da cegueira do nada”. (João Ribeiro, p. 81).
>
> “Sem aquelas duras provações que exaltaram os primeiros mártires, difícil e talvez impossível fôra o triunfo da grande verdade moral revelada pelo meigo Jesus”. (João Ribeiro, p. 171).
>
> “Por felicidade nossa — e de D. Antônio de Mariz — não os viu Alencar; sonhou-os qual Rousseau. Do contrário, lá teríamos o filho de Araré a moquear a linda menina num bom braseiro de pau brasil, em vez de acompanhá-la em adoração pelas selvas como o Anel benfazejo do Paquequer”. (Monteiro Lobato, p. 277).

5. pela subordinação indicada por uma forma nominal do verbo (orações adverbiais condicionais reduzidas):

a) orações com o verbo no infinitivo:

> “A ser isso verdade, seria preferível a sua morte” (de uma redação escolar).
> “... bem pode ser que o caso, a dar-se, fosse mera visualidade do velho”. (Camilo Castelo Branco, p. 98).

b) orações com o verbo no gerúndio:

> “Saindo tudo a contento, tenho esperança de inda êste ano beijar-te”. (Monteiro Lobato, p. 186).
>
> “Dando para passar fome, sem virem a morrer disso, êle, a mulher e o cachorro — está tudo muito bem”. (Monteiro Lobato, p. 275).

c) orações ultra-reduzidas, representadas pelo particípio que restou do gerúndio composto:

> [...] “cada um que ali estava podia contar sua memória particular de. Landucci, e recompor um traço que, somado a outros, reconstituiria a figura inteira...”(Carlos Drummond de Andrade, p. 237/8).

6. pela subordinação indicada por uma conjunção subordinativa (orações adverbiais condicionais)

> “Disse-me que, onde quer que eu levasse o cheque, me pagariam em cruzeiros, a menos que eu fôsse a New York receber na Matriz”. (Carlos Drummond de Andrade, p. 88).

Nos textos pertinentes aos séculos XIX e XX, período denominado como “português hodierno”, Leão destaca “o desaparecimento do mais-que-perfeito simples do indicativo, no período hipotético” (1961, p.210), afirmando que, com valor de futuro do pretérito, na apódose, não se usa hoje em nenhum caso. Cita, como exceção, um exemplo de Alexandre Herculano, mas o considera um arcaísmo característico do estilo do autor.

A autora também afirma que o mais-que-perfeito simples do indicativo, com valor de imperfeito ou de mais-que-perfeito do subjuntivo, na prótase, ocorre raramente, justificando o uso em João Ribeiro como influência de autores clássicos, e, em Monteiro Lobato, como influência do dialeto caipira, que conserva se havera (por se houvera). Leão conclui que, além do desaparecimento progressivo da forma em - ra e sua substituição pelo mais-que-perfeito do subjuntivo, nas hipóteses relativas ao passado, “o que impressiona nesses textos dos séculos XIX e XX é a variedade dos esquemas hipotéticos e a liberdade das estruturas sintáticas” (1961, p. 211).

Câmara Júnior (1976, p. 185) também analisa o período hipotético no português contemporâneo (século XX), afirmando que são usadas, normalmente, três tipos de correlações condicionais:

a) a correlação permanente, incluindo o momento em que se fala, na qual os verbos da prótase e da apódose são empregados no indicativo presente:

De nada vale ter livros, se não sabemos ler.

b) a correlação condicional futura em referência ao momento em que se fala, de modo que na prótase tem-se o futuro do subjuntivo e, na apódose, o futuro do indicativo:

Se fizermos bem o trabalho, seremos recompensados.

c) a correlação condicional pretérita em referência ao momento em que se fala, na prótase, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo e, na apódose, o futuro do pretérito:

Se fizéssemos bem o trabalho, seríamos recompensados.

O autor destaca ainda que é frequente o uso do presente do indicativo substituindo o futuro do presente na correlação condicional futura e do pretérito imperfeito do indicativo, substituindo o futuro do pretérito, na correlação condicional pretérita:

Se eu o vir conto-lhe o ocorrido.

Se eu o conhecesse, pedia-lhe, logo, ajuda.

Quatro tipos de correlações foram encontrados também por Barreto (1999, p.238) em sua pesquisa no *corpus* referente à língua falada do Brasil. São elas:

futuro do pretérito do indicativo / pretérito imperfeito do subjuntivo

presente do indicativo / futuro do subjuntivo

presente do indicativo / presente do indicativo

pretérito imperfeito do indicativo / pretérito imperfeito do subjuntivo

Já no *corpus* de língua falada de Portugal, a autora afirma que a correlação mais utilizada foi "presente do indicativo / presente do indicativo", seguida por "presente do indicativo / futuro do subjuntivo".

Como pode ser observado, o pretérito mais-que-perfeito, no português contemporâneo, não aparece em nenhuma das correlações apresentadas pela maioria dos autores pesquisados, chegando mesmo a ser considerado por Leão (1961, p.210), como "desaparecida". Entretanto, Neves (2006, p. 852-854), em *corpus* de língua escrita do Centro de Estudos Lexigráficos da UNESP, apresenta três ocorrências de período hipotético com o mais-que-perfeito. São elas:

a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo/ pretérito mais-que-perfeito do indicativo

- SE Sílvio <u>imaginara</u> diferente do que era, SE se <u>apaixonara</u>, SE lhe <u>pusera</u> sobre a cabeça uma qualquer auréola de martírio e destino, mesmo sabendo-a amante de Sérgio,<u>fora</u> porque o <u>quisera</u>, porque <u>fizera</u> questão de imaginá-la vítima de Sérgio. (Ângela ou Areias do Mundo)

- SE Pedrina <u>decaíra</u>, quem a <u>pusera</u> a perder? (Ficção reunida)

Neves considera estes períodos como “construções condicionais factuais”, pois têm o verbo no modo indicativo em ambas as orações.

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo/ futuro do pretérito do indicativo

- SE não fora o apelo à figura exótica do “Poder Moderador”, na República Presidencial, por ele preconizada, seria uma das mais notáveis lições de direito constitucional e de pol(tica, daquela hora. (Correio do Povo)

Neves classifica esta construção como condicional eventual.. Esta construção, segundo a autora, permite uma grande “variedade de combinações modo-temporais”, pois o verbo da oração subordinada pode ser do modo Indicativo ou Subjuntivo (passado, presente ou futuro) e o da principal em forma de presente, passado e futuro. Neves ressalta que as construções mais frequentes são as que têm, na oração condicional, o futuro do subjuntivo, “forma exclusiva” das condicionais eventuais.

Não foram encontradas ocorrências das construções condicionais contrafactuais – verbo da subordinada no modo Subjuntivo, e o da principal em uma forma passada (pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito) – .

Estudar os períodos hipotéticos fez com que se avaliasse “mais de perto” as trilhas percorridas pelo pretérito mais-que-perfeito ao longo dos séculos. Por conta dessa indiscutível relevância, serão analisadas, no capítulo, 5, as construções encontradas no *corpus* da presente pesquisa.

Com este subitem conclui-se a revisão da literatura, sempre tão fundamental para a realização de uma pesquisa. No capítulo seguinte, serão apresentados os pressupostos teóricos que nortearão a análise do comportamento sincrônico e diacrônico do pretérito mais-que-perfeito.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para a análise do uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos de língua escrita dos séculos XVI ao XX e em textos da língua falada das décadas de 70 e 90 do século XX, tomou-se por base, os princípios teóricos da Sociolinguistica laboviana (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; LABOV, 1978, 1994) e do Funcionalismo linguístico americano (GIVÓN, 1993,1995), já que tanto a Sociolinguistica quanto o Funcionalismo concebem a língua como um fenômeno social e se preocupam em saber como é usada pelo falante.

Uma vez que o pretérito mais-que-perfeito simples ou composto constitui uma variação e o emprego de uma ou outra forma pode estar ligado a fatores linguísticos e pragmático-discursivos acredita-se que os dois enfoques teóricos podem contribuir para explicar convenientemente os dados detectados no *corpus.*

3.1 A MUDANÇA LINGUISTICA

A mudança linguistica não pode ser entendida em termos de uma diacronia linear, caracterizada por transformações decorrentes da evolução temporal. Como afirma Saussure (1995, p.77), “o tempo muda todas as coisas, não há razão para a língua escapar dessa lei universal”. Partindo desse pressuposto, compreende-se a mudança como inevitável, uma vez que a língua é um produto social e como a sociedade muda, a língua segue o mesmo princípio. Não se trata de regressão ou evolução, mas mudança. Como afirma Crystal (1987, p.4):

> As línguas não se desenvolvem, não progridem, não decaem, não evoluem, nem agem de acordo com nenhuma das metáforas que implicam um ponto final específico ou um nível de excelência. Elas simplesmente mudam, como as sociedades mudam.

Coseriu, em seu livro Sincronia, Diacronia e História (1958) apresenta três questões que devem ser consideradas nos estudos sobre a mudança linguistica:

1. Por que (ou para que) as línguas mudam?
2. Como as línguas mudam em geral?
3. Sob que condições as línguas mudam?

> Em relação à primeira questão, Coseriu afirma que as línguas mudam porque não estão "feitas", mas "fazem-se" continuamente através da atividade linguistica, isto é, mudam por causa de sua função principal – a de expressarem o pensamento e estabelecerem a comunicação. Desse modo, a mudança se processaria mediante a criatividade e a alteridade do falante, visto que ele usa a mudança (organização do texto) para os outros e com os outros (aceitabilidade).
>
> No que se refere à segunda questão, Coseriu afirma que as línguas mudam, mas não de forma aleatória, obedecem a regras, uma vez que . é preciso que certas condições sejam observadas, para que se constate uma mudança nas línguas. Portanto, os fatos culturais e sistemáticos funcionam como selecionadores das inovações; como condições e limites da liberdade linguistica.
>
> No tocante à terceira questão, Coseriu considera a mudança como um problema histórico, que, para ser solucionado, depende do conhecimento das condições sistemáticas e extra-sistemáticas da língua em análise e do momento em que é considerada. O autor destaca também a dificuldade de se distinguir mudança de inovação, uma vez que não se conhece o indivíduo que iniciou, especificamente, uma determinada mudança linguistica, cabendo esta certeza aos documentos históricos, através dos quais é possível levantar hipóteses plausíveis para determinadas mudanças, como por exemplo, a palatalização das velares latinas antes de e e de i, que pode ser explicada pela decadência cultural latina e pelo consequente relaxamento da norma linguistica romana. (SILVA, 2008, p. 4)

Já para Postal (1968, *apud* SCHLIEBEN-LANGE, 1994, p. 225) as línguas mudam por uma questão de moda, assim como muda o gosto pelas roupas e pela música, uma vez que acompanham o desenvolvimento da sociedade. Por conta dessa afirmação, Jean Aitchison lança a seguinte questão "Fashion or Function?", ou seja, será que a língua muda por uma questão de moda ou de expressividade?

Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p.57) consideram que a mudança linguistica representa a fluidez da língua, – a capacidade de assumir formas diferentes em indivíduos diferentes, em situações ou épocas diferentes, - o que é um dos aspectos que mais têm intrigado os linguistas. Consideram, também, que a língua é sensível às nuanças culturais, associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando variações de natureza individual, social, regional, de gênero e faixa etária, entre outras, que convivem em um mesmo tempo ou se manifestam com o passar do tempo.

Para compreender a mudança linguistica, os mencionados autores indicam dois dos cinco[17] princípios de gramaticalização propostos por Hooper (1991):

- o princípio de camadas que se refere ao fato de que as línguas frequentemente possuem mais de uma forma para desempenhar funções idênticas, sendo, nesse caso, importante registrar que a forma nova não implica o desaparecimento da forma já existente.

  Ex: falara – tinha falado

- o princípio da divergência, que leva em consideração um conjunto de formas, com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes, e, novamente, a existência de uma nova forma não implica o desaparecimento do uso original.

De acordo com Faraco (2005, p.14) as línguas "estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam o falante

[17] Princípios de Hopper: Estratificação ou Camadas, Divergência, Especialização, Persistência e Decategorização

na mão”, ou seja, continuam organizadas e oferecem aos falantes os recursos necessários para que se comuniquem.

Como explica Lyons (1979, p. 49), a transformação da língua não é nunca uma função do tempo. Há muitos fatores diferentes que, tanto interna quanto externamente, podem determinar a sua transformação de um estado sincrônico para· outro; o passar do tempo apenas possibilita a interação desses vários fatores, fato já considerado por Meillet (1965), para quem o estudo da língua está relacionado ao contexto social em que ela está inserida,: a língua é um fato social, como se pode constatar nas palavras do autor:

> A linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é contudo, por sua generalidade, exterior a eles. (MEILLET, 1965, p.230)

Assim, a mudança linguistica deve ser entendida como um fenômeno tridimensional: reflete o tempo, a cognição e o uso. A situação comunicativa real é o palco no qual a atuação inovadora do falante cria novos significados que são ratificados no curso da interação; depende do contexto (os elementos linguísticos não têm uma total autonomia semântica ou um sentido apenas dicionarizado).

Para Marcuschi (2000, p. 23), a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que os elementos linguísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido.

As flutuações de sentido não se dão de modo aleatório. Estudos históricos indicam uma forte regularidade nos processos de mudança, no que diz respeito aos mecanismos que os atualizam e à natureza do elemento envolvido.

As mudanças de uma língua devem ser compreendidas como movimentos que se iniciam no instante em que um indivíduo produz seu discurso para um interlocutor específico, em uma situação comunicativa determinada. Os fatores que a desencadeiam são numerosos e diversos;

podem ser perceptíveis, ou, ao contrário, invisíveis à percepção do falante. Podem ainda ser externos ou internos ao sistema da língua. Dessa maneira, o processo de mudança emerge da heterogeneidade, na medida em que duas ou mais variantes passam a se confrontar dialeticamente no universo das relações entre os diferentes grupos de falantes, o que não quer dizer que qualquer variação signifique uma mudança, mas que, para haver mudança, é necessário haver variação (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 104).

Para finalizar, é interessante retomar Crystal (1987, p.5) ao afirmar que a mudança linguistica é inevitável e raramente previsível, e aqueles que tentam planejar o futuro de uma língua perdem seu tempo em acreditar que podem fazê-lo, um tempo que poderia ser mais bem gasto em imaginar novas maneiras de capacitar a sociedade a lidar com as formas linguisticas novas que acompanham cada geração.

3.2 A SOCIOLINGUISTICA

A Sociolinguistica Variacionista laboviana, que tem origem na Teoria da Variação e Mudança Linguistica, é também chamada de Sociolinguistica Quantitativa e constituiu-se em uma grande referência para a linguistica do século XX, ao inserir a mudança linguistica, como parte do funcionamento da língua, além de estabelecer pressupostos teóricos que romperam com diversos princípios vigentes na linguistica até então, a exemplo: i) da correlação da homogeneidade linguistica preconizado por Saussure e Chomsky; ii) da explicação dos fatos linguísticos através de outros fatos linguísticos; iii) da visão de sincronia como realidade verdadeira e única na linguistica; iv) das concepções de comunidade de fala abstrata com falante-ouvinte ideal e v) da eleição das intuições do linguísta como dados de análise (proposto por Chomsky).

Esses pressupostos foram apresentados a partir das pesquisas de William Labov, na década de 1960, nos Estados Unidos, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (1963), no estado de Massachusetes e da cidade de Nova York (1966). Os resultados obtidos serviram de base para a fixação dos princípios teóricos sobre a mudança linguistica, que, atualmente, guiam a

maior parte das pesquisas que estudam os fenômenos de variação e mudança de uma língua.

A Teoria da Variação compreende a língua como um fato sociocultural, estabelecendo a tendência à variação simultânea sistemática entre língua e sociedade. Com base nesta teoria, qualquer fenômeno variável na língua pode ser estudado do ponto de vista social, com referência, por exemplo à idade, sexo/gênero, nível de escolaridade dos informantes, local, ano da ocorrência do fenômeno etc., e linguístico, observando os contextos em que o fenômeno ocorre.

Os princípios ("problems") da Sociolingüística, formulados por Weinreich, Labov e Herzog, em 1968, no livro *Empirical Foudantions for a Theory of Language Change* (Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguistica); são:

I. **constraint problem** (o problema dos condicionamentos) – procura determinar quais os tipos de mudança, quais as condições para a ocorrência dessas mudança e se essas são de ordem universal;
II. **actuation problem** (o problema da implementação) – verifica como uma determinada mudança se espalha na comunidade;
III. **transition problem** (o problema da transição de um estágio para outro) – identifica o caminho entre duas etapas de uma mudança, e procura compreender como se dá a passagem de uma fase para outra;
IV. **evaluation problem** (o problema da avaliação) - determina as reações subjetivas dos membros de uma comunidade em relação à mudança em curso, implicando na percepção que o falante tem em relação à mudança;
V. **embedding problem** (o problema do encaixamento) - identifica tanto a matriz social como a matriz linguistica da comunidade na qual se verifica a mudança, mostrando a correlação entre ambas.

Com esses "princípios empíricos", Weinreich, Labov e Herzog (1968) sugerem que os fenômenos de mudança aparecem como graduais, como

fenômenos linguísticos que podem ser representados através de medições de frequência e descrições probabilísticas. Os mencionados autores sugerem que a mudança é iniciada a partir de um dos muitos traços que caracterizam a variação e se difunde por meio de um subgrupo específico da comunidade da fala.

É sabido que, embora a língua mude, não há nenhum problema de comunicação entre os falantes, como, inadvertidamente, alguns podem supor, uma vez que os fenômenos em variação convivem “lado a lado”.

Desse modo, pressupõe-se que todo fenômeno linguístico, que sofre variação e/ou mudança, primeiro acontece na fala, para posteriormente alcançar a escrita, já que esta é a modalidade mais conservadora da língua, fato já apontado por diversos autores em relação ao pretérito mais-que-perfeito simples, objeto de estudo nesta tese.

Um dos princípios que regem a Teoria Variacionista é o “unformitarian principle” (LABOV, 1994, p.21), já considerado pelos neogramáticos, segundo o qual os princípios da mudança linguistica são sempre os mesmos em todos os lugares. Este princípio se mostra eficaz na medida em que possibilita a “reconstrução histórica” da língua, uma vez que, do mesmo modo que se estuda o presente para explicar o passado, o inverso também se constituirá como verdade, visto que as forças e restrições que regem as mudanças numa língua no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças já realizadas.

A Sociolinguistica, portanto, possibilitou novas perspectivas para o estudo histórico da língua, a partir do conceito de “mudança em progresso”, explicando que a mudança não se dá simplesmente pela substituição de um elemento por outro. Ela, ao contrário, explicita que o processo histórico pressupõe sempre um quadro sincrônico de variação, envolvendo fases em que as variantes coexistem e fases em que elas concorrem entre si, podendo uma sair vitoriosa em relação à outra ou, até mesmo, não ocorrer a mudança, no geral ou em algumas áreas sociais e/ou geográficas.

Necessário se faz, também, conforme Faraco (1998, p. 58), “encaixar” a mudança na estrutura linguistica e na estrutura social, mostrando a correlação entre o fenômeno de mudança e a estrutura sociolinguistica da comunidade dos falantes, uma vez que quando o encaixamento estrutural

ocorre em contextos linguísticos que favorecem um determinado tipo de mudança, desencadeiam outras mudanças.

Pode-se observar, a título de síntese, que para a SocioIinguística, para que ocorra a mudança de um determinado elemento linguístico, não deve ser avaliado apenas um fenômeno de variação linguistica isolado, mas um conjunto de variáveis que atuam de modo simultâneo em um determinado sistema linguístico. Do mesmo modo, as pesquisas sociolinguisticas vêm comprovando que, conjuntamente à variação e à mudança, manifestam-se condicionamentos linguísticos e sociais, mesmo que em graus distintos, que cabe ao pesquisador interpretar.

Em um estudo variacionista, busca-se compreender como algumas formas linguisticas são produzidas, quais os fatores que condicionam a escolha de uma determinada variante e não de outra. Nessa perspectiva, cada uma das formas coexistentes constitui uma variante, que pode ou não ser selecionada, em um determinado contexto.

Ocorre um fenômeno variável quando duas ou mais formas variantes apresentam o “mesmo valor de verdade”. Para se definir uma variável linguistica, necessário se faz, dentre outros aspectos, definir o número de variantes, descrever os contextos em que essas variantes ocorrem e elaborar um método capaz de medir os valores das variáveis.

Ao analisar um determinado fenômeno, é possível levantar a hipótese de que se está perante uma mudança em progresso ou de uma variação estável. No processo de mudança, no entanto, há modificação de uma forma, observável a partir da distribuição por faixas etárias (tempo aparente) ou por período temporal (tempo real, de curta ou de longa duração); na variação estável, o mesmo padrão de distribuição se mantém, visto no tempo (tempo aparente) ou através do tempo (tempo real). Labov (1994) defende a realização de estudos linguísticos que coadunem os resultados das análises em tempo aparente com as evidências dos estudos em tempo real.

A análise dos fenômenos linguísticos em tempo real de curta duração pode ser realizada a partir do estudo de tendência, (“trendy study”) ou de painel (“panel study”). No estudo de tendência, comparam-se amostras linguisticas de diferentes informantes, em dois momentos discretos de tempo, pertencentes a uma mesma comunidade linguistica; no estudo de painel,

estabelece-se comparação entre amostras linguisticas dos mesmos informantes em dois momentos distintos, dentro de um período que Labov recomenda ser de, no mínimo, meia geração (12 anos) e, no máximo, duas gerações (cerca de 50 anos). O estudo de tendência, por sua vez, possibilita que o pesquisador identifique o comportamento da comunidade linguistica, nos momentos observados, mas não fornece informações sobre o comportamento linguístico do indivíduo, em momentos específicos, o que só será possível através de um estudo de painel.

Sankoff (2006), também em estudo sobre o tempo real e aparente, destaca que aumentos progressivos nas faixas etárias representam um fator importante para compreender a mudança em progresso nas línguas. Para a autora, à medida que envelhecem, os falantes mais velhos tendem a mudar seu comportamento linguístico em direção à implementação da mudança, assim como os adultos já inseridos no mercado de trabalho podem mostrar maior produtividade da variante padrão que os informantes idosos e jovens.

O estudo variacionista parte, em principio, da seleção de uma variável dependente, o próprio objeto de estudo, e de variáveis independentes - linguisticas e sociais -, que, devem estar correlacionadas à atuação de cada variante. A partir de uma primeira análise qualitativa dos dados, definem-se as hipóteses formais ou funcionais, que corresponderiam a possíveis condicionamentos de ocorrência de determinada variante. Os resultados quantitativos, gerados a partir do pacote de programa VARBRUL (PINTZUK, 1988) possibilitam ao pesquisador uma análise mais refinada dos dados, confirmando ou refutando as hipóteses iniciais definidas.

3.3 O FUNCIONALISMO

O Funcionalismo se caracteriza pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, como “uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical”. (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p.20).

Esse conceito já havia sido também apontado por Lyons (1982, p.207) para quem o Funcionalismo se baseia na crença de que a estrutura da

língua é determinada pelas funções que a língua desempenha nos diversos contextos comunicativos.

Desenvolvido por Givón, Hopper, Traugott, Haiman e Thompson, entre outros, o Funcionalismo representa uma tentativa de explicar a forma da língua, a partir das funções que ela desempenha na interação verbal.

Para Dik (1989, p.8-9) a interação verbal é uma forma de atividade co-operativa estruturada, em tomo de regras sociais, normas ou convenções. As regras propriamente linguisticas devem ser consideradas instrumentais em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal. O autor considera que a língua tem como função precípua o estabelecimento das relações comunicativas entre os usuários, ou seja, é um instrumento de interação verbal.

Furtado da Cunha (2001, p.1) também se refere à interação verbal, explicando que a função da língua é propiciar a contínua interação entre as pessoas que se alternam como falantes e ouvintes; essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico.

A gramática, para o Funcionalismo, é concebida como dinâmica (heterogênea) e emergente (mutável), como um “sistema adaptativo” que nunca se estabiliza, parcialmente autônomo e parcialmente motivado por pressões externas.

Mackenzie (1992 apud NEVES, 1997, p.22), seguidor da linha funcionalista de Dik, afirma que “a gramática funcional tem como hipótese fundamental a existência de uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática).”. Esta gramática, portanto, se propõe a analisar a relação existente entre a gramática de uma dada língua e a sua instrumentalidade de uso, assim como a competência comunicativa dos indivíduos em sua capacidade de codificar e decodificar expressões, e a de empregar e interpretar essas expressões de maneira efetiva. Desse modo, essa gramática leva em consideração o uso das expressões linguisticas na interação verbal, o que pressupõe uma pragmatização da sintaxe e da semântica.

Como explica Neves (1997, p. 15), a gramática funcional é igualmente aplicável a todos os tipos de línguas, o que significa que as descrições não devem ser tão específicas que não possam ser transferidas

para outras línguas, nem tão gerais a ponto de camuflar as peculiaridades das línguas individuais.

Na perspectiva funcional, a simples descrição da estrutura das sentenças não é suficiente; a descrição completa deve incluir referências ao falante, ao ouvinte e ao contexto sociocultural em que as sentenças ocorrem. A expressão linguistica não pode ser analisada, portanto, sem que se tenha em mente que ela é função, não apenas da intenção e da informação transmitida pelo falante, mas da informação pragmática do destinatário e do seu conhecimento a respeito das intenções do emissor. (BARRETO, 1999, p.68)

A gramática funcional, pois, leva sempre em consideração o uso de expressões linguisticas na interação verbal, considerando que a língua evolui para satisfazer as necessidades humanas e organiza-se de um modo funcional, e não arbitrário, para satisfação dessas necessidades. É, pois, essencialmente natural, no sentido de que parte do uso da língua e analisa as expressões linguisticas como realmente são usadas pelos falantes.

3.3.1 Um pouco de história

As sementes para o desenvolvimento do Funcionalismo em linguistica foram lançadas por um grupo de estudiosos pertencentes à primeira Escola Linguistica de Praga[18], o qual considerava a língua como um sistema de meios apropriados a um fim.

Essa escola marca profundamente a ciência linguistica nos primeiros anos do século XX. Foi criada, em 1926, por linguistas tchecos, como V. Mathesius, B. Havránek, J. Moukarovsky, B. Trnka, J. Vachek, M. Weingart, assim como por linguistas franceses, como L. Bruo, L. Tesnière, J. Vendryes, E. Benveniste, A. Martinet, e russos como R. Jakobson e N.S. Trubetskoi. Baseados nos conceitos do Estruturalismo, os integrantes da Escola de Praga concebem a língua como um 'sistema funcional', no qual aparecem, lado a

[18] Entende-se por primeira Escola Linguistica de Praga, o conjunto de autores, a exemplo de Mathesius. Jakobson. Trubetzkoy. entre outros, que, entre 1929 e 1938, participaram do Círculo Linguístico de Praga, e se tornaram conhecidos através dos trabalhos publicados sob o título "Travaux da Cercle Linguistique de Prague"; já a segunda escola Linguistica de Praga refere-se a um grupo de autores, a exemplo de Firbas. Dames. Sgall, entre outros, cujos trabalhos começaram a ser conhecidos, a partir de 1966, quando foi publicado o primeiro número da revista "Travaux des Linguistiques de Prague"

lado, o estrutural e o funcional. Assim, rejeitavam a dicotomia diacronia/sincronia e preconizam uma relação entre sistema e uso.

Como afirma Neves (1997, p.16), para o grupo de estudiosos da Escola Linguistica de Praga, a linguagem possibilita ao homem reação e referência à realidade extralinguistica. Desse modo, as frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo em que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico.

Segundo a mesma autora, embora o termo funcionalismo em linguistica esteja, incontestavelmente, ligado à Escola Linguistica de Praga, várias outras abordagens funcionalistas surgiram, e o Funcionalismo tomou depois vida própria e independente.

Caracterizar o Funcionalismo é uma tarefa difícil, já que as abordagens ditas funcionalistas não são identificáveis por rótulos teóricos, sendo muitas delas reconhecidas pelos nomes dos estudiosos que as desenvolveram. (NEVES, 1994, p.58). Tem-se, assim, o Funcionalismo de Halliday, de Dik, de Hopper, de Sandra Thompson, de Givón, entre outros.

O Funcionalismo opõe-se ao Formalismo, corrente linguistica que se caracteriza por estudar a língua como um objeto descontextualizado, preocupando-se com suas características internas, sem se importar com a relação entre os elementos constituintes e seus significados. Para os formalistas, uma gramática define a teoria de uma língua, estudando suas partes e os princípios de sua organização.

Os funcionalistas analisam a língua no seu contexto social de uso, enquanto os formalistas se baseiam em dados idealizados e desprovidos de contexto, uma vez que estudam intuições sobre a língua, fora de qualquer contexto extra-sentencial.

A partir da década de 1970, o Funcionalismo passou a se destacar nos Estados Unidos, tendo como principais representantes Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que, segundo Martelotta e Areas (2003, p.23), “passaram a advogar uma linguistica baseada no uso, cuja tendência é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguistica.”. A partir desse ponto de vista, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação, tendo em vista as constantes variações que se realizam no discurso, onde o falante faz a sua escolha, optando por determinadas formas,

as que considera mais apropriadas para o contexto em que se passa a comunicação e para uma comunicação eficiente.

Para o Funcionalismo, a estrutura gramatical da língua é motivada. Para a análise dessa motivação, Givón (1995, p. 09) lista algumas premissas que caracterizam os estudos funcionalistas:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- a estrutura é icônica, motivada e não-arbitraria;
- a mudança e a variação estão sempre presentes;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura e maleável;
- as gramáticas são emergentes: nunca se estabilizam;
- regras gramaticais permitem flexibilidade;
- o significado e dependente do contexto.

Esse conjunto de premissas evidencia, de um modo geral, a noção de que a língua é dependente de forças externas, e de que as gramáticas não são sistemas absolutamente autônomos, uma vez que são sensíveis a fatores externos, e, por servirem a uma função cognitiva, são adaptáveis, ou seja, sensíveis às pressões do uso.

Givón estabelece dois princípios gerais para a teoria funcionalista: o da iconicidade e o da marcação:

O princípio da iconicidade ressalta que as escolhas linguisticas são feitas no momento do discurso. Este princípio pressupõe uma conexão não-arbitrária e também a existência de uma correlação de um-para-um entre forma e função na gramática da língua (ABRAÇADO, 2001). Entretanto, para Givón (1991), esta correlação idealizada entre forma e função é 'super-estendida'. O mencionado autor admite a existência de arbitrariedade na codificação linguistica, argumentando que a iconicidade do código linguístico está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma (código/estrutura) quanto na função (mensagem): o código sofre constante erosão provocada pelo atrito fonológico, e a mensagem costuma ser alterada em virtude da elaboração criativa. Os dois tipos de pressão geram ambiguidades: quanto ao código, verifica-se a correlação entre uma forma e várias funções; quanto à mensagem, observa-se a correlação entre várias formas e uma função.

São três os subprincípios associados ao princípio de iconicidade:

I. o da quantidade - que prevê a correlação entre quantidade de informação e quantidade de codificação;
II. o da proximidade - que correlaciona proximidade cognitiva de entidades com proximidade de unidades no plano da codificação; . e
III. o da ordem sequencial - que orienta a ordenação linear semântica e pragmaticamente (GIVÓN, 1984).

Já o princípio da marcação, oriundo da linguistica estrutural desenvolvida pela Escola de Praga, baseado na noção de valor linguístico de Saussure, estabelece a distinção entre as formas marcadas, mais complexas, menos frequentes e as não-marcadas, mais simples e recorrentes. Cognitivamente, as formas marcadas são mais complexas já que exigem um maior esforço mental. Para análise da marcação prototípica, são os seguintes os critérios estabelecidos por Givón:

a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser maior, em extensão, do que a estrutura não-marcada.
b) Distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente, e assim, cognitivamente mais perceptível do que a categoria não-marcada correspondente.
c) Complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente.

Para o supracitado autor, uma correlação função-forma somente é válida se for testada em dados reais, e mostrada através de quantificação estatística. Givón (1991, p.20) destaca que o contexto pode ser determinante para que a marcação não seja determinada em termos absolutos, tendo em vista que uma estrutura que é marcada em um contexto pode não ser marcada em outro.

3.4 GRAMATICALIZAÇÃO

Filiada ao Funcionalismo, a gramaticalização constitui-se em um dos processos de mudança linguistica, segundo o qual, como explica Heine (1991, p.10-11), “é vista como algo pertencente à linguistica diacrônica”, ou seja, como uma forma de analisar a evolução linguistica, de reconstituir a história de uma língua ou relacionar as estruturas linguisticas do momento com os padrões anteriores do uso linguístico.

Embora o termo gramaticalização tenha origem com Meillet, em seu artigo “L´évolution des formes grammaticales”, publicado em 1912, os estudos referentes ao fenômeno da gramaticalização, enquanto corrente linguistica, são relativamente recentes.

Para Dubois (1984, p.318) o fenômeno da gramaticalização é visto como a passagem de construções relativamente livres no discurso, motivadas por necessidades comunicativas, para construções relativamente fixas na gramática..

O processo de gramaticalização pode ser encontrado em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical. Através desse processo, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Para Heine (1991, p. 10-11) “a idéia de gramaticalização implica na idéia de um processo pelo qual um item lexical, ou uma estrutura lexical, passa, em certos contextos, a exercer uma função gramatical ou um item já gramatical passa a exercer uma função ainda mais gramatical”.

Traugott e König (1991, p.196) afirmam que a gramaticalização “é um processo dinâmico, unidirecional e diacrônico mediante o qual, um item lexical, através da evolução temporal, adquire um estatuto gramatical”.

Os estudos sobre gramaticalização possuem abordagens diversas e até denominações variadas, como, por exemplo, reanálise, apagamento semântico, esvaimento semântico, condensação, redução e gramaticização e gramaticalização.

A despeito da variedade de termos, esse processo de variação/mudança linguistica é utilizado para explicar as transformações ocorridas com itens que se transferem do léxico para a gramática, que se especializam dentro da própria gramática. Ou seja, a Gramaticalização é compreendida como um processo diacrônico e um *continuum* sincrônico que

atinge tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática.

Para Heine e Reh (1984), a gramaticalização é a: "evolução em que unidades linguisticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética".

3.4.1 Os princípios que regem a gramaticalização

Não há acordo entre os linguistas quanto aos princípios da gramaticalização. Nem poderia ser diferente, dada a complexidade da matéria e as naturais divergências entre os vários linguístas. Serão apresentados os princípios apontados por renomados estudiosos do assunto:

3.4.1.1 Os cinco princípios de Lehmann (1982)

1) **Paradigmatização** — que diz respeito à tendência de integração das formas gramaticalizadas em novos paradigmas progressivamente menores e homogêneos.
2) **Obrigatoriedade** — que se refere à existência, dentro de um paradigma, de regras gramaticais que determinam a escolha dos seus membros.
3) **Condensação** — que especifica a diminuição da complexidade das formas gramaticalizadas e dos constituintes com os quais elas se combinam.
4) **Coalescência** — que ressalta o desaparecimento conjunto de formas adjacentes.
5) **Fixação** — que explica a mudança de ordens livres em ordens fixas, inicialmente na sintaxe e depois na morfologia.

O autor argumenta, ainda, que a gramaticalização diz respeito, essencialmente, à autonomia do signo. Quanto mais autônomo o signo, menos gramaticalizado, e quanto menos autônomo, mais gramaticalizado.

Três aspectos permitem medir o grau de autonomia de um signo: (1) o peso: para ser autônomo, um signo deve ter certo peso, propriedade que o

distingue dos demais membros de sua classe, proporcionando-lhe proeminência no paradigma; (2) a coesão: quanto mais relações com outros signos, tanto menos autônomo é o signo; (3) a variabilidade: quanto maior a mobilidade do signo, tanto maior será sua autonomia. Com isso, o autor esclarece que esses parâmetros, fatores ou critérios dizem respeito ao signo; os graus com que eles afetam os signos deitam luz sobre o processo da gramaticalização, visto que esta pode ser medida a partir da observação daqueles.

3.4.1.2 Os cinco princípios de Hopper (1991).

1) **Estratificação** — quando ocorre o processo de gramaticalização, novas formas surgem dentro do sistema linguístico e passam a coexistir com as formas antigas. As formas antigas não desaparecem imediatamente e consequentemente passam a interagir com as emergentes. (Ex.: nós - a gente)
2) **Divergência** — é um aspecto oriundo da estratificação, uma vez que também há uma coexistência de formas dentro do sistema. Passam a existir simultaneamente, as formas novas e as formas originais, sendo estas últimas autônomas e susceptíveis a mudanças. (Ex: falarei/ vou falar)
3) **Especialização** — pode ocorrer no sistema, diferentes formas com nuances de significado. Quando acontece o processo de gramaticalização, a variedade de escolhas diminui e as formas selecionadas assumem uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere ao seu significado. (Ex. por amor de – perda semântica)
4) **Persistência** — ocorre quando a forma, após passar pelo processo de gramaticalização, continua com vestígios de seu significado original e particularidades de sua história podem ser refletidas sobre sua distribuição gramatical. (Ex. a gente – nós)
5) **Descategorização** — este princípio se caracteriza pela redução do estatuto categorial de itens gramaticalizados. Após o processo de gramaticalização, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas de nome e verbo, e

assumem características próprias de categorias secundárias como adjetivo, preposição,... (Ex. a gente – gente(N) perdeu marca de plural e possibilidade de fazer diminutivo)

3.4.1.3 Os quatro princípios de Castilho (1996)

1) **Analogia** – é uma sorte de aproximação psicológica entre categorias em ausência, ou seja, entre categorias situadas no eixo paradigmático. Esse princípio leva à criação de formas não explicáveis se tomadas no eixo sintagmático. A analogia não dá surgimento a expressões ou estruturas novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, "uniformizando" as formas da língua.
2) **Reanálise** – é um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático. Essa mudança de percepção se deve a um tipo de raciocínio conhecido como abdução, que se distingue da indução e da dedução. Através da abdução, apagamos os limites entre determinados constituintes, estabelecendo novos "cortes", sem alterar a manifestação superficial da unidade sobre que estamos operando. Entretanto, a reanálise vai ter consequências futuras, mesmo no eixo sintagmático, pois uma nova categoria gramatical estará surgindo. A exemplo Castilho cita a formação do futuro romance e o surgimento do pretérito perfeito românico.
3) **Continuidade e gradualismo** – ressalta o fato de a gramaticalização tender sempre para a renovação da estrutura da língua e constituir-se num processo contínuo, baseado numa propriedade das línguas naturais que é a sua criatividade, motivada por necessidades sociais (já aparece nos escritos de Kurylowicz *apud* Lehmann (1982). Este princípio de continuidade permite distinguir gramaticalização de troca lexical, no qual um item substitui outro, como ocorreu com ser *estativo*, trocado por <u>estar</u> nesse tipo de construção.
4) **Unidirecionalidade** – mostra o caráter irreversível da gramaticalização, não permitindo, portanto, o movimento inverso, isto é, uma desgramaticalização. (Atualmente, Castilho contesta esse princípio, admitindo a existência da multidirecionalidade no processo de gramaticalização).

O problema da frequência de uso das formas é uma questão bastante discutida atualmente na literatura sobre o tema. Bybee e Hopper (2001) discutem a implicação entre gramaticalização e frequência de uso ou "rotinização" da forma em processo de gramaticalização, que, envolve fixação de posição, perda de fronteiras morfológicas e erosão fonológica, está vinculada ao aumento de frequência textual e ao distanciamento do significado original.

Bybee (2003, p.603) destaca que a frequência de uso de uma forma não resulta na gramaticalização, mas constitui uma contribuição primária para o processo. Para a autora, a gramaticalização é caracterizada como o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas, altamente frequentes, se torna automatizada como uma unidade de processamento singular.

Para Bybee, a ritualização aplicada aos processos de gramaticalização corrobora para justificar a relevância da frequência da repetição de um item, pois representa importante papel nas seguintes mudanças:

a) a frequência de uso leva ao enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade - processo pelo qual um organismo deixa de responder no mesmo nível ao estímulo repetido;

b) mudanças fonológicas de redução e fusão de construções gramaticalizadas são condicionadas por sua alta frequência e por seu uso em porções do enunciado que contêm informação velha ou de fundo;

c) o aumento da frequência confere maior autonomia à construção, o que significa que componentes individuais da construção enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item;

d) a perda de transparência semântica que acompanha a separação entre os componentes da construção gramaticalizada e seus congêneres lexicais permite o uso da forma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando a mudança semântica;

e) a perda de autonomia da forma frequente a torna mais enraizada na língua e frequentemente condiciona a preservação de algumas das características morfossintáticas obsoletas.

Para a contagem da frequência dos itens em estudo, são utilizados dois métodos, segundo a autora: um relacionado à frequência de uso (“token frequency”) e outro à frequência de tipo (“type frequency”). Sendo que, “*Token”*, ou frequência textual, se refere à contagem de todas as ocorrências do item, sem que se observe o significado que elas veiculam; já a frequência “*type”* refere-se à contagem de um padrão particular de dicionário; ou seja, o significado ou a função de um item ou construção.

Segundo a autora, as construções gramaticalizadas estão propensas a a aumentar sua frequência “type”, visto que podem ser utilizadas num número cada vez mais amplo de contextos, acarretando, consequentemente, o aumento da frequência “token” e a sua implementação num processo de mudança.

4 METODOLOGIA

4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* [19]

Definir o *corpus* de uma pesquisa, sem dúvida alguma, constitui a primeira ou maior das dificuldades a ser vencida pelo pesquisador, pois o *corpus* a ser escolhido, deve ser sempre adequado ao tema que se pretende estudar, isto é, deve ser propício ao aparecimento das formas linguisticas a serem analisadas. Assim, tendo em vista estar o mais-que-perfeito simples praticamente em desuso, optou-se por escolher, para a análise da língua escrita, textos do gênero epistolar, mais ou menos formais, do Brasil e de Portugal, dos séculos XVI ao XX, no sentido de detectar, se possível, se os diferentes textos demonstravam: 1) a preferência pela forma simples ou composta; 2) o momento em que a preferência pelo pretérito mais-que-perfeito composto se torna evidente e 3) se esse é um fenômeno que também ocorre no português europeu..

Como afirmam Ilari e Basso (2006, p.182) , é muito difícil, não só para os leigos, mas também para os especialistas, pensar qualquer aspecto das grandes línguas ocidentais sem evocar, de maneira automática, uma de tantas representações tradicionais, construídas, em sua maioria, com base na língua escrita, uma vez que essas representações costumam trazer respostas prontas para as perguntas do estudioso. Sabendo-se, também, que a escrita não consegue abarcar todas “as cores” da língua falada, que somente a fala permite observar a variação e os vários usos e sentidos que podem assumir as palavras, conferindo à língua uma vivacidade praticamente inatingível pela língua escrita (ROSSEAU, 1998, p. 128), visando confrontar o emprego do tempo verbal em estudo na língua escrita e na língua falada no século XX, foram consultados também, diálogos entre informantes e documentadores (DID’s) do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) do Rio de Janeiro e Salvador dos anos de 1970 e 1990, e, ainda, seguindo a

[19] Neste trabalho o termo *corpus* será utilizado em substituição a *corpora* tendo em vista considerar-se o conjunto de textos analisados como uma unidade

tônica de comparar Brasil e Portugal, foram consultadas entrevistas do VARPORT - Análise Contrastiva de Variedades do Português , um projeto desenvolvido em conjunto pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

4.2 O *CORPUS* DA LÍNGUA ESCRITA

Objetivando montar uma amostra realmente representativa dos séculos XVI ao XX, foram escolhidas cartas escritas por portugueses e brasileiros[20], conforme especificado nas tabelas 1 e 2 , a seguir:

Tabela 1 - *Corpus* utilizado para estudo do português europeu

SÉCULO	**PORTUGAL**	**QTD. CARTAS**	**QTD. LINHAS**
XVI	Cartas da Corte de D. João III ▪ Cartas do Infante Luís (903 linhas) ▪ Cartas de Jaime, duque de Bragança (1.566 linhas) ▪ Cartas de Theodosius, duque de Barcelos (534 linhas)	130	3.012
XVII	Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo	96	3.593
	Cartas de amor da Sóror Mariana Alcoforado	05	1.149
XVIII	Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira).	38	3.432
	Cartas de Pina Manique	40	1.049
XIX	Cartas de Ramalho Ortigão	35	1.713
	Correspondência de Eça de Queiroz	31	1.309

[20] Cabe esclarecer e considerar que, especialmente nos três primeiros séculos selecionados para estudo, muito do que era escrito no Brasil era escrito por portugueses que aqui viviam. Optou-se, pois, por selecionar, como *corpus* do Brasil, cartas que tivessem sido escritas por brasileiros ou portugueses aqui residentes.

	Correspondência de Camilo Castelo Branco	53	1.324
XX	Correspondência de Fernando Pessoa	73	3.020
	Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses	22	593
	Cartas de Teófilo	30	1.432
TOTAL		**553**	**21.626**

Tabela 2 - *Corpus* utilizado para o estudo do português no Brasil

SÉCULO	BRASIL	QTD. CARTAS	QTD. LINHAS
XVI	Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil	10	3.280
XVII	Cartas do Padre Antonio Vieira	126	3.269
	Correspondências dos Governadores Geraes	29	1.942
XVIII	Cartas baianas setecentistas	126	3.133
	Cartas da Bahia – Marquês do Lavradio	31	1.720
XIX	Epistolário Machado de Assis	161	3.032
	Carta dos brasileiros	61	1.279
XX	Correspondências de Clarice Lispector	63	3.014
	Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira	16	1.395
TOTAL		**623**	**22.064**

Como se pode observar, o *corpus* da língua escrita foi constituído de, mais ou menos 4 mil linhas por século, para cada país, perfazendo um total de 43.690 linhas analisadas.

4.2.1 O gênero epistolar: o porquê da escolha

O gênero epistolar é um dos mais antigos registros de escrita encontrados na história da humanidade, configurando-se, normalmente, como uma circunstância espontânea de comunicação verbal, cuja característica essencial é a relação que se estabelece entre o "destinatário" e o "remetente".

Para Valverde (2004, p.2), o gênero epistolar não é uma categoria inerente à natureza humana, mas uma necessidade de corresponder a uma relação com o meio circundante e com a própria história. Essa aproximação com a história revela-se um componente imprescindível no estudo do discurso epistolar em vários níveis: culturais, sociais, linguísticos, estilísticos, entre outros, fato que justifica a escolha desta tipologia textual para o presente estudo.

Lemos (2004, p.7) especifica a existência de diversos tipos de cartas, a exemplo da Carta Magna, Carta Régia, Carta Oficial, etc.. No tocante às **cartas pessoais**, o autor comenta que:

> ... nada mais trivial do que a carta pessoal, veículo de comunicação individual e restrito, que não é redigida para o conhecimento geral ou publicação. Por ela, comenta-se, informa-se, explica-se, interpreta-se, cobra-se, enfim, conjuga-se a infinidade de verbos que exprimem a riqueza contida no amplo arco que vai da trivialidade à nobreza da vida.

De acordo com Lopes (2005, p.17) a carta é estruturada em um eixo que pressupõe um autor, um destinatário e um tema, que pode ser íntimo ou oficial, conforme a “tipologia de carta”. Assim, o *corpus* utilizado para a pesquisa contém cartas oficiais e pessoais, já que, conforme ressalta Rumeu (2006, p.824), essa classificação “binária” permite observações sobre o “tipo de escritura” que circulava na sociedade brasileira e portuguesa de uma determinada época, seja no âmbito público,seja no privado.

Uma vez que se pretende traçar o percurso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta ao longo dos séculos XVI a XX, a opção pelas cartas parece ter sido a mais adequada, tendo em vista ser o

gênero epistolar capaz de refletir com maior fidelidade a maneira como as pessoas se utilizavam do tempo verbal em estudo nas várias sincronias. Por outro lado, com exceção das cartas oficiais, as demais expressam uma linguagem informal, possivelmente mais próxima da linguagem falada.

4.2.2 Caracterização do *corpus*

Visando obter uma maior confiabilidade a respeito dos usos da língua em cada século, buscou-se analisar, sempre que possível, cartas de mais de um autor, tendo, entretanto, o cuidado de que o número de linhas consultadas fosse mais ou menos equivalente em cada século pesquisado. Os documentos consultados serão caracterizados a seguir:

4.2.2.1 Corpus do português europeu

4.2.2.1.1 Século XVI

- **Cartas da corte de D. João III** (CCJ)

As cartas da corte de D. João III foram escritas no período de 1524 a 1562. O acervo das cartas de D. João III é formado por uma carta de D. João lII ao Conde de Castanheira e 173 outras cartas, escritas por pessoas da sua família ou da sua corte: trinta, da Rainha Catarina, viúva do rei, quarenta e nove do Infante Luís, uma do Infante Fernando, e cinco do Infante Cardeal e Rei Henrique, seus irmãos, uma de Frey Duarte, seu filho natural, uma, da Rainha Leonora, sua madrasta, quarenta de Jaime IV, Duque de Bragança, quarenta e uma, de Theodosius, filho do referido Duque e seu sucessor, duas provavelmente escritas por Antonio Ataíde, Chanceler de D. João, uma, de Antonio Carneiro e duas anônimas, dirigidas, uma ao Rei e outra ao Infante Luís.

A maior parte das cartas é endereçada a Antonio de Ataíde, Conde de Castanheira, então Chanceler de D. João. Dessas, apenas a carta de número 172, da Rainha Leonora, é escrita em espanhol.

As cartas de números 1 a 49 foram escritas entre 1531 e 1554 pelo Infante Luís (CIL) que, conforme salienta o editor parece ter gozado de reputação de homem de letras e ter sido dotado de "excelentes virtudes e possuidor de grande facilidade para escrever".

As cartas 50 a 79, datadas de 26.01.1533 a 1.7.09.1562 são da Rainha Catarina, que, por morte de D. João III, tornou-se regente e administradora dos assuntos nacionais, no lugar do seu neto, o Rei D. Sebastião, que contava, no momento, apenas três anos. Todas as cartas da Rainha são dirigidas a D. Antonio d' Ataíde, Chanceler do Rei.

As cartas 80 a 119, de 11.05.1524 à 31.12.1632, de Jaime IV, Duque de Bragança (CJB) são, na sua maior parte, também dirigidas ao Chanceler do Rei; apenas três são dirigidas ao próprio Rei.

As cartas 120 a 160 (1530 à 1559), de Theodosius, primeiramente Duque de Barcelos (CTB) e, após a morte de seu pai, Duque de Bragança, demonstram a sensibilidade do autor, um amante das letras, das ciências e da música, ávido de novos conhecimentos e informações.

Quatorze cartas estão reunidas sob o título *Miscelâneas:* uma de D. João III ao seu Chanceler, escrita por Fernam d' Alvarez, em 22.03.1963, uma do Infante Fernando (22.01.1633), cinco do Infante, Cardeal e Rei Henrique (1538-1563), duas de Antonio d'Ataide dirigidas ao rei (1537-1541), uma de Antonio Carneiro para o Conde de Castanheira (s.d.), uma de Frey Duarte dirigida ao rei (1541), uma da Rainha Leonora, como já foi especificado anteriormente, escrita em espanhol (1525), uma anônima, dirigida ao Infante Dom Luís (1537), uma anônima sem destinatário (1551).

Segundo Barreto (1999, p.32), as cartas da corte de D. João lII, além de constituírem um documento importante para o estudo da língua portuguesa no século XVI, fornecem importantes informações sobre a vida da corte portuguesa, no período áureo da história de Portugal.

Foram utilizadas para essa pesquisa, como já especificado anteriormente, as cartas do Infante Luis, as de Jaime IV, duque de Bragança e as de Theodosius, duque de Barcelos.

A edição consultada foi a de J. D. M. Ford e L. G. Moffat, publicada em Cambridge, pela Havard University, em 1933.

4.2.2.1.2 Século XVII

O *corpus* português do século XVII é composto pelas Cartas Familiares de D. Francisco Manuel de Melo e pelas Cartas de Amor de Sóror Mariana Alcoforado:

- **Cartas Familiares de D. Francisco Manuel de Melo** (CFM)

D. Francisco Manuel de Melo nasceu em Lisboa, em 1608. Oriundo de família nobre começou, muito novo, a frequentar a corte. Embora tenha cursado Humanidades, no Colégio de Santo Antão, dedicou-se ao estudo da Matemática, pois pensava seguir a carreira das armas. Militou na marinha e, depois de um naufrágio, passou a viver em Madrid.

Em 1639 comandou um regimento na Flandres e lutou contra os Holandeses. Em 1641, encontrando-se em Londres, aderiu à causa da independência em Portugal, regressando ao reino onde, depois de receber a comenda da Ordem de Cristo, foi acusado e preso por conivência no assassinato de Francisco Cardoso.

De Novembro de 1644 até a Primavera de 1650, esteve preso na Torre de Belém, na Torre Velha e no Castelo de S. Jorge. Em 1650 foi-lhe mudada a pena para o degredo, que deveria ser cumprido no Brasil. Assim, em 1655, seguiu para o Brasil, onde cumpriu parte da sentença, até princípios de 1658, data da morte de D. João IV, quando regressou a Portugal e foi finalmente anistiado. A partir de 1662, exerceu atividade diplomática na Inglaterra, França e Itália, voltando ao Reino em 1665, onde, em outubro do ano seguinte, veio a falecer.

Para Massaud Moisés (2008, p.80-81), apesar da vasta obra do autor, “é na epistolografia e nos escritos morais que atinge o máximo de suas possibilidades”. As Cartas Familiares, ainda segundo o mesmo autor, “são importantes por seu caráter confessional e documental, mas o escritor fala menos de si do que das gentes e acontecimentos contemporâneos, mantendo sempre compreensível reserva.”.

A edição utilizada para análise foi a do *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe, organizado por um grupo de pesquisadores da Universidade de Campinas (Unicampi), um *corpus* eletrônico anotado, composto de textos em português, escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845. A edição de base foi a de 1942, com seleção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, publicada em Lisboa, pela Livraria Sá da Costa.

- **Cartas de amor de Sóror Mariana Alcoforado** (CMA)

Sóror Mariana Alcoforado foi uma das religiosas da Ordem de Santa Clara, do Convento da Conceição de Beja, local onde, atualmente, funciona o Museu Regional da cidade. Natural de Beja, nasceu a 22 de Abril de 1640, entrou na clausura com 11 anos, vindo a professar aos 16. Porteira, Escrivã e Vigária, foram alguns dos cargos que exerceu durante a sua longa vida conventual. Faleceu em 28 de Julho de 1723. (MUSEU REGIONAL DE BEJA , 1992),

Em 1669, na cidade de Paris, surgiu um livro intitulado “Lettres Portugaises Traduites em Français” (Cartas Portuguesa traduzidas para o francês), publicado pelo livreiro Claude Barbin, que apresentava cinco cartas, escritas por uma freira portuguesa a um oficial do exército francês. Entretanto, o nome da freira não era citado, assim como o do oficial e do tradutor, fato que até hoje gera controvérsia acerca da autenticidade da autoria.

Em 1810, o crítico literário francês Boissonade revelou ter encontrado, num exemplar antigo das Cartas, uma nota que dizia: “A religiosa que escreveu essas cartas se chamava Mariana Alcoforado, freira em Beja, entre a Estremadura e a Andaluzia. O cavaleiro a quem as cartas foram escritas era o conde de Chamilly, chamado então de Conde de Saint-Léger ”. (NEVES, L. 2003, p. 2). A partir daí, as cartas foram lidas e traduzidas em várias línguas, mas de acordo com Massaud Moisés (2008, p.89) “o problema que as cinco cartas levantaram não parece de todo resolvido” tal o volume das conjecturas e indagações feitas.

A edição consultada para esta pesquisa foi a publicada pela Imago, no Rio de janeiro, em 1992.

4.2.2.1.3 Século XVIII

As Cartas consultadas para o século XVIII foram as de Francisco Xavier de Oliveira, ou Cavaleiro de Oliveira, como era denominado, e as de Pina Manique. Foram escolhidas como *corpus,* tendo em vista constituírem documentos importantes para o conhecimento da sociedade lisboeta do mencionado século, e por conseqüência, da linguagem em uso.

- **Cartas de Francisco Xavier de Oliveira, ou Cavaleiro de Oliveira** (CCO)

No Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (1989), Cavaleiro de Oliveira, é apresentado como:

> Comentador fino e divertido da vida e dos costumes portugueses no século XVIII, as suas observações têm o maior interesse para compreender a mentalidade do tempo, oferecendo-nos, ao mesmo tempo, o retrato vivo de um libertino que oscila entre a gabarolice e uma surpreendente discrição. A mundanidade é a característica primacial da sua obra, onde se espelha uma experiência que merece a nossa atenção.

Aos vinte e sete anos, Francisco Xavier de Oliveira, obteve o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo, título que usou ostensivamente durante toda a sua vida e do qual se orgulha nos seus escritos. De acordo com Massaud Moisés (2008, p.83) “é uma das figuras humanas e literárias mais curiosas do tempo, quer pela aventurosa vida que levou, quer pela obra onde caldeou uma vária e complexa”. Escreveu sempre obras de observação, com o propósito definido e pragmático de “realizar conquistas amorosas, sobretudo por meio de cartas, defender-se dos ataques que lhe eram dirigidos e satirizar os usos e costumes do tempo”.

A edição utilizada para análise das Cartas de Cavaleiro de Oliveira foi também a do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, já especificada anteriormente.

- **Cartas de Pina Manique** (CPM)

Formado em Leis pela Universidade de Coimbra, Diogo Inácio de Pina Manique, ocupou diversos cargos, antes de ser designado Intendente-Geral da Polícia. Foi juiz do crime em diversos bairros de Lisboa, superintendente-geral de Contrabandos e Descaminhos, desembargador da Relação do Porto, desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação.Foi considerado o homem da confiança do Marquês do Pombal.

O Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (1989) registra que era:

> Moço fidalgo, primeiro senhor de Manique do Intendente; 4.º senhor do morgado de S. Joaquim, na vila de Coina; alcaide-mor de Portalegre, comendador da ordem de Cristo, chanceler-mor do reino, desembargador do Paço; intendente geral da polícia da corte, e reino; administrador geral da Alfândega Grande de Lisboa; feitor-mor das mais alfândegas do reino; administrador da Casa Pia do castelo de S. Jorge; bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra, juiz do crime do bairro do Castelo, etc.

Para esta tese, tendo em vista o número de linhas desejado, foram analisadas 40, das 72 cartas escritas.

A edição utilizada para análise das Cartas de Pina Manique foi também a do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, já, anteriormente, especificado.

4.2.2.1.4 Século XIX

Para representar o século XIX foram selecionadas, tendo em vista o número de linhas desejado para cada século, cartas de três autores: Ramalho Ortigão, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco .

Interessante destacar a interrelação entre a vida e a obra de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós – de certa forma eles sempre estiveram muito próximos, embora o último tenha tido uma carreira literária de maior destaque.

- **As Catas a Emília , Ramalho Ortigão** (CRO)

Ramalho Ortigão nasceu de uma abastada família nortenha de origem rural, o que haveria sempre de marcar o seu aspecto físico, a sua estrutura moral e o próprio estilo da sua obra.

Fez os estudos preparatórios no Porto, e dedicou-se também ao magistério como seu pai. Lecionou no colégio da Lapa, que seu pai dirigia, e sentindo uma grande inclinação para as letras, entrou para a redação do Jornal do Porto, tomando a seu cargo a seção noticiosa e o folhetim. Naquela folha, colaboravam então os políticos mais em evidência na época. Ramalho Ortigão logo se "firmou um espírito cintilante e pitoresco, revelando as altas qualidades que lhe deviam dar nas letras um lugar tão especial" (DICIONÁRIO CRONOLÓGICO DE AUTORES PORTUGUESES, 1989). Lançado na vida do jornalismo, e tendo sido nomeado oficial da Academia Real das Ciências, veio, em 1879, para Lisboa, estabelecer definitiva residência. Segundo Massaud Moisés (2008, p. 200) "foi um autêntico repórter do tempo, mas repórter apaixonado por sua terra."

As cartas em estudo são denominadas "Cartas a Emilia", embora pouco se saiba acerca de seu casamento com D. Emília Isaura Vilaça de Araújo Vieira, a destinatária.

> As cartas de Ramalho para a mulher e toda a família foram reveladoras. Era fácil perceber que ele tinha consciência de que as suas cartas seriam lidas em voz alta, para o círculo familiar e dos amigos íntimos, para que todos tivessem conhecimento daquilo que ele, Ramalho, via e admirava. Suas cartas tinham como destinatário uma autêntica plateia. Por tal razão Ramalho autorizava a publicação das cartas em jornais. Através dessas cartas, conservadas hoje entre os espólios da Biblioteca Nacional, foi possível usufruir do sabor de sua inteligência e, sobretudo, de seu bom gosto, finura de espírito, conhecimentos de arte. (BERRINE, 2007)

Pode-se notar, pelo que afirma Beatriz Berrine, organizadora das Cartas, em depoimento à Biblioteca Nacional de Portugal (2007) que a correspondência de Ramalho Ortigão traça muito mais um “roteiro” das viagens do autor que, propriamente, um indicativo da intimidade do casal.

A edição utilizada para a análise foi a organizada por Beatriz Berrini, editada em Lisboa e publicada pela Biblioteca Nacional em 1993, disponível no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*

- **Correspondência de Eça de Queirós** (CEQ)

Romancista consagrado por *Os Maias e O crime do padre Amaro,* José Maria Eça de Queirós iniciou os seus estudos no Colégio da Lapa, Porto, propriedade do pai de Ramalho Ortigão, que ali lecionava francês. Os dois escritores tornar-se-iam parceiros de letras e amigos para toda a vida.

Segundo Jorge Couto*, presidente do Instituto Camões,* "A literatura portuguesa não teria alcançado a importância internacional de que desfruta sem a contribuição determinante da obra de Eça de Queirós".

Em relação à sua correspondência, Carlos Reis (2005) afirma:

> O epistolário queirosiano (ainda não estudado de forma sistemática, é certamente um *corpus* altamente sugestivo, pelas informações que encerra, mas não deve, por isso, levar-nos a esquecer o que, afinal, não se passa só com Eça: que, nas suas cartas, o escritor tende, não raro, a encenar explicações ou a ocultar motivações. E muitas vezes não é só o destinatário imediato que é visado: é também um destinatário mediato, inscrito na posteridade, destinatário outro não menos importante do que o primeiro, em quem o escritor provavelmente também pensa, ainda que obviamente o não diga de forma expressa. A esse destinatário outro endereçam-se, por vezes, de forma enviezada, explicações que podem não convencer o primeiro, mas que, a prazo, ilustrarão aspectos importantes da vida literária do escritor.

A publicação original da Correspondência de Eça de Queirós consta de 40 cartas, mas nove são escritas por Oliveira Martins. Para este estudo, foram consideradas as 31 cartas escritas por Eça de Queirós.

A edição da Correspondência de Eça de Queirós utilizada para análise foi, também, a organizada por Beatriz Berrini, editada em Lisboa e

publicada pela Biblioteca Nacional disponível no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*.

- **Correspondência e declaração intima, de Camilo Castelo Branco** (CCB)

Camilo Castelo Branco nasceu em 1825, em Lisboa, e foi registrado como filho de mãe incógnita, pelo que se diz, porque o seu pai e a sua avó não queriam que o nome Castelo Branco estivesse envolvido com alguém de humilde condição. Órfão de pai aos dez anos tem o curso de sua vida modificado, indo morar em Trás-os-Montes com uma tia e posteriormente com uma irmã.

Camilo inicia os estudos primários, em 1830, em Lisboa, primeiro na escola de mestre Inácio Minas, na rua dos Calafates, depois na escola de Satírio Salazar, na Calçada do Duque. Formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e a literatura eclesiástica . Após muitas idas e vindas, prossegue os estudos com o padre Manuel Rodrigues, conhecido por padre Manuel da Lixa e, em 1843, já no Porto, é aprovado na Escola Médica e na Academia Politécnica. Entretanto, na Escola Médica do Porto, perde o ano por faltas e tenta o curso de Direito em Coimbra, fato que leva vários autores a denominá-lo como um “falhado nos estudos”.

Em 1841, aos dezesseis anos, Camilo Castelo Branco casa-se com Joaquina Pereira de França e instala-se em Ribeira de Pena. Entretanto, algum tempo depois, após vários romances tumultuados, inclusive, com uma freira, apaixona-se por Ana Plácido, um senhora casada, que, por ele, abandona o marido, fato que os leva a serem processados e presos por crime de adultério. Após serem libertados, Camilo assume a responsabilidade de sustentar a mulher e três filhos, um dos quais do casamento anterior de Ana Plácido. Desse modo, passa a trabalhar incansavelmente, apesar dos desgostos familiares (“um filho demente e outro doidivanas”) e dos sofrimentos que a sífilis começa a lhe causar, determinando-lhe a perda progressiva da vista até fazê-lo cego. Estafado, torturado, roído pela moléstia, Camilo suicida-se a 10 de junho de 1890, quando já gozava de largo prestígio como homem de letras.

Para Massaud Moisés (2008, p. 178):

> Camilo impressiona primeiro que tudo pela aventuresca e trágica vida que levou: um como estigma de desgraça marcou-lhe a existência desde cedo. Impressiona ainda pela quantidade de obras que escreveu: somam algumas dezenas, formando a obra talvez mais extensa e variada em Língua Portuguesa.

Camilo Castelo Branco produziu, ao longo de sua vida, poesia, teatro, crítica literária, jornalismo, folhetim, historiografia, polêmica, romance, novela, conto e a epistolografia, levando Massaud Moisés (2008, p. 182) a descrevê-lo, com propriedade, como um "nato contador de histórias ... que conhece a Língua por dentro e por fora, a erudita e a popular ou regional.", características que estão refletidas em sua correspondência.

As cinqüenta e três cartas selecionadas para o *corpus* desta pesquisa compõem o volume 1 – Autobiografia e memórias: verso, novelas e contos – da obra seleta publicada pela Editora José Aguilar, em 1960.

4.2.2.1.5 Século XX

Para analisar o século XX, foram utilizadas as cartas de Fernando Pessoa, Teófilo Braga e as cartas de diversos autores portugueses endereçadas a Cândido Figueiredo.

- **Correspondências de Fernando Pessoa** –1905/1922 (CFP)

O mais universalizado e comentado dos poetas portugueses, Fernando Pessoa, é considerado o mais influente, o mais lido, o mais permanentemente intrigante, desde Camões. Para Massaud Moisés (2008, p.240) "um dos casos mais complexos, senão único da Literatura Portuguesa, tão fortemente perturbador que o futuro virá a compreendê-lo e julgá-lo como merece."

Nascido em Lisboa, em 13 de Junho de 1888, e falecido 47 anos depois, em 30 de Novembro de 1935. Fernando Pessoa não casou, não teve filhos, não teve emprego certo, não teve, tirando Mário de Sá-Carneiro, amigos 'íntimos'; não concluiu um curso superior, não viajou, depois do seu regresso a

Lisboa que se seguiu à estada (não por si determinada), de alguns anos, em Durban[21]; a sua vida foi, vastamente, uma sucessão ininterrupta de não aconteceres, só dramaticamente entrecortados, uma vez, pelo suicídio de Sá-Carneiro, acontecido à sua revelia. Bebeu muito, fato que o levou a morrer por cirrose. (DICIONÁRIO CRONOLÓGICO DE AUTORES PORTUGUESES, 1989).

Interessante destacar que Fernando Pessoa não gostava de escrever cartas para as pessoas que amava, como afirma o próprio autor em uma de suas cartas a Ofélia Queirós (carta 125, 1920):

> Não te admires de certo laconismo nas minhas cartas. As cartas são para as pessoas a quem não interessa mais falar: para essas escrevo de boa vontade. A minha mãe, por exemplo, nunca escrevi de boa vontade, exactamente porque gosto muito dela.

As cartas aqui estudadas compõem o volume I, **Correspondência** - 1905 - 1922, organizado por Manuela Pereira da Silva, em 1999, que, no Posfácio, afirma ter reunido não apenas as cartas consideradas literárias, mas também as que, embora pouco significativas de um ponto de vista estritamente artístico, ajudassem a iluminar a personalidade multíplice de Fernando Pessoa e a desvendar alguns 'mistérios' da sua biografia.

- **Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual** (CIP)

Trata-se de uma publicação que reúne, como especifica o próprio título, oitenta e cinco autores portugueses da segunda metade do século XIX e dos primeiros vinte e cinco anos do século XX. Apesar do título se referir a escritores portugueses, entre eles estão incluídos também brasileiros a exemplo de Silvio Romero, Olavo Bilac, José Veríssimo, Gonçalves Dias e Machado de Assis, perfazendo um total de 165 cartas das quais foram analisadas 22, tendo em vista o objetivo de verificar a escrita de portugueses

[21] Cidade localizada na África do Sul

no século XX. Essas cartas fazem parte do acervo da correspondência endereçada a Cândido Figueiredo, conforme especifica o próprio autor no prefácio do livro: “são cartas que cultivo de minhas relações literárias ou não que tenho recebido por mais de meio século.

As cartas analisadas têm como remetentes: o arcebispo da Calcedônia, ministro dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça; o Conde de Monsaraz, advogado e poeta; o Conde de Sabugosa, sócio efetivo da Academia Real das Ciências, escritor e poeta; D. João da Câmara, formado em Engenharia, mas consagrou-se como autor dramático; Gomes Leal, poeta e crítico literário português; Gonçalves Viana, filólogo, linguísta e lexicógrafo português; M. Duarte de Almeida, poeta; entre outros. Em comum, há o traço da nacionalidade e também a proximidade com a poesia, política e/ou crítica literária.

A edição analisada foi a de 1994, publicada pela Nova Aguilar, no Rio de Janeiro.

- **Cartas de Teófilo** (CT)

Cartas de Teófilo são cartas escritas por Teófilo Braga, ou Joaquim Fernandes Teófilo Braga, nascido em Ponta Delgada, em 1843, membro do grupo anteriano que se envolveu na Questão Coimbrã, provocada, inclusive, por dois livros seus: “Visão dos Tempos” e “Tempestades Sonoras”, ambos de 1864. Formado em Direito, torna-se professor no Curso Superior de Letras e põe-se a exercer notável ação no pensamento português, por meio da cátedra e dos livros. Positivista convicto, a República (1910) arrasta-o à presidência provisória da Nação. Teófilo “cultivou a poesia, o conto, a doutrinação filosófica e política, mas foi na historiografia e na crítica literária que se destacou. (MOISÈS, 2008, p. 252).

As cartas de Teófilo constituem uma coletânea das cartas enviadas a Fran Paxeco (Manuel Fran Paxeco) que foi cônsul de Portugal, no Maranhão, no Pará, em Cardiff e em Liverpool, e fundador da Academia Maranhense de Letras, da Faculdade de Direito, do Centro Republicano Português, do Instituto de Assistência à Infância, entre outros. Posteriormente, foi nomeado testamenteiro de Teófilo Braga, do qual se considerava discípulo.

Foram analisadas 30 cartas da edição publicada em Lisboa pelo Diário de Notícias, em 1924.

4.2.2.2 Corpus do português brasileiro

4.2.2.2.1 Século XVI

- **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil** (CJB)

O *corpus* do século XVI é composto pelas Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil. Trata-se de uma coletânea das cartas dos jesuítas que aqui chegaram, objetivando catequizar os índios. Os relatos são os mais diversos: referem-se à situação de isolamento, à índole de alguns religiosos que causaram problemas para o bom funcionamento e para a paz interna das residências e colégios jesuíticos, à religiosidade do período, aos usos e costumes dos índios, à formação político-administrativa da colônia, ao desenvolvimento econômico, à política externa portuguesa e, também, ao estudo das línguas brasílicas.

Dos três volumes foram selecionadas dez cartas, de diferentes remetentes, a fim de que se pudesse observar o máximo da variação dos usos da língua e, consequentemente, do tempo verbal em estudo. A edição das cartas utilizada foi a organizada por Serafim Leite, publicada pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo em 1954.

4.2.2.2.2 Século XVII

Como *corpus* para o século XVII, foram selecionadas as Cartas do Maranhão (1651-1661) e as da Bahia (1682 – 1697), do Padre Antonio Vieira e a Correspondência dos Governadores Geraes.

- **Cartas do Padre Antonio Vieira** (CPV)

A escolha das cartas do Padre Antonio Vieira justifica-se por ser esse autor uma figura de destaque, seja por sua atuação religiosa ou política, seja, principalmente, por sua produção literária. Vieira é considerado um dos grandes autores da língua portuguesa e o maior orador sacro do século XVII.

Nasceu na freguesia da Sé, em Lisboa, mas, aos sete anos, acompanhou a família para a Bahia, onde o pai veio exercer a função de secretário do governo. Assim que chegou (1615), logo começou os seus estudos no Colégio dos Jesuítas, vindo a ingressar, posteriormente, na Companhia de Jesus.

Conta-se que Vieira não foi, de início, aluno brilhante. Entretanto, por volta dos catorze anos, os jesuítas começam a descobrir-lhe a inteligência, a inesperada queda para escrever bem o português e a facilidade com que dominava o latim. Revela-se, ao mesmo tempo, um crente fervoroso, tornando-se, posteriormente, diplomata, sacerdote e escritor.

Vieira teve uma vida intensa. Embora religioso, ao longo dos seus 89 anos, nunca restringiu sua vida, exclusivamente, à pregação religiosa; dedicou, pelo menos, 64 anos deles à vida pública, permanecendo, até quando a saúde lhe permitiu, atento e atuante nas questões que envolviam o estado e a religião. Esse português de nascimento, viveu no Brasil por volta de 51 anos, exercendo as mais diversas funções. A 16 de Julho de 1697, morre, no mesmo colégio da Bahia onde iniciara seus estudos. É considerado o maior prosador da língua portuguesa. Bosi (2001, p.44) assim o define:

> Existe um Vieira brasileiro, um Vieira europeu e um Vieira português, e essa riqueza de dimensões deve-se não apenas ao caráter supranacional da Companhia de Jesus que ele tão bem encarnou, como à sua estatura humana em que não me parece exagero reconhecer traços de gênio.

A obra de Vieira é composta por cerca de 200 sermões, mais de meio milhão de cartas, inúmeros relatórios, representações, pareceres e outros documentos de natureza política e diplomática, além de opúsculos religiosos ou de exegese profética.

As cartas do Maranhão (CVM) e da Bahia (CVB), aqui analisadas, revelam dados de sua intensa vida missionária, tratando de vários assuntos locais e do Império: liberdade dos índios, escravidão africana, o quilombo dos Palmares, pestes e falta de moeda circulante, intrigas da Corte, sucessão dinástica etc. Assim, estas cartas são importantes pela riqueza histórica que contêm. As de cunho menos formal trazem trocadilhos que tornam mais leve o estilo do autor; as destinadas a altas personalidades deixam claro o tom submisso, constantemente renovado nas repetições das fórmulas de tratamento honorífico.

A edição utilizada para análise foi a de J. Lúcio de Azevedo, publicada em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em três tomos. As cartas do Maranhão fazem parte do 1º tomo, publicado em 1970; as da Bahia, do segundo, publicadas em 1971.

- **Cartas dos Governadores Geraes** (CGG)

As Cartas dos Governadores Geraes se referem à correspondência dos governadores gerais do Estado do Brasil, publicada em uma coleção organizada pela Biblioteca Nacional, com 110 volumes, que compõem a série Documentos Históricos, cujo objetivo, conforme relatado na própria coleção, é facilitar aos pesquisadores a consulta a manuscritos da história brasileira, disponibilizando-os e preservando o "conteúdo desses valiosos papeis à acção destruidora da traça", (BIBLIOTECA NACIONAL, 1928) .

Para esta pesquisa foram consultadas 29 cartas do volume X, cujo teor é a correspondência de vários governadores Geraes, dentre os quais foi escolhido Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, nomeado governador e capitão-general do Brasil, em 1611.

Como mencionado anteriormente, a edição consultada foi a organizada pela Biblioteca Nacional em 1928, tendo como um dos seus responsáveis o historiador José Honório Rodrigues, diretor da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca.

4.2.2.2.3 Século XVIII

Para analisar o século XVIII foram escolhidas as Cartas Baianas Setecentistas e as Cartas da Bahia do Marquês do Lavradio.

- **Cartas Baianas Setecentistas** (CBS)

As cartas Baianas Setecentistas são cartas oficiais, todas da segunda metade do século XVIII, de 1763 a 1799. Os seus remetentes são desembargadores-ouvidores ou juízes ordinários, que não obrigatoriamente letrados, eram conhecidos como juízes da terra, por serem moradores da localidade, diferentemente dos juízes de instâncias superiores - corregedores, ouvidores e desembargadores que eram obrigatoriamente formados em leis, e, "não podiam ter nascido no Brasil", como destaca Lobo (2001, p.17); embora "já na primmeira Relação de 1653, haja um pernambucano e um baiano.".

Os documentos acham-se originalmente organizados em dois grupos: 126 cartas e seus anexos e uma devassa, totalizando 127 documentos. As cartas, por sua vez, são subdivididas por sua Comarca de origem, sendo: 33 da Comarca do Recôncavo Baiano e 83 da Comarca dos Ilhéus. Lobo (2001, p.18) destaca que "A Comarca dos Ilhéus tinha um desembargador-ouvidor, que fazia a correição - por toda a sua comarca".

Quanto à autoria, esses documentos são classificados em autógrafos, quando de punho do autor intelectual, em apógrafos, quando escritos por outros para o autor intelectual e cópias, de relação mais distante com o autor intelectual (LOBO, 2001).

As Cartas Baianas Setecentistas, que são cartas oficiais, escritas por oficiais de Sua Majestade, o Rei de Portugal, apresentam um certo nível de formalidade, não só na linguagem, mas na estrutura. Essas cartas constituem relatos de ocorrências policiais, como roubos, casos de homicídio, questões da terra, em que se solicitam providências, ou permissão para a tomada de decisões; também há solicitação para expedição de ordens, para atendimento a requerimentos, etc.

A edição utilizada para análise foi a organizada por Tânia Lobo com a colaboração de Permínio Ferreira, Uilton Gonçalves e Klebson Oliveira, publicada em São Paulo, pela Editora Humanitas, em 2001.

- **Cartas da Bahia do Marquês do Lavradio** (CML)

D. Luís de Almeida Portugal e Mascarenhas - 5.º conde de Avintes e 2.º marquês do Lavradio, foi nomeado, pela Carta Régia de 26 de agosto de 1767, Governador e Capitão-General da Capitania da Bahia de Todos os Santos, para onde embarcou a 24 de fevereiro do ano seguinte, aqui chegando a 19 de abril do mesmo ano, para permanecer até 14 de outubro de 1769.

A edição utilizada para estudo foi a publicada pelo Arquivo Nacional, em 1972, a qual registra 139 cartas, das quais foram analisadas 31, escritas a parentes e amigos residentes em Portugal, na África e Açores. Esta correspondência oferece muitos indícios das relações pessoais e familiares entre os governadores, do contrato de casamentos na mesma família e da estreita afinidade ou parentesco adquiridos por meio de casamentos com familiares próximos, além de deixar claro os "acordos" políticos da época.

4.2.2.2.4 Século XIX

Objetivando analisar a escrita do século XIX, utilizou-se, como amostra, as cartas escritas por Machado de Assis e as elaboradas por brasileiros cultos nascidos e ou educados em regiões urbanas.

- **Epistolário de Machado de Assis** (EMA)

Joaquim Maria Machado de Assis - jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo - nasceu em 21 de junho de 1839, em uma Chácara, no Morro do Livramento, zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. Pobre, filho de um brasileiro mulato e de uma portuguesa açoriana, Machado de Assis é amparado por sua madrinha, senhora abastada e proprietária da chácara onde vivia. Não se sabe muito sobre sua infância, nem sobre seus

estudos. No entanto, tem-se conhecimento de que se iniciou no trabalho muito cedo, para ajudar as finanças da família.

Em 1881, Machado de Assis publicou seu texto mais importante, considerado um divisor de águas, não só de sua obra, mas da literatura brasileira : Memórias Póstumas de Brás Cubas, cujo protagonista é um "defunto-autor" que conta as suas "memórias".

Machado de Assis viveu no período em que se formava a nacionalidade brasileira. Tinha consciência de sua posição política, tanto que escreveu romances nos quais buscou refletir a cor local e a vida nacional em suas diferentes feições. Concomitantemente, militou para a construção de uma expressão brasileira da língua portuguesa, buscando tanto o clássico, quanto o linguajar comum e fixando, desta maneira, a própria feição do falar brasileiro. Criticou ferrenhamente o afrancesamento da língua, vigente na época. (RIO ESTUDOS, 2008, p.5).

A obra de Machado de Assis é, desde 2008, data em que se comemorou um centenário de sua morte, Patrimônio Cultural Carioca, através do Decreto Nº. 29.902, de 26 de setembro de 2008.

A correspondência machadiana tem sido objeto de diversos estudos. Segundo Teresa Malatian (1999, p.378) é nessa correspondência que se buscam "informações confidenciais sobre a vida do escritor"; entretanto, após a análise das cartas confirma-se a "atitude reservada e a adoção de uma imagem pública que se tornou um estilo". A mesma autora comenta ainda que:

> Se entre os amigos não se expunha, com os confrades tampouco a polidez e a afabilidade no trato iriam de par com expansões reveladoras de sua intimidade, atitude reforçada pela idade atingida quando da escrita das cartas que foram preservadas. [...] a correspondência testemunha uma época e as redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade constituído pela ABL[22]." (MALATIAN, 1999, p.399)

O Epistolário de Machado de Assis é composto por 197 cartas, das quais foram analisadas as 92 escritas no século XIX, e, para completar o número de linhas, 68 escritas nos cinco primeiros anos do século XX. A edição

[22] Academia Brasileira de Letras do qual foi presidente no período de 1897 a 1908

utilizada para análise foi a publicada pela Nova Aguilar em 1994, Obra Completa, vol. III, no Rio de Janeiro.

- **Cartas Brasileiras** (CBC)[23]

As Cartas Brasileiras referem-se a um conjunto de 500 cartas manuscritas escritas entre 1809-1904 por indivíduos nascidos entre fins do século XVIII até o terceiro quartel do século XIX. Segundo Carneiro (2005b, p.87), organizadora do *corpus*, a nacionalidade brasileira dos autores, identificada ou inferida, permitiu-lhe opor duas variantes distintas : 1) textos escritos por brasileiros cultos nascidos e ou educados em regiões urbanas; e 2) textos escritos por brasileiros semi-cultos e não cultos nascidos/radicados no interior, especificamente da Bahia.

Para dar unidade ao conjunto, ainda segundo a organizadora, as cartas foram reunidas por destinatários, o que gerou a necessidade de dividir o volume 2 em três partes: 1ª): cartas avulsas para vários destinatários; 2ª) cartas para Severino Vieira e 3ª): cartas para Cícero Dantas Martins, o barão de Jeremoabo. Para o presente estudo, foram analisadas 61 cartas da primeira parte, a dos brasileiros cultos, escritas no período de 1809 a 1866.

Carneiro (2005b, p. 88) conclui que são documentos relativamente homogêneos, sobretudo, como mensagens particulares escritas por um número relativamente grande de pessoas, ao todo 217, que escrevem sem preocupações estéticas excessivas, prevalecendo correspondências particulares trocadas entre amigos e familiares.

Assim, a edição utilizada para análise foi a organizada por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro para a sua tese de doutoramento (2005) , disponibilizada através do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, já especificado anteriormente.

[23] A sigla utilizada CBC refere-se à terminologia utilizada por Carneiro ao longo do seu texto, embora o título seja o utilizado aqui.

4.2.2.2.5 Século XX

As cartas de Clarice Lispector e as cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira foram as escolhidas como *corpus* para o século XX.

- **Correspondências**, de Clarice Lispector (CCL)

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920, tendo recebido o nome de Haia Lispector, terceira filha de Pinkouss e de Mania Lispector. Seu nascimento ocorreu durante a viagem de emigração da família em direção à América. Em março de 1922, chegam a Maceió, sendo recebidos por Zaina, irmã de Mania, e seu marido e o primo de Rabin, responsável pela vinda de toda a família para o Brasil mediante uma "carta de chamada".

Por iniciativa de seu pai, à exceção de Tania, sua irmã, todos mudaram de nome: o pai passou a se chamar Pedro; Mania, Marieta; Leia, irmã, Elisa; e Haia passa a ser Clarice. Pedro começou a trabalhar com Rabin, seu cunhado e primo, já um próspero comerciante. Em 1925, a família muda-se para Recife, onde Pedro pretendia construir uma nova vida. A doença de sua mãe, Marieta, que ficou paralítica, fez com que sua irmã Elisa se dedicasse a cuidar de todos e da casa. Em 1935, mudaram para o Rio de Janeiro onde morariam até 1944. Clarice casou-se com o colega de faculdade, Maury Gurgel Valente, que, ao terminar o curso de Direito, ingressou, por concurso, na carreira diplomática. Por conta da carreira do marido, viajou e morou em diversas cidades do mundo, mas sempre retornou ao Rio de Janeiro, onde se fixaria definitivamente, a partir de 1951, até o seu falecimento em 1977.

Em carta a Getúlio Vargas, solicitando a sua naturalização como brasileira, em junho de 1942, Clarice se apresenta como:

> Uma russa de 21 anos de idade que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo, mas que pensa, fala, escreve e age em português fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos de seu futuro, próximo ou longínquo. Que não tem pai nem mãe – o primeiro, assim como as irmãs da signatária, brasileiro naturalizado – e que por isso não se sente de modo algum presa ao país de onde veio, nem sequer por

> ouvir relatos sobre ele. [..] que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças. [...] (LISPECTOR, 2002, p.33)

O livro Correspondências, consultado para esta pesquisa, é composto de 129 cartas: 70 escritas por Clarice e 59 escritas por escritores como: Manuel Bandeira, Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond, Lêdo Ivo, Marly de Oliveira, João Cabral de Melo Neto, ou pessoas que tiveram uma importância muito grande em sua vida como a artista plástica Maria Bonomi, e o jornalista Alberto Dines, por exemplo, como declara Teresa Monteiro (2002, p.11), organizadora de Correspondências, em nota prévia do livro.

Para esta tese, tendo em vista o número de linhas desejado, foram analisadas 63, das 70 cartas escritas por Clarice Lispector.

- **Cartas de Mario de Andrade a Manuel Bandeira** (CMM)

As Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira refletem, antes de qualquer coisa, a “amizade postal”existente entre os dois autores, além da influência que tiveram um ao outro. O assuntos tratados vão desde a teoria literária até “fofocas e confidências”.

Segundo Moraes (2009), organizador da coletânea, a troca de correspondência entre Mário e Bandeira começou em 1922, por iniciativa do segundo e se prolongou até 1944. Foi um caso interessantíssimo de amizade por via postal, uma vez que pouco se viram e nas poucas ocasiões em que isso aconteceu, permaneceram "vexados pelo pudor e pelas diferenças de sensibilidade".

Mário de Andrade é conhecido como um “infatigável escrevedor de cartas”, entretanto não era favorável à divulgação de sua correspondência, afirmando que o escritor, o artista, “pelo fato de ter uma vida pública, não pudesse ter uma vida particular!”; julga que “devia ser proibido a mostra pública de cartas particulares, por lei governamental”. (MORAES, 2009). Embora tenha autorizado umas poucas publicações de sua correspondência, deixou em testamento a proibição de se publicar as correspondências recebidas por ele por cinqüenta anos, desejo cumprido por sua família.

A edição consultada foi a da Editora Simões, em 1958, da qual foram analisadas 16 cartas, escritas no período de 1933 a 1935.

4.3 *CORPUS* DE LINGUA FALADA

4.3.1 Portugal

O projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT, tem por objetivo consolidar e intensificar a integração entre os trabalhos que têm sido desenvolvidos em Portugal e no Brasil sobre determinados fenômenos da língua portuguesa, de modo a oferecer um quadro geral contrastivo de suas variedades nacionais, com ênfase no desempenho de falantes representativos das variantes padrão e não padrão. Esse Projeto é desenvolvido através de um intercâmbio entre a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa.

Com a execução deste projeto, segundo Brandão e Mota (2000) garantir-se-á, não só o conhecimento das características comuns que se mantêm nas diversas variedades do português, mas também a aferição das diferenças que se vão revelando a partir das mudanças linguisticas que se processaram e/ou se processam, independentemente, no Brasil, em Portugal e na África, eventualmente separando e/ou unindo tais variedades. Nesse sentido, procura-se, de um lado, contemplar os diversos níveis da língua e, de outro, restringir os fenômenos a serem observados àqueles que se têm mostrado mais produtivos do ponto de vista da variação lingüística, com base nos estudos já empreendidos pelos pesquisadores que constituem a equipe deste projeto. Desse modo, o *corpus* de língua falada de Portugal que integra o VARPORT é constituído por inquéritos retirados do *Corpus* do Português Fundamental e do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) e por elocuções livres do *Corpus* do Atlas Linguístico-Etnografico de

Portugal e da Galiza (ALEPG), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

- População e amostra do *corpus de língua falada de Portugal*

Foram analisados vinte e quatro inquéritos do tipo DID, sendo doze da década de 70 e doze de 90. Os informantes foram selecionados por faixa etária — Faixa 1 , com idade entre 25 e 35 anos ; Faixa 2, com idade entre 36 e 55 anos; Faixa 3, com idade a partir de 56 anos, como pode ser visto nos quadros 5 e 6 abaixo:

- Década de 70

DATA/ LOCAL GRAVAÇÃO	CÓDIGO INFORMANTE VARPORT	DURAÇÃO	GÊNERO/ FAIXA ETÁRIA	TEMA DA ENTREVISTA	PROFISSÃO E FORMAÇÃO
Novembro - 1971. Lisboa	Oc-P-70-1m-001	6m15s	Masculino-Faixa 1	Problemas científicos	Estudante universitário de Química
entre 1970 e 1974 Lisboa	Oc-P-70-1m-002	6m07s	Masculino-Faixa 1	As más condições do trabalho em gabinete	Administrador Licenciado em Direito
entre 1970 e 1974 Lisboa	Oc-P-70-1f-003	5m15s	Feminino – Faixa 1	Crianças	Curso de professora primária e frequência de Biologia
Anos 70. Lisboa	Oc-P-70-1f-004	3m59s	Feminino – Faixa 1	Educação dos filhos, características e problemas	Médica
entre 1970 e 1974 Coimbra	Oc-P-70-2m-001	4m51s	Masculino-Faixa 2	Relações pais/ professores	Jornalista - Secretário geral da Inspecção do Desporto Universitário
entre 1970 e 1974 – Lisboa	Oc-P-70-2m-002	7m35s	Masculino-Faixa 2	A psicanálise da homossexualidade	Psicólogo
1972 - Lisboa	Oc-P-70-2f-003	5m08s	Feminino – Faixa 2	Peculiaridades da língua	Psicóloga
entre 1970 e 1974 Estoril-Lisboa	Oc-P-70-2f-004	6m37s	Feminino – Faixa 2	A arte e o ensino	Professora do liceu
entre 1970 e 1974 - Lisboa	Oc-P-70-3m-001	6m4s	Masculino-Faixa 3	Comparação entre a industrialização europeia e norte-americana	Engenheiro agrónomo

entre 1970 e 1974 - Lisboa	Oc-P-70-3m-002	5m29s	Masculino-Faixa 3	O espaço teatral	Ator – Licenciado em Direito
entre 1970 e 1974 - Sintra-Lisboa	Oc-P-70-3f-003	4m46s	Feminino – Faixa 3	O ensino da música	Professora do canto coral - Licenciada pelo Conservatório Nacional de Música
Fevereiro de 1974. Lisboa	Oc-P-70-3f-004	5m30s	Feminino – Faixa 3	Diferenças culturais entre as gerações	Advogada

Quadro 9: Amostra linguagem oral do português europeu – Projeto VARPORT -1970

- Década de 90

DATA/ LOCAL GRAVAÇÃO	CÓDIGO INFORMANTE VARPORT	DURAÇÃO	GÊNERO/ FAIXA ETÁRIA	TEMA DA ENTREVISTA	PROFISSÃO E FORMAÇÃO
Outubro de 2001-Sintra-Lisboa	Oc-P-90-1m-005	3m26s	Masculino-Faixa 1	Uma estadia do Norte	Estudante de Licenciatura em Ciências da Comunicação
Agosto de 2001. Lisboa	Oc-P-90-1m-006	5m40s	Masculino-Faixa 1	Ensinar ciência e tecnologia	Doutoramento
Novembro de 2001. Lisboa	Oc-P-90-1f-007	4m47s	Feminino – Faixa 1	Jantares temáticos	Gestora do programa de bolsas Fulbright, Licenciatura em Relações Internacionais
Dezembro de 2001. Lisboa	Oc-P-90-1f-008	4m17s	Feminino – Faixa 1	Educação	Professora do Ensino Secundário, Licenciatura em Belas Artes
Novembro de 2001. Lisboa	Oc-P-90-2m-005	5m52s	Masculino-Faixa 2	As bolsas Fulbright	Diretor Executivo da Comissão Cultural Luso-Americana, Licenciatura em Gestão
Outubro de 2002. Lisboa	Oc-P-90-2m-006	4m43s	Masculino-Faixa 2	Energia nuclear	Investigador Doutoramento
Agosto de 2001. Lisboa	Oc-P-90-2f-007	5m6s	Feminino – Faixa 2	Experiência como hospedeira	Hospedeira
Outubro de 2002. Lisboa	Oc-P-90-2f-008	6m27s	Feminino – Faixa 2	Ensino, educação dos filhos e viagens	Professora de Ciências no Terceiro Ciclo Licenciatura em Geologia
Agosto de 1989. Cascais-Lisboa	Oc-P-90-3m-005	5m52s	Masculino-Faixa 3	A sua vivência enquanto músico	Pianista Licenciado pelo Conservatório Nacional de Música
Março de 1990. Lisboa	Oc-P-90-3m-006	9m38s	Masculino-Faixa 3	A sedução	Médico dermatologista e Professor

Outubro de 2001. Lisboa	Oc-P-RE-3m-009	5m15s	Masculino – Faixa 3	Vinhos Portugueses	Engenheiro agrônomo reformado
Agosto de 2001. Lisboa	Oc-P-RE-3f-011	8m16s	Feminino – Faixa 3	Formas de tratamento e sua evolução	Psicóloga

Quadro 10: Amostra linguagem oral do português europeu – Projeto VARPORT -1990

A distinção do número de inquéritos consultados do VARPORT deu-se como uma tentativa de aproximar o tempo das entrevistas às realizadas pelo NURC, uma vez que, o tempo médio de gravação dos inquéritos portugueses são, em média, muito menores que os do NURC. Dessa forma, foram consultados todos os inquéritos disponibilizados, ou seja, dois inquéritos de cada gênero/sexo, para cada uma das faixas etárias, exceto para a Faixa 3, em que foram consultados três inquéritos do gênero masculino e apenas um do feminino, por não estarem outros inquéritos disponíveis no site do Projeto.

4.3.2 Brasil

- **Projeto NURC**

O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta - Projeto NURC - teve início em 1969, por iniciativa de Nelson Rossi, Professor Catedrático de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia, em proposta apresentada ao IV Simpósio do PILEI (Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas) , no México/1968, tendo sido ele o seu primeiro coordenador nacional e coordenador do Projeto NURC/SSA até a sua aposentadoria.

Metodologicamente, o Projeto NURC está vinculado, ao Proyecto de Estudio Conjunto y Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica, Proyecto proposto por Juan Lope Blanch, no II Simpósio do PILEI, em Bloomington/1964.

Também por sugestão de Nelson Rossi, o Projeto NURC não poderia se restringir apenas ao Rio de Janeiro, mas se estender às cinco

principais capitais com mais de um milhão de habitantes no Brasil: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Este Projeto, cujo objetivo é descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído por falantes com escolaridade de nível superior, tem caráter conjunto e coordenado e se pauta pelos mesmos princípios metodológicos nas cinco cidades.

Para participar do Projeto, os informantes, do sexo masculino e feminino, deveriam atender a alguns critérios: 1) terem nível superior de escolaridade; 2) serem nascidos na cidade sob estudo ou nela residentes desde os cinco anos de idade; e 3) serem filhos de nativos de língua portuguesa, de preferência nascidos na cidade sob pesquisa. Atendendo a esses critérios, os informantes foram distribuídos em três faixas etárias:

- 1ª faixa etária: de 25 a 35 anos de idade
- 2ª faixa etária:de 36 a 55 anos de idade
- 3ª faixa etária:mais de 56 anos de idade

O *corpus* constituído em cada cidade compreende três diferentes categorias de texto: elocuções formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). O *corpus* nacional constitui-se de um total de 1.870 inquéritos gravados, perfazendo, aproximadamente, 1.570 horas de gravação. Esses dados têm sido utilizados para inúmeros estudos sobre os usos definidos como cultos nas cidades nas quais os estudos foram desenvolvidos, devendo-se destacar a publicação da *Gramática do Português Falado,* uma gramática que é referencial para o estudo da variante culta do português falado no Brasil, atualmente, com oito volumes publicados.

O Projeto NURC - Salvador tem um acervo constituído na década de 70 (século XX) de 307 horas e vinte minutos de gravação que documentam o desempenho linguístico de 461 informantes dos dois gêneros e das três etárias. São 360 inquéritos que cobrem as três categorias de texto previstas: 58 Elocuções formais, 201 Diálogos entre informante e documentador e 101 Diálogos entre dois informantes.

No mesmo século, já na década de 90, essa documentação inicial foi acrescida de novos inquéritos e novas gravações feitas a antigos informantes.

As gravações originais, em fitas de rolo e em fitas cassete, bem como, atualmente, em cópias digitalizadas, encontram-se devidamente catalogadas no Arquivo Sonoro do Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Cabe destacar que o *corpus* do Projeto NURC -Salvador tem sido utilizado em vasta produção de artigos, comunicações e capítulos de livros, além servir como *corpus* básico para numerosas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, a exemplo desta.

O **Projeto NURC-RJ** tem, como acervo, entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, totalizando 350 horas, com informantes de nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. As entrevistas foram gravadas em fitas de áudio, transcritas de acordo com normas previamente definidas, tendo sido organizadas em duas amostras distintas: a Amostra complementar – de novos informantes – e a Amostra de Recontato – constituída de gravações feitas com os mesmos informantes da década de 70. Visando garantir a permanência dos dados coletados, deu-se início à digitalização do material, que se encontra disponível no endereço eletrônico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/), o que tem facilitado bastante o acesso de pesquisadores, que, assim como em Salvador, possibilitando a inserção dos dados em vasta produção acadêmica.

O objetivo inicial desta pesquisa era o de analisar uma amostra dos cinco estados contemplados pelo Projeto NURC, para o estudo do emprego do pretérito mais-que-perfeito, na língua falada, entretanto, a falta de dados da década de 90 das três outras cidades que participaram do Projeto – São Paulo, Recife e Porto Alegre – inviabilizou a realização do estudo pretendido.

- População e amostra do *corpus oral do Brasil*

A amostra de fala culta representativa das cidades de Salvador e do Rio de Janeiro foi retirada das publicações feitas pelas equipes responsáveis pelo Projeto NURC em cada uma das duas cidades. Foram analisados vinte e quatro inquéritos do tipo DID, sendo doze da década de 70 (seis de Salvador e seis do Rio de Janeiro) e doze (seis de Salvador e seis do Rio de Janeiro) de 90. Os informantes foram selecionados por faixa etária — Faixa 1 , com idade

entre 25 e 35 anos ; Faixa 2, com idade entre 36 e 55 anos; Faixa 3, com informantes com idade a partir de 56 anos - havendo dois homens e duas mulheres em cada faixa etária, conforme detalhado nos quadros abaixo:

- Década de 70

DATA/ LOCAL GRAVAÇÃO	INQUÉRITO	DURAÇÃO	INFORMANTE	GÊNERO/ FAIXA ETÁRIA	TEMA DA ENTRE-VISTA	PROFISSÃO E FORMAÇÃO
17.04.1975 Salvador	138	40 min.	167	Masculino – F1	O cinema e televisão	Professor universitário
14.03.1975 Salvador	125	45 min.	151	Feminino – F1	Vida social e diversões	Professora universitária e secundária
24.10.1974 Salvador	100	53 min.	118	Masculino – F2	A cidade e o comércio	Farmacêutico e Professor universitário
09.06.1976 Salvador	231	46 min.	301	Feminino – F2	O ensino	Professora universitária e médica
15.10.1974 Salvador	094	45 min.	109	Masculino – F3	A cidade e o comércio.	Advogado e professor de História
11.06.1975 Salvador	159	40 min.	203	Feminino – F3	O vestuário	Professora de Matemática. Formada em Engenharia Civil
17.04.1978 Rio de Janeiro	0048	39 min.	0057	Masculino – F1	Casa	Advogado
15.11.1973 Rio de Janeiro	133	40 min.	151	Feminino – F1	cidade e comércio	
04.05.1973 Rio de Janeiro	0153	39 min.	173	Masculino – F2	Casa	Engenheiro-agrônomo
21.09.1972 Rio de Janeiro	0101	43 min.	116	Feminino – F2	Casa	Jornalista
07.11.1972 Rio de Janeiro	0124	40 min.	141	Masculino – F3	Cinema, televisão, rádio, teatro, circo	Engenheiro
13.11.1974 Rio de Janeiro	0259	40 min.	312	Feminino – F3	Cinema, televisão, rádio, teatro, circo	Médica

Quadro 11: Amostra linguagem oral do Brasil – Projeto NURC -1970

- Década de 90

DATA/ LOCAL GRAVAÇÃO	INQUÉRITO	DURAÇÃO	INFORMANTE	GÊNERO/ FAIXA ETÁRIA	TEMA DA ENTRE-VISTA	PROFISSÃO E FORMAÇÃO
29.10.1998 Salvador	009N	40 min.	009N	Masculino – F1	Educação	Arquiteto
14.11.1993 Salvador	001N	40 min.	001N	Feminino –F1	A Casa	Professora de ensino médio e fundamental
19.10.1998 Salvador	015N		015N	Masculino – F2	Infância	
30.06.1998 Salvador	014N		014N	Feminino –F2	Infância	
19.06.1998 Salvador	012R	41 min.	012R	Masculino – F3	Terrenos	Advogado, juiz
20.12.1999 Salvador	013R	45 min.	013R	Feminino –F3	A cidade e o comércio	Professora universitária
28.04.1992 Rio de Janeiro	001 - AC	35 min.	001	Masculino – F1	Instituições, ensino e igreja	
05.05.1992 Rio de Janeiro	002 - AC	35 min.	002	Feminino –F1	Cidade e comércio	
14.05.1992 Rio de Janeiro	164 -R	35 min.	004	Masculino – F2	Sindicato e cooperativas	
04.07.1996 Rio de Janeiro	020 - AC	35 min.	020	Feminino –F2	Transportes e Viagens	
29.06.1996 Rio de Janeiro	018	35 min.	018	Masculino – F3	Transportes e viagens	
03.09.1996 Rio de Janeiro	027	35 min	027	Feminino – F3	Transportes e Viagens	

Quadro 12: Amostra linguagem oral do Brasil – Projeto NURC -1990.

4.4 PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo de analisar e descrever o uso do pretérito mais-que-perfeito em textos escritos nos séculos XVI a XX e em textos de língua falada, do século XX, do Brasil e de Portugal, no intuito de avaliar as funções e os valores desempenhados por esse tempo verbal em suas formas simples e composta, através dos séculos, detectando, se possível, o período em que o uso do mais-que-perfeito simples decresce, foram adotados os seguintes procedimentos:

1. levantamento das ocorrências do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta em todos os textos do *corpus;*
2. fichamento das ocorrências, utilizando arquivo do programa computacional Microsoft Word, versão 2007, e destaque da forma verbal com uso de letras maiúsculas;
3. identificação dos períodos em que ocorre o mais-que-perfeito, através da:
    a. identificação do nome do autor, número da carta, e linha em que se encontra a forma verbal, no caso dos textos escritos;
    b. identificação do país/estado, ano, número do inquérito e linha em que se encontra a forma verbal, no caso dos textos orais,

Os exemplos a seguir, ilustram os procedimentos adotados para a supracitada identificação :

(A) Não olhei para ele, não quis ver a reação. Voltei para casa triste com a meia perturbação que eu NOTARA. Mas eu me TINHA PROMETIDO ser outra, não é? **(CCL 001 – Linhas 008-011)**

(B) -- Hum. Já TÍNHAMOS FALADO dos que participam propriamente da preparação do filme, né? **(NURC-SSA70 Inq. 138 Linhas 501-502)**

4. Definição das variáveis, que serão apresentadas no item 4.5
5. Codificação dos dados para utilização do VARBRUL.

Para a indicação dos modos e tempos verbais adotou-se a representação acrográfica utilizada por Câmara Junior (1976, p.97), modificando-a, entretanto, para a referência aos tempos simples e compostos:

pretérito mais-que-perfeito simples IdPt3S

pretérito mais-que-perfeito composto	IdPt3C
futuro do pretérito simples	IdFt2S
futuro do pretérito composto	IdFt2C
pretérito imperfeito do subjuntivo	SbPt1
pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	SbPt3

4.5 ESTABELECIMENTO DAS VARIÁVEIS

4.5.1 A variável dependente

O emprego, nos contextos estudados, da forma simples ou composta do pretérito mais-que-perfeito constitui a variável dependente a ser analisada na presente pesquisa.

4.5.2 Variáveis independentes

A definição das variáveis independentes passou por várias etapas, objetivando, sempre, detectar que fatores favoreceriam a ocorrência do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta. Assim, foram definidas variáveis linguisticas (sintáticas, morfológicas e semânticas), variáveis discursivas e variáveis extralinguisticas.

Entre as variáveis sintáticas foram selecionadas: o tipo de período, o tipo de oração em que ocorre o mais-que-perfeito, a transitividade do verbo e a presença ou não de advérbios nas sentenças.

A variável morfológica escolhida foi a saliência morfológica determinada pela irregularidade dos verbos.

As variáveis semânticas analisadas foram a animacidade do sujeito e o tipo de verbo das sentenças; as variáveis discursivas foram: o gênero textual e o grau de formalidade dos textos.

Como variáveis extralinguisticas foram selecionadas, para os textos de língua escrita, o local e a época em que haviam sido escritos os textos e, para os textos de língua falada, o local e a data em que foram realizadas as entrevistas, o gênero e a faixa etária dos informantes.

4.6 ANÁLISE DOS DADOS: O USO DO VARBRUL

A análise dos dados realizada contou com o uso do pacote computacional VARBRUL, conjunto de programas largamente utilizado em análises linguisticas variacionistas. Optou-se pelo uso desse recurso, já que é capaz de fornecer frequências e probabilidades sobre os fenômenos estudados. Para esta pesquisa, devido à pequena quantidade de dados da língua falada, e à reduzida variação na escrita, decidiu-se por não utilizar a mensuração através dos pesos relativos, levando em consideração apenas a frequência e a percentagem para a análise de todos os grupos de fatores.

Dessa forma, especificamente, nesta pesquisa, foi utilizado o VARBRUL para confrontar e analisar quantitativamente os dados obtidos, para que, em seguida, fosse possível efetuar a análise das ocorrências do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta, presentes nos textos e inquéritos que compõem o *corpus* do Português Brasileiro (PB) e Europeu (PE).

A partir dessa análise foi possível chegar a algumas conclusões sobre o emprego do mais-que-perfeito nas duas variedades do português e nas modalidades oral e escrita, as quais serão apresentadas nos capítulos seguintes.

6 ANÁLISE DE DADOS

6.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Como explica Labov, duas formas alternativas com o mesmo valor de verdade, constituem-se como variantes de uma mesma variável.

Para o autor, a variação consiste na opção de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes. Assim, o uso do pretérito mais-que-perfeito nas suas formas simples ou composta representa a variável dependente a ser estudada e analisada na presente pesquisa.

Fixada a variável dependente – emprego do pretérito-mais-que-perfeito nas formas simples ou composta – foram selecionadas todas as ocorrências desse tempo verbal no *corpus* de língua escrita e de língua falada que serviu de base a esta pesquisa.

6.1.1 Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua escrita

Detectadas todas as ocorrências do pretérito mais-que-perfeito no *corpus* em análise, foram computados os índices de uso desse tempo verbal na sua forma simples ou composta, inicialmente nos textos de diferentes autores de cada uma das sincronias num estudo em tempo real de longa duração. A frequência de uso de cada uma das formas do referido tempo em cada um dos textos analisados pode ser observada a seguir:

- **Português europeu**

Tabela 3 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* do português europeu

SÉCULO	**PORTUGAL**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
XVI	Cartas da corte de D. João III	147	86,0	24	14,0
XVII	Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo	137	87,8	19	12,2
	Cartas de amor da Sóror Mariana Alcoforado	6	28,6	15	71,4
XVIII	Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira).	26	33,3	52	66,7
	Cartas de Pina Manique	6	50,0	6	50,0
XIX	Cartas de Ramalho Ortigão	8	26,7	22	73,3
	Cartas de Eça de Queiroz	6	66,7	3	33,3
	Correspondência Camilo Castelo Branco	6	75,0	2	25,0
XX	Cartas de Fernando Pessoa	10	37,0	17	63,0
	Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses	1	33,3	2	66,7
	Cartas de Teófilo	15	100,0	0	-
TOTAIS		**368 69,4%**		**162 30,6%**	

Como se pode observar, nos textos do português europeu, pertencentes aos séculos XVI e XVII, o emprego do pretérito mais-que-perfeito simples predomina. A partir do século XVIII o seu uso decresce, enquanto o do mais-que-perfeito composto aumenta, voltando a decair no século XX. Entretanto, se comparados os índices de uso nos séculos XVI e XX, verifica-se, no século XVI, 86,0% (147 ocorrências) da forma simples e 14,0% (24

ocorrências) da composta e, no século XX, 56,3%[24] (26 ocorrências) de uso da forma simples e 43,7%[25] (19 ocorrências) da composta, o que revela um crescimento no uso da forma composta e um decréscimo no uso da simples, como pode ser observado no gráfico 1.

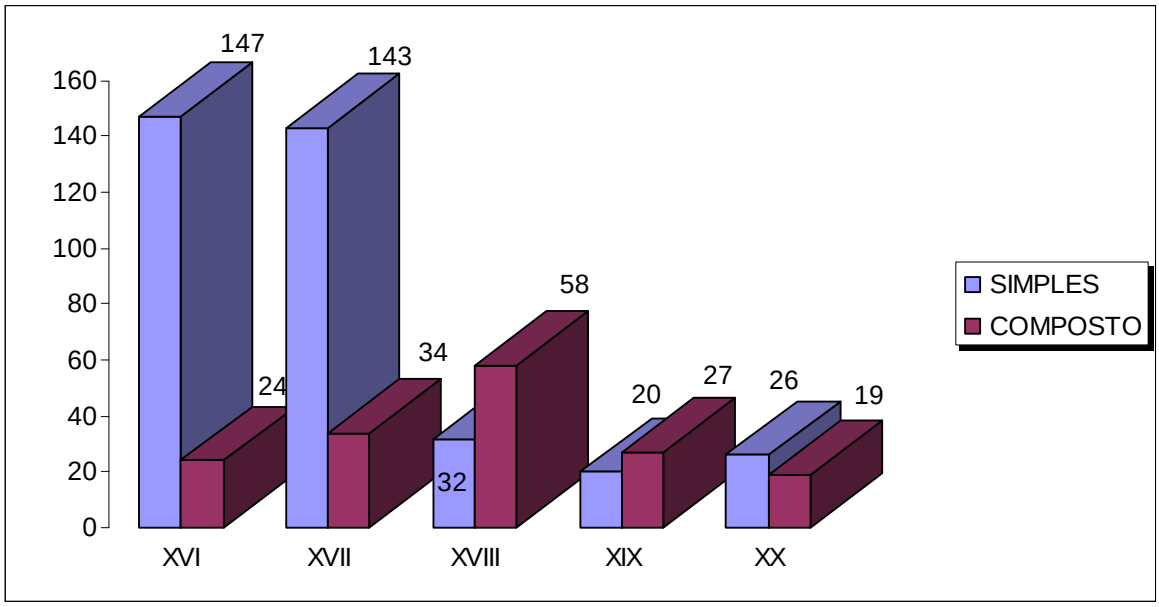


Gráfico 1: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* do português europeu

Comparando o número de ocorrências das formas simples e composta nos textos de Fernando Pessoa e de Teófilo Braga, ambos escritores do século XX, verifica-se uma situação oposta. Enquanto nos textos do primeiro autor há 37,0% (10 ocorrências) de uso da forma simples e 63,0% (17 ocorrências) da forma composta, nos textos de Teófilo Braga, observa-se 100,0% (15 ocorrências) de uso da forma simples, o que pode ser, talvez, explicado por uma idiossincrasia do autor, uma vez que, também nas Cartas inéditas dos 85 autores portugueses consultadas, nota-se a preferência pelo emprego do mais-que-perfeito composto; entretanto, a freqüência de uso desse tempo verbal nessas cartas é bastante restrita, não permitindo nenhuma conclusão a respeito da preferência de uso da forma simples ou composta do pretérito mais-que-perfeito.

[24] Valor % correspondente à média
[25] Idem

- **Português do Brasil**

Tabela 4 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* do português do Brasil

SÉCULO	**BRASIL**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
XVI	Cartas dos primeiros jesuítas	112	83,6	22	16,4
XVII	Cartas do Padre Antonio Vieira	114	70,8	47	29,2
	Correspondências dos Governadores Geraes	18	52,9	16	47,1
XVIII	Cartas baianas setecentistas	40	67,8	19	32,2
	Cartas da Bahia – Marquês do Lavradio	12	41,4	17	58,6
XIX	Epistolário de Machado de Assis	35	79,5	9	20,5
	Carta dos brasileiros cultos	17	77,3	5	22,7
XX	Correspondências de Clarice Lispector	11	34,4	21	65,6%
	Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira	10	58,8	7	41,2
TOTAIS		**369 69,4%**		**163 30,6%**	

Nos textos do português do Brasil, como se pode verificar na tabela 4 e no gráfico 2, o mais-que-perfeito composto predomina nas cartas do Marquês do Lavradio, texto do século XVIII, mas o mesmo não ocorre nas Cartas baianas Setecentistas, em que o índice de uso do mais-que-perfeito simples é bem maior, assim como nos textos do século XIX, o que permite a hipótese de que a preferência pelo emprego do mais-que-perfeito composto tenha ocorrido primeiramente em Portugal. No século XX, nota-se já uma certa preferência pelo mais-que-perfeito composto. Cabe observar, entretanto, que nas cartas de Mário de Andrade ainda persiste a tendência de maior uso da forma simples, diferentemente do que ocorre nas cartas de Clarice Lispector.

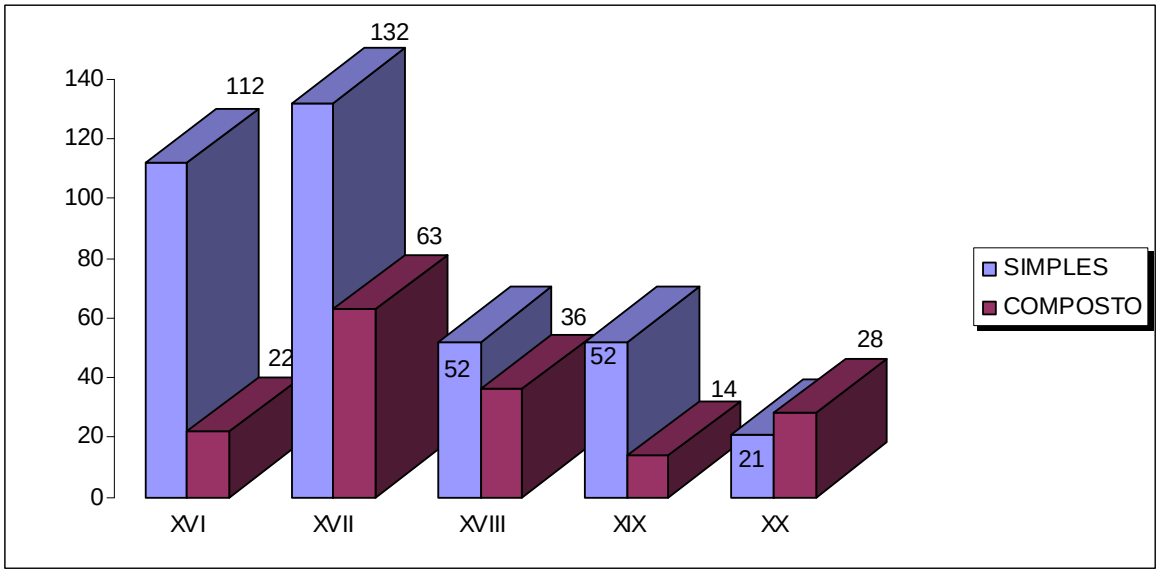
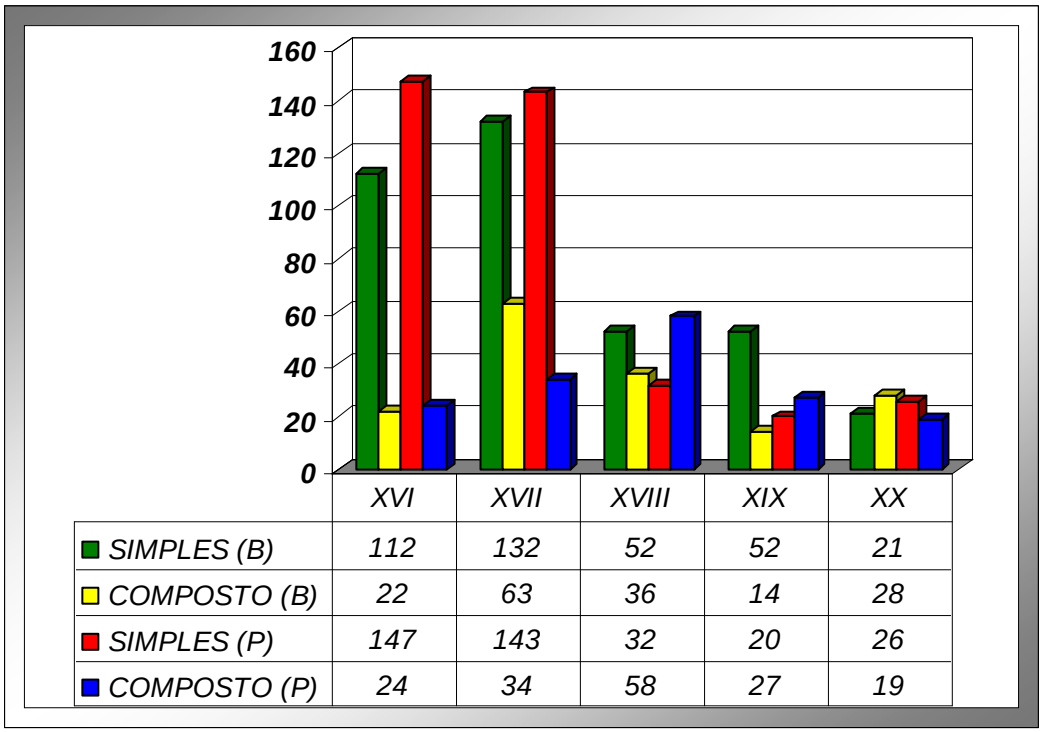


Gráfico 2: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* do português do Brasil

Pela análise dos gráficos 1 e 2, é possível notar que, a partir do século XVIII, o número total de ocorrências de uso do pretérito mais-que-perfeito, quer simples quer composto, já é bem menor, o que parece indicar ter-se tornado este tempo verbal menos usado nesse século, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Os dados do *corpus* do Brasil e de Portugal serão apresentados no gráfico a seguir:



	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
SIMPLES (B)	112	132	52	52	21
COMPOSTO (B)	22	63	36	14	28
SIMPLES (P)	147	143	32	20	26
COMPOSTO (P)	24	34	58	27	19

Gráfico 3: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto: confronto entre o corpus do português de Portugal e do Brasil dos séculos XVI ao XX

Como se pode observar, tanto nos textos do Brasil quanto nos de Portugal, há o predomínio da forma simples nos séculos XVI e XVII. A partir do século XVIII, cai abruptamente o número de ocorrências da forma simples nos dois países. Entretanto, enquanto no Brasil ainda há o predomínio da forma simples até os séculos XVIII e XIX, em Portugal, a forma composta, no séc. XVIII começa a se sobrepor. No século XX, persiste a redução no número de ocorrências desse tempo verbal, mas ocorre uma inversão: enquanto no Brasil há uma maior incidência da forma composta, em Portugal é o emprego da forma simples que se destaca.

6.1.1.1 Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito no corpus de Portugal e do Brasil nos diferentes séculos

- **Século XVI**

Observando-se a tabela e o gráfico a seguir, percebe-se, como já foi especificado, que no século XVI, tanto nos textos escritos no Brasil, quanto nos escritos em Portugal, há a mesma tendência de priorizar o emprego do pretérito mais-que-perfeito simples. Cabe observar, entretanto, que, nesse século, ainda não há uma escrita "propriamente" brasileira, pois, como já explicado, apesar de residirem no Brasil, os autores das cartas selecionadas para o *corpus* desta pesquisa eram oriundos de Portugal; levou-se em conta, pois, a escrita produzida no Brasil.

Tabela 5 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVI – Portugal/Brasil

PAÍS	**CARTAS**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
PORTUGAL	Cartas da corte de D. João III	147	86,0	24	14,0
BRASIL	Cartas dos primeiros jesuítas	112	83,6	22	16,4

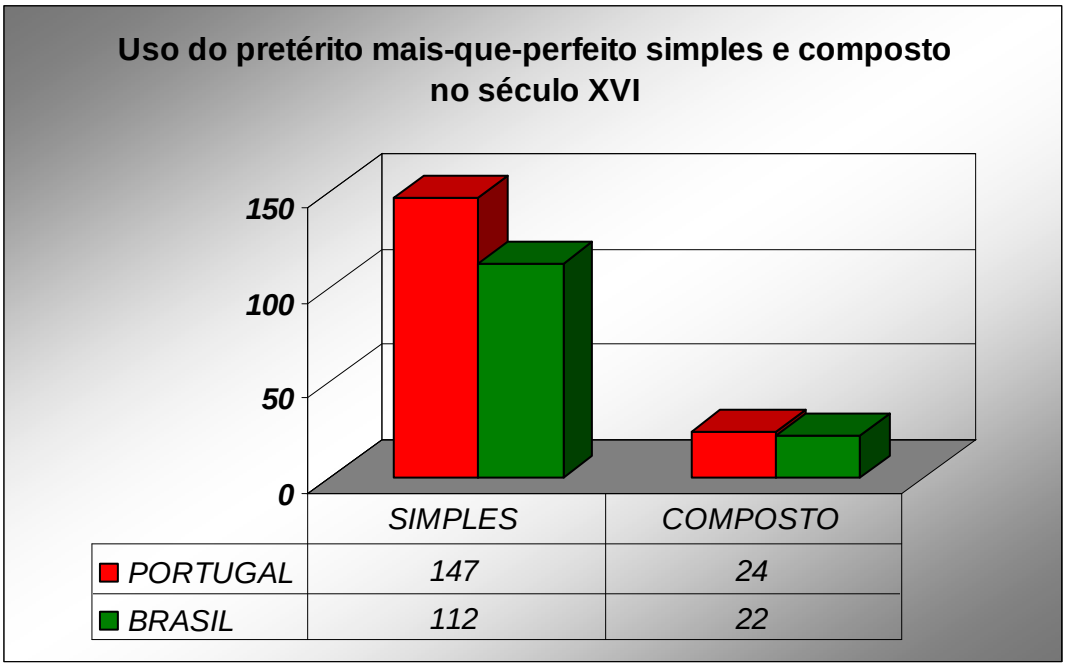


Gráfico 4 Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVI, no *corpus* de Portugal e do Brasil

Observa-se que, tanto nos textos escritos no Brasil quanto nos escritos em Portugal, os índices de uso das formas simples e composta são bastante semelhantes e que nos textos dos dois países a forma simples predomina. A preferência pelo emprego da forma simples do mais-que-perfeito, nesse século, também foi observada por Coan (2003), ao analisar um corpus bastante diversificado do mesmo século – cartas, novelas, peças de teatro e contos – no qual foram detectadas 162 ocorrências da forma simples e apenas 8, da forma composta.

- **Século XVII**

Comparando o número de ocorrências desse tempo verbal em textos de autores portugueses e brasileiros do século XVII, verifica-se que, embora predomine, na maior parte dos textos estudados, a preferência pelo emprego da forma simples, nos textos de Sóror Mariana Alcoforado há o predomínio do emprego da forma composta. A escolha dessa forma pela autora pode ser justificada pelo caráter informal dos textos e pela temática das

cartas – amor, paixão - que pressupõem, por serem textos e assuntos de caráter mais íntimos, a escolha de termos e estruturas menos formais, pois como afirma Said Ali (1971, p. 232) a língua mais formal põe em primeiro plano as formas em – ara, – era, e – ira, por parecerem mais elegantes, enquanto na língua falada, mais informal, há a indiscutível preferência pelas formas compostas, cuja constância de uso é responsável pela extensão do seu emprego a textos escritos do mesmo teor.

Tabela 6 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVII – Portugal/ Brasil

PAÍS	**CARTAS**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
PORTUGAL	Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo	137	87,8	19	12,2
	Cartas de amor da Sóror Mariana Alcoforado	6	28,6	15	71,4
	TOTAL	**143 80,79%**		**34 19,21%**	
BRASIL	Cartas do Padre Antonio Vieira	114	70,8	47	29,2
	Correspondências dos Governadores Geraes	18	52,9	16	47,1
	TOTAL	**132 67,69%**		**63 32,31%**	

Apesar de os textos de Portugal serem menos formais que os do português do Brasil, nota-se, nas cartas familiares de Francisco Manuel de Melo 87,8% de uso da forma simples do mais-que-perfeito, o que pode, talvez, revelar, ao lado da tendência de uso da época, certa preferência do autor.

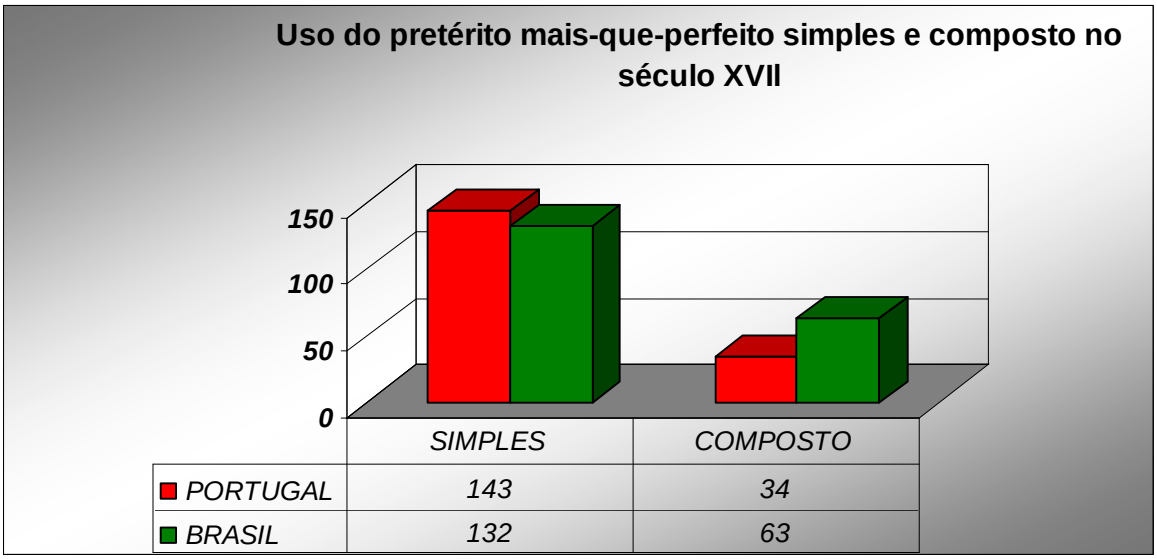


Gráfico 5: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVII no *corpus* de Portugal e do Brasil l

Confrontando os resultados obtidos nesta pesquisa com os obtidos por Coan (2003) – 75 ocorrências da forma simples e 12 da forma composta - com base em *corpus* também do século XVII, constituído por sermões do Padre Antonio Vieira (de Santo Antônio;... Pelo Bom Sucesso...; da Terceira Dominga; do Nascimento do Menino Deus; Doméstico) , pode-se admitir a hipótese de que em um gênero mais formal, a forma simples fosse realmente a mais empregada na época.

Essa hipótese foi também confirmada em trabalho apresentado por Bandeira (2007) no SEPESQ (Seminários de Pesquisa da UFBA), no qual foram analisados dois outros sermões do Padre Antonio Vieira, Sermão da Sexagésima e Sermão do Bom Ladrão: foram detectadas 84 ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e 22 do pretérito mais-que-perfeito composto.

- **Século XVIII**

O século XVIII apresenta uma situação bastante diversa quanto ao uso do pretérito mais-que-perfeito: nos autores portugueses, pode-se afirmar que há uma certa tendência ao uso da forma composta, apesar do “empate” dos índices obtidos nas cartas de Pina Manique, enquanto no Brasil,

permanece a tendência para o uso da forma simples, apenas nas Cartas Setecentistas.

Os textos do Marquês de Lavradio apresentam um maior índice de uso do pretérito mais-que-perfeito composto, o que, talvez, possa ser explicado por ser o autor, conforme explicitado anteriormente, um português que governou o Brasil, no período de 1769 a 1779. Trata-se, assim, de uma escrita produzida no Brasil e não de uma produção propriamente brasileira, o que permite a suposição de que o uso da forma composta seja mais um reflexo do português de Portugal.

Tabela 7 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVIII – Portugal/Brasil

PAÍS	**CARTAS**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
PORTUGAL	Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira).	29	33.3	58	66.7
	Cartas de Pina Manique	6	50,0%	6	50,0%
	TOTAL	**35 35,4%**		**64 64,6%**	
BRASIL	Cartas baianas setecentistas	50	73.5	18	26.5
	Cartas da Bahia – Marquês do Lavradio	12	41,4%	17	58,6%
	TOTAL	**62 63,9%**		**35 36,1%**	

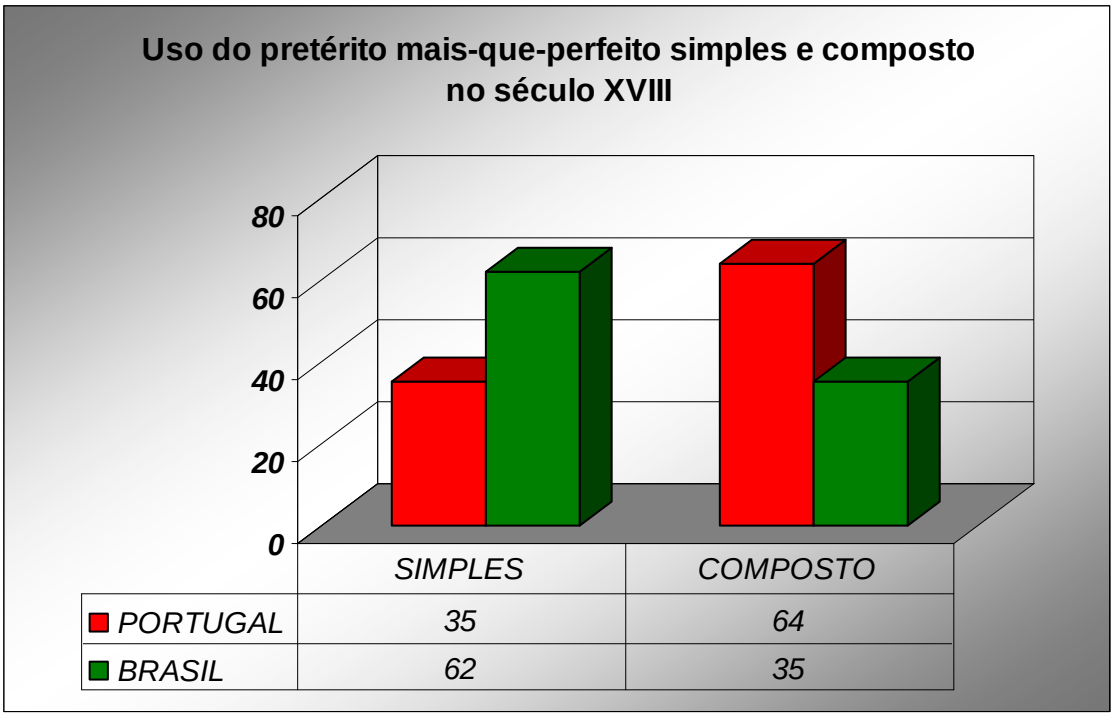


Gráfico 6: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XVIII no *corpus* de Portugal e do Brasil

Com base no corpus analisado, pode-se afirmar, também, que o emprego do mais-que-perfeito nas formas simples e composta começa a decair no século XVIII, pois, enquanto no século XVII, foram detectadas no português europeu, em 4.742 linhas, 143 ocorrências da forma simples e 34 da forma composta e nas cartas do português escrito no Brasil, em 5.211 linhas, 132 ocorrências da forma simples e 63 da forma composta, no século XVIII, no português europeu foram detectadas 35 ocorrências da forma simples e 64 da forma composta, em 4.481 linhas; e nos textos escritos no Brasil, 62 ocorrências da forma simples e 35 da forma composta, em 4.853 linhas.

Coan (2003), com dados obtidos em depoimentos dos Autos da Devassa contra os índios Muras e as nações do rio Tocantins e no Compêndio narrativo do Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira detectou 90% (38 ocorrências) da forma simples e 10% (4 ocorrências) da forma composta, enquanto em textos do século XVII havia obtido 75 ocorrências da forma simples e 12 da composta.

- **Século XIX**

Observando-se a tabela 8 e o gráfico 6, nota-se que o século XIX mantém a mesma tendência do século XVIII: a preferência ainda pela forma simples no Brasil e pela composta em Portugal. Interessante destacar que o escritor português, Ramalho Ortigão apresenta um comportamento inverso ao dos outros dois autores portugueses, no que se refere à preferência pelo emprego do mais-que-perfeito nas formas simples ou composta (cf. tabela 8). Os escritores brasileiros, entretanto, manifestam claramente a preferência pela forma simples (78,8% de uso) em relação à forma composta (apenas 21,2% de uso).

Tabela 8 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XIX : Portugal/ Brasil

PAÍS	**CARTAS**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
PORTUGAL	Cartas de Ramalho Ortigão	8	26,7	22	73,3
	Cartas de Eça de Queiroz	6	66,7	3	33,3
	Correspondência de Camilo Castelo Branco	6	75,0	2	25,0
	TOTAL	**20 42,6%**		**27 57,4%**	
BRASIL	Epistolário de Machado de Assis	35	79,5	9	20,5
	Carta dos brasileiros cultos	17	77,3	5	22,7
	TOTAL	**52 78,8%**		**14 21,2%**	

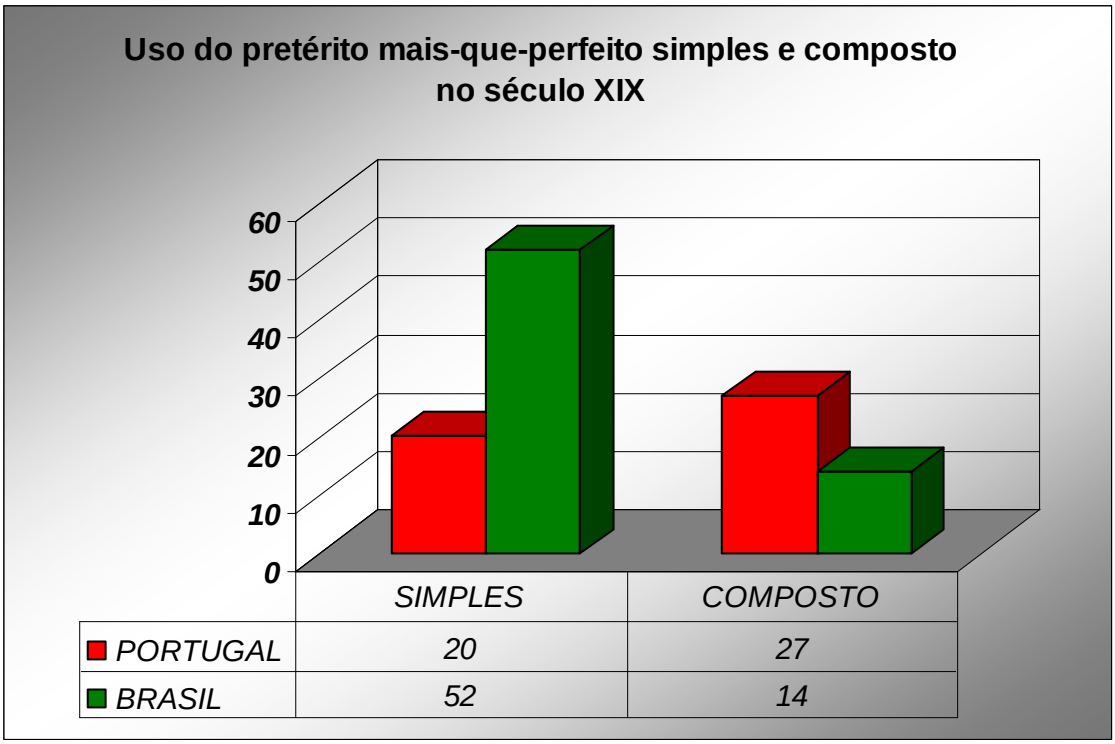


Gráfico 7: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XIX no *corpus* de Portugal e do Brasil

Como mencionado anteriormente, no século XIX, o emprego do mais-que-perfeito, quer simples quer composto, decresce ainda mais, fato comprovado também nos dados obtidos por Coan (2003), referentes à esse século. Enquanto no século XVIII, a autora obteve 38 ocorrências do mais-que-perfeito simples e 4 do composto, nos dados do século XIX, obtidos através da análise de três peças teatrais de Martins Pena e França Júnior, a autora obteve 17 ocorrências do do mais-que-perfeito simples e 10 do composto.

- **Século XX**

No século XX, os textos dos escritores selecionados apresentam percentagem de uso bem semelhantes para a forma simples ou composta, com uma ligeira tendência ao uso da forma composta. Os textos de Teófilo Braga são a exceção, entre os textos do português europeu, pois apenas esse autor utiliza a forma simples do mais-que-perfeito. No Brasil, há uma distinção entre

Clarice Lispector que prefere a forma composta, e Mário de Andrade que prefere a simples (cf. tabela 4). Também, nesse caso, o grau de formalidade pode justificar a preferência, tendo em vista que Clarice Lispector tinha uma relação mais próxima com aqueles com quem se correspondia, enquanto Mario de Andrade e Manuel Bandeira, apenas se viram poucas vezes, e desenvolveram ao longo de suas vidas uma "amizade postal". Os índices detectados para o emprego de uma ou outra forma, entretanto, não são tão significativos.

Tabela 9 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XX: Portugal /Brasil

PAÍS	**CARTAS**	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
		SIMPLES		**COMPOSTO**	
		Qt.	%	Qt.	%
PORTUGAL	Cartas de Fernando Pessoa	10	37,0	17	63,0
	Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses	1	33,3	2	66,7
	Cartas de Teófilo	15	100,0	0	-
	TOTAL	**26 57,8¨%**		**19 42,2%**	
BRASIL	Correspondências de Clarice Lispector	11	34,4	21	65,6
	Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira	10	58,8	7	41,2
	TOTAL	**21 42,9%**		**28 57,1%**	

Os dados obtidos revelam a preferência pelo emprego do mais-que-perfeito composto no Brasil do século XX. Se analisarmos a opção dos portugueses, retirando as cartas de Teófilo Braga, esta preferência também se mantém, pois o número de ocorrências será de 11 (35,5%) para o uso da forma simples e de 19 (64,5%) para a forma composta.

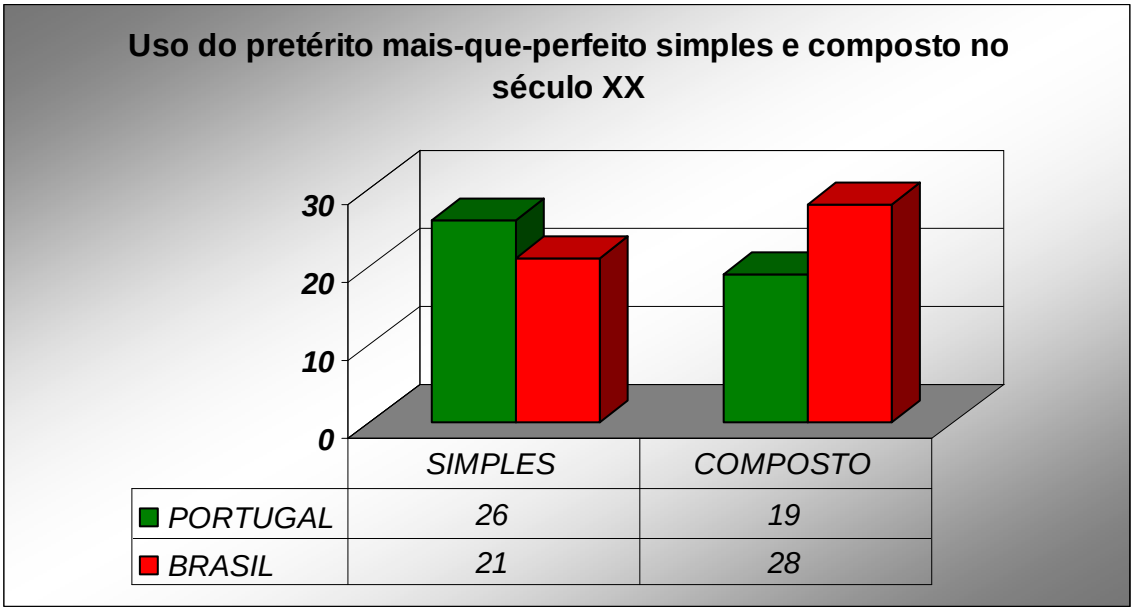


Gráfico 8: Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no século XX no *corpus* de Portugal e do Brasil

Analisando peças teatrais do século XX, Coan (2003) obteve 16 ocorrências (31%) do IdPt3S e 35 ocorrências (69%) do IdPt3C, o que confirma também os dados anteriormente expostos.

É interessante observar, na pesquisa da referida autora, que trabalhou com o emprego do pretérito mais-que-perfeito em confronto com o emprego do pretérito perfeito, que o pretérito perfeito composto é sempre mais empregado do que o simples ao longo dos séculos. Entretanto, não se pode deixar de considerar que, do ponto de vista aspectual, o pretérito perfeito composto tem valor diverso do pretérito perfeito simples, o que não ocorre com o pretérito mais-que-perfeito, cujo valor é, praticamente, o mesmo em suas formas simples ou composta.

6.1.2 Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito na língua falada

Analisados os índices de ocorrência do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua escrita, serão tecidas considerações sobre o uso desse tempo verbal na língua falada de Portugal e do Brasil.

- **Portugal**

Objetivando detectar as ocorrências do pretérito mais-que-perfeito em Portugal, foram analisados os inquéritos do Projeto VARPORT - Análise Contrastiva de Variedades do Português – cujos informantes são pessoas com formação superior, pertencentes a três faixas etárias: faixa 1, com informantes de 25 a 35 anos; faixa 2, com informantes de 36 a 55 anos; faixa 3, com informantes de 56 anos em diante, residentes nas cidades de Lisboa, Sintra, Coimbra, Cascais e Estoril.

Vinte e quatro inquéritos do tipo DID - diálogos entre informantes e documentadores – foram analisados, para a língua falada de Portugal, sendo doze da década de 70 e doze da década de 90. Conforme já explicado, o número de inquéritos consultados do VARPORT foi diferente, tendo em vista ser o tempo de gravação dos inquéritos portugueses bem menor do que o tempo de gravação dos inquéritos brasileiros (40 minutos). Assim, numa tentativa de igualar o tempo das entrevistas foram consultados os inquéritos disponibilizados, ou seja, dois inquéritos de cada gênero/sexo, para cada uma das faixas etárias, exceto para a Faixa 3, em que foram analisados três inquéritos de informantes do gênero masculino e apenas um, do feminino, por não estarem os demais disponíveis no site do Projeto.

Os dados coletados para cada uma das sincronias encontram-se especificados nas tabelas 10 e 11 a seguir:

Tabela 10 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* do português europeu falado (1970)

LOCAL	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
	SIMPLES		**COMPOSTO**	
	Qt.	%	Qt.	%
Portugal	-	-	1	100,0
TOTAL	**-**	**-**	**1**	**100,0**

Tabela 11 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* do português europeu falado (1990)

LOCAL	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO			
	SIMPLES		COMPOSTO	
	Qt.	%	Qt.	%
Portugal	2	20,0	8	80,0
TOTAL	**2**	**20,0**	**8**	**80,0**

Como se pode observar, a frequência de uso do pretérito mais-que-perfeito no *corpus* de língua falada de Portugal é bastante baixa, havendo o predomínio do uso da forma composta desse tempo verbal.

- **Brasil**

Inicialmente, objetivou-se analisar inquéritos das cinco capitais brasileiras constantes do Projeto NURC 1970 (Salvador, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo), e do NURC 1990. Entretanto, apenas Salvador e Rio de Janeiro realizaram as gravações nas duas sincronias, o que invalidou a intenção inicial, passando-se a analisar apenas os inquéritos gravados pelas duas capitais brasileiras já mencionadas.

Como já especificado (cf.p. 170), o *corpus* de língua falada foi constituído, para o Brasil, de 12 diálogos entre informantes e documentadores (DID's) do Projeto NURC-1970, 6 de Salvador e 6 do Rio de Janeiro, com dois informantes, um de cada gênero, em cada uma das três faixas etárias. O mesmo número de informantes foi selecionado para a década de 90, levando-se também em consideração as três faixas etárias com um informante por gênero para cada uma delas. No projeto da década de 90, há uma quarta faixa, com informantes de 74 a 80 anos, uns, pertencentes à terceira faixa etária do NURC 70, outros, novos. Entretanto, para esse trabalho, foram consideradas apenas três faixas etárias, incluindo-se na terceira, todos os informantes de mais de 55 anos, como no projeto anterior.

Os dados obtidos para cada uma das sincronias encontram-se especificados nas tabelas 12 e 13, a seguir:

Tabela 12 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* do português brasileiro falado (NURC - 1970)

LOCAL	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
	SIMPLES		**COMPOSTO**	
	Qt.	%	Qt.	%
Salvador	-	-	4	100,0
Rio de Janeiro	4	17,4	19	82,6
TOTAL	**4**	**14,8**	**23**	**85,2**

Como se pode verificar, o pretérito mais-que-perfeito simples não ocorre nos inquéritos de Salvador, e é pouco empregado nos inquéritos do Rio de Janeiro, na década de 70. Quanto à frequência do uso desse tempo verbal, parece ser maior no Rio de Janeiro do que em Salvador, quer na forma simples, quer na composta.

Tabela 13 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* do português brasileiro falado (NURC - 1990)

LOCAL	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO**			
	SIMPLES		**COMPOSTO**	
	Qt.	%	Qt.	%
Salvador	1	12,5	7	87,5
Rio de Janeiro	6	37,5	10	62,5
TOTAL	**7**	**29,2**	**17**	**70,8**

Mais uma vez, observa-se que, também na década de 90, no Rio de Janeiro, há um maior índice de uso do pretérito mais-que-perfeito, tanto na forma simples, quanto na composta.

A forma composta é a mais utilizada em Salvador e no Rio de Janeiro nas duas décadas.

Confrontando os dados de Portugal e do Brasil, pode-se observar que nos inquéritos portugueses das duas décadas foram detectadas apenas 11 ocorrências do pretérito mais-que-perfeito, das quais duas são da forma simples, que, assim como no Brasil, só ocorre nos inquéritos de 1990, e nove da forma composta, o que caracteriza a preferência dos portugueses pela forma composta, assim como se verifica no Brasil. Nota-se também, o baixo índice de uso desse tempo verbal na língua falada nos dois países.

É interessante observar em Salvador, no Rio de Janeiro e nas várias localidades de Portugal, comportamentos bastante semelhantes no que se refere ao emprego do pretérito mais-que-perfeito. A distinção ocorre apenas no índice de uso dessa forma verbal. O Rio de Janeiro se destaca, com um maior índice de uso tanto da forma simples, quanto da composta, nas duas décadas.

6.1.3 Valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito nos contextos analisados

6.1.3.1 Língua escrita

Analisado o número de ocorrências do mais-que-perfeito simples e composto nos vários textos e confrontados os dados obtidos nos textos escritos do português europeu, do português brasileiro e do português falado também do Brasil e de Portugal, passou-se a analisar os valores assumidos pelo mais-que-perfeito simples ou composto nos textos escritos dos autores de cada país, nas diferentes sincronias, e nos textos orais de 1970 e 1990, do Brasil e de Portugal.

Verificou-se que, nos textos escritos, o mais-que-perfeito composto corresponde normalmente ao mais-que-perfeito simples, com o seu valor básico (de passado anterior a outro passado), só apresentando um outro valor nas cartas de Francisco Xavier de Oliveira, como será demonstrado oportunamente; o mais-que-perfeito simples apresenta valores diversos no decorrer dos séculos.

- **Português europeu**

  - *Cartas da Corte de D. João III (Século XVI)*

Nas cartas da Corte de D. João III, o pretérito mais-que-perfeito composto (24 ocorrências) corresponde sempre ao mais-que-perfeito simples. O mais-que-perfeito simples (147 ocorrências), contudo, além de corresponder ao composto. apresenta valores diversos, como se pode verificar na tabela abaixo:

Tabela 14 - Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas da Corte de D. João III

FORMA VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES					
	IdPt3C	IdFt2S	IdFt2C	SbPt1	SbPt3	TOTAL
IdPt3S	51	39	7	39	11	147
%	**34,7**	**26,5**	**4,8**	**26,5**	**7,5**	**100,0**

Examinando a tabela 14, observa-se que o pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a. correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo, na sua função prototípica de indicar um tempo passado em relação a outro também passado:

   1. ... muito honrrado Conde, Jorge Fernandez, meu Resosteyro, me dise que ell Rey, meu senhor, lhe TOMARA huum oficio d'escrivẚo da feitoria da Ilha de Cabo Verde, que tinha por seis annos pólo dar a Luis Alvarez... (CIL 2 - Linhass 01-04) [**tinha tomado**]

   2. ... e aquy vos torno a lẽbrra Totuả, porque me parece que este negocyo se ACABARA cedo e quyçays averya tempo. (CIL 119 - Linhass 21-22) [**tinha acabado**]

b. com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

   3. FOLGARA de saber como esta as cousas de Frãça e o que traz Onorato, porque por elias poderamos travar outras que fora bem de servyço dessua alte±a e assy do negocyo da

emquysyçã, em que m'o ernperador falou algũas vezes; porque, chegado a Napoles ou Cecylya, farã Roma quãto ellejuyser, e efle deseja muito que se faça a emquysyçã. (CIL 20, LINHASS 13-14) **[folgaria]**

4. ... e se me vos niso falareis claro, beem chẵo FIQUARA tudo, pois o eu fazia com tão boa vontade . (CJ 90 - Linhas 07-09) [**ficaria**]

c. com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

5. E para isto comvem, primeiro que tudo, darsse conta ao Reitor da rrezão d'esta mudança,de modo que elle a receba e veja que não tira nada da obrigação, que se lhe tem pola boa criação que fez em quãto pode neste moço, que he o fundamêto da virtude e bem que Deos lhe der, o que pudera ser polo contrairo se, por suas ausentias e ocupações e a idade que este moço já agora tem, ACONTECERA alg̃ua cousa que DANARA o bem que te agora he feito.... (CIL 46, Linhass 28-35) [**acontecesse - danasse**]

d. com o valor de pretérito mais-que-perfeito do Subjuntivo:

6. Certo aynda me parece agora que, se o FFIZERA, que podera com Razão ser tachado, nõ somente de lisongeiro, mas de desconfiado da grandeza do animo de S.A., de que eu muitas vezes ho tenho gabado. (CJ101 - Linhas 32-35) [**tivesse feito**]

7. ... porque se FORA antes de feito, podera ser que me DERA muita pena cuydar nisso; e ser feito me deu consolaçẵo CJ106 - Linhas 19-21) [**tivesse sido; tivesse dado**]

8. ... e se me vos niso FALAREIS claro, beem chẵo fiquara tudo, pois o eu fazia com tão boa vontade . (CJ 90 - Linhas 07-09) [**falasseis**]

Em um mesmo período da carta de Jaime IV, n° 94, o mais-que-perfeito simples é empregado, ao mesmo tempo, com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo, futuro do pretérito e mais-que-perfeito composto do Indicativo:

9. E verdadeiramente, se INCUBARA em mĨ minhas paixões e as nõ DECLARARA a sua alteza, CUYDARA que lhe ffazia grande erro, e que TIVERA S.A. Razã de me nõ teer naquella conta que eu cuidava que me tinha . (CJ 94 -

Linhass 14-17) [**incubasse – declarasse – cuidaria – tinha tido**]

O mais-que-perfeito simples substitui, pois, qualquer um dos tempos verbais do período hipotético; enquanto o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde, nas vinte e quatro ocorrências encontradas nas Cartas da Corte de D. João III, sempre ao mais-que-perfeito simples.

10. e foy estandome lhe eu queixando de quã sequamête S. A. se AVIA AVIDO comigo neste negocio, e tam fora do que lhe eu merecia, e do que soya, e afflrmãdolhe que, quãdo S. A.,me pedira meu parecer neste caso, (CJB 0089 Linhass 0050-0062). **[houvera]**

11. Eu vos, senhor,TINHA SCRITO hũa carta, pera saber de vos e da senhora comdesa, por que nõ me com tentava eu de teer estas novas per terceiras pesoa e com esta me pareceo scusado mandala. (CTB 0141 – Linhas 021-023) **[escrevera]**

É interessante observar que, nessas cartas, datadas de 1524-1562, o mais-que-perfeito composto apresenta-se quase sempre com o auxiliar ter (22 ocorrências, em 24 ocorrências detectadas) .

- *Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo (Século XVII)*

Nas cartas de D. Francisco Manuel de Melo, o pretérito mais-que-perfeito composto (16 ocorrências) também só corresponde ao mais-que-perfeito simples. O mais-que-perfeito simples (45 ocorrências), contudo, além de corresponder ao composto corresponde também a outros tempos verbais como se pode verificar na tabela 15:

Tabela 15 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas familiares de D. Francisco Manuel de Melo

FORMA VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES						
	IdPt3C	**IdFt2S**	**IdFt2C**	**SbPr**	**SbPt1**	**SbPt3**	**TOTAL**
IdPt3S	44	40	17	1	29	6	137
%	**32,1**	**29,2**	**12,4**	**0,7**	**21,2**	**4,4**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre, pois:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

12. Digo-o tão cruamente, porque não falta quem diga que a noiva FÔRA melhor para noivo, o noivo para noiva, e, ambos peor, como dizia o Moreno. (CFM 52 - Linhas 023-025) [**tinha sido**]

13. Negócio é o presente, que mais oprime que ocupa a imaginação de nossos políticos: cousa que eu ao revés DESEJARA, por ser em tudo ao revés dos outros. (CFM 89 - Linhas 020-022) [**tinha desejado**]

b) com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

14. Quem CUIDARA que a sutileza de aquele homem viria a dar em tal pequice (Carta CFM 025 Linhas 004-005)- [**cuidaria**]

15. Desculpa-se em nossa fraqueza esta omissão; porque, medindo-se com o que somos o que havemos de ser, parece que nenhum de nós ACEITARA o ser que temos, se conhecera sua fragilidade. (CFM 93 - Linhas 026-028) - [**aceitaria**]

c) com o valor de futuro do pretérito composto do indicativo:

16. Não FORA ele repertório verdadeiro, se não Fizera os tempos mentirosos. Sou com os astrólogos, como herege convertido, que despois de católico pasma de ver o que creu antes. (CFM 13 - Linhas 003-004) - [**teria sido**]

17. E FÔRA bem rudo, se estas contas não tirara em limpo, que muito devia de haver fôsse já por terra, se Deus com particular favor me não ajudasse, servindo-se da prudência e da bondade dos bons e dos prudentes, para com seus conselhos e razões apontoar êste fraco edifício de fracas e velhas taipas, que se está vindo ao chão; e praza a Nosso

Senhor que nele pare sua ruína. (CFM 24 - Linhas 014-018) - [**teria sido**]

d) com o valor de presente do Subjuntivo:

18. Tenho observado vai o meu negócio acima tão perdido enfim, como meu. E suposto que da Altura muito PUDERA confiar, a minha fortuna me faz temer não menos. (CFM 061 - Linhas 009-011) - [**possa**]

e) com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

19. Eu estava de fio seco para escrever uma carta muito grande a meu vizinho, a modo de Padre da Doutrina; mas veio logo a ser isto neste tempo, em que, como se não ESTIVERA bem preso, me tornam a prender de novo. (CFM 75 - Linhas 002-005) **[estivesse**]

20. Desculpa-se em nossa fraqueza esta omissão; porque, medindo-se com o que somos o que havemos de ser, parece que nenhum de nós aceitara o ser que temos, se CONHECERA sua fragilidade. (CFM 93 - Linhas 026-028) - [**conhecesse**]

f) com o valor de pretérito mais-que-perfeito do Subjuntivo

21. Êste último papel de V. S. , que, escrito ontem segunda-feira, hoje terça bem tarde recebo, me admirou e entristeceu, como se de repente me TOMARA, e não foi assi.. (CFM 007 – Linhas 002-003) - [**tivesse tomado**]

22. Descobre alguma perguiça no engenho do autor; porque forra uns versos com outros, que, se os TRABALHARA melhor, fizera melhor poema. (CFM 023 - Linhas 067-071) - [**tivesse trabalhado**]

Pode-se, pois, verificar que o mais-que-perfeito simples continua substituindo qualquer um dos dois tempos verbais do período hipotético: o futuro do pretérito do Indicativo simples ou composto, o imperfeito e o mais-que-perfeito do Subjuntivo. É interessante observar, no exemplo 20, a sua possível correspondência ao presente do subjuntivo.

O pretérito mais-que-perfeito composto corresponde sempre (19 ocorrências), nas cartas de Francisco Manuel de Melo, ao simples, como pode ser visto nos exemplos a seguir :

23. Dourou, aformoseou, fez claros e excelentes os bosques, as florestas de Alemanha com grande esplendor de suas virtudes. Vengó: castigou com seu valor as injúrias que,

antes que ele aparecesse naqueles bosques, HAVIA RECEBIDO de seus inimigos. (CFM 4 – Linhas 199) – [**recebera**]

24. De 25 de janeiro dêste ano, é a primeira que recebi de V. M. dêsses Estados; que eu já, como pude, HAVIA SOLICITADO, escrevendo outra, que há dias remeti a V. M. por via do N. (CFM 53 – Linhas 1676) – [**solicitara**]

Nas dezenove ocorrências da forma composta, nenhuma vez, o autor utilizou o verbo ter o que causa uma certa estranheza, uma vez que, Mattos e Silva (2002b, p.158), afirma que o verbo ter, desde meados do século XVI, é, preferencialmente, o verbo responsável pela formação do tempo composto. Mas, a mesma autora, evocando Fernão Oliveira (1536), observa que ".. os homens fazem a língua.", sendo, pois, os responsáveis pelas variações e mudanças

- *Cartas de amor de Sóror Mariana Alcoforado (Século XVII)*

Diferentemente de Francisco Manuel de Melo, Sóror Mariana Alcoforado utiliza mais vezes o pretérito mais-que-perfeito composto (15 ocorrências) do que o simples (6 ocorrências), que assume apenas os valores registrados na tabela 14:

Tabela 16 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas portuguesas de Mariana Alcoforado

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**		
	IdPt3C	**IdFt2S**	**TOTAL**
IdPt3S	4	2	6
%	**66,7**	**33,3**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre, pois:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

25. Desejava que eu o amasse; e, como CONCEBERA esse desígnio, nada omitiu para o conseguir; ter-se-ia mesmo resolvido a, amar-me, se tal fosse necessário. (CMA 5 – Linhas 261-264) [**tinha concebido**]

26. E bem justo é que, ao menos, suportes que me lamente das desgraças que bem PREVIRA quando te vi tomar a resolução me deixares. (CMA 2 – Linhas 005-016) [**tinha previsto]**

27. Concordo em que tem sobre mim grandes vantagens e que me inspirou uma paixão que me fez perder a razão. Mas pouco pode envaidecer-se com isso: eu era jovem, era crédula, TINHAM-me ENCERRADO neste convento desde a minha infância, só TINHA VISTO pessoas desagradáveis, nunca OUVIRA as lisonjas que sem cessar me dirigia. (CMA 5 – Linhas 299-307) [**encerrara** -**vira** - **tinha ouvido**]

É interessante observar que, nesse último período, a autora utiliza, ao mesmo tempo, as formas simples e composta e parece empregar a forma composta para se referir a ações que se desenvolvem durante um curto período de tempo, enquanto a forma simples se refere a uma ação realmente consumada no passado.

b) com o valor de futuro do pretérito do Indicativo:

28. Ele cairá nas tuas mãos: bem QUISERA ter eu a mesma sorte! Ai de mim! Louca que sou! Bem me dou conta de que isso não é possível! (CMA 1 Linhas 129-138) **[quereria]**

Em relação à forma composta, todas as 15 ocorrências correspondem à forma simples, das quais, apenas uma, utiliza o verbo haver como auxiliar:

29. Que irá ser de mim e que queres que faça? Como estou longe de quanto HAVIA PREVISTO! Esperava que me escrevesses de todos os lugares por onde passasses e que as tuas cartas fossem muito longas. (CMA 3 – Linhas 001-0030) **[previra]**

30. Não receie que eu lhe escreva; nem sequer porei o seu nome na encomenda. Encarreguei de tudo Dona Brites, a quem eu TINHA ACOSTUMADO a confidências bem diferentes desta. (CMA 5 - Linhas 009-013) **[acostumara]**

Como pode ser visto nas Cartas de Sóror Mariana Alcoforado, o mais-que-perfeito simples apenas corresponde à forma composta e ao futuro do pretérito do Indicativo, e ocorre em menor número de vezes, antecipando uma tendência que vai se consolidar no século XVIII, como já foi demonstrado: a diminuição do número de ocorrências do mais-que-perfeito nos textos, quer na forma simples, quer na composta.

- *Cartas de Francisco Xavier de Oliveira (Século XVIII)*

Nas cartas de Francisco Xavier de Oliveira, há maior número de ocorrências (52) do pretérito mais-que-perfeito composto. Diferentemente do que ocorre nos textos dos autores analisados até então, em duas ocorrências, o pretérito mais-que-perfeito composto assume o valor do pretérito imperfeito do Subjuntivo e em uma, o do futuro do pretérito do Indicativo. Cabe observar, também, que em todas as ocorrências da forma composta é empregado o verbo ter como auxiliar.

O pretérito mais-que-perfeito simples (26 ocorrências) continua desempenhando outras funções, além de expressar uma ação passada em relação à outra já passada, sua função prototípica, como se pode verificar na tabela abaixo:

Tabela 17 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira)

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**				
	IdPt3C	**IdFt2S**	**IdFt2C**	**SbPt1**	**TOTAL**
IdPt3S	13	10	1	2	26
%	**50,0**	**38,5**	**3,8**	**7,7**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a) correspondendo ao mais-que-perfeito composto do Indicativo:

> 31. Veio muito de asa caída, e parece-me que anda fazendo aqui carrapato. Já ouvi que QUISERA fazer um calvário, porém não me lembra a razão por que deixou de pregar o

calote. Que bela tradução será a do italiano? (CCO 04 - Linhas 076-078) [**tinha querido**]

32. O ciúme, que o pungia havia muito tempo por motivo do comércio que a mulher tinha com ele, o enfureceu de tal forma que lançando uma mão ao estribeiro lhe mostrou a morte com a outra, se ele lhe não confessasse a causa que o TROUXERA àquele lugar. (CCO 25 - Linhas 025-028) [**tinha trazido**]

b) com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

33. Este destino é tão comum que raramente se evita. Duvido porém que essa infelicidade vos compreenda, e julgo que, se os ausentes tivessem os vossos merecimentos, nenhum a EXPERIMENTARA. (CCO 16 - Linhas 007-009) - [**experimentaria**]

34. Eu bem QUISERA ter feito a canção, porém digo a V. S. que a fez o dito Matanásio na língua grega, e que ele mesmo a traduziu em francês da forma que eu a repeti a Sílvia. (CCO 15 - Linhas 041-043) - [**quereria**]

c) com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

35. Se eu TIVERA pareceres para imprimir, confesso-vos que também seria da mesma opinião. Deixar porém de imprimir no papel os pareceres que por esse meio se podem imprimir no coração dos homens não seria acertado, por mais certo que fosse o parecer de Sócrates. (CCO 12- Linhas 005-008) **[tivesse**]

Como mencionado anteriormente, apenas nas cartas de Cavaleiro de Oliveira, o pretérito mais-que-perfeito composto apresenta valores diversos do seu valor prototípico e é usado, não só:

a. correspondendo ao mais-que-perfeito simples do Indicativo:

36. Continuando ele a bater mato, perguntou a sua mulher de que procediam os alaridos que TINHA OUVIDO. Sua mulher lhe respondeu que estava sonhando, e o marido, crente que dormia, voltou para o gabinete como aqueles que quando vêm buscar lã os mandam tosquiados. (CCO 04 - Linhas 158-161) - **[ouvira]**

37. Foi nomeado e alcançou o regimento, preterindo a diversas personagens que TINHAM CONSAGRADO e SACRIFICADO toda a vida à arte de Campanha. (CCO 37 - Linhas 054-056) - [**consagraram - sacrificaram**]

b. mas também correspondendo ao futuro do pretérito do Indicativo

> 38. Corina, que se sabia bastantemente bela para comunicar ao amante os movimentos que sentia, lhe disse: Que se alguma feiticeira lhe tinha passado as lãs duma à outra parte do corpo, então outra formosura lhe TINHA ROUBADO o coração, mostrando que se inclinava mais a crer na segunda causa do que na primeira. (CCO 10- Linhas 197-200) - [**roubaria**]

c. e ainda, correspondendo ao pretérito imperfeito do Subjuntivo

> 39. Estamos em outros pontos, minha Senhora. - Ainda que eu corresse Ceca e Meca e Olivais de Santarém, não seria possível cair sem que TINHA CAÍDO à perna da formosura, tendo-lhe pegado uma vez pelos calcanhares. (CCO 04 - Linhas 192-194) - [**caísse**]
>
> 40. Corina, que se sabia bastantemente bela para comunicar ao amante os movimentos que sentia, lhe disse: Que se alguma feiticeira lhe TINHA PASSADO as lãs duma à outra parte do corpo, então outra formosura lhe tinha roubado o coração, mostrando que se inclinava mais a crer na segunda causa do que na primeira. (CCO 10- Linhas 197-200) - [**passasse**]

Naturalmente, por se tratar de uma interpretação, valores diferentes podem ser atribuídos ao mais-que-perfeito. No exemplo 40, por exemplo, se considerarmos que a forma composta assume o valor do mais-que-perfeito simples, o sentido estabelecido será o de um fato consumado – passara – (*realis*), mas se for o de pretérito imperfeito do subjuntivo, passa a ser uma possibilidade ou hipótese (*irrealis*) "...se a feiticeira lhe passasse...". Ciente desta dupla possibilidade, optou-se pela segunda alternativa.

- *Cartas de Pina Manique(Século XVIII)*

Nas cartas de Pina Manique há doze ocorrências do mais-que-perfeito: seis na forma simples e seis na forma composta; todas as seis ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples correspondem ao pretérito mais-que-perfeito composto, assim como as seis ocorrências do mais-que-perfeito composto correspondem sempre ao pretérito mais-que-perfeito

simples. Em relação ao uso do auxiliar, o autor opta pelo emprego do verbo ter em cinco das seis ocorrências da forma composta.

Tabela 18 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Pina Manique

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES	
	IdPt3C	**TOTAL**
IdPt3S	6	6
%	**100,0**	**100,0**

Nos textos de Pina Manique, o pretérito mais-que-perfeito simples ocorre sempre:

a) correspondendo ao mais-que-perfeito composto do Indicativo:

41. Sobre os ordenados dos dous REGULARA V. S.a a porporção o que lhe parecer tendo o Reitor sento e sincoenta mil reis os dous Visse Reitor e Perfeito pode ter hum sento e vinte mil reis e o outro sem mil reis e rasaõ do Colegio e nesta p.te e em tudo mais estou por~q V. S.a ordenar. (CPM 11 – Linhas 016-018) **[tinha regulado]**

42. O Branquinho dame p.te o que VS.a verá na carta incluza eu lhe ordenei ~q o tal estudante do Crato o FIZERA despedir do Collegio mas de repente obrei em responder a Ioze Roiz Lx.a V.S.a verá lá isto cobre o ~q parecer pois parece com huma repriensaõ dada por V.S.a mandando hir a sua prezença talvez se reprima alias fora do Collegio se assim o naõ observar mas nada disto valle nada, se naõ o mais asertado será o que V.S.a julgar merece este rapas e eu me someto inteiram.te ao que V.S.a deleberar em com os mais o mesmo. (CPM 67 - Linha 09-15) **[tinha feito]**

E o pretérito mais-que-perfeito composto, por sua vez, ocorre sempre correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito simples:

43. Tenho visto e ouuido o S.r Intendente agoniado Bastantes vezes e penso que saõ tantas quantas cartas recebe de V. S.a a resp.to e sempre lhe ousso repetir o mesmo (naõ posso naõ posso ademetir por agora regente) e a mim

mesmo me tem respondido o mesmo acresentando que a seu tempo se cuidara em regente p.a o colegio e que já TINHA RESPONDIDO a V. S.a isto mesmo (CPM 22 – Linhas 023-027) **[respondera]**

44. Aqui corre huma Notiçia de que o nosso Amo reitor DISERA que se despedia do Colegio pois já estaua farto de figurar de homem de Palha e que TINHA ADEQUERIDO huma renunçia de Conego dessa Cathedral e como tal lhe era emdecorozo semelhante Menisterio. Deos asim o permita e que apareça hum Homem de qualid.e tal que de gosto para asim eu poder descontar tantos desgostos como tenho sofrido. (COM 47 - Linhas 11-15) **[adquirira]**

- *Cartas de Ramalho Ortigão (Século XIX)*

Nas cartas de Ramalho Ortigão também se observa um decréscimo no uso do pretérito mais-que-perfeito. Foram encontradas apenas 30 ocorrências nas 1472 linhas analisadas: oito do mais-que-perfeito simples e 22 do mais-que-perfeito composto, das quais vinte têm o verbo ter como auxiliar.

Em todas as ocorrências, o mais-que-perfeito simples corresponde ao mais-que-perfeito composto do Indicativo, como se pode verificar na tabela a seguir:

Tabela 19 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Ramalho Ortigão

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**	
	IdPt3C	**TOTAL**
IdPt3S	8	8
%	**100,0**	**100,0**

Exemplos:

45. Leu a Holanda toda, discutiu alguns pontos e disse-me que era um livro que fazia honra a uma nação, a mais bela obra que ultimamente se PRODUZIRA em Portugal e na qual o talento se reunia à mais exemplar probidade de artista e de cidadão. (COR 063- Linhas 016-018) - [**tinha produzido**]

46. Prado, que me ENCARREGARA de tomar-lhe quartos e que eu esperava hoje, tendo recusado para estar com ele um convite para jantar, envia-me agora mais um telegrama a dizer-me que não pode vir, mas virá no fim do mês. (COR 093 - Linhas 039-041) - [**tinha encarregado**]

Do mesmo modo, em todas as ocorrências, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo:

47. Matei cinco galinhas do mar e um pato bravo. Apesar de haver 14 anos (quem tal diria!) que eu não caçava, não errei um tiro, e quando vim para o almoço TINHA EMPREGADO optimamente as minhas seis cargas. (COR 001- Linhas 023-026) - [**empregara**]

48. Imagina que eu reconheço imediatamente um quadro português de Frei Carlos pintor do Convento do Espinheiro em Évora no século XVI. Macon, a quem fiz esta comunicação, disse-me que a minha atribuição era tanto mais interessante quanto o quadro a que ela se referia TINHA SIDO o objecto de muitos estudos de críticos franceses, alemães e belgas. (COR 128 - Linhas 025-029) - [**fora**]

- *Correspondência de Eça de Queirós (Século XIX)*

Também nos textos de Eça de Queirós o emprego do mais-que-perfeito é reduzido (nove ocorrências em 1.309 linhas analisadas). Como em quase todos os textos, o pretérito mais-que-perfeito composto (três ocorrências - todas utilizando o verbo ter como auxiliar) corresponde ao pretérito mais-que-perfeito simples. O mais-que-perfeito simples (seis ocorrências) também corresponde ao pretérito mais-que-perfeito composto, conforme tabela e exemplos a seguir:

Tabela 20 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Eça de Queirós

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES	
	IdPt3C	**TOTAL**
IdPt3S	6	6
%	**100,0**	**100,0**

Exemplos:

49. Tenho andado com um tal período de estupidez que não só não te pude mandar um bocado de prosa bem confeccionada - mas nem tive a coragem de te anunciar um plano de trabalho que me LEMBRARA para a Província. (CEQ 007- Linhas 183) - [**tinha lembrado**]

50. A tua conduta na crise é a que eu sempre ESPERARA e tinha previsto. Acho-a de todo o ponto excelente e creio que a devias completar afastando-te durante algum tempo desse gâchis. (CEQ 035 - Linhas 1135) - [**tinha esperado**]

O pretérito mais-que-perfeito composto corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo, conforme indicado anteriormente:

51. O Ramalho já, dias antes, me TINHA ESCRITO que um diabo que assinava Viriato com h fazia na Revue um esboço do estado presente do romance português, com singular finura crítica.. (CEQ 001- Linhas 008) - [**escrevera**]

52. TINHA PEDIDO aí ao Carlos que se ocupasse deste caso isto é que obtivesse do Ministro da Fazenda uma ordem para que os caixotes saíssem livremente. (CEQ 031 - Linhas 1014) - [**pedira**]

- *Correspondência de Camilo Castelo Branco (séc. XIX)*

Seguindo a tendência dos demais autores portugueses do século XIX, os textos de Camilo Castelo Branco também apresentam um pequeno número de ocorrências do pretérito mais-que-perfeito (nove), sendo seis na forma simples, das quais cinco correspondem à forma composta, e em uma assume o valor do futuro do pretérito do Indicativo; e três na forma composta, (nas quais

é empregado o verbo ter como auxiliar), todas correspondendo ao mais-que-perfeito simples, conforme tabela e exemplos a seguir:

Tabela 21 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Camilo Castelo Branco

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES		
	IdPt3C	IdFt2S	TOTAL
IdPt3S	5	1	6
%	**83,3**	**16,7**	**100**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a) correspondendo ao mais-que-perfeito composto do Indicativo:

53. Uma cousa de espirito pela tolice : disse elle em Famalicão que eu, quando elle era menino, o TROUXERA ao collo em casa do marquez de Penalva. (CCB VI – Linhas 013-016) **[tinha trazido]**

54. Quando lhe escrevi a respeito do Grande homem não sabia que o meu amigo IMPLICARA com a coisa. (CCB XXVI – Linhas 021-023) **[tinha implicado]**

b) Com o valor do futuro do pretérito simples do Indicativo:

55. QUIZERA, eu Sr., fugir a este ar mefitico, e procurar n'essa cidade, em paga do meu trabalho, seis vintens para o pão de cada dia, e viver tranquilio — ahi, onde ninguem motejará a minha casaca já velha, nem me apontará dizendo por escarneo: Ali vae o filho d'um que foi corregedor em Vizeul. (CCB 001 – Linhas 029-033) **[quereria]**

O pretérito mais-que-perfeito composto, por sua vez, corresponde ao pretérito mais que perfeito simples:

56. Os seus próprios inimigos diziam, quando elle morria de nostalgia e de miséria em Londres (1879) que elle TINHA ESCRIPTO com grande espírito e gaillardise inimitável dois volumes intitulados Les hommes dujour. (CCB XXVI – Linhas 010-015) **[escrevera]**

57. Eu nunca TINHA LIDO do Realismo na Arte. (CCB XXVIII – Linhas 018-019) **[lera]**

- *Correspondência de Fernando Pessoa (Século XX)*

Embora o número de ocorrências do pretérito mais-que-perfeito nas cartas de Fernando Pessoa seja maior do que nas cartas dos autores precedentes, a frequência de uso desse tempo verbal é pequena, se comparada à que se verifica nos textos dos séculos XVI, XVII e XVIII. São apenas 27 ocorrências em 3.020 linhas, sendo 10, na forma simples e 17, na forma composta.

O pretérito mais-que-perfeito composto ocorre sempre correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito simples. Interessante destacar que apenas em três orações optativas o pretérito mais-que-perfeito simples corresponde ao futuro do pretérito do Indicativo, como se pode verificar na tabela e exemplos que se seguem:

Tabela 22 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Fernando Pessoa

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**		
	IdPt3C	**IdFt2S**	**TOTAL**
IdPt3S	7	3	10
%	**70,0**	**30,0**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a) correspondendo ao mais-que-perfeito composto do Indicativo:

58. De acordo que sou o último dos bandidos em faltar assim tão safadamente à minha palavra, mas o caso é que o artigo que eu COMEÇARA a escrever se tornou por um excesso de críticas, impróprio para um número comemorativo de Camões. (CFP 033- Linhas 022-029) - [**tinha começado**]

59. Circunstâncias exteriores, mínimas, salvo na repercussão em mim, deixaram-me, há mais que alguns meses, sempre acrescentar uma Linhas às poucas Linhass que PENSARA. (CFP 040- Linhas 020-022) - [**tinha pensado**]

b) com o valor do futuro do pretérito do Indicativo:

60. Quem me DERA ter a certeza de tu teres saudades de mim a valer. Ao menos isso era uma consolação... (CFP 132 - Linhas 028-029) - [**daria**]

61. É nervoso de gostar, é de sentir amor pelo Nininho? Quem me DERA que fosse! (CFP 144 - Linhas 012-013) - [**daria**]

Em todas as ocorrências, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo:

62. Como eu TINHA PREVISTO, pela astrologia, a situação do Mário não só melhorou, mas parece tende para melhorar cada vez mais. (CFP 092- Linhas 065-066) - [**previra**]

63. Nesse caso eu não devia talvez ter falado nisso, mas, se fiz mal, fi-lo involuntariamente, pois vim logo cá acima à tipografia cumprir o que TINHA PROMETIDO. (CFP 100 - Linhas 019-021) - [**prometera**]

Em relação ao uso do auxiliar, Fernando Pessoa opta pelo verbo ter em 16 das 17 ocorrências da forma composta.

- *Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses* da segunda *metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual (Século XX)*

Nas 593 linhas analisadas das cartas *inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses* da segunda metade do século XIX, foram encontradas três ocorrências do pretérito mais que perfeito, sendo uma na forma simples e duas na composta. A forma composta corresponde sempre à simples. É interessante observar, entretanto, que a forma simples não ocorre correspondendo à composta, como nos demais textos, mas assume o valor do futuro do pretérito simples do Indicativo, conforme demonstrado na tabela e nos exemplos a seguir:

Tabela 23 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual.

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES	
	IdFt2C	**TOTAL**
IdPt3S	1	1
%	**100,0**	**100,0**

Exemplos:

64. Eu sou um ignorantão em coisas da Índia; bem QUISERA sabê-las, mas ou me falta inteligência, ou esse invejável amor que tu tens ao trabalho, meu digno e ilustre operário. (CIP 141 Linhas 005-008) **[quereria]**

Como mencionado anteriormente, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde sempre ao mais-que-perfeito simples do Indicativo:

65. Quando recebi seu bilhete postal já HAVIA RESPONDIDO em outro à carta (CIP 80 Linhas 001-002) **[respondera]**

66. De posse do seu postal de nove do corrente, HAVIA já VERIFICADO, o caso da Egreja ou Igreja. (CIP 101 Linhas 001-002) **[verificara]**

Cabe salientar também que na forma composta, nas duas ocorrências, foi utilizado o verbo haver como auxiliar.

- *Cartas de Teófilo (Século XX)*

Nas 1.432 linhas das cartas de Teófilo foram detectadas apenas 15 ocorrências do pretérito mais-que-perfeito, todas na forma simples. Em todas as ocorrências a forma simples assume o valor da forma composta, conforme demonstrado na tabela 24 e nos exemplos a seguir:

Tabela 24 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Teófilo

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES	
	IdPt3C	**TOTAL**
IdPt3S	15	15
%	**100,0**	**100,0**

Exemplos:

67. Não escrevi logo como DESEJARA, a agradecer a tantos favores, porque, vindo repleto de saúde, adoeci à chegada, com uma traiçoeira influenza intestinal, que me fez desperdiçar muito tempo, estorvando-me os planos de trabalho. (CTB 007 L005-010) **[tinha desejado]**

68. Estudando ali o Garret como êle queria, salientando-lhe as fases da sua existência, conforme os INDICARA do Gomes do Amorim, e que este escritor espésso ou opaco se a compreender. (CTB 011 Linhas 030-034) **[tinha indicado]**

69. Garantiu-me que não o ESQUECÊRA, e que isso dependerá só do congrésso, porque tencionava criar consulados em São Paulo, Belo Horizonte e Coritiba. (CTB 019 Linhas 006-009) **[tinha esquecido]**

Analisando os valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito simples nos textos dos vários autores portugueses, pode-se formular a seguinte síntese:

Tabela 25 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de autores portugueses dos séculos XVI a XX

SÉCULO	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES					
	IdPt3C	**IdFt2S**	**IdFt2C**	**SbPr**	**SbPt1**	**SbPt3**
XVI	51	39	7	-	39	11
XVII	48	42	17	1	29	6
XVIII	19	10	1	-	2	-
XIX	19	1	-	-	-	-
XX	22	4	-	-	-	-
TOTAL	**159**	**96**	**25**	**1**	**70**	**17**
%	**43,2**	**26,1**	**6,8**	**0,3**	**19,0**	**4,6**

Ao longo dos séculos, observa-se que os valores que o mais-que-perfeito simples mais assume são respectivamente, o do mais-que-perfeito composto (159 ocorrências – 43,2%), o do futuro do pretérito do Indicativo (96 ocorrências – 26,1%) e o do pretérito imperfeito do subjuntivo (70 ocorrências – 19,0%). Como se pode verificar, a partir do século XVIII, o uso do pretérito mais-que-perfeito simples com o valor de outros tempos verbais decresce.

Esse tempo verbal deixa de ser empregado com frequência para expressar a modalidade *irrealis* e passa a ser empregado na língua informal, oral ou escrita, expressando a modalidade *realis*. A modalidade *irrealis* continua a ser expressa por esse tempo verbal inicialmente em textos formais ou literários.

- **Português do Brasil**

  - *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (Século XVI)*

Nas 3.280 linhas analisadas das cartas dos primeiros jesuítas do Brasil foram encontradas 134 ocorrências do pretérito mais- que-perfeito, sendo 22

da forma composta, correspondendo sempre à forma simples e 112 da forma simples as quais assumem valores diversos, conforme demonstrado na tabela e verificado nos exemplos a seguir:

Tabela 26 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES				
	IdPt3C	**IdFt2S**	**SbPt1**	**SbPt3**	**TOTAL**
IdPt3S	70	18	20	4	112
%	**62,5**	**16,1**	**17,9**	**3,6**	**100,0**

Como se pode observar, o pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a) correspondendo ao mais-que-perfeito composto do Indicativo:

70. Humm Principal, dez ou doze legoas daqui, tendo dez ou doze contrarios pera matar, sendo amoestado pelo Governador, não quis senão comê-Ilos com muita soberba, e queria, sobre tudo, vir dar guerra a huma fazenda dos christãos; mas loguo lhe foy socorer em breve e elle não OUSARA a cheguar, antes todos os daquella comarca e parentes de aquelles que se acharão nas testas, de medo despovoarão e deixarão roças e casas e forão-se fazer todos fortes no sartão com este. (CPJ 12 Linhas 201-209) **[tinha ousado]**

71. Deles soubemos os muytos trabalhos que o Padre Manuel Alvarez PASSARA com ynfirmidades na costa de Guiné, as quais o poserão nos ossos e quasi no cabo da vida, e vinha ainda ao presente muy fraco; mas vê-sse nelle notavel melhoria despois que sayo em terra. (CPJ 40 Linhas 358-362) **[tinha passado]**

b) com o valor do futuro do pretérito simples do Indicativo:

72. E o Bispo veo com huma sospeiçao ao enquerido, com a quall nom OUVERA de vir por sua honra, e a mym respomde com tamta cortesya Como V.A. verá; e por empidir o estronmento que o dito Sylvestre Rodriguez tirava, e se nom saber a culpa que tinha no que requeria o Sylvestre Rodriguez, passou huma carta preecatoria pera que eu o mandase premder, dizerndo que hera irege, e sobre isto se

pasarom allgumas cousas que V. A. verá pela mesma carta precatoria e minha reposta, e asynado do dito Lois da Grãa. (CPJ 34 Linhas 085-094) **[haveria]**

73. Os negros meirinhos fizerão grandissimas diligencias por saber quem fizera aquilio, e acharão culpada huma feiticeira, que diz que se dohia tanto do pouquo credito, que já entre elles tinha, que dizia: “Vós outros, porque credes em Deos, me não credes a my, mas não sou eu homem”, como quem diz, se o fora eu me VINGARA! (CPJ 66 Linhas 943-948) **[vingaria]**

c) com o valor do pretérito imperfeito do subjuntivo

74. Meus em Christo Padres e Irmãos, não he todo o amor com que vos amo, porque, se todo FORA, com gram fervor vos escrevera muytas cousas de N. Senhor, mas ao presente me não lembram por minha frieza de espirito, mas sem isso não deixarey de escrever algumas pera louvor de Nosso Senhor. (CPJ 28 Linhas 043-048) **[fosse]**

75. O nosso P. Leonardo Nunes vos escreverá mais largo porque sabei, meus em Christo, que se elle dez corpos TIVERA, todos elle, bendito Deus, os encaminhara por que todos os esforços com que anima a esta gente assi da terra como brancos, e com vossa vinda que vireis e estareis em tal parte e em tal. CPJ 28 Linhas 092-097) **[tivesse]**

d) com o valor do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo:

76. Mas dado que assi seja, eu tenho que se vossa vinda já FORA, eu ao menos estivera em parte que ainda que eu quisera não vos podera escrever. (CPJ 28 Linhas 013-015) **[tivesse sido]**

77. Porque estando elle assy revestido depois do offertorio, asentado para fazer os casamentos, tendo jaa hum dos casais pella mão, alevantou antre elles supitamente hum reboliço que assi como se em humi mesmo instante FALLARA a cada hum à orelha, se alevantarão todos a fugir sem olhar por porta, mas furando pella mesma Igreja, que era toda de palma, quebrando as varas e vergas com que estavão atadas; (CPJ 66 Linhas 097-104) **[tivesse falado]**

O pretérito mais-que-perfeito composto, por sua vez, corresponde sempre ao pretérito mais-que-perfeito simples:

78. Este homem tornou aly com hum navio e mandou dizer ao Indio principal, que o tivera em sua casa, que o fosse ver ao

navio, cuidando o jentio que vinha elle agradecer-lhe o bem que TINHA FEITO ; como teve no navio o cativou com outros que com elle forão e o ffoi vender por essas capitanias. (CPJ 12 Linhas 008-013) **[fizera]**

79. Despedido elle para a sua terra, que pode ser desta cidade 40 e tantas legoas, começou o P. Provincial a dar ordem como se povoassem algumas das Igrejas, que AVIA ACEITADO em diversas partes, para o que andando ainda fora do Collegio MANDARA apreceber ho necessario, para que vindo elle não se detivesse aquy por ser cousa que o seu fervor não sofre. (CPJ 66 Linhas 248-290) **[aceitara]**

Em relação ao uso do auxiliar, o verbo ter é utilizado em 15 ocorrências (68,2%) enquanto o verbo haver é empregado em apenas sete (31,8%).

- *Cartas da Bahia e do Maranhão do Padre Antonio Vieira (Século XVII)*

Nas cartas do Padre Antonio Vieira, o pretérito mais-que-perfeito simples (114 ocorrências) é mais utilizado do que o composto (45 ocorrências) Como em quase todos os textos, em suas 47 ocorrências, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde ao pretérito mais-que-perfeito simples. Por sua vez, o mais-que-perfeito simples assume valores diversos, correspondendo não só ao pretérito mais-que-perfeito composto, mas também a outros tempos verbais:

Tabela 27 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas do Padre Antonio Vieira

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**					
	IdPt3C	**IdFt2S**	**IdFt2C**	**SbPt1**	**SbPt3**	**TOTAL**
IdPt3S	45	28	3	24	14	114
%	**39,5**	**24,6**	**2,6**	**21,1**	**12,3**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:

80. Tomou por pretexto, influído do alcaide-mor, que ele FINGIRA uma carta de S. A. a favor de Sebastião de Araújo: e como não bastasse mostrar-se-á a dita carta registrada, foi Deus servido que apareceu o próprio. (CVB CXCI - Linhas 015-018) - **[havia fingido]**

81. Finalmente, quando nada disto se EXPERIMENTARA, que é o menos, ninguém pode duvidar que, sendo fim para que Deus nos deu aquelas terras a propagação da Sua Fé e conversão das almas, faltando nós a esta obrigação, se desobrigue também Sua providência de nos assistir, e, como ele mesmo diz, nos tire a vinha, e a dê a quem tiver mas cuidado dela e dos que a cultivaram. (CVB CCVII - Linhas 041-047) - **[tinha experimentado]**

82. Chegados a S. Paulo, soubemos que, partindo os demais, só o do Maranhão ficava por ordem do Conselho Ultramarino, para poder levar um sindicante, que dois dias antes DESPACHARA. (CVM LV, Linhas 150-154) **[tinha despachado].**

83. À porta do Paço achei o mestre do navio do Maranhão, que me disse o MANDARA chamar o El-Rei, para lhe dizer que o havia de mandar enforcar se no seu navio fosse o Padre Antonio Vieira. (CVM LV, Linhas 180-184) **[tinha mandado].**

b) com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

84. Mas o que eu mais QUISERA se lembrasse é que, no papel que mandou fazer sobre esta matéria, e está em sua real mão, o casamento que eu mais aprovava era o de Baviera,... (CVB CLXXXVII - Linhas 035-038) **[quereria]**

85. Faça-se em tudo Sua santíssima vontade, que eu QUISERA não ter outra, nem ainda no Seu amor, e no Seu serviço. (CVM LVIII, Linhas 016-017) **[quereria].**

c) com o valor de futuro do pretérito composto do Indicativo:

86. Mas digo por sua parte porque, como juntamente veio a ele o sindicante, posto que ministro muito recto, tem sido as suas devassas ocasiões que, debaixo da sua vara e com a mão de S. M. os inimigos e invejosos, e interessados nas ruínas alheias, se tenham vingado, destruído e condenado

livremente a quantos quiseram, com falsos testemunhos, sem haver recurso nem remédio para se defenderem os inocentes com que uma grande parte e a melhor da Baía, ou se tem retirado aos conventos ou anda desterrado pelos matos; e também eu FORA um destes se não valera a imunidade do meu hábito, dizendo um rei de Portugal, por quem tantas vezes arrisquei a vida que eu vim ao Brasil com 77 anos de idade a mandar matar homens. (CPVB CCVIII Linhas 013-027) **[teria sido]**

87. Só resta-me deste desamparo, e experimentando nas confissões destes dias o grande que há nas almas dos portugueses que por estas partes vivem, assim a mim como aos companheiros nos vieram grandes impulsos de não passarmos mais adiante, e aplicarmos as nossas foices a esta tão vasta e tão disposta messe; e sem dúvida o FIZÉRAMOS, se a metade da missão não tivera ido no outro navio, e sem pessoa que a levasse a cargo. (CPVM LVI Linhas 054-061) **[teríamos feito]**

d) com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

88. Grandes são as fatalidades que V.S.ª me faz mercê referir, sucedidas no ano passado e pendentes para o presente, em que também as não considero menores; e, quando não HOUVERA tantos avisos do Céu, bastava a pouca emenda e ser tão pouco o conhecimento da necessidade dela (CVB CXCIX – Linhas 747). **[houvesse]**

89. ... e eu, ainda que TIVERA muito tempo, não pudera declarar com palavras o que só cabe no coração. (CVB CCVI – Linhas 1494). **[tivesse]**

90. Ditoso quem, por se condenar ao primeiro, se livrar para sempre do segundo; e mais ditoso quem, tirando totalmente os olhos deste mundo, os puser só naquele sumo e infinito bem, que por sua formosura e bondade, ainda que não TIVERA justiça, devera ser amado. (CVM LXI, Linhas 815) **[tivesse].**

91. O que mais estimámos ad intra, e não deixaram de o notar os de fora, principalmente os religiosos, que no mesmo navio vinham, de três religiões diferentes, foi como todos se houveram, em toda a viagem, com tanta conformidade e união, como se cada um FORA superior, ou nenhum o HOUVERA mister. (CVM LXIV, Linhas 1396) **[fosse, houvesse**].

e) com o valor de pretérito mais-que-perfeito do Subjuntivo:

92. Muito sinto dizer-me V.M.cê que, tendo vindo o Sr. Roque da Costa à Baía e tornado a Lisboa, esteja agora em Lisboa como se não VIERA à Baia. (CVB CLXXXIX – Linhas 362) **[tivesse vindo]**

93. Este religioso é siciliano de nação, mas por afecto e zelo tão apaixonado português como se NASCERA em Lisboa, e, mais ainda, zelando não só a serviço de Deus mas igualmente o de S. M. , e não só a conservação e aumento espiritual das cristandades, mas os direitos e regalias espirituais e temporais da Coroa, e autoridade e grandeza da Monarquia. (CVB CCVII – Linhas 1603) **[tivesse nascido]**

94. ... e, porque correndo este pagamento por mãos dos ministros da Fazenda daquele Estado fica muito incerto, antes totalmente é como se não FORA, como a experiência tem mostrado; ... (CVM LIV, Linhas 101) **[tivesse sido].**

Interessante observar que, tanto nas cartas do Maranhão, quanto nas da Bahia, Vieira emprega o pretérito mais-que-perfeito simples correspondendo aos mesmos tempos verbais: mais-que-perfeito composto, futuro do pretérito do Indicativo, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito do Subjuntivo.

O pretérito mais-que-perfeito composto, como mencionado anteriormente, não apresenta outro valor a não ser o seu valor prototípico, o do mais-que-perfeito simples:

95. Duvidoso do perdão pelo que TINHA EXPERIMENTADO, nem a pedi-lo a V.Exª. me atrevi. (CVB CCVI – Linhas 014-015). **[experimentara].**

96. ... e tudo vinha a importar trezentos mil cruzados, que esta quantia se podia tirar facilmente, lançando S. M. um leve tributo sobre a frota, que poucos dias antes tinha chegado, opulentíssima de mais de quarenta mil caixas de açúcar, o qual no Brasil se TINHA COMPRADO muito barato, e em Lisboa se vendia por subidíssimo preço;... (CVB CCXXX – Linhas 164-168). **[comprara].**

97. Chegando ao navio, soube El-Rei TINHA MANDADO chamar o mestre, de que os padres estavam mui desconsolados, entendo o que podia ser. (CVM LV – Linhas 173-175). **[mandara].**

98. Era o vento sul, o coração do Inverno, e aquela a primeira tempestade daquele ano; os mares muito grossos, a embarcação pequena, e nós muito chegados à costa de Portugal: porque a volta que fizemos para escapar ao inimigo foi quase ao norte, com que desandamos grande parte do que TINHAMOS CAMINHADO, o que tudo, junto com os muitos votos que vamos fazer à gente do mar, foi uma representação da morte, que todos nos aparelhamos para ela, e o mesmo fizeram os demais, não havendo ninguém que se não confessasse, ou geralmente, ou como que a fazia para ir logo dar contas a Deus. (CVM LXIV – Linhas 040-050). **[caminháramos].**

Em relação ao emprego do auxiliar, Viera opta pelo verbo ter em 45 ocorrências das 47 em que utiliza a forma composta.

- *Correspondência dos Governadores Geraes (Século XVII)*

Nas 1.942 linhas analisadas das cartas dos Governadores Geraes foram encontradas 34 ocorrências do pretérito mais- que-perfeito, sendo 16 na forma composta, todas correspondendo à forma simples, e 18 da forma simples as quais, por sua vez, assumem os valores expostos na tabela a seguir:

Tabela 28 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples na Correspondência dos Governadores Geraes

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**			
	IdPt3C	**IdFt2S**	**SbPt1**	**TOTAL**
IdPt3S	10	3	5	18
%	**55,6**	**16,7**	**27,8**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

99. Vossa Senhoria me significa tanto as suas obediencias, como as encontra com os effeitos que eu experimento:

porque em carta de dois de Abril me diz Vossa Senhoria que SOLTARA ao Capitão-mor Hieronimo da Veiga Cabral, e em outra de dezesseis do dito, que ainda não HAVIA IDO para a sua Capitania, porque parecia que achava melhor esses para os achaques que se andava curando. (CGG 031 Linhas 027-034) **[tinha soltado]**

100. Vossa Mercê a fará guardar inviolavelmente, e de nenhum modo consinta, que os moradores daquelle Rio se saiam, e deixem suas casas pelo desserviço que nisto faz a Sua Alteza e por exemplo fará restituir outra vez a aquella povoação esse morador,que Vossa Mercê me diz VIERA na lancha e castigará qualquer mestre que daqui por diante os trouxer. (CGG 062 Linhas 069-073) **[tinha vindo]**

b) com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

101. ... Governadores de Pernambuco que lhes não obedeceram: não FÔRA justo que conhecendo eu estas evidências permitisse os exemplos daquella introducção sem expressa resolução de Sua Alteza sobre a isenção, ou subordinação da Capitania de Itamaracá a esse Governo. (CGG 002 Linhas 368-375) **[seria]**

102. Não é meu intento averiguar estas jurisdições em que puramente respondo dos fundamentos de Vossa Senhoria a quem outra vez seguro, a não DISPÔRA tão ampla a um filho meu se nesse Governo estivera com Vossa Senhoria. (CGG 002 Linhas 376-380) **[disporia]**

c) com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

103. E como Vossa Senhoria se... retou a suceder no Governo de Pernambuco devendo-se tanto a seu merecimento o outro posto se no Brasil o HOUVERA necessariamente ha Vossa Senhoria de tirar por conclusão, que lhe não pertence o de Itamaracá; ainda que ambas as Capitanias se unissem à Corôa, e os Mestres de Campo Geral as governasse ambas. (CGG 002 Linhas 066-072) **[houvesse]**

104. ... porque assim provi pelos documentos que se mencionam quanto a câmara de Holinda PROVERA sempre os ditos offícios e nos livros da Secretaria do Estado se não acharam exemplos contra a posse em que estava. (CGG 002 Linhas 356-360) **[provesse]**

Como mencionado anteriormente, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde, nas 16 ocorrências, ao mais-que-perfeito simples:

105. ... e ainda que na sua patente trouxe exceptuado a da Parahiba, e Rio Grande, nunca se podia interpretar que se incluíssem nas capitanias annexas uma que desde seus princípios nunca o HAVIA SIDO, por ser de diversos Donatários... (CGG 002 Linhas 126-131) **[fora]**

106. E quanto ao Ministro que Vossa Senhoria aponta será importante ir devassar de todos os particulares que a carta de Vossa Senhoria inclue e insinua: como Vossa Senhoria me disse na antecedente, que TINHA DADO delles conta a Sua Alteza e este negocio está já por aquelle modo afeccto ao Príncipe, não posso eu mandar desta Relação, a tomar conhecimento delle, nem convém que ahi se encontrem dous Ministros ao mesmo effeito: (...) (CGG 106 Linhas 028-037) **[dera]**

Nas cartas dos Governadores Geraes, no mais-que-perfeito composto, o verbo auxiliar mais utilizado é o haver, em 75% (12 ocorrências), enquanto o auxiliar ter é empregado, apenas em quatro ocorrências (25,0%). Pode-se admitir que o emprego frequente do verbo haver, como auxiliar, seja devido ao grau de formalidade das cartas, uma vez que são dirigidas ao rei ou a pessoas que ocupavam cargos de destaque no governo.

- *As Cartas Baianas Setecentistas (Século XVIII)*

Nas Cartas Baianas Setecentistas, observa-se também a preponderância do uso do pretérito mais-que-perfeito simples (40 ocorrências) sobre o do mais-que-perfeito composto (19 ocorrências).

Em todas as ocorrências, o mais-que-perfeito composto, como nos demais textos, corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo; já o pretérito mais-que-perfeito simples assume valores de outros tempos verbais:

Tabela 29 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas Baianas Setecentistas

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES				
	IdPt3C	**IdFt2S**	**SbPt1**	**SbPt3**	**TOTAL**
IdPt3S	35	2	1	2	40
%	**87,5**	**5,0**	**2,5**	**5,0**	**100,0**

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre, assim:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

107. Com a Dáta, de nó-|ve de Outubro do anno preCedente, que igu-|almente fis juntar, e se aCha afolhas tres; |[26] Consta, primeiramente, por todas as testemunhas | prezenCiaes; que na Altura de Santo André, | hindo já Costeando a terra da Mina, FORA a Refe-|rida Curveta, abordáda por dois Navios Ingle-|zes, preCedendo os Sinaes de insarem Bandeira -| Ingleza, e Segurarem-na Com tiros deCanhaõ, | (CBS 18 Linhas 007-013) **[tinha sido]**

108. Pede aVossa Senhoria Remeta | Logo asua praça pello amor de=| Deus Cuja esmolla ROGARA pella | Vida eSaude de Vossa Senhoria| (CBS 18 Linhas 011-013) **[tinha rogado]**

b) com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

109. ... em vimte eoito | de Mayo seachava servido the odia dous deJulho emque o-| suspendi muito posteriôr aotipo dapermição dentro edepois | doque bem PUDERA ter recorrido para segunda enova Provisam porassim | ser estillo praticado, enão como pertendia osuplicante hir ser- | vido os devidos offícios sem nova Provisam (CBS 3 Linhas 015-019) **[poderia]**

110. Se Vossa Ex-| CelenCia naó as conhecera me não ENCARREGÁRA d'esta ComiÇaó. (CBS 79 Linhas 013-014) **[encarregaria]**

[26] O símbolo | indica a divisão das linhas (LOBO, 2001, p.24)

c) com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

111. Se Vossa Ex-| CelenCia naó as CONHECERA me não encarregára d'esta ComiÇaó. (CBS 7 Linhas 013-014) **[conhecesse]**

d) com o valor de pretérito mais-que-perfeito do Subjuntivo:

112. oSupplicante lhe | náo fizera Offença alguma, nem seachou ferido , nem | aindaselheveio nas suas Roupas amais Leve queimadu| ra; por onde sepoderia Conjecturar que lhe FORA dado o | dito tiro: ... (CBS 130 Linhas 009-010) **[tivesse sido]**

113. ... a Suplicante que diariamente se acha em -| hũa cama dehumdefluxo | nopeito, que Senaó TIVERA costo do dito seu filho | ja seria morta anecessidade ... (CBS 68 Linhas 004-010) **[tivesse tido]**

Como mencionado anteriormente, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo:

114. Remeto a Vossa Excelencia prezo a JozeJoaquim | deSanta Anna homem pardo, pelo ter achado emsufragan| te delito demortandade deBois mansos deCarro,Junto | Comdous escravos de Francisco Jorge daRochaPegado, que | TINHAÓ FURTADO a JoaóCoelho de Oliveira, epor que | sendo prezo, aquelas partes seCompuzeraó pagan| do os referidos Bois, ... (CBS 27 Linhas 002-007) **[furtara]**

115. ... o mesmo Padre TINHA IMPEDIDO os| Baldios da Villa, fazendo restituir o Povo| à antiga-posse emque estáva d'elles:... (CBS 87 Linhas 003-010 **[impedira]**

Em relação ao uso do auxiliar, nas Cartas Baianas Setecentistas, também prevalece o emprego do verbo ter em 14 (73,7%) das 19 ocorrências da forma composta.

- *Cartas da Bahia do Marquês do Lavradio (Século XVIII)*

Nas cartas da Bahia do Marquês do Lavradio foram encontradas 29 ocorrências do pretérito mais-que-perfeito, nas 1.720 linhas consultadas. A

forma composta, como já foi demonstrado, é a preferida pelo autor (17 ocorrências), diferentemente do que ocorreu nas Cartas Baianas Setecentistas. Em todas as ocorrências, a forma composta corresponde, como na maior parte dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, à forma simples. Quanto à forma simples, percebe-se, além da diminuição do número de ocorrências, uma restrição na diversidade dos valores até então assumidos. Curioso destacar ainda que a correspondência do pretérito mais-que-perfeito simples ao futuro do pretérito simples do Indicativo é mais frequente do que o seu emprego correspondendo à forma composta, fato que até então não havia ocorrido.

Tabela 30 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas da Bahia do Marquês do Lavradio

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**			
	IdPt3C	**IdFt2S**	**SbPt1**	**TOTAL**
IdPt3S	3	5	4	12
%	**25,0**	**41,7**	**33,3**	**100,0**

Como apresentado na tabela acima, o pretérito mais-que-perfeito simples, nos contextos analisados, corresponde ao:

a) pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

116. Meu tio e muito meu senhor do meu coraçãoo, e do meu maior respeito e veneração. Finalmente sai desse pôrto , não só quando o esperava, mas até ter qôsto de tomando a bênção a V.Ex.ª de que com ela RECEBERA as suas ultimas ordens. (CML 01 Linhas 001-004) **[tinha recebido]**

117. ... tive o gosto que as minhas prevenções lhe fossem a ele de utilidade, porque o não consentir o meu médico que ele se sangrasse, o grande uso lhe fez fazer do leite das minhas burras o obrigou a umas tais descargas que ele confessou que nunca TIVERA maiores nem RECEBERA semelhante alívio em tão pouco tempo. (CML 01 Linhas 060-065) **[tinha tido – tinha recebido]**

b) futuro do pretérito simples do Indicativo:

118. ... V. Exª. que conheceu esta Casa da Fazenda que tão bem conheceu o Conselho da Fazenda facilmente conhecerá o quanto necessito de uma Instrução sôbre esta matéria tão particular, além desta DESEJARA merecer a V. Exª. também o seu conselho sõbre o que devo praticar nesta matéria. (CML 018 Linhas 047-051) **[desejaria]**

119. Meu irrmã e senhor do meu coração. depois que cheguei a êste Governo, já tive o gôsto de escrever-te largamente, eu o TIVERA feito mais vezes se os expedientes deste Govêrno no muito que tenho achado a fazer nêle me não tornasse[m] tanto o tempo. (CML Linhas 001-004) **[teria]**

c) pretérito imperfeito do Subjuntivo:

120. Se eu não SOUBERA a grande correspondência já que V. M.cês. aqui têm daria a novidades do pais, porém os seus amigos e correspondentes que não esquecerão de as repetir, agora de V. M.cês que pretendo me digam o como por lá soa o meu Governo. (CML 027 Linhas 021-024) **[soubesse]**

A forma composta corresponde à simples nas 17 ocorrências:

121. Cheguei a esta cidade no dia 18 de abril, no dia 19 tomei posse deste Govêrno que TINHA TIDO a honra e a felicidade de ser governado por V. Exª. No dia 23 ,me entregou o Coronel Gonçalo Xavier uns sacos de que V.Exª. TINHA ENCARREGADO para ele me entregar: (CML 05 Linhas 001-008) [**tivera** - **encarregara]**

122. O Corpo da Relação achei-o no estado que V.Ex.ª sabe a grande liberdade que eles TINHAM TOMADO uns com os outros, ... (CML 05 Linhas 048-049) **[tomara]**

Como auxiliar, o verbo ter, nas Cartas do Marquês do Lavradio, é a opção mais utilizada. Apenas em duas ocorrências (11,8%) é empregado o verbo haver, enquanto o verbo ter é empregado em 15 ocorrências (88,2%).

- *Epistolário de Machado de Assis (Século XIX)*

Nas cartas de Machado de Assis há maior uso do pretérito mais-que-perfeito simples (35 ocorrências), em relação ao emprego do pretérito mais-que-perfeito composto (9 ocorrências). Cabe destacar, entretanto que o autor, assim como o Marquês do Lavradio, também utiliza mais a forma simples com o valor do futuro do pretérito (21 ocorrências).

Tabela 31 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples no Epistolário de Machado de Assis

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES				
	IdPt3C	IdFt2S	IdFt2C	SbPt1	TOTAL
IdPt3S	12	21	1	1	35
%	**34,3**	**60,0**	**2,9**	**2,9**	**100,0**

Como demonstrado na tabela 31, o pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples, apresenta-se:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

123. Contou-me hoje o Araújo que, encontrando-se num dos carros que fazem viagem para Botafogo e Laranjeiras, com o Miguel, este lhe DISSERA que andava procurando casa por ter alugado a outra. (EMA 004 Linhas 015-017) **[tinha dito]**

124. Alguém me perguntou, há dias, se Você DEIXARA o Correio da Manhã. (EMA 113 Linhas 015-016) **[tinha deixado]**

b) com o valor de futuro do pretérito simples do Indicativo:

125. Eu estava tão aflito por ter notícias tuas que saí do Diário a 1 hora para ir à casa e com efeito encontrei as duas cartas, uma da quais DEVERA ter vindo antes, mas que, sem

dúvida, por causa do correio, foi demorada. (EMA 003 Linhas 004-006) **[deveria]**

126. Eu QUISERA poder escrever todas a todos, não para ouvir de Você epítetos que não mereço, como esse de Mérimée, mas para, ao menos, agradecer às leituras dos meus livros, como a das Histórias. (EMA 095 Linhas 024-026) **[quereria]**

c) com o valor de futuro do pretérito composto do Indicativo:

127. Vejo que leu o meu livro com olhos de crítico, e não hesitou em dizer o que pensa de alguns pontos, o que é para mim mais lisonjeiro que tudo. ESCREVERA-Lhe eu mais longamente desta vez, se não fora tanta cousa que me absorveu hoje o tempo e o espírito. (EMA 012 Linhas 005-008) **[teria lhe escrito]**

d) com o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo:

128. Vejo que leu o meu livro com olhos de crítico, e não hesitou em dizer o que pensa de alguns pontos, o que é para mim mais lisonjeiro que tudo. Escrevera-Lhe eu mais longamente desta vez, se não FORA tanta cousa que me absorveu hoje o tempo e o espírito. (EMA 016 Linhas 252) **[fosse]**

Em todas as nove ocorrências, o mais-que-perfeito composto corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo, como se pode verificar nos exemplos a seguir:

129. Não recebi resposta nem o Rodrigo, e como o Arinos TINHA IDO às águas, podia ser desencontro. (EMA 105 Linhas 011-012) **[fora]**

130. Agora estou bastante cansado, particularmente do pescoço, que me dói, visto que ontem gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa. Para quem já HAVIA TRABALHADO todo o domingo (nos outros dias tenho a interrupção das tardes), foi realmente demasiado. (EMA 150 Linhas 011-014) **[trabalhara]**

Diferentemente da maioria dos autores apresentados, Machado de Assis opta pelo uso do verbo haver como auxiliar em cinco das nove ocorrências da forma composta. Estas cartas eram dirigidas a José Veríssimo, Lúcio Mendonça, ao Barão do Rio Branco e a Joaquim Nabuco. Em todas elas, o assunto é o agradecimento por comentários à publicação de um artigo seu ou a um artigo do seu interlocutor, nas quais é utilizado um tom mais cerimonioso.

- *Cartas Brasileiras (Século XIX)*

Nas Cartas Brasileiras foram encontradas 22 ocorrências do pretérito mais-que-perfeito, sendo cinco da forma composta, todas correspondendo à forma simples, e 17 da forma simples, correspondendo à forma composta ou assumindo o valor do futuro do pretérito do Indicativo, o que vai confirmando a tendência à diminuição dos valores assumidos por esse tempo verbal ao longo dos séculos.

Tabela 32 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas Brasileiras

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**		
	IdPt3C	**IdFt2S**	**TOTAL**
IdPt3S	14	3	17
%	**82,4**	**17,6**	**100,0**

Como se pode observar na tabela acima, o pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples, é empregado:

a) correspondendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do Indicativo:

131. Estava a | espera das ultimas coisas q EXIGIRA. Mandei- lhe | depois um proprio para que me | declarasse officialme quanto precisava | de dinheiro para pôr a sua gente em | dia e de recursos para cumprir | as ordens do governo. | (CBC 049 Linhas 049-051) **[tinha exigido]**

132. Disse-me o Dr. Estevão Siqueira que o | meu amigo Colea o Conso José Bonifacio tambem | me ENVIARA pelo correio, fazendo-me a mesma | recommendação; mas eu não recebi carta alguma | d ' elle, nem agóra nem antes. (CBC 150 Linhas 017-019) **[tinha enviado]**

b) com o valor do futuro do pretérito simples do Indicativo:

133. Tambem bem PUDÉRA deixar de faze-lo, visto que | nada ha de novo. (CBC 019 Linhas 027-028) **[poderia]**
134. Consumei o maior dos sacrificios, meu amigo! pus-me | acima das mas forças pa vencer as lagrimas de ma Fama, pa me vencer a mim mmo sobrepujando | o excesso de filial afecto, pa aventurar nova carreira, e apurar ainda sentimtos já tão apurados | em 6 annos de separação daquelles, de quem um só minuto DEZEJARA viver separado! (CBC 032 Linhas 012-014) **[desejaria]**

Nas cinco ocorrências, o mais-que-perfeito composto corresponde ao mais-que-perfeito simples do Indicativo, como se pode verificar nos exemplos a seguir:

135. Antes de deixar esse Paiz te escrevi participando te a rezolução, que HAVIA FORMADO de | passar-me a Europa com o fim de viajar, e de aplicar-me ao estudo de algum dos ramos de | sciencias naturaes, como sabes, que foi sempre meu dezejo, visto o plano, que á muito me | TINHA TRAÇADO de buscar em outra carreira, meios de fundar meu futuro estabelecimto abando nando | aquella pa a qual me habilitavão meus estudos de Jurisprudencia. (CBC 032 Linhas 001-005) **[formara, traçara]**

136. Já te disse que o Faria | prefere o bem do serviço ao lucro seu | particular e assim não quiz satisfazer | ao Osorio antes de saber se TINHAS | PREVENIDO este negocio. (CBC 056 Linhas 002-003) **[preveniras]**

Nas Cartas Brasileiras, o verbo ter é empregado, como auxiliar, em quatro das cinco ocorrências do mais-que-perfeito composto.

- *Correspondência de Clarice Lispector (Século XX)*

Na correspondência de Clarice Lispector, o emprego do mais-que-perfeito composto (21 ocorrências) se sobrepõe ao do pretérito mais-que-

perfeito simples (11 ocorrências). Em todas as ocorrências a forma simples corresponde à forma composta, e a forma composta, corresponde à forma simples, conforme tabela 33 e exemplos:

Tabela 33 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples na Correspondência de Clarice Lispector

TEMPO VERBAL	VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES	
	IdPt3C	**TOTAL**
IdPt3S	11	11
%	**100,0**	**100,0**

Exemplos:

137. O professor ficou surpreendido: de fato ele LERA em aula “romances de Lúcio Cardoso” mas não FALARA nas poesias porque naquele tempo só conhecia algumas publicadas nos Cadernos da Hora Presente. (CCL 011 Linhas 066-069) **[tinha lido – tinha falado]**

138. ... FORA um vizinho que lhe DERA o presente — de modo que o tal vizinho nunca entendeu que estavam agradecendo o vinho... (CCL 029 Linhas 045-053) [**tinha sido – tinha dado]**

139. Eu disse que nunca TINHA PODIDO chegar + perto de seus problemas porque você nunca deixava; que eu, por encabulamento, então, disfarçava minhas perguntas de curiosidade. (CCL 09 Linhas 247) **[pudera]**

140. Quem TINHA me FALADO de Sagarana era o Escorel, elogiando. (CCL 022 Linhas 076-077) **[falara]**

Observa-se que, no exemplo 140, o pretérito imperfeito do Indicativo não está empregado com o seu valor prototípico, mas correspondendo ao mais-que-perfeito simples ou composto (ERA = FORA/TINHA SIDO).

Também nas cartas de Clarice Lispector, há o predomínio do verbo ter como auxiliar. A autora utiliza o mencionado verbo auxiliar em 20 das 21 ocorrências da forma composta.

- *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira (Século XX)*

Nas Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira foram encontradas 17 ocorrências do pretérito mais-que-perfeito, 10, da forma simples e 7 da forma composta. Além da significativa diminuição do número de ocorrências do emprego do mais-que-perfeito, nota-se, também, que esse tempo verbal, na sua forma simples, é empregado, exclusivamente, correspondendo ao mais-que-perfeito composto.

Tabela 34 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples nas Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**	
	IdPt3C	**TOTAL**
IdPt3S	10	10
%	**100,0**	**100,0**

Exemplos:

141. Nisso chegam mais companheiros, Z... continua na malvadeza, bota a ridiculo duro um que o DEFENDERA dias antes com ardor, e o Carlos Pinto Alves não se conteve mais, arrebenta, diz o diabo Z..., escandalo grosso na leiteria, o Carlos estava querendo dar no Z, Z que sai da leiteria furibundo, nós na risada pra disfarçar, e que-dê mais Z! (CMM 002 Linhas 084-089) [tinha defendido]

142. Nessa idade êle disse a palavra pra mim, e com a minha observação se sarapantou, pois sempre, ESTIVERA certo que estava certo... Bem, onde é eu estava? (CMM 005 Linhas 108-111) **[tinha estado]**

Do mesmo modo, a forma composta apresenta-se, exclusivamente, correspondendo à forma simples:

143. A casa foi imediatamente impedida e o turumbamba estava nesse pé, gente lá dentro do predio e com a torcida dos de fóra os bem-dizendo. Bem, na rua Quinze, diz-que TINHA HAVIDO outra encrenca, outra vaia que uns diziam prá

Fôrça Publica, outros prá bandeira brasileira. (CMM 002 Linhas 061-066) **[houvera]**

144. Vejo que não ficou e isso foi uma delicia pra mim, que gosto muito do Rodrigo. E por êle aliás soube que também o Prudente já me TINHA AGRADECIDO o livro pra éle, mas essa carta não recebi. (CMM 007 Linhas 036-039) **[agradecera]**

Analisando os valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito simples, no decorrer dos séculos, tem-se a seguinte síntese:

Tabela 35 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples em textos do português do Brasil dos séculos XVI a XX

SÉCULO	**VALORES DO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES**				
	IdPt3C	**IdFt2S**	**IdFt2C**	**SbPt1**	**SbPt3**
XVI	70	18	-	20	4
XVII	55	31	-	29	14
XVIII	38	7	-	5	2
XIX	26	24	1	1	-
XX	21	-	-	-	-
TOTAL	**210**	**80**	**1**	**55**	**20**
%	**57,4**	**21,9**	**0,3**	**15,0**	**5,5**

Observa-se que, com exceção das cartas do século XX, nos textos dos demais séculos, o pretérito mais-que-perfeito simples assume, com frequência, os valores do futuro do pretérito simples do Indicativo e do pretérito imperfeito do Subjuntivo.

Assim como ocorreu nos textos dos autores portugueses, a partir do século XVIII, nos textos dos autores brasileiros há também um decréscimo, não só no emprego do mais-que-perfeito, mas também no uso do mais-que-perfeito simples assumindo valores de outros tempos verbais.

6.1.3.2 Língua falada

Para a língua falada, uma vez que se dispõe de dados das décadas de 70 e 90 do século XX, será feito um estudo em tempo real de curta duração.

Na língua falada, tanto em Portugal, como no Brasil, observa-se que o pretérito mais-que-perfeito só corresponde ao composto e vice-versa. Os demais valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito simples na língua escrita, no decorrer dos séculos, não foram detectados na língua falada, conforme tabelas apresentadas a seguir.

Tabela 36 – Valores do pretérito mais-que-perfeito composto no *corpus* de Portugal, na década de 70

TEMPO VERBAL	**VALOR DO MAIS QUE PERFEITO SIMPLES E COMPOSTO**	
	IdPt3S	**TOTAL**
IdPt3C	1	1
%	**100,0**	**100,0**

Na década de 70, nos inquéritos analisados da língua falada em Portugal, não há nenhuma ocorrência do mais-que-perfeito simples, e como pode ser visto na tabela 36, apenas uma ocorrência da forma composta, que corresponde ao mais-que-perfeito simples:

> 145. - por exemplo, com a, tivemos uma pessoa que se interessou imenso por isso que foi a Olga Violante. temos que lhe fazer justiça, que foi a que levantou o canto, o, parte das aulas de canto coral, cá em Portugal, que estava isto realmente muito por baixo. em tempos TINHA SIDO bom, depois isto foi, foi descendo, descendo, descendo, descendo, enfim, estava bastante mal. mas... conseguiu, realmente com muita luta, fazer subir isto um pouco, e as aulas de canto coral que a, que outrora eram uma brincadeira, que as papás e as mamãs diziam que os

meninos sofriam da garganta, etecétera, etecétera, para não, não darem aula, agora quase que já não há essa relutância pela aula, pelo contrário. sente-se que as raparigas estão satisfeitas na aula, que se interessam e que se estão interessando bastante pelos assuntos musicais, bastante até. (VARPORT Oc-P-70-3f-003 Linhas 056-065**) [fora]**

Tabela 37 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* de Portugal, na década de 90

TEMPO VERBAL	**VALOR DO MAIS QUE PERFEITO SIMPLES E COMPOSTO**		
	IdPt3S	**IdPt3C**	**TOTAL**
IdPt3S	-	2	2
%		**100,0**	**100,0**
IdPt3C	8	-	8
%	**100,0**	**-**	**100,0**

Nota-se que a década de 90 foi mais produtiva, no que se refere ao emprego do pretérito mais-que-perfeito nos inquéritos analisados.

Exemplos:

146. - nunca, nunca, nunca. e aconteceu-me, com o Dacota. na ida para o Porto, havia um que a porta estava empenada. e por mais relatórios que se fizessem nunca mandavam arranjar. e então era preciso muita força, para fechar aquela porta. e, e mesmo nós de dentro não conseguíamos fechar, não é, tinham que ser os mecânicos de fora. aquilo FECHARAM-na mal. eu ia na última cadeira, e começo a ouvir, pac-pac-pac. era a porta aberta. bem, aquilo, a pessoa era sugada, lá ia uma pessoa, não é, mas só que ainda ia assim, na linha de voo, e eu fui chamar. nunca me esqueceu daquele sujeito. uma vez encontrou-me, disse: "ó Cecília, lembra-se da nossa ida ao [...]? (VARPORT Oc-P-90-2f-007 Linhas 030-045) **[tinham fechado]**

147. ... e aqueles miúdos que TINHAM FEITO aqueles trabalhos em perspectiva, acho eu, acho que era em perspectiva. havia um que TINHA DESENHADO, não sei qual era o tema, a música? acho que era a música. e então eles TINHAM DESENHADO um, uma guitarra (VARPORT Oc-P-90-1f-008 Linhas 012-014) **[fizera – desenhara]**

Nos inquéritos analisados de língua falada do Brasil, nota-se, apesar do pequeno número de ocorrências, que os brasileiros, nas duas décadas, empregam mais vezes o pretérito mais-que-perfeito que os portugueses. Entretanto, os diferentes valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito simples na língua escrita, no decorrer dos séculos, não foram detectados na língua falada do Brasil, conforme tabelas 38 e 39.

Tabela 38 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* do Brasil na década de 70

TEMPO VERBAL	**VALORES DO MAIS QUE PERFEITO SIMPLES E COMPOSTO**		
	IdPt3S	**IdPt3C**	**TOTAL**
IdPt3S	-	4	4
%	-	**100,0**	**100,0**
IdPt3C	23	-	23
%	**100,0**	**-**	**100,0**

Exemplos:

148. – E então me conformei em continuar lá em Copacabana durante mais tempo e a... acontece que antes disso eu já TINHA ESTADO interessada na casa ao lado e eles DESISTIRAM de vender.(NURC RJ 70 Inq. 0101 Linhas 026-028) **[estivera – tinha desistido]**

149. -...Nós temos também aqui um exemplo: nós temos um... um chuveiro elétrico lá no nosso banheiro que, apesar do eletricista que colocou dizer que não tinha nenhum problema, que ele TINHA FEITO uma ligação direta da... da chave geral, pá-rá-rá... toda vez que alguém toma banho quente e liga o chuveiro elétrico, evidentemente a luz imediatamente cai. (NURC SSA 70 Inq. 094 Linhas 702-709) **[fizera]**

Tabela 39 – Valores do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* do Brasil na década de 90

TEMPO VERBAL	VALOR DO MAIS QUE PERFEITO SIMPLES E COMPOSTO		
	IdPt3S	**IdPt3C**	**TOTAL**
IdPt3S	-	7	7
%	**-**	**100,0**	**100,0**
IdPt3C	16	-	16
%	**100,0**	**-**	**100,0**

150. E cujos donos PROVARAM que OBTIVERAM a cadeia sucessória de seus antepassados e COMPRARAM a uns descendentes de Antônio Guedes de Brito, na verdade eu cheguei a ver uma dessas escrituras assinada por uma filha dele, a Joana Guedes de Brito que era que passava a ilha do Miradouro pra um determinado cidadão chamado Hipercílio Rocha. (NURC SSA90 Inq. 012R Linhas 143-149) **[tinham provado – tinham obtido – tinham comprado]**

151. E, pra completar eu, quando eu entrei pra, pra, pra fazer o, o curso, eu TINHA ACABADO a escola técnica e, pintou um trabalho, na, numa multinacional, na IBM, e, eu quis fazer o estágio, porque eu precisava fazer o estágio pra ter o diploma de técnico né, e pintou esse estágio na IBM, eu, fiz o concurso, passei. . (NURC RJ90 Inq. 001 Linhas 281-286). **[acabara]**

Observa-se, pelos dados coletados, que a língua falada , como já mencionado anteriormente, tanto no Brasil, quanto em Portugal, segue a tendência apresentada nos textos escritos do século XX: a redução no emprego do mais-que-perfeito e a restrição dos valores assumidos por esse tempo verbal através dos séculos.

6.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Computadas as ocorrências do mais-que-perfeito e analisados os diversos valores assumidos por esse tempo verbal nos textos que constituíram o *corpus* desta pesquisa, partiu-se para o levantamento de possíveis fatores condicionantes para o emprego desse tempo verbal na forma simples ou composta. Assim, foram selecionadas variáveis independentes (grupo de fatores) linguísticas, discursivas e extralinguísticas.

Como já foi especificado (cf.p. 179), foram selecionadas, para os textos escritos, variáveis linguísticas: sintáticas (tipo de período, tipo de oração, transitividade, presença de advérbios na sentença), uma variável morfológica (saliência morfológica), variáveis semânticas (animacidade do sujeito e tipo de verbo), variáveis discursivas (tipo de texto e grau de formalidade) e variáveis extralinguísticas (local e época em que foram escritos os textos). Para a língua falada, foram selecionadas as mesmas variáveis linguísticas, sintáticas, morfológica e semânticas acima mencionadas e as seguintes variáveis extralinguísticas local e data em que foram produzidos os diálogos, além do gênero e faixa etária dos informantes).

6.2.1 Variáveis linguísticas

6.2.1.1 Variáveis sintáticas

- **Tipo de período**

Sabe-se que período é a unidade linguística que, como afirma Bechara (2009, p. 406), expressa uma experiência a ser comunicada, a qual deve ser aceita e depreendida pelo interlocutor. Trata-se de uma frase, cuja enunciação termina por uma pausa.

De acordo com o número de orações que possui, o período pode ser simples (uma única oração - absoluta), composto (duas ou mais orações

coordenadas ou subordinadas) e complexo (duas ou mais orações coordenadas e subordinadas).

A análise desse grupo de fatores teve por objetivo identificar se o tipo de período tenderia a condicionar o uso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta.

Partiu-se da hipótese de que o período simples, por ser mais curto, menor, menos elaborado, selecionaria a forma composta, mais informal, enquanto no período composto, de maior complexidade, a forma simples, mais formal, seria a mais empregada.

Os resultados obtidos foram:

Tabela 40 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto em períodos simples e composto no corpus de Portugal

TEMPO VERBAL	**TIPO DE PERÍODO**		
	SIMPLES	**COMPOSTO**	**TOTAL**
IdPt3S	3	365	368
%	**0,8**	**99,2**	**100,0**
IdPt3C	3	159	162
%	**1,9**	**98,1**	**100,0**

Exemplos:

152. Eu nunca TINHA LIDO do Realismo na Arte. (CCB XXVIII – Linhas 018-019)

153. O Ramalho já, dias antes, me TINHA ESCRITO que um diabo que assinava Viriato com h fazia na Revue um esboço do estado presente do romance português, com singular finura crítica. (CEQ 001 – Linhas 007-009)

Tabela 41 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto em períodos simples e composto no corpus do português brasileiro

TEMPO VERBAL	TIPO DE PERÍODO		
	SIMPLES	COMPOSTO	TOTAL
IdPt3S	-	369	369
%	**-**	**100,0**	**100,0**
IdPt3C	1	162	163
%	**0,6**	**99,4**	**100,0**

Exemplos:

154. De resto, nem paulistas fazendeiros, nem médicos baianos, nem judeus, italo-paulistas ou portugueses sabiam comer na mesa — só eu mais um carioca, coisa perto de almirante, que FÔRA da casa militar do Epitácio, sujeito distinto. (CMM 006 Linhas 034-038)

155. Essa menina privilegiada TINHA NASCIDO princesa. (CCL 062 Linhas 002-003)

Diante dos dados expostos nas tabelas 40 e 41, observa-se que são os períodos compostos os que mais condicionam o uso do pretérito mais-que-perfeito, quer em sua forma simples, quer em sua forma composta.

Na língua falada, de Portugal ou do Brasil, as formas simples e composta ocorrem também, mais especificamente, em períodos compostos, com o predomínio da forma composta, já que é a mais empregada, na língua falada, conforme pode ser visto nas tabelas 42 e 43 a seguir:

Tabela 42 – Uso do pretérito mais-que-perfeito em períodos simples e compostos no *corpus* de língua falada de Portugal.

		TIPO DE PERIODO		
DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**SIMPLES**	**COMPOSTO**	**TOTAL**
70	IdPt3S	-	-	-
	%	-	**-**	**-**
	IdPt3C	**-**	1	1
	%	**-**	**100,0**	**100,0**
90	IdPt3S	**-**	**2**	**2**
	%		**100,0**	**100,0**
	IdPt3C	**-**	**8**	**8**
	%		**100,0**	**100,0**

Nota-se, pela observação dos dados apresentados acima, que nos períodos compostos o mais-que-perfeito é mais empregado. Interessante observar a ausência desse tempo verbal em períodos simples em ambas as décadas, o que nega completamente a hipótese inicial de que o período simples selecionaria a forma composta. Contudo, trata-se da língua falada, em que já é bastante raro o emprego do mais-que-perfeito em sua forma simples.

Exemplos:

a) Década de 70:

156. - por exemplo, com a, tivemos uma pessoa que se interessou imenso por isso que foi a Olga Violante. temos que lhe fazer justiça, que foi a que levantou o canto, o, parte das aulas de canto coral, cá em Portugal, que estava isto realmente muito por baixo. em tempos TINHA SIDO bom, depois isto foi, foi descendo, descendo, descendo, descendo, enfim, estava bastante mal. mas... conseguiu, realmente com muita luta, fazer subir isto um pouco, e as aulas de canto coral que a, que outrora eram uma brincadeira, que as papás e as mamãs diziam que os meninos sofriam da garganta, etecétera, etecétera, para não,

não darem aula, agora quase que já não há essa relutância pela aula, pelo contrário. sente-se que as raparigas estão satisfeitas na aula, que se interessam e que se estão interessando bastante pelos assuntos musicais, bastante até. (Oc-P-70-3f-003 - Linhas: 056- 065)

b) Década de 90:

157. .pois. havia um que tinha um medo medonho, também. mas o Schultz tinha um me[...], era um bom comandante, mas tinha um medo que se finava. e então pregava muitas partidas ao comandante. olhe que há um barulho aqui. há um barulho acolá e tal, e ele atrasava logo o voo. não. mas nós tivemos várias. olhe, eh, na ida para Londres, e para Paris, o n[...], nós íamos nuns aviões, que os americanos nos PEDIRAM emprestados, porque já só nós e um emirato árabe é que tinham, que eram os aviões que tinham feito a guerra da Coreia. que eram de transportes de pára-quedistas. que é assim... (Oc-P-90-2f-007 - Linhas 009-015)

158. ... e aqueles miúdos que TINHAM FEITO aqueles trabalhos em perspectiva, acho eu, acho que era em perspectiva. havia um que TINHA DESENHADO, não sei qual era o tema, a música? acho que era a música. e então eles TINHAM DESENHADO um, uma guitarra (Oc-P-90-1f-008 - Linhas 012-014)

Tabela 43 – Uso do pretérito mais-que-perfeito em períodos simples e compostos no *corpus* de língua falada do Brasil

		TIPO DE PERÍODO		
DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**SIMPLES**	**COMPOSTO**	**TOTAL**
70	IdPt3S	-	4	4
	%	-	**100,0**	**100,0**
	IdPt3C	**2**	21	23
	%	**8,7**	**91,3**	**100,0**
90	IdPt3S	**-**	**7**	**7**
	%		**100,0**	**100,0**
	IdPt3C	**-**	**17**	**17**
	%		**100,0**	**100,0**

Diante dos dados obtidos, pode-se concluir que, também na língua falada do Brasil, o período composto é o que mais condiciona o uso do pretérito mais-que-perfeito, nas suas formas simples ou composta, assim com ocorreu em Portugal, tanto na década de 70 quanto na de 90. Deve-se salientar, contudo, o baixo índice de uso desse tempo verbal, nas duas décadas estudadas.

Exemplos:

a) Década de 70:

159. Agora, a propósito do... já TÍNHAMOS FALADO um pouquinho antes de músicas e efeitos sonoros, etc. (NURC SSA70 Inq. 0138 Linhas 209-210)

160. ... faltava leite faltava carne faltava tudo... coisa que fazia bufar todos os uruguaios que FORAM criados ah... assim no nível do ((ininteligível)) maravilhosamente e achavam que... o estado ia ser... uma... ama... eternamente farta pra abastecer... então essa minha empregada que era uma senhora simplória... de mais de cinqüenta anos... parecida com um gorila do ((ininteligível)) uma velhinha assim engraçadíssima... que ficava INdigNAda de não haver manteiga suficiente para ELA.. (NURC RJ 70 Inq. 0133 Linhas 217-222)

161. Antes de eu começar a trabalhar na enciclopédia eu peguei um avião resolvi ir assim correndo, ela TINHA TIDO, o pai dela TINHA MORRIDO, e eu soube disso só um mês depois então eu fiquei achando que ela podia estar precisando de mim, ela é filha única, né, três filhos e o pai estava morando com ela já há alguns anos. (NURC RJ 70 Inq. 0101 Linhas 441-445)

b) Década de 90:

162. Era um momento importante no mundo, porque você vê, ACONTECERA a revolução russa e teoricamente foi a primeira grande vitória do trabalhador. (NURC RJ 90 Inq. 0164 Linhas 036-040)

163. Que, absolutamente, tudo isso não existia, isso não existia, aqui nessa quadra existia somente essa casa, na quadra de lá existiam várias casas que hoje tudo transformadas em de, em apartamentos, em prédios de apartamentos, e ali daqui, meu, o quarto de meu filho era esse aqui e não, eu não

> HAVIA COMPRADO esse terreno, esse terreno eu comprei posteriormente, ele via o mar porque aqueles prédios ali não existiam, então começou a edificação na, nessa zona bastante intensa né, essa é outra fase, e agora é a fase atual da cidade de Salvador, que é uma cidade muito movimentada,... (NURC SSA70 Inq. 013R Linhas 089-086)

Resumindo o confronto dos dados da língua escrita e falada, tanto em Portugal, quanto no Brasil, revela que é o período composto o que condiciona o emprego do pretérito mais-que-perfeito. .

Nos períodos simples esse tempo verbal é pouco empregado, o que pode ser explicado pelo fato de que esse tempo verbal: 1) já estar em desuso, e, 2) indicar uma ação passada em relação a outra também passada, sendo, pois, o seu emprego mais indicado e necessário em períodos compostos.

- **Tipo de oração**

A análise desse grupo de fatores teve por finalidade observar se os diferentes tipos de orações – absolutas, principais, coordenadas ou subordinadas – condicionariam, mais ou menos, o uso do pretérito mais-que-perfeito nas suas formas simples ou composta.

Tendo em vista o frequente emprego do mais-que-perfeito em períodos hipotéticos, as orações adverbiais foram subdivididas em adverbiais condicionais e outras, com o objetivo de verificar se a seleção da forma simples ou composta estaria relacionada ao tipo de oração.

Partiu-se do pressuposto de que as orações absolutas e principais (matrizes) condicionariam o uso do mais-que-perfeito composto, enquanto nas subordinadas, orações mais complexas e dependentes, o mais-que-perfeito simples seria mais empregado. Quanto às coordenadas, condicionariam uma ou outra forma desse tempo verbal.

Os resultados obtidos podem ser vistos na tabela 44:

Tabela 44 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nos vários tipos de orações em textos do português europeu e do brasileiro

PAÍS	TEMPO VERBAL	TIPO DE ORAÇÃO						
		ABSOL.	PRIN.	COORD	SUBORDINADAS			
					SUBST.	ADJ.	ADVERBIAIS	
							COND.	OUTRAS
PORTUGAL	IdPt3S	1	77	32	75	73	62	40
	%	**0,3**	**21,4**	**8,9**	**20,8**	**20,3**	**17,2**	**11,1**
	IdPt3C	2	33	8	45	54	3	16
	%	**1,2**	**20,5**	**5,0**	**28,0**	**33,5**	**1,9**	**9,9**
BRASIL	IdPt3S	-	40	43	99	95	33	57
	%	-	**10,9**	**11,7**	**27,0**	**25,9**	**9,0**	**15,5**
	IdPt3C	1	17	13	46	76	-	10
	%	**0,6**	**10,4**	**8,0**	**28,2**	**46,6**	**-**	**6,1**

A observação da tabela acima permite constatar que, nos textos do português europeu, são as orações subordinadas, especialmente as adverbiais, as que mais favorecem o uso do pretérito mais-que-perfeito simples, seguidas das principais, substantivas e adjetivas. Pode-se observar, também, que o mais-que-perfeito simples é mais empregado em orações subordinadas adverbiais condicionais. A forma simples ocorre em uma única oração absoluta, nos textos de autores portugueses.

Com referência à forma composta, verifica-se ser mais empregada em orações adjetivas; substantivas e principais; nas orações absolutas só ocorre uma vez.

Nos textos do português brasileiro são as orações subordinadas substantivas as que mais favorecem o emprego do mais-que-perfeito simples, seguidas das adjetivas e adverbiais. As orações principais (matrizes) e as coordenadas apresentam um menor índice de uso. Vale salientar que há um maior índice de uso do pretérito mais-que-perfeito simples nas orações coordenadas dos textos de autores brasileiros que nas dos portugueses. Em contrapartida, nas cartas dos autores portugueses, há um maior índice de emprego do mais-que-perfeito nas orações principais que nas dos brasileiros.

Exemplos:

a) Orações absolutas

164. Essa menina privilegiada TINHA NASCIDO princesa. (CCL 062 Linhas 002-003)

b) Orações principais

165. DERA-LHE o segundo prémio das silvas, se HOUVERA segundo, ou lhe PARTIRA o primeiro, a ter autoridade. (CFM 023 Linhas 117-118)

166. Elle me TINHA PEDIDO que lhe ouvesse d'elRei, meu senhor, algũ oficio para a India; e porque me vim antes do tempo que sua alteza a de prover os tais oficios, vos Rogo que quãdo vier, se me eu nao achar presente, o favoreçais e ajudeis para que sua alteza lhe faça merce. (V CIL 0035 Linhas 003-007)

c) Orações coordenadas

167. Aliás, não deixaria de ser bem infeliz se me amasses apenas porque eu te amo, pois tudo QUISERA dever apenas à tua própria inclinação. (CMA 2 – Linhas 025-027)

168. Tive que interromper a carta, e fiquei irritado – não com ele, é claro, que estava longe de ter culpa, até TINHA FICADO de aparecer a essa hora (seis), mas com o Destino, que COMBINARA assim tão mal as coisas. (CFP 141 Linhas 005-008)

d) Oração subordinada substantiva

169. SENHOR. Dom Antonio d'Atayde me escreveo que vossa alteza lhe MANDARA que me esrevesse que vossa alteza ENTRARA neste negocio por mefazer merce, parecendovos que nenhũa cousa, eu averia tanto mester por minha filha ser molher, e eu muitas vezes doente, e aveer poucos casamentos na terra dos que com ella aviam de casar. (CJB 0086 Linhas 0001- 0006)

170. Era lástima que alguns deles soubessem tão pouco da Holanda e Pernambuco, que por ouvirem falar na Arrecife, diziam que TÍNHAMOS REDUZIDOS os Holandeses a um penhasco, dominado actualmente estes todas as costa do mar com dezessete fortalezas. (CPV CCXXX - Linhas 357-361)

e) Oração subordinada adjetiva

171. Nisso chegam mais companheiros, Z... continua na malvadeza, bota a ridiculo duro um que o DEFENDERA dias antes com ardor, e o Carlos Pinto Alves não se conteve mais, arrebenta, diz o diabo Z..., escandalo grosso na leiteria, o Carlos estava querendo dar no Z, Z que sai da leiteria furibundo, nós na risada pra disfarçar, e que-dê mais Z! (CMM 002 Linhas 084-089)

172. Toda esta máquina se dispõe a perpetuar-me nesta prisão e que não consiga aquele grande alívio (veja V. M. que tal!) de ir desterrado para o Brasil; e aquilo que nem os inimigos puderam negar-me querem que o tempo mo negue, dilatando a execução dêste juizo. É já subida S. Majestade a consulta da Mesa da Conciência; constante cousa foi dizerem todos que lá se HAVIAM ESTRANHADO de que os juizes, havendo ano e meio que o eram e proviam como tais nos autos, agora duvidavam se o podiam ser. (CFM 094 Linhas 013-019)

f) Orações subordinadas adverbiais

173. Desejava que eu o amasse; e, como CONCEBERA esse desígnio, nada omitiu para o conseguir; ter-se-ia mesmo resolvido a, amar-me, se tal fosse necessário. (CMA 5 – Linhas 261-264)

174. Como nos TINHAM TIRADO as coisas onde púnhamos os nossos sonhos, pusemo-nos a falar delas para as ficarmos tendo outra vez. (CFP 061 Linhas 010-014)

Interessante observar que nos períodos hipotéticos, contextos de modalidade *irrealis,* bastante frequente no *corpus,* o mais-que-perfeito*,* apresenta-se, sempre, na forma simples. Foram constatadas as seguintes ocorrências do pretérito mais-que-perfeito em períodos hipotéticos no corpus consultado:

Nos textos do **século XVI**, o mais-que-perfeito simples é usado na apódose, correspondendo ao futuro do pretérito simples e ao futuro do pretérito composto e na prótase, ao imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo, apresentando as seguintes possibilidades:

(1) futuro do pretérito simples – pretérito imperfeito do subjuntivo:

175. E eu volo TYVERA escryto dias a, se me nã PARECERA crueza dar ocasyã que em tal tempo vos apartareys da cõdessa; e porque eu sabya que nam OUVERA de fycar por [VOS], sabemdo que ereys qua tam necessaryo, quys que fyçasse antes por my, em volo nã escrever. (CIL 016 - linhas 006-010)

176. Se a gota TIVERA ainda o credito que perdeo depois que a eu tive, MANDARA vos dar a boa ora d'ela. (CIL 0048 Linhas 001-003)

177. Padres e meus Irmãos em Christo. Muitos tempos há que por vossa vinda a esta terra esperamos, e tanto que já agora estou disso tam fora, que a minha Incredulidade que de vos caa ver tenho, que vendo-vos parece-me que duvidaria serdes, e isto não já por via de não ver que em vossas mãs não está virdes, porque sey que se nellas ESTIVERA, esta me ESCUSARA escrever por muytas vias que eu se tenho pera my mas esta vossa falta me causa estar eu ainda em parte que vos possa escrever, ainda que eu não sey como isto digua, porque dou a entender ho que em my nam há como devia. (CPJ 028 Linhas 001-013)

(2) futuro do pretérito composto – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

178. E se sua alteza NOMEARA a merce que queria ffazer a seu irmaão, e onde PODERA eu teer ageito cousas, ou avellas com que FIZERA ho que me parecia que devia e podia! (CJB 0083 Linhas 0031- 0033)

179. Se o Bispo TEVERA medo de Deus, sabendo quanta parte foy no ferimemto do dito Sylvestre Rodriguez, nunca FALARA neste casso. (CPJ 034 Linhas 241-243)

180. Despois da vinda de Men de Sã, Guovernador, se fizerão tres igrejas em tres povoações de lndios e muytas mais se FIZERA se OUVERA Padres e Irmãos pera nellas residirem; outras (duas ou tres) Aldeias de indios estão juntas esperando por Padres pera os doutrinarem: estas sam visitadas de nós quando podemos por se deterem assi até serem socorridos. (CPJ 012 Linhas 022-028)

(3) futuro do pretérito simples – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

181. Certo aynda me parece agora que, se o FFIZERA, que PODERA com Razão ser tachado, nõ somente de lisongeiro, mas de desconfiado da grandeza do animo de S.A., de que eu muitas vezes ho tenho gabado. (CJB 0101 - linha 0032-0035)

Nos textos do **século XVII,** o mais-que-perfeito simples, correspondendo ao futuro do pretérito, ocorre na apódose, enquanto na prótase é empregado o imperfeito do Subjuntivo:

182. Navega com todos os ventos, para o porto de sua comodidade; e fica assi sabendo mais que o Diabo, de quem dizem que não quis ser barqueiro, por se não entender com um vento, que serve para baixo e para cima: cousa, por que mais de quatro homens, se o soubessem bem fazer, se DEIXARAM ser Diabos.(CFM 008 Linhas 042-045)

Nas cartas do Padre Antonio Vieira, o mais-que-perfeito encontra-se com o valor do mais-que-perfeito do Subjuntivo, na prótase, enquanto que na apódose ocorre o futuro do pretérito simples:

183. Pode ser que, se não HOUVERA a mudança que houve, nem haveria quem se nos atrevesse nem nós lhe daríamos ocasião. (CVB CXCIX Linhas 056-058)

184. E, porque a cominação, com que se escreve mandou V. Ilmª. lhos levassem presos com o delinqüente, que se havia recolhido ao Colégio, não foi com o nome de padres, senão com o diminutivo deste mesmo nome, remeto nesta ocasião, por visitador de todos os que temos na Diocese de V. Ilmª., um padre ou um homem tão grande, que já era reputado por tal em Roma quando nela o conheci em seus primeiros anos, e lá estaria hoje ocupado nos primeiros lugares da Religião, se o seu zelo da salvação das almas o não TROUXERA ao Brasil, deixando e pisando tudo o que é menos. (CVB CCXXIX Linhas 011-021)

No **século XVIII**, por vezes, o mais-que-perfeito simples correspondendo ao futuro do pretérito ocorre na apódose, ao lado desse tempo verbal, em uma oração coordenada, enquanto na prótase é empregado o imperfeito do subjuntivo:

185. Não se RENDERA Espanha aos bárbaros nem choraríamos ainda hoje a perda de el-rei Rodrigo, se na Espanha não houvesse aquele vício. (CCO 010 Linhas 137-138)

Ainda no século XVIII, são encontrados períodos hipotéticos em que o mais-que-perfeito simples ocorre na prótase e na apódose. Entretanto, são mais comuns os períodos em que essa forma verbal, correspondendo ao imperfeito do subjuntivo, se encontra na prótase, em correlação com o futuro do pretérito simples, na apódose:

186. Se Vossa Ex-| CelenCia naó as CONHECERA me não ENCARREGÁRA d'esta ComiÇaó (CBS 0079 Linhas 013-014)

187. Meu amigo e meu senhor duas carta tenho tido a gostosa honra de receber de V. Exª. uma com a data dei 28 de fevereiro, outra., com a data de 2 de agõsto, ambas deste ano; se eu não CONHECERA a piedade com que [a] amizade de V. Exª. me favorece poderia ser chegasse agora presença de V. Exª. cheio de bastante susto porém na certeza de que V. Exª. acreditará em que a demora que tenho tido de buscar a V. Exª. nasce de querer aproveitar ocasião em que em direitura partisse embarcação dêste pôrto para êsse Govêrno, e esta é a primeira que se oferece depois que eu cheguei a esta Capitania. (CML 020 Linhas 001-010)

188. Permita-me V. Ex.ª que eu interrompa o seu precioso tempo e chegue cheio das mais respeitosas expressões à sua presença: e que feliz seria eu se TIVERA tantas e tão significativas expressões. (CML 026 Linhas 001-003)

O mais-que-perfeito ocorre ainda na apódose, correspondendo ao futuro do pretérito do verbo auxiliar do futuro do pretérito composto, em correlação com o imperfeito do subjuntivo na prótase:

189. Meu irrmão e senhor do meu coração. depois que cheguei a êste Governo, já. tive o gôsto de escrever-te largamente, eu o TIVERA feito mais vezes se os expedientes deste Govêrno no muito que tenho achado a fazer nêle me não tornasse[m] tanto o tempo. (CML 035 Linhas 001-004)

Apesar de Leão (1961, p.210) afirmar que, nos séculos XIX e XX, período denominado pela autora de 'português hodierno', "desaparece o emprego do mais-que-perfeito simples do Indicativo, Neves (cf. p.122)

apresenta três ocorrências de período hipotético com essa forma verbal. Nesta pesquisa, foram detectados períodos hipotéticos com formas em –ra, no século XIX, nas cartas de Machado de Assis, o que, entretanto, pode ser explicado como um efeito estilístico ou por influência erudita.

190. ESCREVERA-LHE eu mais longamente desta vez, se não FORA tanta cousa que me absorveu hoje o tempo e o espírito. (EMA 012 Linhas 005-008)

No século XX, esse tipo de estrutura não foi encontrado em textos de autores portugueses ou brasileiros.

Foram detectadas, também, 11 ocorrências de orações optativas no *corpus* de Portugal e do Brasil.. Dentre estas, 9 foram empregadas nas cartas de autores portugueses e apenas 2 ocorrências nas cartas escritas no Brasil. Os verbos mais utilizados nesse tipo de oração foram os verbos dar, poder e querer (4 ocorrências de cada).

Exemplos:

191. Ele cairá nas tuas mãos: bem QUISERA ter eu a mesma sorte! Ai de mim! Louca que sou! Bem me dou conta de que isso não é possível! (CMA 1 Linhas 129-138)

192. É nervoso de gostar, é de sentir amor pelo Nininho? Quem me DERA que fosse! (CFP 144 – Linhas 012-013)

193. Ó quem me DERA esperar o dilecto Padre Ambrosio Pirez a Ver a Certeza destas cousas, porque yr elle em tempo de semear com lagrimas e não esperar o tempo de recolher com alegria não levava bens que dizer mas desconsolações que contar. (CPJ 028 L 046-050)

194. Ah! Quem PUDERA desfazer o passado, e o tornar a trás do tempo e alcançar o impossível, que o que foi não HOUVERA sido! Mas já que isto não pode ser, Deus meu, ao menos seja o futuro emenda do passado, e o que há-de ser, satisfação do que foi. (CVM LXI Linhas 010-014)

Nessas orações optativas detectadas no *corpus,* o pretérito mais-que-perfeito, sempre na forma simples, assume os valores do futuro do pretérito do Indicativo ou do pretérito imperfeito do Subjuntivo. Entretanto, como explica

Gonçalves (1993, p.141) no estágio atual da língua, algumas dessas expressões volitivas, congeladas pelo uso coloquial, perderam totalmente a noção de tempo verbal, assumindo o valor de uma interjeição, como pode ser observado nos exemplos 195 e 196:

195. Ele cairá nas tuas mãos: bem QUISERA ter eu a mesma sorte! Ai de mim! Louca que sou! Bem me dou conta de que isso não é possível! (CMA 1 Linhas 129-138)

196. Que galante tradução será a do nosso italiano! Quem me DERA já vê-la! (CCO 004- Linhas 035-036)

Houve, pois, um processo de gramaticalização: verbo > interjeição.

Em relação à língua falada, os dados ainda que em pequeno número, foram analisados considerando as duas décadas em estudo – 70 e 90 – e demonstraram alguma diferença em relação à língua escrita.

Tabela 45 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90 nos vários tipos de orações

DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**TIPO DE ORAÇÃO**				
		ABSOL.	**PRIN.**	**COORD.**	**SUBORDINADAS**	
					SUBST.	**ADJ.**
70	IdPt3S	-	-	-	-	-
	%	-	-	-	-	-
	IdPt3C	-	-	1	-	-
	%	-	-	**100,0**	-	-
90	IdPt3S	-	1	-	-	1
	%	**-**	**50,0**	**-**	**-**	**50,0**
	IdPt3C	1	1	2	3	2
	%	**11,1**	**11,1**	**22,2**	**33,3**	**22,2**

Os dados obtidos revelam ser o mais-que-perfeito bem menos empregado na língua falada em Portugal, havendo maior índice de uso na década de 90, apesar dos dados obtidos não serem significativos, nota-se ser esse tempo verbal; na forma composta, mais empregado em orações substantivas (3 ocorrências), coordenadas (2 ocorrências) e adjetivas (2 ocorrências).

Exemplos:

a) Orações principais:

197. TINHA DITO na aula aos meus alunos que há palavras que começam a aparecer na língua, trazidas de vários sítios e não sei quê, eh, o caso dos retornados e não sei quê, que quando começou a aparecer o bué da não sei quê, o bué da, da, da, da... (Oc-P- RE-3f-011 – Linhas 035-036)

b) Orações coordenadas

198. - por isso as pessoas acabam por dar um bocado a volta. mas se calhar, eh, não me TINHA IMPORTADO de ter, eh, tido as coisas um bocado, ter tido a oportunidade de ser Oc-P-90-1m-006 Linhas 096-098)

c) Orações subordinadas substantivas:

199. ... ah, ficou muito preocupado, e lá conseguiram meter o homem num carro, [...] para fingir que TINHA MORRIDO em Lisboa. (Oc-P-RE-3m-009 – Linhas 084-085)

d) Orações subordinadas adjetivas:

200. ..pois. havia um que tinha um medo medonho, também. mas o Schultz tinha um me[...], era um bom comandante, mas tinha um medo que se finava. e então pregava muitas partidas ao comandante. olhe que há um barulho aqui. há um barulho acolá e tal, e ele atrasava logo o voo. não. mas nós tivemos várias. olhe, eh, na ida para Londres, e para Paris, o n[...], nós íamos nuns aviões, que os americanos nos PEDIRAM emprestados, porque já só nós e um emirato árabe é que tinham, que eram os aviões que tinham feito a guerra da Coreia. que eram de transportes de pára-quedistas. que é assim um banco aqui, um banco ali, e o aquecimento por cima. (Oc-P-90-2f-007 – Linhas 009-014)

201. ... e aqueles miúdos que TINHAM FEITO aqueles trabalhos em perspectiva, acho eu, acho que era em perspectiva. havia um que TINHA DESENHADO, não sei qual era o tema, a música? acho que era a música. e então eles TINHAM DESENHADO um, uma guitarra (Oc-P-90-1f-008 - Linhas 012-014)

Na década de 70, no Brasil, o mais-que-perfeito simples ocorre duas vezes em orações subordinadas adverbiais e, também duas vezes em orações adjetivas, enquanto o composto, a forma mais empregada, ocorre com mais frequência, nas adverbiais, adjetivas e principais. Já na década de 90, nota-se, baseando-se na tabela anterior, que as orações coordenadas são as que mais favorecem a ocorrência do pretérito mais-que-perfeito, tanto na forma simples (3 ocorrências) quanto na composta (10 ocorrências), diferentemente da língua escrita, fato que não causa muita surpresa, uma vez que, na língua falada, é comum o falante utilizar orações justapostas ou sequenciar as orações utilizando nexos coordenativos:

Tabela 46 – Uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua falada do Brasil nas décadas de 70 e 90 nos vários tipos de orações

DÉCADA	TEMPO VERBAL	TIPO DE ORAÇÃO						
		ABSOL.	PRIN.	COORD	SUBORDINADAS			
					SUBST.	ADJ.	ADVERBIAL.	
							COND.	OUTRAS
70	IdPt3S	-	-	-	-	2	-	2
	%	-	-	-	-	**50,0**	-	**50,0**
	IdPt3C	2	4	3	3	4	-	7
	%	**8,7**	**17,4**	**13,0**	**13,0**	**17,4**	-	**30,4**
90	IdPt3S	-	-	3	2	-	-	2
	%	-	-	**42,9**	**28,6**	-	-	**28,6**
	IdPt3C	-	-	10	1	6	-	-
	%	-	-	**58,8**	**5,9**	**35,3**	-	-

Exemplos:

a) Oração absoluta

202. Agora, a propósito do... já TÍNHAMOS FALADO um pouquinho antes de músicas e efeitos sonoros, etc. (NURC SSA70 Inq. 0138 Linhas 209-210)

b) Oração principal

203. ... eu TINHA me COMPROMETIDO a dar um horário maior do que eu dou atualmente. (NURC RJ 70 inq.0101 – Linhas 182-183)

c) Orações coordenadas

204. Antes de eu começar a trabalhar na enciclopédia eu peguei um avião resolvi ir assim correndo, ela TINHA TIDO, o pai dela TINHA MORRIDO, e eu soube disso só um mês depois então eu fiquei achando que ela podia estar precisando de mim, ela é filha única, né, três filhos e o pai estava morando com ela já há alguns anos. (NURC RJ 70 inq.0101 – Linhas 441-445)

205. Ela passa... ela passa a não existir, um exemplo disso está a praça eh... defronte ao Iguatemi, que ao que me parece, aquela praça defronte ao Iguatemi é uma sobra do tecido... do tecido viário, não é? do tecido urbano, aquele... do sistema viário que foi feito ali, a... aquela sobra de terreno, então o pessoal aproveitou, e vamos fazer aqui uma praça, FIZERAM, foi feita a praça ali, mas é uma praça que a gente não vê ocupada, nenhum momento a gente vê aquela praça ocupada. (NURC SSA 90 Inq. 094 - Linhas 216-222)

206. Fica difícil de você administrar isso mas existe, né, existe pra caramba, graças a Deus eu nunca fui assaltado, assim né, em ônibus e tal, inclusive outro dia, outro dia não, tem um bom tempo, mas eu tava, indo pra faculdade, eu pegava o 426, quando eu ia pra faculdade, estudava na, na Praia Vermelha, aí eu tava até de relógio, e o cara atrás, TINHA ACABADO de ser assaltado roubaram o relógio dele. (NURC RJ 90 inq.002 – Linhas 243-248)

d) Orações subordinadas substantivas

207. Depois aumentou a sala até o fundo, fez uma sala maior e esse banheiro aqui de cima eu acho que já, já TINHA SIDO FEITO antes. (NURC RJ 70 inq.101 – Linhas 062-063)

208. Tiveram que recorrer até o arquivo nacional, pra provar através de escrituras que se sucediam que eles COMPRARAM aquela fazenda em mãos de descendentes dos ... do Conde da Ponte, Antônio Guedes de Brito ou de descendentes da, da Casa da Torre, de Garcia D'Ávila... (NURC SSA 90 Inq. 012R - Linhas 130-135)

e) Orações subordinadas adjetivas

209. ... faltava leite faltava carne faltava tudo... coisa que fazia bufar todos os uruguaios que FORAM criados ah... assim no nível do ((ininteligível)) maravilhosamente e achavam que... o estado ia ser... uma... ama... eternamente farta pra abastecer... então essa minha empregada que era uma senhora simplória... de mais de cinqüenta anos... parecida com um gorila do ((ininteligível)) uma velhinha assim engraçadíssima... que ficava INdigNAda de não haver manteiga suficiente para ELA... (NURC RJ 70 inq.133 – Linhas 298-302)

210. ... numa sexta-feira... foi tremendo... pela primeira vez eu marquei uma reunião e não consegui chegar... não houve a reunião... eu atrapalhei a vida dos... dos dos pais que TINHAM IDO pra reunião... mas eu não consegui chegar na escola... eram duas horas e eu não consegui chegar... só cheguei às três e pouco... ... (NURC RJ 90 inq.020 – Linhas 051-055)

f) Orações subordinadas adverbiais

211. Eu fui noutro dia porque DISSERAM que era bom e gostei muito, esse "Independência ou Morte", né? (NURC RJ 70 – Inq. 124 Linhas 269-270)
212. -- Era uma coisa assim. Creio que é isso mesmo. Mas eu nunca empreguei este nome, porque nunca TINHA VISTO escrito...(NURC SSA 70 Inq. 094 – Linhas 547-549)

213. Era um momento importante no mundo, porque você vê, ACONTECERA a revolução russa e teoricamente foi a primeira grande vitória do trabalhador. (NURC RJ 90 – Inq. 164 Linhas 036-040)

Chama a atenção não terem sido encontrados, nem nos inquéritos do Brasil, nem nos de Portugal, nenhuma ocorrência de orações adverbiais condicionais.

- **Presença ou ausência de advérbio**

A inclusão desse grupo de fatores para análise teve por objetivo avaliar a influência dos advérbios para o emprego do pretérito mais-que-perfeito. Procurou-se verificar se a presença ou ausência de itens dessa classe gramatical nas sentenças determinariam a escolha das formas simples ou composta desse tempo verbal.

Foram analisados e computados, separadamente os advérbios não e já. O primeiro por ser um operador responsável por reverter o valor de verdade da proposição; o segundo, por constituir um reforço para o emprego da forma verbal em foco, especialmente no que se refere ao seu valor prototípico, o de expressar uma ação passada em relação à outra também passada. Os demais advérbios foram analisados em conjunto.

Tradicionalmente os advérbios são caracterizados, de um ponto de vista semântico, por expressarem circunstâncias e, de um ponto de vista formal, por modificarem um verbo, um adjetivo, outro advérbio, ou todo o enunciado. O que é confirmado por Godoi (1992, p.215), quando afirma que os advérbios, "não só modificam os predicados, mas podem desempenhar um papel ativo na determinação da interpretação da sentença". Partindo desse princípio, decidiu-se avaliar a influência dos advérbios para a ocorrência do pretérito mais-que-perfeito, verificando se a presença ou ausência de advérbios na sentença seria determinante para o emprego da forma simples ou composta do pretérito mais-que-perfeito nos contextos em estudo.

A hipótese formulada foi a de que sentenças com o advérbio não condicionariam o emprego de qualquer uma das formas do mais-que-perfeito e sentenças com o advérbio já selecionariam o emprego da forma composta, por acreditar-se no valor um pouco mais durativo dessa forma verbal. Quanto aos demais advérbios, poderiam, ou não, condicionar o emprego da forma verbal em estudo.

Os resultados obtidos foram os seguintes

Tabela 47 – Presença de advérbio na sentença *versus* emprego do mais-que-perfeito na língua escrita

PAÍS	TEMPO VERBAL	ADVÉRBIO				
		AUSÊNCIA	PRESENÇA			TOTAL
			OUTROS	NÃO	JÁ	
PORTUGAL	IdPt3S	265	62	36	5	368
	%	**72,0**	**16,8**	**9,8**	**1,4**	**100,0**
	IdPt3C	104	45	6	7	162
	%	**64,2**	**27,8**	**3,7**	**4,3**	**100,0**
BRASIL	IdPt3S	212	100	50	7	369
	%	**57,5**	**27,1**	**13,6**	**1,9**	**100,0**
	IdPt3C	99	39	10	15	163
	%	**60,7**	**23,9**	**6,1**	**9,2**	**100,0**

Como se pode observar, tanto em Portugal, quanto no Brasil, na língua escrita, o mais-que-perfeito nas formas simples e composta, é mais empregado em sentenças que não contêm advérbios. A presença do advérbio já não condiciona a seleção do pretérito mais-que-perfeito quer na forma simples, quer na composta. O advérbio não, no *corpus* consultado, seleciona mais a forma simples.

Embora tenham sido poucas as ocorrências do pretérito-mais que-perfeito em sentenças em que ocorre o advérbio já, a forma composta desse tempo verbal foi empregada com mais frequência, confirmando a hipótese anteriormente apresentada.

Quanto às sentenças negativas, selecionam as duas formas do mais-que-perfeito, mas a forma simples parece ser a preferida.

A presença de outros advérbios diversos do não e do já parece ser um segundo fator condicionante para o emprego do pretérito mais-que-perfeito, especialmente, na sua forma simples. Contrariamente ao que se pensou, ao

selecionar esse grupo de fatores, são as sentenças que não contém advérbios as que mais condicionam o emprego do tempo verbal em análise (cf. tabela 47).

Exemplos de:

a) sentenças sem advérbios:

214. De largo campo necessitavam as minhas desculpas, se as eu QUISERA pôr em campo. (CFM 048 – Linha 003)

215. Remeto a Vossa Excelencia prezo a JozeJoaquim | deSanta Anna homem pardo, pelo ter achado emsufragan| te delito demortandade deBois mansos deCarro,Junto | Comdous escravos de Francisco Jorge daRochaPegado, que | TINHAÓ FURTADO a JoaóCoelho de Oliveira, epor que | sendo prezo, aquelas partes seCompuzeraó pagan| do os referidos Bois, ... (CBS 0027 – Linhas 002-007)

216. Da carta Vossa Senhoria verá, que o Sr. Conde de Obidos lhe escreveu quando lhe mandou a patente de Governador de Pernambuco ficara Vossa Senhoria entendendo que lhe concedeu todos os poderes de Governador Geral: assim como Sua Magestade lh'os HAVIA DADO pela sua patente. (CGG 002 Linhas 192-198)

b) sentenças com o advérbio <u>não</u>:

217. Grandes são as fatalidades que V.S.ª me faz mercê referir, sucedidas no ano passado e pendentes para o presente, em que também as não considero menores; e, quando <u>não</u> HOUVERA tantos avisos do Céu, bastava a pouca emenda e ser tão pouco o conhecimento da necessidade dela que, por eu haver feito um papel em que a queria persuadir por ocasião do grande cometa de 8r... (CPV CXCIX Linhas 018-027)

218. .. escrevi uma carta para ele, afinal uma carta para ele, afinal uma carta boba, dizendo que eu <u>não</u> TINHA "ADOTADO" Joyce ou Virginia Woolf, ... (CCL 011 Linhas 082-085)

c) sentenças com do advérbio <u>já</u>:

219. Quanto ao silêncio, eu o compreendia, pois imaginava (e você <u>já</u> me MANDARA contar) a trabalheira que deviam lhe dar as traduções. (CMM 007 – Linhas 022-029)

220. E polla pressa que estes recados tam a meudo lhe dão, e saber que elles TINHÃO <u>ja</u> FEITOS gastos há alguns dias

esperando por elle, cuidando que fosse e não foy por ser fora como já contey, lhe he necessario não descansar neste Collegio de que tanto há anda fora, mais que seis dias, os quaes quanto ao corpo se não podem chamar descanso, porque chegando aqui a quarta feyra sempre teve em que entender, assi en dar ordem a Igreja nova e outras cousas do Collegio, como em negocios fora de casa. (CPJ 61 Linhas 404-416)

d) sentenças com outros advérbios:

221. TINHA mesmo PENSADO nalguns vagos projetos de fazer quanto estivesse ao meu alcance para me curar, se pudesse ter a certeza de que me TINHAS, efetivamente, ESQUECIDO. (CMA 002 Linhas 011-015)

222. Eu bem QUISERA ter feito a canção, porém digo a V. S. que a fez o dito Matanásio na língua grega, e que ele mesmo a traduziu em francês da forma que eu a repeti a Sílvia. (CCO 015 – Linhas 041-043)

Assim como foi detectado na língua escrita, também na língua falada, a presença do advérbio não parece ser importante para o emprego do mais-que-perfeito, considerando os dados coletados neste trabalho.

Nos inquéritos de língua falada em Portugal, observa-se que, na década de 90, o mais-que-perfeito é mais empregado em sentenças que não contém advérbios. Há apenas uma ocorrência desse tempo verbal com o advérbio não em cada uma das duas décadas, conforme dados apresentados na tabela 48:

Tabela 48 – Presença do advérbio na sentença *versus* emprego do mais-que-perfeito na língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90

DÉCADA	TEMPO VERBAL	ADVÉRBIO				
		AUSÊNCIA	PRESENÇA			TOTAL
			OUTROS	NÃO	JÁ	
70	IdPt3S	-	-	-	-	-
	%	-		-	-	**-**
	IdPt3C	-	-	1	-	1
	%	-		**100,0**	-	**100,0**
90	IdPt3S	-	2	-	-	2
	%	-	**100,0**	-	**-**	**100,0**
	IdPt3C	4	3	1	-	8
	%	**50,0**	**37,5**	**12,5**	**-**	**100,0**

Exemplos de :

a) sentenças sem advérbios:

223. acho que era a música. e então eles TINHAM DESENHADO um, uma guitarra (Oc-P-90-1f-008 - Linhas 012-014)

b) sentenças com o advérbio não:

224. – - porque não TINHA SIDO, porque não era de início. a criança não era de início levada nesse sentido e portanto não inter[...], tinha interesse porque nós até aqui há uns anos, por exemplo, ... (Oc-P-70-3f-003 – Linhas 071-073)

225. por isso as pessoas acabam por dar um bocado a volta. mas se calhar, eh, não me TINHA IMPORTADO de ter, eh, tido as coisas um bocado, ter tido a oportunidade de ser Oc-P-90-1m-006 Linhas 096-098)

c) sentenças com outros advérbios:

226. - nunca, nunca, nunca. e aconteceu-me, com o Dacota. na ida para o Porto, havia um que a porta estava empenada. e por mais relatórios que se fizessem nunca mandavam arranjar. e então era preciso muita força, para fechar aquela porta. e, e mesmo nós de dentro não conseguíamos fechar, não é, tinham que ser os mecânicos de fora. aquilo FECHARAM-na mal. (Oc-P-90-2f-007 Linhas 030-033)

Em relação à língua falada no Brasil, assim como na língua escrita e na falada de Portugal, é a ausência do advérbio que determina o emprego do mais-que-perfeito em suas duas formas, como pode ser visto na tabela 49:

Tabela 49 – Presença do advérbio na sentença *versus* emprego do mais-que-perfeito na língua falada do Brasil nas décadas de 70 e 90

DÉCADA	TEMPO VERBAL	ADVÉRBIO				
		AUSÊNCIA	PRESENÇA			TOTAL
			OUTROS	NÃO	JÁ	
70	IdPt3S	4	-	-	-	4
	%	**100,0**	-	-	-	**100,0**
	IdPt3C	10	1	5	7	23
	%	**43,5**	**4,3**	**21,7**	**30,4**	**100,0**
90	IdPt3S	6	-	1	-	7
	%	**85,7**	**-**	**14,3**	**-**	**100,0**
	IdPt3C	13	-	3	1	17
	%	**76,5**	**-**	**17,6**	**5,9**	**100,0**

Exemplos de:

a) sentenças sem advérbios:

227. Mas depois que o, que a pessoa que, que essa primeira pessoa comprou, eu com uma certa dor de cotovelo passei por aqui algumas vezes sempre pra ver o andamento das obras e tal, um olho comprido e vi mais ou menos o que eles

FIZERAM, por exemplo, tinha uma por... Não se... não sei se você reparou que as outras casas quase todas têm uma porta só. (NURC RJ 90 – Inq. 101 Linhas 055-063)

228. --... Nós temos também aqui um exemplo: nós temos um... um chuveiro elétrico lá no nosso banheiro que, apesar do eletricista que colocou dizer que não tinha nenhum problema, que ele TINHA FEITO uma ligação direta da... da chave geral, pá-rá-rá... toda vez que alguém toma banho quente e liga o chuveiro elétrico, evidentemente a luz imediatamente cai. (NURC SSA 70 – Inq. 094 Linhas 702-709)

229. É uma prova de que esses limites eram confusos, ninguém sabia onde é que terminava o que era do poder público e o que era de algum particular, os particulares mais (inint) PASSARAM a se aproveitar dessa confusão e ampliavam os seus domínios, não é? Cercavam, marcavam, derrubavam, construíam, (superp) uma espécie de invasão, né? (NURC 90 SSA – Inq. 012R – Linhas 053-056)

230. Fica difícil de você administrar isso mas existe, né, existe pra caramba, graças a Deus eu nunca fui assaltado, assim né, em ônibus e tal, inclusive outro dia, outro dia não, tem um bom tempo, mas eu tava, indo pra faculdade, eu pegava o 426, quando eu ia pra faculdade, estudava na, na Praia Vermelha, aí eu tava até de relógio, e o cara atrás, TINHA ACABADO de ser assaltado ROUBARAM o relógio dele. (NURC 90 RJ – Inq. 002 Linhas 243-248)

b) sentenças com o advérbio <u>não</u>:

231. foi no campeonato mundial de mil novecentos e trinta e oito que houve cenas de pugilato de, aqui no, no Rio, e acredito que em São Paulo foi pior ainda, de agredirem italiano na rua porque um locutor brasileiro descreveu num jogo do Brasil e Polônia que os brasileiros estavam sendo massacrados e o juiz era italiano, então andaram batendo em italianos na rua quando <u>não</u> TINHA SIDO nada daquilo, foi um exagero do locutor. (NURC 70 RJ Inq. 101 – Linhas 221-223)

232. O meu <u>não</u> ROUBARAM, mas isso foi uma experiência assim mais perto, que eu vi do assalto.. . (NURC RJ 90 – Inq. 002 Linhas 246-248)

233. Que, absolutamente, tudo isso não existia, isso não existia, aqui nessa quadra existia somente essa casa, na quadra de lá existiam várias casas que hoje tudo transformadas em de, em apartamentos, em prédios de apartamentos, e ali daqui, meu, o quarto de meu filho era esse aqui e não, eu <u>não</u> HAVIA COMPRADO esse terreno, esse terreno eu comprei posteriormente, ele via o mar porque aqueles prédios ali não

existiam, então começou a edificação na, nessa zona bastante intensa né, essa é outra fase, e agora é a fase atual da cidade de Salvador, que é uma cidade muito movimentada, ... (NURC SSA 90 – Inq. 013R – Linhas 089-096)

c) sentenças com do advérbio já:

234. ... acho que é um país muito pouco criativo de modo que... é altamente crítico... e: isso... é interessante em termos de contacto... cultura ((riso)) uruguaia não existe você pensa num... num alongamento da cultura argentina pra mim me interessava MUIto toda a parte de... língua de... tudo isso você já TINHA CAÍDO inteiramente na gíria na... (NURC RJ 70 – Inq. 133 Linhas 217- 220)

235. ...era um diabo sair de manhã com aquela luminosidade de manhã nos olhos do portador de catarata é terrível... sabe... é terrível... ( ) mais ou menos às onze horas da manhã ( ) ou já TINHA ACOSTUMADO mais agora. ( ) mas eu fiquei quase cego né... no fim... não via mais quase nada....(NURC RJ 90 – Inq. 0018 Linhas 422-425)

d) sentenças com outros advérbios:

236. Mesmo as pessoas, né, eram pessoas completamente diferentes das pessoas com que eu sempre TINHA TRABALHADO, e aí eu pedi demissão também, por surpresa dos funcionários da Petrobrás que, acho que é um negócio que ninguém pede demissão, e voltei pro jornal, o Jornal do Brasil. (NURC 70 RJ Inq. 259 – Linhas 266-274)

Resumindo, a partir dos dados analisados, nota-se que, tanto na língua escrita, quanto na falada do Brasil e de Portugal, o pretérito mais-que-perfeito é mais empregado com sentenças que não contêm advérbios.

o **Transitividade**

A Gramática Tradicional considera transitividade, a maneira como um verbo se relaciona com os outros sintagmas em uma mesma oração, distinguindo,assim, dois tipos de verbo: os transitivos, que são acompanhados de um complemento, objeto direto ou indireto, e os intransitivos, que não exigem complemento. Entretanto, essa não é a única definição para transitividade. Na

visão funcionalista norte-americana, por exemplo, a transitividade (do latim *transitivus* – que vai além, que se transmite*)* é concebida como uma noção contínua, escalar, que denota a transferência de uma atividade de um agente para um paciente. A transitividade é associada a uma função discursivo-comunicativa; em uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos. Dessa forma, a transitividade não é uma propriedade categórica do verbo; assim, toda a sentença é classificada como transitiva, ou não.

De acordo com Câmara Junior (2004, p.293) a transitividade é, em seu sentido *lato*, sinônimo de predicação incompleta; diz respeito aos verbos que selecionam argumentos internos. O autor afirma que a transitividade depende de uma significação particular dentro da polissemia do verbo, podendo assim, os verbos transitivos serem intransitivos e vice-versa. Partindo desse princípio, para analisar a transitividade, nesta pesquisa, foram observados os verbos no contexto em que estão inseridos e classificados em: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos, transitivos circunstanciais, transitivos diretos circunstanciais, transitivos relativos, transitivos diretos relativos, transitivos indiretos relativos e de ligação. Foi também analisado o emprego do mais-que-perfeito em verbos auxiliares.

Contrariando a hipótese formulada por Oliveira (2006, p.68) ao considerar este grupo de fatores para o estudo do futuro na língua portuguesa, a de que os verbos transitivos, por projetarem vários argumentos, favoreciam o emprego da forma perifrástica, em função de um maior equilíbrio na distribuição dos constituintes da oração, a hipótese aventada nesta pesquisa foi a de que predicações mais complexas com verbos transitivos diretos e indiretos, diretos relativos, indiretos relativos e diretos circunstanciais seriam mais propícias ao emprego do mais-que-perfeito simples, mais formal.

Como se pode verificar, na tabela 50, o mais-que-perfeito é mais empregado com verbos transitivos diretos, sendo a forma simples bem mais utilizada que a composta. A forma simples é também a preferida, quando o verbo é de ligação, circunstancial ou auxiliar. A forma composta é bastante empregada com os verbos transitivos diretos e indiretos.

Tabela 50 – Transitividade verbal *versus* emprego do mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* de língua escrita consultado

PAÍS	TEMPO VERBAL	TRANSITIVIDADE											
		INTR	**VTD**	**VTI**	**VTDI**	**CIRC**	**T Rel**	**T Circ**	**Td Rel**	**Ti Rel**	**VL**	**AUX**	**TOTAL**
PORTUGAL	IdPt3S	15	183	6	30	21	24	5	5	1	44	34	**368**
	%	**4,1**	**49,7**	**1,6**	**8,2**	**5,7**	**6,5**	**1,4**	**1,4**	**0,3**	**12,0**	**9,2**	**100**
	IdPt3C	3	96	5	21	12	9	4	2	1	4	-	**157**
	%	**1,9**	**61,1**	**3,2**	**13,4**	**7,6**	**5,7**	**2,5**	**1,3**	**0,6**	**2,5**	**-**	**100,0**
BRASIL	IdPt3S	16	192	6	31	28	7	3	6	-	45	35	**369**
	%	**4,3**	**52,0**	**1,6**	**8,4**	**7,6**	**1,9**	**0,8**	**1,6**	**-**	**12,2**	**9,5**	**100**
	IdPt3C	5	79	8	37	15	4	4	7	-	7	2	**168**
	%	**3,0**	**47,0**	**4,8**	**22,0**	**8,9**	**2,4**	**2,4**	**4,2**	**-**	**4,2**	**1,2**	**100**

Observando os dados apresentados na tabela acima, nota-se que não há muita diferença entre os índices de uso do mais-que-perfeito simples e composto com verbos de transitividade diversa, nos textos de autores portugueses e brasileiros.

O verbo transitivo direto é, comprovadamente, o que mais condiciona o emprego do mais-que-perfeito nas formas simples e composta nos textos de língua escrita e também de língua falada de Portugal e do Brasil, como se poderá observar nas tabelas 51 e 52.

Tabela 51 – Transitividade verbal *versus* emprego do mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* de língua falada de Portugal

DÉCADA	TEMPO VERBAL	TRANSITIVIDADE									
		INTR	VTD	VTI	VTDI	T Rel	T Circ	Td Rel	VL	AUX	TOTAL
70	IdPt3S	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	IdPt3C	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	%	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100,0
90	IdPt3S	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
	%	-	50,0	-	50,0	-	-	-	-	-	100,0
	IdPt3C	1	3	-	3	1	-	-	-	-	8
	%	12,5	37,5	-	37,5	12,5	-	-	-	-	100,0

Tabela 52 – Transitividade verbal *versus* emprego do mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* de língua falada do Brasil

DÉCADA	TEMPO VERBAL	TRANSITIVIDADE									
		INTR	VTD	VTI	VTDI	T Rel	T Circ	Td Rel	VL	AUX	TOTAL
70	IdPt3S	-	2	1	1	-	-	-	-	-	4
	%	-	50,0	25,0	25,0	-	-	-	-	-	100,0
	IdPt3C	2	16	-	-	-	3	1	1	-	23
	%	8,7	69,6	-	-	-	13,0	4,3%	4,3	-	100,0
90	IdPt3S	1	5	-	-	-	-	-	-	1	7
	%	14,3	71,4	-	-	-	-	-	-	14,3	100,0
	IdPt3C	-	10	-	-	2	3	1	1	-	17
	%	-	58,8	-	-	11,8	17,6	5,9	5,9	*	100,0

Assim como ocorreu na língua escrita, o verbo transitivo direto é o que mais condiciona o emprego do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta tanto em Portugal, quanto no Brasil, com o predomínio, entretanto, da forma composta.

Nota-se que nos textos de autores portugueses da década de 90, os verbos transitivos diretos e indiretos também apresentam idêntico índice de uso da forma verbal em estudo.

A hipótese inicial não foi, pois, confirmada, já que os verbos de predicação mais simples são os que mais condicionam o emprego do pretérito mais-que-perfeito, na forma simples ou composta. Esse grupo de fatores não se mostrou relevante para explicar a seleção de uma ou outra forma do mais-que-perfeito.

6.2.1.2 Variável morfológica

- **Saliência morfológica**

A gramática tradicional classifica os verbos em regulares e irregulares, considerando regulares os que possuem um radical invariável e irregulares os que, em algumas formas, apresentam modificação no radical ou na flexão.

Mattos e Silva (1989a, p. 308) subdivide os verbos em verbos de padrão geral, isto é, os que não experimentam mudanças no lexema (radical) e os verbos de padrão especial, tradicionalmente denominados irregulares, que obedecem a determinadas "regularidades", o que permite classificá-los, de acordo com as características mórficas semelhantes. A especialidade desses verbos consiste na forma variável ou não do lexema.

A autora apresenta quatro tipos de verbos de padrão especial:

- Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito (IdPr, IdPt1, IdPt2, IdFt1, IdFt2, SbPr, Imp, Inf. fl.) e lexemas específicos para as formas do perfeito: dizer, fazer, ter, por, querer, ir, vir, ser;

- Verbos que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito que se opõe ao lexema específico das formas do perfeito: saber, prazer, estar, dar;
- Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e o lexema das formas do perfeito é idêntico ao lexema mais generalizado das formas do não-perfeito: ouvir, pedir, morrer e os verbos em -cer;
- Verbos que apresentam particípio passado especial: abrir, cobrir, acender e fazer;

Por acreditar que a alteração nas formas do perfeito constitui uma saliência morfológica, talvez, importante para a escolha da forma simples do mais-que-perfeito, optou-se por considerar também essa variável independente. Os resultados obtidos foram:

Tabela 53 – Saliência morfológica *versus* uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto no c*orpus* de língua escrita consultado

SALIÊNCIA MORFOLÓGICA					
FORMA VERBAL	**IdPt3S**		**IdPt3C**		**TOTAL**
PAÍS	**REGULAR**	**IRREGULAR**	**REGULAR**	**IRREGULAR**	
PORTUGAL	156	212	98	64	530
%	**29,4**	**40,0**	**18,5**	**12,1**	**100,0**
BRASIL	175	194	102	61	532
%	**32,9**	**36,5**	**19,2**	**11,5**	**100,0**

Como se pode perceber, os verbos de padrão geral favorecem o uso da forma composta do mais-que-perfeito, enquanto a simples é mais empregada com os verbos de padrão especial. Desse modo, os dados demonstram que, na língua escrita, a saliência morfológica é um fator

condicionante do emprego do pretérito mais-que-perfeito simples, como demonstrado no gráfico a seguir:

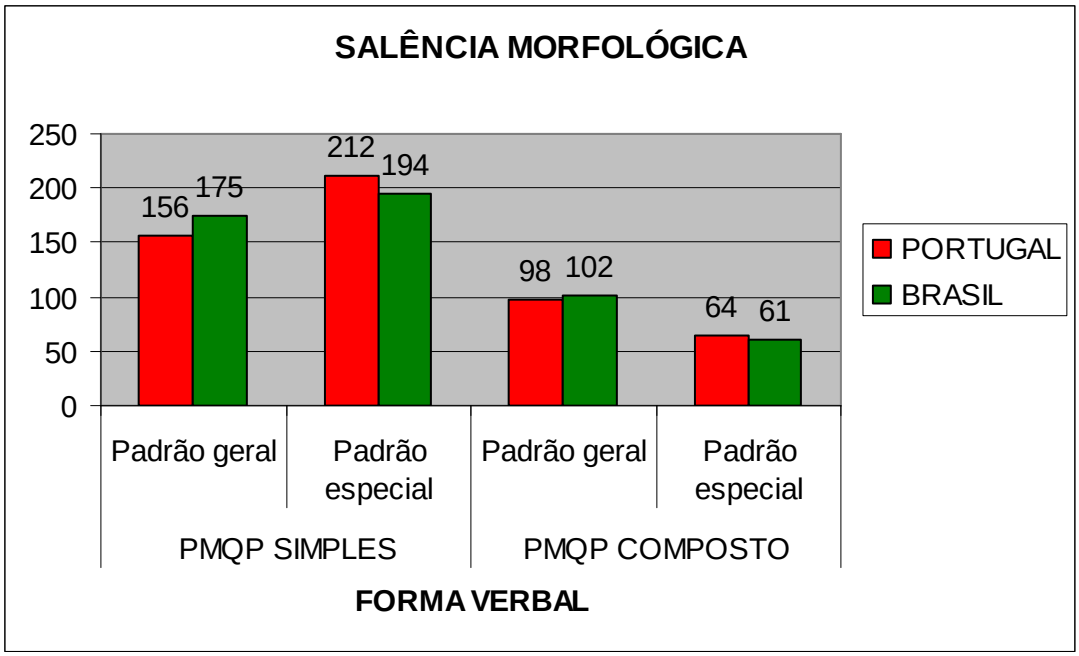


Gráfico 9: Saliência morfológica: uso do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto no c*orpus* de língua escrita consultado

Diferentemente da língua escrita, na língua falada, de Portugal e do Brasil, a saliência morfológica não parece favorecer a ocorrência do pretérito mais-que-perfeito simples, como pode ser observado nas tabelas 54 e 55:

Tabela 54 – Saliência morfológica *versus* o uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* da língua falada de Portugal

DÉCADA	TEMPO VERBAL	SALIÊNCIA MORFOLÓGICA		
		REGULAR	IRREGULAR	TOTAL
70	IdPt3S	-	-	-
	%	-	-	-
	IdPt3C	-	1	1
	%	-	100,0	100,0

90	IdPt3S	**1**	**1**	**2**
	%	**50,0**	**50,0%**	**100,0**
	IdPt3C	**4**	**4**	**8**
	%	**50,0**	**50,0**	**100,0**

Tabela 55 – Saliência morfológica *versus* uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* da língua falada do Brasil

DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**SALIÊNCIA MORFOLÓGICA**		
		REGULAR	**IRREGULAR**	**TOTAL**
70	IdPt3S	2	2	4
	%	**50,0**	**50,0**	**100,0**
	IdPt3C	7	16	23
	%	**30,4**	**69,6**	**100,0**
90	IdPt3S	5	2	7
	%	**71,4**	**28,6**	**100,0**
	IdPt3C	9	8	17
	%	**52,9**	**47,1**	**100,0**

A saliência morfológica tende a favorecer o uso do mais-que-perfeito composto na língua falada do Brasil na década de 70. Deve-se levar em consideração, contudo, o fato de estar o mais-que-perfeito simples praticamente em desuso na modalidade oral da língua.

6.2.1.3 Variáveis semânticas

- **Animacidade do sujeito**

O sujeito é o termo que estabelece uma relação predicativa com um núcleo verbal, para constituir uma oração; é também o tema da comunicação

que se faz no predicado, ou seja, o ponto de partida da enunciação linguística constituída pela oração. (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p.124).

Objetivando detectar se os diferentes tipos de sujeito favorecem ou não o emprego do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta, considerou-se esse grupo de fatores.

A hipótese aventada foi a de que a animacidade do sujeito poderia ser um fator relevante para a seleção do mais-que-perfeito composto, enquanto a ausência desse fator poderia determinar a seleção do mais-que-perfeito simples. Para este estudo, foram considerados os seguintes tipos de sujeito: [+ animado, + humano], [+ animado, - humano], [- animado]:

Tabela 56 – Animacidade do sujeito *versus* uso do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* de língua escrita de Portugal e do Brasil

PAÍS	TEMPO VERBAL	ANIMACIDADE DO SUJEITO			
		[+ ANIMADO + HUMANO]	[+ ANIMADO - HUMANO]	[-ANIMADO]	TOTAL
PORTUGAL	IdPt3S	305	-	46	351
	%	**86,9**	**-**	**13,1**	**100,0**
	IdPt3C	149	1	11	161
	%	**92,5**	**0,6**	**6,8**	**100,0**
BRASIL	IdPt3S	302	1	57	360
	%	**83,9**	**0,3**	**15,8**	**100,0**
	IdPt3C	145	2	15	162
	%	**89,5**	**1,2**	**9,3**	**100,0**

Como se pode observar na tabela 56, na língua escrita, o sujeito [+ animado + humano] favorece o emprego do mais-que-perfeito em suas formas simples e composta, havendo, entretanto, maior índice de uso da forma

simples. O sujeito [- animado] também favorece o emprego da forma simples nos textos de ambos os países. Considerando que o *corpus* analisado é composto por cartas, parece, contudo, natural a referência a sujeitos portadores dos traços [+ animado + humano] ou [- animado] nas notícias veiculadas.

Exemplos:

a) Sujeito [+ animado + humano]

237. E estamdo isto asy, Francisco de Vacas chantre que he no Reyno, fez huma petição ao Cabido em Gomez Ribeiro nem a Francisco de Vacas comtra o Bispo, como diz na dita carta de escomunhão, mas amtes me fizeram elles pitições de cousas muito feas e torpes que o Bispo FIZERA que eu nom quis amitir e a[`] rompi peramte pessoas fidalgos e dinos de llee que o dirão se comprir; nem se ACHARA tampouco, que eu saiba, que se provocasem contra o Bispo pessoas para delle dizerem palavras de mao ensyno e atrozes, como elle diz na dita carta de escomunhao, amtes se prova por os ditos autos, que elle mandou falar ao dito Svlvestre Rodriguez, que elle TINHA PRESO por yrege, qué dissese que meu filho Dom Alvaro e outras pessoas fizeram com elle o que o chamasem bebado, e o ffez asy testemunhar ao dito Silvestre Rodriguez, como V. A. verá nos autos.. (CPJ 034 Linhas 135-149)

b) [+animado - humano]

238. Se eu disser que a idéia já me HAVIA OCORRIDO mais de uma vez, os senhores hão de duvidar. (CCL 035 Linhas 017-018)

239. Só uma vez resolvi — diante da coisa cada vez mais vaga que se TORNARA a publicação do livro — assumir compromisso. (CCL 040 -Linhas 058-059)

c) [- animado]

240. O Sr. Arcebispo, que hoje é de Braga, ouvindo este sermão, disse que entre os meus FORA o menos mau. (CPV CCIII Linhas 177-179)

241. Assy que com todos estes trabalhos, e continuos, achou por consolação, em chegando, novas que lhe ADOECERA o Padre Antonia de Pina em Sancti Spiritus; e parecia cousa feita acinte, que não avia huma hora que o recado VIERA quando elle chegou, que foy vespora de S. João e S. Paulo. ... (CPJ 066 Linhas 1018-1023)

242. ...mas, como me disse faria gosto nisso a S.M., bastou só esta significação para que prontamente aceitasse, não duvidando perder nessa última acção da minha vida o que por ventura TINHA ADQUIRIDO em toda ela;... CPV CCII - Linhas 047-051)

Assim como já havia sido detectado nos dados da língua escrita, o sujeito com o traço [+ animado, + humano] favorece também o emprego do mais-que-perfeito em suas formas simples e composta na língua falada.

Em Portugal, como pode ser observado na tabela 56 e nos exemplos apresentados, não há muita diferença em relação ao tipo de sujeito. Os temas utilizados nos diálogos: as más condições do trabalho em gabinete, crianças, educação dos filhos, características e problemas, relações pais/ professores, a psicanálise da homossexualidade, podem, talvez, ter influenciado a seleção do sujeito com o traço [+ animado + humano]:

Tabela 57 – Animacidade do sujeito *versus* emprego do mais-que-perfeito no c*orpus* de língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90

DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**ANIMACIDADE DO SUJEITO**		
		[+ ANIMADO + HUMANO]	**[-ANIMADO]**	**TOTAL**
70	IdPt3C	-	1	**1**
	%	**-**	**100,0**	**100,0**
90	IdPt3S	2	-	**2**
	%	**100,0**	**-**	**100,0**
	IdPt3C	8	-	**8**
	%	**100,0**	**-**	**100,0**

Exemplos:

a) [+ animado + humano]

243. ... pois. havia um que tinha um medo medonho, também. mas o Schultz tinha um me[...], era um bom comandante,

mas tinha um medo que se finava. e então pregava muitas partidas ao comandante. olhe que há um barulho aqui. há um barulho acolá e tal, e ele atrasava logo o voo. não. mas nós tivemos várias. olhe, eh, na ida para Londres, e para Paris, o n[...], nós íamos nuns aviões, que os americanos nos PEDIRAM emprestados, porque já só nós e um emirato árabe é que tinham.. (VARPORT Oc-P-90-2f-007 Linhas 009-015)

b) [- animado]

244. cá em Portugal, que estava isto realmente muito por baixo. em tempos TINHA SIDO bom, depois isto foi, foi descendo, descendo, descendo, descendo, enfim, estava bastante mal. mas... conseguiu, realmente com muita luta, fazer subir isto um pouco, e as aulas de canto coral que a, que outrora eram uma brincadeira, que as papás e as mamãs diziam que os meninos sofriam da garganta, etecétera, etecétera, para não, não darem aula, agora quase que já não há essa relutância pela aula, pelo contrário. sente-se que as raparigas estão satisfeitas na aula, que se interessam e que se estão interessando bastante pelos assuntos musicais, bastante até. (VARPORT Oc-P-70-3f-003 Linhas: 056-065)

A análise dos dados pertinentes à língua falada no Brasil, apresenta os seguintes resultados em relação à animacidade do sujeito:

Tabela 58 – Animacidade do sujeito *versus* emprego do mais-que-perfeito no c*orpus* de língua falada do Brasil das décadas de 70 e 90

DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**ANIMACIDADE DO SUJEITO**		
		[+ ANIMADO + HUMANO]	**[-ANIMADO]**	**TOTAL**
70	IdPt3S	4	-	**4**
	%	**100,0**	**-**	**100,0**
	IdPt3C	19	3	**12**
		82,6	**17,4**	**100,0**

90	IdPt3S	5	2	**7**
	%	**71,4**	**28,6**	**100,0**
	IdPt3C	9	-	**43**
	%	**100,0**	**-**	**100,0**

Também na língua falada do Brasil é com o sujeito [+ animado + humano] que o pretérito mais-que-perfeito nas suas formas simples e composta é mais empregado. Pode-se admitir, assim como ocorreu em Portugal, que a temática dos inquéritos do Brasil: educação, casa, Infância, terrenos, a cidade e o comércio, Instituições, ensino e igreja, transportes e viagens, tenha influenciado na escolha que o falante faz do sujeito, conforme pode ser visto nos exemplos abaixo:

a) [+ animado + humano]

245. Bom, eu acho que o local é, o local, porque eu já moro nessa rua desde pequena. Primeiro na casa de minha avó, que fica na mesma rua. Depois é porque realmente não acontece... né?, até hoje não se teve noticiais de nenhum caso disso, inclusive é uma rua que as pessoas se acostumam até, à noite, já se ACOSTUMARAM à noite a sentarem na porta pra conversar como se fosse uma cidade do interior mesmo. (NURC SSA 90 Inq. 001N Linhas 556-567)

246. Bem, mas eu estava falando do meu trabalho. Então, eu quando fui trabalhar lá, eu TINHA me COMPROMETIDO a dar um horário maior do que eu dou atualmente. (NURC RJ70 Inq. 101 Linhas 182-184).

b) [- animado]

247. ... do Conde da Ponte, Antônio Guedes de Brito ou de descendentes da, da Casa da Torre, de Garcia D'Ávila e com esta prova feita minuciosamente chegava-se até ao último ocupante e assim a união do governo federal e do estado TIVERAM que se render a esta verdade destas terras, apesar da lei de 1850... . (NURC SSA90 Inq. 012R Linhas 130-135)

248. ... , os sindicatos VOLTARAM a atuar muito forte quando surgiu essa CGT, que eu falei, forte, agitando os trabalhadores com greves quase diárias no país. (NURC RJ90 Inq. 164 Linhas 079-084)

- **Tipo de verbo**

Existem na literatura linguistica diversas classificações para os verbos, do ponto de vista semântico:

- **Vendler (1967)** classifica os verbos em: verbos de Estado, de Atividade, “Accomplishment”, “Achievement”;
- **Chafe (1975)** divide-os em: verbos de Estados, de Ação, de Ação-processo e de Processo;
- **Dik (1989)** prefere considerar**:** verbos de Situação, de Evento e de Processo e Ação.
- **Pustejovsky (1991)** apresenta três subdivisões: verbos de Estado, de Processos e de Transições (“accomplishment” e “achievement”)
- **Givon (2001),** finalmente, classifica-os em: verbos de Atividade, de Acomplishment, de Estado e Compacto

Embora seja indiscutível a relevância das mencionadas classificações, para este trabalho, optou-se por uma classificação mais detalhada, resultante da “fusão” de algumas classificações e inserção de outras classes, para a análise da variável emprego do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto. Assim, os verbos foram classificados em:

a) **Verbos de atividade ou ação** – verbos que têm argumento externo agente, o qual é responsável direto pela ação expressa. Subdvidem-se em verbos de atividade física – apagar, dar, pular , correr – e verbos de atividade mental – confessar, expressar e responder, por exemplo.

b) **Verbos de processo** – verbos que codificam eventos em que o sujeito é experienciador. Expressam o aspecto contínuo, referindo-se a eventos cuja realização não é imediata, mas ocorre paulatinamente, a exemplo de adoecer, enriquecer e padecer.

c) **Verbos compactos** – verbos que exprimem o aspecto concluso, indicando uma mudança de estado repentina, a exemplo de morrer e falecer.

d) **Verbos dicendi** (ou declarativos) – verbos que têm um argumento externo agente, responsável por uma declaração, inquisição ou constatação: bradar, dizer, objetar, perguntar.

e) **Verbos de estado** – os que exprimem situações não-dinâmicas; têm argumento externo experenciador ou beneficiário: ser, estar, permanecer, ficar, entre outros.

f) **Verbos modais** – verbos que são acompanhados por outros para modalizar os enunciados, indicando modalidade epistêmica (ligada ao conhecimento); ou modalidade deôntica (ligada ao dever). São eles: dever, haver que, ter que, ter de, poder.

g) **Verbos de posse** – verbos que possuem um argumento externo agente detentor de algum objeto ou qualidade: ter, possuir, apoderar-se ,por exemplo.

h) **Verbos existenciais** – verbos monoargumentais, só possuem um argumento interno ou externo: ter, haver e existir.

i) **Verbos psicológicos** –verbos que possuem um argumento externo experienciador e referem-se a: 1) aspectos cognitivos, como: conhecer, entender, saber, processar; 2) sentimentos, como:gostar, estimar, pesar, sentir, experimentar, conformar-se, crer, confiar; ou 3) propriedades físicas, como ver e ouvir, por exemplo.

j) **Verbos volitivos** – verbos que têm argumento externo agente do qual expressam a vontade ou o desejo de algo ou, ainda, da realização ou ocorrência de algum evento: desejar, querer, ousar, etc.

k) **Verbos causativos** – os que têm argumento externo agente, não sendo, entretanto, esse o responsável pela ação, mas o que, indiretamente, a ocasiona: mandar, deixar, fazer, entre outros.

Esse grupo de fatores foi analisado, por se supor que os verbos de atividade, causativos e de estado seriam os mais propensos a ocorrerem no tempo mais-que-perfeito, relacionando-se a um outro verbo no pretérito perfeito em outra sentença.

Pode-se observar, conforme dados apresentados na tabela 59, que, nos textos escritos, os verbos de atividade são os que mais condicionam o uso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta. No tocante à forma simples, retirando os verbos de atividade, são os verbos psicológicos e modais os que mais a condicionam, nos textos de autores portugueses e brasileiros.

Tabela 59 – Tipo de verbo *versus* emprego do mais-que-perfeito simples e composto no c*orpus* da língua escrita de Portugal e do Brasil

PAÍS	TEMPO VERBAL	TIPO DE VERBO											
		Ativ	**Proc**	**Comp**	***Dic***	**Est**	**Mod**	**Pos**	**Exist**	**Psic**	**Vol**	**Caus**	**TOTAL**
PORTUGAL	IdPt3S	154	1	10	17	41	42	16	9	51	22	5	368
	%	**41,8**	**0,3**	**2,7**	**4,6**	**11,1**	**11,4**	**4,3**	**2,4**	**13,9**	**6,0**	**1,4**	**100, 0**
	IdPt3C	115	-	2	11	4	-	3	1	25	-	1	162
	%	**71,0**	**-**	**1,2**	**6,8**	**2,5**	**-**	**1,9**	**0,6**	**15,4**	**-**	**0,6%**	**100,0**
BRASIL	IdPt3S	180	5	8	16	46	29	20	6	24	26	9	369
	%	**48,8**	**1,4**	**2,2%**	**4,3**	**12,5**	**7,9**	**5,4**	**1,6**	**6,5**	**7,0**	**2,4%**	**100,0%**
	IdPt3C	130	6	1	4	8	1	4	1	7	-	1	163
	%	**79,8**	**3,7**	**0,6**	**2,5**	**4,9**	**0,6**	**2,5**	**0,6**	**4,3**	**-**	**0,6**	**100,0%**

Tanto nos textos produzidos em Portugal, quanto nos produzidos no Brasil, observa-se a mesma tendência decrescente do uso do mais-que-perfeito simples com todos os tipos de verbos, o que confirma a menor incidência de uso desse tempo verbal.

A forma simples apresenta índices de uso semelhantes nos dois países, com verbos de posse e de estado.

Quanto à forma composta pode-se dizer que, muito usada nas orações em que os verbos são de atividade, apresenta um baixo índice de uso em orações em que estão presentes outros tipos de verbos, uma vez que a soma dos índices de uso com esses outros tipos de verbos corresponde à terça parte do índice de ocorrência com os verbos de atividade.

Como se pode observar, o uso do mais-que-perfeito composto salienta-se nos textos dos dois países, apenas como verbos de atividade, sendo esporádico o seu emprego como outros tipos de verbos. Exemplos:

a) **Verbos de atividade ou ação**

249. PARTIRA eu dela de muito boa vontade com V. M. Ao companheiro dei suas encomendas, que êle paga e estima. . (CFM 044 – Linhas 010-012)

250. E se Vossa Senhoria me escreveu que se abstinha tanto de as mandar a Itamaracá, que me enviou uma petição que se HAVIA FEITO daquella Capitania, para eu prover um officio que a Vossa Senhoria se pedia, como se pode ajustar bem a obediencia desta acção com uma clausula daquella. (CGG 031 Linhas 037-043)

b) Verbos de processo

251. Isto soo me pareceo bem lembrar vos, senhor, que teemdes huũ amjo no paraiso que pudera seer que, se VIVERA sesenta anos, fora pollo comtrairo; è pois que este he o verdadeiro fim a que todos devemos de atira, tomallo tão cedo, com certeza de seer nelle, nõ he pequena cornsolação. (CTB 0139 – linha 004-009)

252. Muito antes da minha partida para o Brasil, por não faltar às obrigações de criado de V. Exª., dei conta a V.Exª. desta minha resolução, sem exprimir as causas, como tão interiormente notórias a V.Exª. S. A, que Deus guarde, foi servido de as confirmar com a grata licença que logo me deu, a que se seguiram outras demonstrações, que não podia esperar quem tanto TINHA servido e PADECIDO, como a V.Exª. é presente, etc. (CVB CLXXIX - Linhas 006-007)

c) Verbos compactos

253. ... e corridos do seu medo se tornarão à Igreja e os casamentos forão por diante, ainda que faltos dos ornamentos, porque de quam ataviados de vestidos dantes estavão, tanto fiquarão depois faltos, porque quasi nada fiquou que não fosse despedaçado com a revolta e fiquarão muitos feridos e mui maltractados, dos quaes depois diserão que MORRERA hum ou dous; e ainda hé muito de espantar conto não arebentavão os filhos. (CPJ 066 – Linhas 100-117)

254. A mesma pátria pode algumas vezes servir de lugar de desterro àqueles a quem não consta onde nasceram como sucedeu a Édipo, que, banido do lugar onde se criou, viveu desterrado no mesmo lugar em que TINHA NASCIDO. (CCO 013 Linhas 006-009)

d) Verbos *dicendi* (ou declarativos)

255. Contou-me hoje o Araújo que, encontrando-se num dos carros que fazem viagem para Botafogo e Laranjeiras, com o Miguel, este lhe DISSERA que andava procurando casa por ter alugado a outra (EMA 004 – Linhas 015-017)

256. Sobre essa "pessoa", e o que dela me disseste (naturalmente porque to TINHAM DITO), terei dois detalhes: (1) que essa pessoa sabe que eu gosto de ti, (2) que sabes que não é com idéias sérias que gosto de ti. (CFP 123 Linhas 013-016)

e) Verbos de estado

257. O escudo de armas FORA arreado, portas trancadas, e através de um guichet como nos melodramas, uma porteira declarou que a Sra Viscondessa de Faria já PROIBIRA a entrada aos amanuenses, e não a permitiria a mais ninguém. (CEQ 018 – Linhas 028-028)

258. Restavam os dois ou três mil cruzeiros que me TINHAM SIDO pagos – e que eu autorizei a Sra. Eliane Gurgel Valente a restituir, em troca dos originais a que eu me considerava com direito. Sua resposta foi negativa. (CCL 040 – Linhas 017-021)

f) Verbos modais

259. Esta hõra e merce que elrei, meu senhor, vos faz he tam grade que nõ overa nigê tam vão que PUDERA esperar por isso. (CTB 0134 – linha 007-010)

260. ... em vime eoito | de Mayo seachava servido the odia dous deJulho emque o-| suspendi muito posteriôr aotipo dapermição dentro edepois | doque bem PUDERA ter recorrido para segunda enova Provisam porassim | ser estillo praticado, enão como pertendia osuplicante hir ser- | vido os devidos offícios sem nova Provisam (CBS 003 L015-019)

g) Verbos de posse

261. Este homem tornou aly com hum navio e mandou dizer ao Indio principal, que o TIVERA em sua casa, que o fosse ver ao navio, cuidando o jentio que vinha elle agradecer-lhe o bem que tinha feito ; como teve no navio o cativou com outros que com elle forão e o ffoi vender por essas capitanias. (CPJ 12 Linhas 008-013)

262. Todos os outros se foram indo como um saco roto, é como eu também devia passar pelas idas, pois que tinha entrado nas avenidas, pareceu-me dar uma satisfação à dona da

casa sobre a bulha que TÍNHAMOS TIDO. (CCO 004 – Linhas 374-377)

h) Verbos existenciais

263. Se o homem não acha um dia para se lembrar que é mortal, podendo morrer todos os dias, como HOUVERA na ~ua hora, em que se lembrasse da morte, tendo a vida segura por todos os anos da vida? Oh! ignorância discreta!(CFM 093 – Linhas 151-159)

264. A casa foi imediatamente impedida e o turumbamba estava nesse pé, gente lá dentro do predio e com a torcida dos de fóra os bem-dizendo. Bem, na rua Quinze, diz-que TINHA HAVIDO outra encrenca, outra vaia que uns diziam prá Fôrça Publica, outros prá bandeira brasileira. (CMM 002 Linhas 061-066)

i) Verbos psicológicos

265. Mas quis-se tanto acommodar aos naturaes da terra que lhe fez mal, porque como foy n'Aldea deixou as meias calças; e como a terra SOFRERA mais andar homem mal aroupado que mal calçado ... (CPJ 66 Linhas 503-506)

266. TINHA mesmo PENSADO nalguns vagos projetos de fazer quanto estivesse ao meu alcance para me curar, se pudesse ter a certeza de que me TINHAS, efetivamente, ESQUECIDO. (CMA 003 - Linhas 011-015)

j) Verbos volitivos

267. Ele cairá nas tuas mãos: bem QUISERA ter eu a mesma sorte! Ai de mim! Louca que sou! Bem me dou conta de que isso não é possível! (CMA 001 Linhas 129-138)

268. Sou obrigado, portanto, a calar um segredo que eu QUISERA público para meu desvanecimento. (EMA 045- Linhas 014-015)

k) Verbos causativos

269. Por uma circunstância que me refere Francisco Barreto, dizendo-me que V. Ex.ª o MANDARA ler, entendo que é o sermão do Banquete; mas este, como ele aponta, é de uma dominga da Quaresma; e assim não posso atinar qual seja. (CVB CXCI - Linhas 042-047)

270. Lembro-vos que el-rei Xerxes, que pelo grande poder e pela sua bela presença foi respeitado como o próprio Júpiter, [] vendo arruinar-se pelo ímpeto das ondas a famosa ponte que TINHA MANDADO fabricar sobre o estreito do

Helesponto, para se comunicarem Ásia com Europa, determinou vingar-se das ondas e ordenou por sentença do seu Conselho que as águas do mar fossem castigadas com um cento de açoites, os quais efectivamente se lhes deram em sua presença, ajuntando ele ao suplício as muitas injúrias que disse às mesmas águas. (CCO 007 – Linhas 018-025)

Na língua falada, também são os verbos de atividade os que mais condicionam o uso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta, como será apresentado nas tabelas 60 e 61:

Tabela 60 – Tipo de verbo *versus* emprego do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* de língua falada de Portugal nas décadas de 70 e 90

DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**TIPO DE VERBO**				
		Ativ.	**Comp.**	**Dic.**	**Est.**	**TOTAL**
70	IdPt3C	-	-	-	1	**1**
	%	-	-	-	**100,0**	**100,0**
90	IdPt3S	2	-	-	-	**2**
	%	100,0	-	-	-	**100,0**
	IdPt3C	5	1	2	-	**8**
	%	**62,5**	**12,5**	**25,0**	**-**	**100,0**

Os dados coletados da língua falada de Portugal ratificam a tendência de emprego do pretérito mais-que-perfeito com verbos de atividade seguidos pelos verbos *dicendi*.

Exemplos:

a) **Verbos de atividade ou ação**

271. - nunca, nunca, nunca. e aconteceu-me, com o Dacota. na ida para o Porto, havia um que a porta estava empenada. e por mais relatórios que se fizessem nunca mandavam

arranjar. e então era preciso muita força, para fechar aquela porta. e, e mesmo nós de dentro não conseguíamos fechar, não é, tinham que ser os mecânicos de fora. aquilo FECHARAM-na mal. eu ia na última cadeira, e começo a ouvir, pac-pac-pac. era a porta aberta. bem, aquilo, a pessoa era sugada, lá ia uma pessoa, não é, mas só que ainda ia assim, na linha de voo, e eu fui chamar. nunca me esqueceu daquele sujeito. (Oc-P-90-2f-007 – Linhas 030-034)

272. acho eu, acho que era em perspectiva. havia um que TINHA DESENHADO, não sei qual era o tema, a música? acho que era a música. e então eles TINHAM DESENHADO um, uma guitarra (VARPORT Oc-P-90-1f-008 Linhas: 012-014)

b) Verbos compactos

273. - não, mas, mas o, o, o, esse senhor era do mais inconveniente que há. que [...], eh, e um dia, deu uma caçada, costumava dar uma caçada, e aquele corpo diplomático, e estava o presidente da república. e entretanto, há um senhor que se sente mal e morreu, lá na herdade. ah, ficou muito preocupado, e lá conseguiram meter o homem num carro, [...] para fingir que TINHA MORRIDO em Lisboa. (Oc-P-RE-3m-009 – Linhas 084-089)

c) Verbos dicendi (ou declarativos)

274. - e isso também é um bocad[...], quando eu disse aos meus filhos que TINHA DITO na aula, aqui há, eh, há para aqui há uns seis ou sete ou oito anos, eh, seis, seis anos, TINHA DITO na aula aos meus alunos que há palavras que começam a aparecer na língua, trazidas de vários sítios e não sei quê, eh, o caso dos retornados e não sei quê, que quando começou a aparecer o bué da não sei quê, o bué da, da, da, da, da... . (VARPORT Oc-P-RE-3f-011 Linhas 243-247).

d) Verbos de estado

275. - por exemplo, com a, tivemos uma pessoa que se interessou imenso por isso que foi a Olga Violante. temos que lhe fazer justiça, que foi a que levantou o canto, o, parte das aulas de canto coral, cá em Portugal, que estava isto realmente muito por baixo. em tempos TINHA SIDO bom, depois isto foi, foi descendo, descendo, descendo, descendo, enfim, estava bastante mal. mas... conseguiu, realmente com muita luta, fazer subir isto um pouco, e as aulas de canto coral que a, que outrora eram uma brincadeira, que as papás e as mamãs diziam que os meninos sofriam da garganta, etecétera, etecétera, para não, não darem aula, agora quase que já não há essa relutância

pela aula, pelo contrário. sente-se que as raparigas estão satisfeitas na aula, que se interessam e que se estão interessando bastante pelos assuntos musicais, bastante até. (VARPORT Oc-P-70-3f-003 Linhas: 056-065)

Também na língua falada do Brasil, os verbos de atividade são os que mais condicionam o uso do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples e composta.

Tabela 61 – Tipo de verbo *versus* emprego do pretérito mais-que-perfeito simples e composto no *corpus* de língua falada do Brasil nas décadas de 70 e 90

DÉCADA	**TEMPO VERBAL**	**TIPO DE VERBO**					
		Ativ	**Comp**	***Dic***	**Pos**	**Psic**	**TOTAL**
70	IdPt3S	3	-	1	-	-	4
	%	**75,0**	-	**28,0**	-	-	**100,0**
	IdPt3C	17	1	-	2	3	23
	%	**73,9**	**4,3**	-	**8,7**	**13,0**	**100,0**
90	IdPt3S	6	-	-	1	-	7
	%	**85,7**	**-**	**-**	**14,3**	**-**	**100,0**
	IdPt3C	14	-	-	-	3	17
	%	**82,4**	**-**	**-**	**-**	**17,6**	**100,0**

Deve-se, entretanto, novamente salientar que o mais-que-perfeito já não ocorre com todos os tipos de verbos, por já ser o seu uso, principalmente, na língua falada, bastante restrito.

Exemplos:

a) **Verbos de atividade ou ação**

276. Mas depois que o, que a pessoa que, que essa primeira pessoa comprou, eu com uma certa dor de cotovelo passei por aqui algumas vezes sempre pra ver o andamento das

obras e tal, um olho comprido e vi mais ou menos o que eles FIZERAM, por exemplo, tinha uma por... Não se... não sei se você reparou que as outras casas quase todas têm uma porta só. (NURC RJ70 Inq. 101Linhas 055-063).

277. Que, absolutamente, tudo isso não existia, isso não existia, aqui nessa quadra existia somente essa casa, na quadra de lá existiam várias casas que hoje tudo transformadas em de, em apartamentos, em prédios de apartamentos, e ali daqui, meu, o quarto de meu filho era esse aqui e não, eu não HAVIA COMPRADO esse terreno, esse terreno eu comprei posteriormente, ele via o mar porque aqueles prédios ali não existiam, então começou a edificação na, nessa zona bastante intensa né, essa é outra fase, e agora é a fase atual da cidade de Salvador, que é uma cidade muito movimentada, ... NURC SSA90 Inq. 013R Linhas 89-96)

b) Verbos compactos

278. Antes de eu começar a trabalhar na enciclopédia eu peguei um avião resolvi ir assim correndo, ela tinha tido, o pai dela TINHA MORRIDO, e eu soube disso só um mês depois então eu fiquei achando que ela podia estar precisando de mim, ela é filha única, né, três filhos e o pai estava morando com ela já há alguns anos. (NURC RJ70 Inq. 101 Linhas 441-445).

279. Era um momento importante no mundo, porque você vê, ACONTECERA a revolução russa e teoricamente foi a primeira grande vitória do trabalhador. (NURC RJ90 Inq. 164 Linhas 036-038).

c) Verbos dicendi (ou declarativos)

280. Eu fui noutro dia porque DISSERAM que era bom e gostei muito, esse "Independência ou Morte", né? (NURC RJ70 Inq. 124 Linhas 289-290).

281. - e isso também é um bocad[...], quando eu disse aos meus filhos que TINHA DITO na aula, aqui há, eh, há para aqui há uns seis ou sete ou oito anos, eh, seis, seis anos, TINHA DITO na aula aos meus alunos que há palavras que começam a aparecer na língua, trazidas de vários sítios e não sei quê, eh, o caso dos retornados e não sei quê, que quando começou a aparecer o bué da não sei quê, o bué da, da, da, da, da... . (VARPORT Oc-P-RE-3f-011 Linhas 243-247).

d) Verbos de posse

282. Eu aluguei arranjando, catando fiador na rua, porque nunca TINHA TIDO fiador. (NURC RJ70 Inq. 048 Linhas 220-221).

283. Antes de eu começar a trabalhar na enciclopédia eu peguei um avião resolvi ir assim correndo, ela TINHA TIDO, o pai dela tinha morrido, e eu soube disso só um mês depois então eu fiquei achando que ela podia estar precisando de mim, ela é filha única, né, três filhos e o pai estava morando com ela já há alguns anos. (NURC RJ70 Inq. 101 Linhas 441-445).

e) Verbos psicológicos

284. -- Era uma coisa assim. Creio que é isso mesmo. Mas eu nunca empreguei este nome, porque nunca TINHA VISTO escrito... (NURC SSA 70 Inq. 094 Linhas 547-549)

285. Porque TINHA SABIDO de uma situação semelhante com uma pessoa que eu quero muito bem. Preferia não ter visto. Eu acho que a gente vai ao cinema, eu que vou pouco, vou para me distrair, como uma forma de lazer e não como uma forma de prolongar angústias, aflições do dia-a-dia. (NURC RJ70 Inq. 259 Linhas 035-038).

Observando os dados coletados da língua escrita e da língua falada, verifica-se haver a mesma tendência: – os verbos de atividade são os que mais condicionam o emprego do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta – tanto nos textos de Portugal, quanto nos do Brasil.

6.2.1.4 Variáveis discursivas

- **Tipo de carta**

Objetivando observar se o tipo de carta seria determinante para o emprego do pretérito mais-que-perfeito em suas formas simples ou composta, foram analisadas cartas oficiais e pessoais, tendo como pressuposto que as

cartas pessoais – trocadas entre familiares e amigos – por serem mais informais, tenderiam a um menor uso do mais-que-perfeito simples.

Tabela 62 – Tipo de carta *versus* emprego do mais-que-perfeito simples ou composto no *corpus* de língua escrita do Brasil e de Portugal

PAÍS	TIPO DE CARTA	TEMPO VERBAL		
		IdPt3S %	IdPt3C %	TOTAL
PORTUGAL	OFICIAL	147	24	171
		86,0	**14,0**	**100,0**
	PESSOAL	221	138	359
		61,6	**38,4**	**100,0**
BRASIL	OFICIAL	75	38	113
		66,4	**33,6**	**100,0**
	PESSOAL	294	125	419
		70,2	**29,8**	**100**

Como pode ser observado, a hipótese inicial não foi confirmada, tendo em vista que é exatamente nas cartas pessoais que o pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples, apresenta maior índice de uso, tanto nos textos escritos em Portugal, quanto nos escritos no Brasil.

- **Grau de formalidade**

É sabido que, nos textos epistolares, dependendo da situação em que se encontra o emissor, e principalmente de quem é o seu destinatário, o nível de formalidade pode variar. O grau de formalidade apresenta, segundo Travaglia (2001), na língua escrita e na falada, um conjunto específico de variedades. As variedades de grau de formalidade da língua escrita apresentam uma maior tendência para a regularidade. Entretanto, é importante

salientar que, em cada caso, existe uma mesma relação entre os níveis de grau de formalismo propostos para o uso da língua.

Examinados os textos, observou-se entre as cartas pessoais, algumas mais formais que outras, o mesmo ocorrendo com as cartas oficiais. Uma vez classificadas as cartas como [+ formais] ou [- formais] e analisado o emprego do mais-que-perfeito simples ou composto, verificou-se, ser a preferência pelo emprego desse tempo verbal na sua forma simples ou composta diferente entre os autores portugueses ou brasileiros.

Tabela 63 – Grau de formalidade *versus* emprego do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto no *corpus* consultado

	GRAU DE FORMALIDADE				
PAÍS	IdPt3S		IdPt3C		**TOTAL**
	FORMAL [+]	**FORMAL [-]**	**FORMAL [+]**	**FORMAL [-]**	
PORTUGAL	147	24	221	138	**530**
%	**27,7**	**4,5**	**41,7**	**26,0**	**100,0**
BRASIL	102	267	52	111	**532**
%	**19,2**	**50,2**	**9,8**	**20,9**	**100,0**

Observando-se, separadamente, os resultados obtidos nos textos do português europeu e do português brasileiro, nota-se que os autores portugueses utilizam mais a forma composta em textos com maior grau de formalidade, enquanto os autores brasileiros, a empregam mais em textos com menor grau de formalidade.

Exemplos:

a) texto [+ formal]

286. Muito homrrado Cõde. Jõa Mõteyro me dyxe oye pola manhã que TYNHA VYSTÓS e EMÊDADOS os apomtamêtos que am d'yr a Roma. (CIL 004 – Linhas 001-003)

287. Muito ESTIMARA poder remeter a V.Ex.ª com esta todas as cartas, que grandes e pequenos eclesiásticos escreveram nesta ocasião ao Brasil, e as vozes universais sem excepção, com que V.Ex.ª é aclamado por única coluna e pai da Pátria, e em anos que todos desejam não só perpetuados muito largamente, mas que sejam imortais. (CPV CXC Linhas 017-023)

b) texto [- formal]

288. Oh!, infeliz, que foste enganado e a mim enganaste também com esperanças ilusórias. Uma paixão sobre a qual TINHAS FEITO tantos projetos de prazeres não te causa agora mais do que um mortal desespero, só comparável à crueldade da ausência que o provoca. (CMA 1 - Linhas 001-008)

289. O professor ficou surpreendido: de fato ele LERA em aula “romances de Lúcio Cardoso” mas não FALARA nas poesias porque naquele tempo só conhecia algumas publicadas nos Cadernos da Hora Presente. (CCL 011 Linhas 066-069)

6.2.2 Variáveis extralinguísticas

6.2.2.1 Língua escrita

No tocante à língua escrita, as variáveis extralinguísticas – local e época em que foram escritos os textos – já foram discutidas no início desse capítulo, quando se procurou demonstrar o emprego do mais-que-perfeito em textos de Portugal e do Brasil, nos vários séculos, ocasião em que foram também tecidos os devidos comentários.

6.2.2.2 Língua falada

Após analisar as variáveis independentes linguísticas e extralingüísticas na língua escrita, serão analisadas, para a língua falada as

variáveis extralinguísticas: ano e local em que foi realizado o inquérito, gênero e faixa etária dos informantes.

- **Ano de ocorrência**

Como já especificado anteriormente foram analisados inquéritos das décadas de 70 e 90 dos Projetos VARPORT (Portugal) e NURC (Brasil), cujos resultados podem ser observados na tabela 64:

Tabela 64 – Emprego do pretérito mais-que-perfeito simples e composto na língua falada de Portugal e do Brasil nas décadas de 70 e 90 .

PAÍS	DÉCADA	TEMPO VERBAL		
		IdPt3S %	IdPt3C %	TOTAL
PORTUGAL	70	-	1	1
			100,0	100,0
	90	2	8	10
		20,0	80,0	100,0
BRASL	70	4	23	27
		14,8	85,2	100,0
	90	7	17	24
		29,2	70,8	100,0

Observando os dados apresentados na tabela 64, no que se refere aos textos de língua falada de Portugal, apesar do baixo índice de ocorrências do mais-que-perfeito, nota-se, também, nas décadas de 70 e 90, o predomínio da forma composta. Interessante observar, ainda, que enquanto na década de 70 não há nenhuma ocorrência da forma simples, na década de 90 essa forma "reaparece" nos inquéritos analisados.

No Brasil, também o índice de uso da forma composta supera o da simples nas duas sincronias. Se for considerado apenas o número de

ocorrências do mais-que-perfeito simples e composto, em 1970 e em 1990, pode-se afirmar não haver uma diferença significativa quanto à forma empregada do mais-que-perfeito nestas duas décadas. Entretanto, chama à atenção a diminuição no número de ocorrências da forma composta e o aumento no número de ocorrências da forma simples, de 1970 para 1990 como pode ser visualizado no gráfico 11:

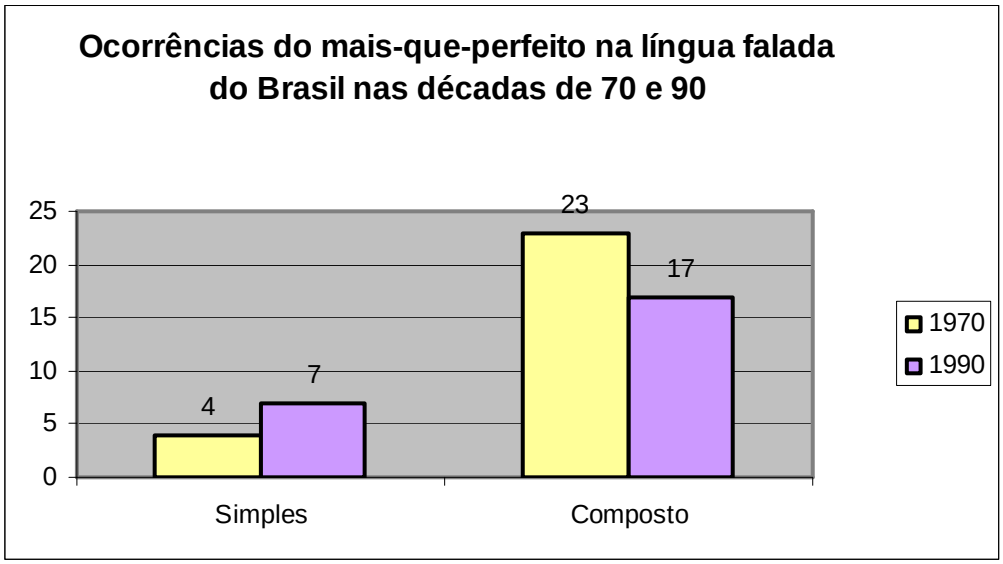


Gráfico 10: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nas décadas de 70 e 90 no c*orpus* de língua falada do Brasil

Confrontando as ocorrências do pretérito mais-que-perfeito nos dois países tem-se o seguinte resultado:

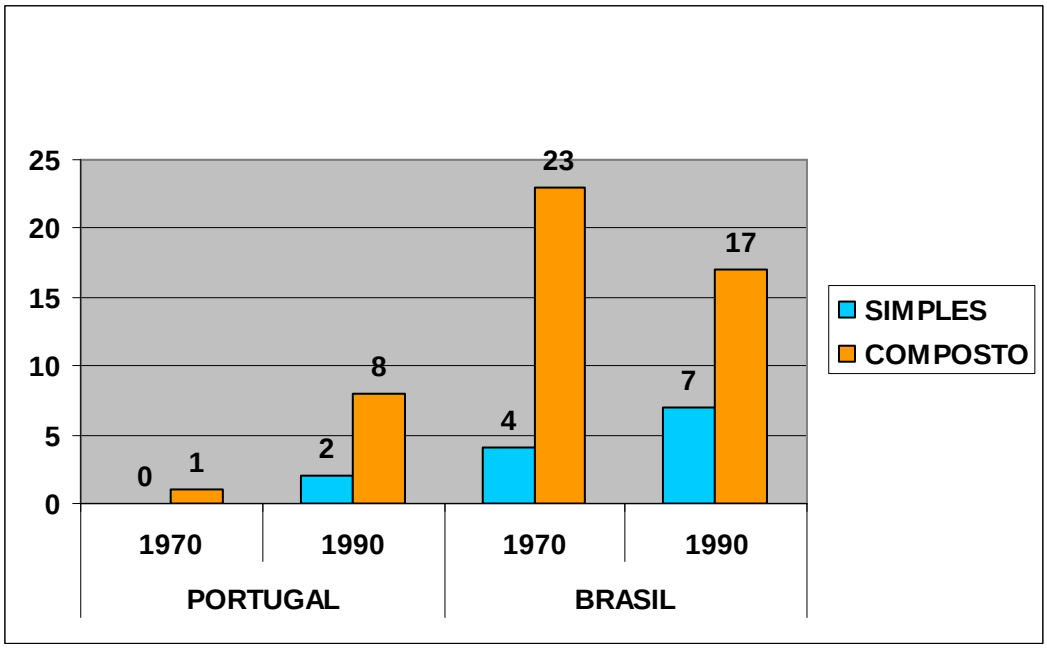


Gráfico 11: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nas décadas de 70 e 90 no c*orpus* de língua falada de Portugal e do Brasil

- **Local**

Outro fator que pode condicionar a ocorrência do tempo verbal em estudo é a localidade na qual os enunciados são produzidos, pois, como afirma Sapir (1954, p. 46) a língua é " um complexo de símbolos que reflete todo o quadro físico e social de um grupamento humano alocado em um espaço geográfico". O espaço tem características que são repassadas à fala de seus habitantes, o que os tornam bastante específicos.

Os dados pertinentes a esse indicativo na língua falada foram apresentados nas tabelas 10, 11, 12 e 13 e já devidamente comentados (cf.p. 197-199).

Observando os dados apresentados nessas tabelas, nota-se que há um pequeno crescimento no emprego da forma simples na década de 1990, nos dois países (cf. gráfico 12). Interessante observar que apenas no Rio de Janeiro, na década de 70 (cf. gráfico 13), houve quatro ocorrências da forma simples.

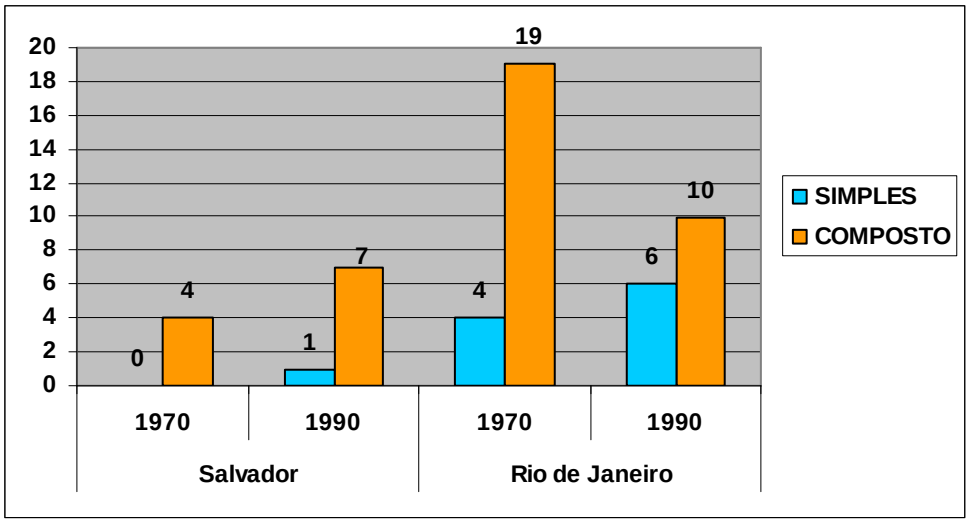


Gráfico 12: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e composto nas décadas de 70 e 90 no c*orpus* de língua falada das cidades de Salvador e Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro se mostra, dentre os locais estudados, como o que mais utiliza o pretérito mais-que-perfeito, tanto na forma simples, quanto na composta nas duas décadas.

- **Gênero**

Como é sabido, nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea, o que significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades dentre as quais as referentes à idade e ao gênero dos informantes.

Inicialmente será analisado o gênero, objetivando constatar se é um elemento determinante para o emprego do pretérito mais-que-perfeito, nas suas formas simples ou composta. Para isso, foram analisados, como já explicado, inquéritos dos dois gêneros, masculino e feminino contemplados pelos Projetos VAPORT e NURC. Parte-se da hipótese de que o mais-que-perfeito simples é mais empregado pelos informantes do gênero feminino, segundo Labov, mais conservador, isto é, mais preocupadas com o emprego de formas canônicas, preservadas pela tradição gramatical.

Tabela 65 – Ocorrências por gênero do mais-que-perfeito na língua falada de Portugal e do Brasil nas décadas de 70 e 90

PAÍS	DÉCADA / TEMPO VERBAL	GÊNERO				
		MASCULINO		FEMININO		
		IdPt3S %	IdPt3C %	IdPt3S %	IdPt3C %	**TOTAL %**
PORTUGAL	**70**	-	1	-	-	**1**
		-	**100,0**	-	-	**100,0**
	90	-	3	2	5	**10**
		-	**30,0**	**20,0**	**50,0**	**100,0**
BRASL	**70**	2	8	2	15	**27**
		7,4	**29,6**	**7,4**	**55,6**	**100,0**
	90	4	6	3	11	**24**
		16,7	**25,0**	**12,5**	**45,8**	**100,0**

Como se pode observar, tanto em Portugal, quanto no Brasil, é o gênero feminino, no *corpus* consultado, o que mais utiliza o pretérito mais-que-perfeito. Nota-se, entretanto, que é a forma composta a mais empregada tanto pelo gênero masculino, quanto feminino nos dois países.

- **Faixa etária**

Os dados do *corpus*, como já foi salientado, estão distribuídos em três faixas etárias: F1, F2 e F3. A hipótese formulada foi a de que, tendo em vista o pouco uso desse tempo verbal na língua falada, especialmente em sua forma simples, fosse o mais-que-perfeito mais empregado pelos falantes pertencentes à Faixa etária 3, por serem as pessoas mais idosas, mais conservadoras, tendendo os jovens a apresentarem mais inovação.

A tendência dos mais jovens apresentarem a inovação já tem sido atestada em vários estudos, a exemplo da pesquisa realizada por Labov, em

1972, com os habitantes da Ilha de Martha´s Vineyard, em que ficou comprovado que os mais velhos preservavam a pronúncia do ditongo /aj/ não centralizada, enquanto os mais novos preferiam a centralização.

Nesta pesquisa foram obtidos os seguintes dados:

Tabela 66 – Ocorrências por faixa etária do mais-que-perfeito na língua falada de Portugal e do Brasil nas décadas de 70 e 90

PAÍS	FAIXA ETÁRIA / TEMPO VERBAL	DÉCADA				
		70		90		TOTAL %
		IdPt3S %	IdPt3C %	IdPt3S %	IdPt3C %	
PORTUGAL	FAIXA 1 (25 – 35 anos)	-	-	-	-	-
		-	-	-	-	-
	FAIXA 2 (36 – 55 anos)	-	-	-	-	-
		-	-	-	-	-
	FAIXA 3 (mais de 56 anos)	-	1	8	2	**11**
		-	**9,1**	**72,7**	**18,2**	**100,0**
BRASL	FAIXA 1 (25 – 35 anos)	-	5	4	1	**10**
		-	50,0	40,0	10,0	**100,0**
	FAIXA 2 (36 – 55 anos)	2	12	5	3	**22**
		9,1	54,5	22,7	13,6	**100,0**
	FAIXA 3 (mais de 56 anos)	2	6	8	3	**19**
		10,5	31,6	42,1	15,8	**100,0**

Como se pode observar, a terceira faixa etária, a de informantes com mais de 56 anos, é a única que utiliza o pretérito mais-que-perfeito em Portugal, o que demonstra o desuso desse tempo verbal pelos mais jovens. No Brasil, entretanto, o mais-que-perfeito é usado por informantes das três faixas etárias, sendo mais empregado pelos informantes da faixa 2, o que pode ser explicado, talvez, pelo fato de serem os indivíduos dessa faixa etária, os que

estão em atividade, inseridos em um mercado de trabalho e, consequentemente, mais preocupados com o desempenho linguístico.

Os dados correspondentes à língua falada, entretanto, demonstraram com evidência o pouco uso dessa forma verbal, especialmente na sua forma simples.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o emprego do mais-que-perfeito, notadamente na sua forma simples, vem decrescendo, sendo, paulatinamente, substituído pela forma composta na língua falada e mesmo na escrita, o objetivo da presente pesquisa consistiu na análise desse tempo verbal em textos escritos dos séculos XVI a XX e falados do século XX, do Brasil e de Portugal, no intuito de avaliar a frequência de uso e os valores por ele desempenhados em suas formas simples e composta, através dos séculos.

Duas hipóteses foram estabelecidas: (i) somente no século XX dá-se a preferência pelo emprego do mais-que-perfeito composto, época em que também decresce o seu uso equivalendo ao futuro do pretérito do Indicativo ou ao pretérito imperfeito do Subjuntivo; e, (ii) o emprego do pretérito mais-que-perfeito nas formas simples e composta, nos textos do português moderno e contemporâneo, obedece a critérios específicos, tais como tipo de gênero, variação de registro. Inicialmente, foram analisadas e computadas as ocorrências do mais-que-perfeito simples e composto nos textos de língua escrita e falada, componentes do *corpus* e verificados os valores assumidos pelas formas simples e composta desse tempo verbal.

Com base nos dados do *corpus* de língua escrita analisados, pode-se afirmar que o século XVIII é o divisor de águas para o emprego do pretérito mais-que-perfeito na língua escrita, nos textos do português europeu e do português brasileiro. Nos séculos XVI e XVII, o emprego do mais-que-perfeito simples predomina nos dois países. A partir do século XVIII o seu índice de uso decresce abruptamente (de 143 ocorrências para 32 ocorrências) em Portugal. A tendência à queda permanece até o século XIX. No século XX, o emprego da forma simples volta a ter um pequeno crescimento (de 20 ocorrências no século XIX para 26 no século XX). Já o emprego do mais-que-perfeito composto cresce até o século XVIII, e a partir daí decresce século a século (cf. gráfico 1). Nos textos do português do Brasil, tanto a forma simples, quanto a composta apresentam crescimento nos séculos XVI e XVII. O emprego da forma simples

predomina nos dois séculos, tendo um índice de mais de 50%, no século XVII em relação à forma composta. No século XVIII, assim também como em Portugal, o índice de uso das duas formas decresce abruptamente. O emprego da forma simples predomina ainda nos séculos XVIII e XIX, só sendo superado pelo emprego da forma composta no século XX (cf. gráfico 2). Assim, com base no *corpus* analisado, o uso de pretérito mais-que-perfeito simples parece ter decrescido, inicialmente, em Portugal.

No corpus de língua falada do século XX, de Portugal e do Brasil, o mais-que-perfeito é pouco empregado, tanto nos inquéritos da década de 70, quanto nos da década de 90, especialmente, na sua forma simples, apresentando, contudo, um maior índice de uso na década de 90, nos dois países. Deve-se ressaltar, ainda, nessa década, nos dois países, o emprego da forma simples, embora esporadicamente.

Em relação aos valores assumidos pelo pretérito mais-que-perfeito, constatou-se que, na língua escrita, nos séculos XVI e XVII, o pretérito mais-que-perfeito simples substitui qualquer um dos tempos verbais do período hipotético: o futuro do pretérito do Indicativo simples ou composto, o imperfeito e o mais-que-perfeito do Subjuntivo. A partir do século XVIII, o emprego do mais-que-perfeito simples com valor de outros tempos verbais também decresce, vindo a equivaler unicamente à forma composta, em textos do século XX.

O pretérito mais-que-perfeito composto equivale exclusivamente ao mais-que-perfeito simples em quase todos os textos dos autores dos diferentes séculos estudados. Exceção apenas ocorreu nos textos de Francisco Xavier de Oliveira (século XVIII), em que, por duas vezes, o pretérito mais-que-perfeito composto corresponde ao pretérito imperfeito do Subjuntivo e ao futuro do pretérito do Indicativo.

Visando detectar possíveis causas para o restrito emprego desse tempo verbal no português contemporâneo, foram definidas variáveis independentes (grupo de fatores), que foram subdivididas, para a língua escrita em: 1) linguísticas: (i) sintáticas - tipo de período, tipo de oração, transitividade, presença de advérbios na sentença); (ii) morfológica - saliência morfológica; (iii) semânticas - animacidade do sujeito e tipo de verbo; 2) discursivas - tipo de texto e grau de formalidade; e, 3) extralinguísticas - local e época em que foram escritos os textos. Já para a língua falada, selecionaram-se as mesmas

variáveis linguísticas, anteriormente mencionadas, incluindo-se, nas variáveis extralinguísticas, além do local e data em que foram produzidos os diálogos, o gênero e a faixa etária dos informantes. Pode-se afirmar que a maior parte dos resultados obtidos não foi relevante para determinar possíveis causas para o emprego de uma ou de outra forma desse tempo verbal.

Em relação às variáveis independentes sintáticas, detectou-se ser, tanto no *corpus* de língua escrita de Portugal, quanto no do Brasil, o **período** composto o que condiciona o emprego do mais-que-perfeito em suas formas simples e composta. O mesmo ocorre na língua falada, nas duas sincronias em estudo. No tocante ao **tipo de oração** em que ocorre o mais-que-perfeito, nas cartas dos autores portugueses a forma simples é mais empregada em orações subordinadas adverbiais (30,3%), principais (20,8%), substantivas (20,3%) e adjetivas (19,7%); já a forma composta é mais empregada também nas adjetivas (33,5%), substantivas (28,0%) e principais (20,5%). Nas cartas de autores brasileiros, são as orações substantivas (27,0%), adjetivas (25,9%) e adverbiais (24,5%) as que mais favorecem o emprego da forma simples, enquanto a forma composta é mais empregada em orações subordinadas adjetivas (46,6%), substantivas (28,2%), e principais (10,4%) (cf. tabela 44).

A forma simples é bastante empregada em **períodos hipotéticos**, em contextos de modalidade *irrealis*, com características específicas em cada século:

a) **século XVI**, o mais-que-perfeito simples é usado na apódose correspondendo ao futuro do pretérito simples ou ao futuro do pretérito composto e na prótase, ao imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo;

b) **século XVII,** há na apódose, tempos verbais diversos: o mais-que-perfeito simples correspondendo ao futuro do pretérito em uma oração e o próprio futuro do pretérito na segunda coordenada, enquanto na prótase é empregado o imperfeito do Subjuntivo. Nas cartas do Padre Antonio Vieira, encontra-se o mais-que-perfeito do Indicativo com o valor do mais-que-perfeito do Subjuntivo, na prótase, enquanto que na apódose ocorre o futuro do pretérito simples;

c) **século XVIII**, o mais-que-perfeito simples correspondendo ao futuro do pretérito ocorre na apódose, ao lado desse tempo verbal, enquanto na

prótase é empregado o imperfeito do Subjuntivo; há ainda a ocorrência do mais-que-perfeito simples na prótase e na apódose, embora a estrutura mais comum seja a do mais-que-perfeito simples, correspondendo ao imperfeito do subjuntivo na prótase, em correlação com o futuro do pretérito simples, na apódose, e ainda, na apódose, correspondendo ao futuro do pretérito do verbo auxiliar do futuro do pretérito composto, em correlação com o imperfeito do subjuntivo na prótase;

d) no **século XIX,** aparece apenas uma ocorrência do pretérito mais-que-perfeito em período hipotético, nas cartas de Machado de Assis, na prótase e na apódose.

e) No **século XX,** não há ocorrências do mais-que-perfeito simples correspondendo aos outros tempos verbais no *corpus* de língua escrita ou no de língua falada de Portugal ou do Brasil.

Em relação à língua falada, nos dados de Portugal e do Brasil é muito reduzido o uso do pretérito mais-que-perfeito, havendo um pequeno aumento na década de 90. Na década de 70, nos inquéritos de Portugal, há apenas uma oração coordenada utilizando a forma composta. Na década de 90, os portugueses empregam mais vezes o mais-que-perfeito composto em orações substantivas (33,3%), adjetivas (22,2%) e coordenadas (22,2%); a forma simples apareceu em uma oração principal e em uma oração subordinada adjetiva (cf. tabela 45). Nos dados do Brasil, na década de 70, a forma simples é empregada em duas orações adjetivas (50,0%) e duas adverbiais (50,0%) e a forma composta em orações adverbiais (30,4%), adjetivas (17,4%) e principais (17,4%). Na década de 90, também a forma composta é a mais utilizada em orações coordenadas (58,8%) e adjetivas (35,3%), enquanto a forma simples é mais empregada nas orações coordenadas (42,9%) seguidas das adjetivas e adverbiais com 28,6% cada (cf. tabela 46). Esse fator não foi, pois, significativo para determinar a escolha da forma simples ou composta do pretérito mais-que-perfeito.

Outro grupo de fatores analisado foi a **presença ou ausência de advérbios** na sentença, que também não se mostrou muito significativo para o emprego do mais-que-perfeito. Na verdade, tanto em Portugal, quanto no Brasil, na língua escrita e falada, é a ausência de advérbios que realmente

parece condicionar o emprego do pretérito mais-que-perfeito na forma simples ou na composta (cf. tabelas 47, 48 e 49).

A análise da **transitividade** revelou ser o mais-que-perfeito simples ou composto mais empregado como verbos transitivos diretos, sendo a forma simples bem mais utilizada que a composta, tanto nas cartas de Portugal, quanto nas do Brasil. Não há diferença entre os resultados da língua escrita e da falada: o verbo transitivo direto é o que mais condiciona o emprego do mais-que-perfeito nas formas simples e composta nos inquéritos de Portugal e do Brasil, embora nessa modalidade da língua seja a forma composta a mais empregada. (cf. tabelas 50, 51 e 52).

A **saliência morfológica** parece ser um fator condicionante para o emprego do pretérito mais-que-perfeito simples na língua escrita; na falada, entretanto, é a forma composta, em virtude da simples estar praticamente em desuso, a que é empregada com verbos de padrão geral ou de padrão especial. (cf. tabelas 53,54 e 55)

A **animacidade do sujeito**, analisada como uma variável semântica, demonstrou que o sujeito [+ animado + humano] favorece o emprego do mais-que-perfeito em suas formas simples e composta, nas cartas dos autores portugueses e nas dos brasileiros. Nos inquéritos de língua falada, o resultado é o mesmo nas duas sincronias e localidades. Esse resultado pode, talvez, ser explicado pelo tipo de texto e pela temática dos inquéritos analisados. (cf. tabelas 56, 57 e 58).

O **tipo de verbo**, também analisado como uma variável semântica, demonstrou que os verbos de atividade ou ação são os que mais condicionam o uso do mais-que-perfeito nas formas simples e composta, nos textos de língua escrita, sendo maior o índice de uso da forma simples. Cabe destacar que o emprego do mais-que-perfeito composto salienta-se com esse tipo de verbo nos textos dos dois países, sendo esporádico o seu emprego como outros tipos de verbos, diferentemente da forma simples que apresenta um emprego significativo também com verbos psicológicos, modais e de estado. Os inquéritos de língua falada confirmam a tendência de um maior índice de uso do pretérito mais-que-perfeito com verbos de atividade. (cf. tabelas 59,60 e 61)

A variável discursiva, **tipo de carta**, não confirmou a hipótese inicial de que, nas cartas pessoais, o pretérito mais-que-perfeito composto seria o mais empregado. O resultado obtido mostrou exatamente o contrário do esperado: é a forma simples que apresenta o maior índice de uso quer nos textos escritos em Portugal, quer nos escritos no Brasil. (cf. tabela 62)

A análise do **grau de formalidade** demonstrou que há um comportamento inverso entre os autores portugueses e brasileiros: enquanto os primeiros optam pela forma composta em textos com maior grau de formalidade, os brasileiros preferem a forma simples, utilizando a composta para aqueles com menor grau de formalidade. (cf. tabela 63)

As variáveis extralinguísticas analisadas foram **ano** e **local** em que foram escritos os textos ou realizados os inquéritos. Os resultados pertinentes à língua escrita já foram apresentados no início dessas Considerações. Em relação à língua falada, nos inquéritos de Portugal, notou-se que, apesar do baixo índice de ocorrências do mais-que-perfeito, há o predomínio da forma composta nas duas décadas. Nos inquéritos do Brasil, embora haja um número maior de ocorrências, também a forma composta se sobrepõe. Esse resultado não traz nenhuma surpresa, uma vez que se sabe e vários autores afirmam que o pretérito mais-que-perfeito simples está praticamente em desuso na língua falada. Entretanto, há um fato que chama a atenção na análise dos dados do Brasil, a tendência de crescimento da forma simples de 1970 (4 ocorrências) para 1990 (23 ocorrências), enquanto a forma composta apresenta um crescimento mais lento - de 7 ocorrências em 1970 para 17, na década de 90 (cf. tabela 64).

No *corpus* de língua falada, Portugal e Brasil apresentam a mesma tendência. Entretanto, se observados os índices de uso do mais-que-perfeito nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, percebe-se que, o Rio de Janeiro é a cidade que mais utiliza o pretérito mais que perfeito na forma simples ou na composta nas duas décadas.

Em relação ao **gênero**, é o gênero feminino, nos dois países, o que mais utiliza o mais-que-perfeito na forma simples ou na composta. (cf. tabela 65)

Quanto à **faixa etária**, nos inquéritos de Portugal, os informantes com mais de 56 anos são os únicos que empregam o pretérito mais-que-

perfeito nas duas décadas, e quando o fazem preferem a forma simples, o que prova estar o uso dessa forma verbal, não só restrito aos mais velhos, mais conservadores, mas também em processo de mudança, isto é, de visível substituição por outras formas verbais (cf. tabela 66).

Nos inquéritos do Brasil, o mais-que-perfeito é empregado pelas três faixas etárias, sendo mais evidente o seu emprego pelos informantes da F2, o que se pode explicar, como já foi salientado, pelo fato de serem os indivíduos desta faixa etária, os que estão em atividade, inseridos em um mercado de trabalho e, consequentemente, mais preocupados com o desempenho linguístico.

O estudo em tempo real de longa duração (século XVI – século XX) revelou novas tendências para o emprego do pretérito mais-que-perfeito simples ou composto, a partir do século XVIII. Já o estudo em tempo real de curta duração, em que foram analisados dados de fala das décadas de 70 e 90 do século XX, revelou que o mais-que-perfeito possui, na fala, um uso restrito, especialmente na sua forma simples, mas, ainda é usado , esporadicamente nessa modalidade da língua. O uso da forma simples do mais-que-perfeito evidencia-se em textos literários ou formais ou em expressões cristalizadas em que o tempo verbal se gramaticalizou como uma interjeição.

O pretérito mais-que-perfeito está caindo em desuso na modalidade oral da língua, na qual a forma perifrástica ainda ocorre. Pode-se admitir, pois, uma mudança em curso: o mais-que-perfeito composto substituindo o mais-que-perfeito simples. A variação parece ser determinada por fatores pragmático-discursivos que impulsionam o falante a escolher estruturas mais simples, tendo em vista uma comunicação eficiente.

Tomando por base os princípios apontador por Hopper (1991) pode-se afirmar estar havendo uma *especialização*, pois, as duas formas do mais-que-perfeito estão sendo empregadas em contextos diversos: o mais-que-perfeito simples em contextos mais formais e o mais-que-perfeito composto em contextos informais.

Quanto à sua possível substituição na língua falada pelo pretérito perfeito, fato citado por Coan (2003), mas não analisado na presente pesquisa, pode ser, talvez, interpretado como um caso de *renovação*.

No que se refere às hipóteses anteriormente formuladas, pois, pode-se afirmar que a segunda foi confirmada, isto é, o mais-que-perfeito simples e composto têm usos específicos nas modalidades escrita e oral; em relação à primeira, pode-se afirmar que a preferência pelo mais-que-perfeito composto parece ter, inicialmente, ocorrido em Portugal, no século XVIII, época em que também diminuiu o emprego desse tempo verbal equivalendo a outros tempos verbais do período hipotético. Quanto ao Brasil, só no século XX percebe-se a preferência por esse temo verbal na sua forma composta (cf. gráficos 1 e 2).

Os resultados aqui apontados se baseiam unicamente no *corpus* analisado; outros resultados poderão ser obtidos com base em outros *corpora*. Acredita-se, entretanto, ter essa pesquisa contribuído com alguns dados para ampliar o estudo dos caminhos trilhados pelo mais-que-perfeito através dos séculos.

7 REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. O princípio da adjacência e o grau de integração entre verbo e objeto. **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2001 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200007&lng=en&nrm=iso . Access on 30 jan. 2011.

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas de Amor** 2. ed. Rio de Janeiro: Imago. 1992.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. . São Paulo: Saraiva,1999.

_____. **Gramática latina**: curso único e completo. São Paulo:Saraiva, 1982.

ANDRADE, Mário. **Cartas de Mario de Andrade a Manuel Bandeira**. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1958.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **A gramática de Port-Royal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARGOTE, Jerónimo Contador de. **Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina.** 2a. impressão. - Lisboa Occidental : Off. da Musica, 1725. 356p. Disponível em http://purl.pt/10 . Data de acesso 17 jul. 2008.

AZEVEDO, João. Lúcio de. **Cartas do Padre Antonio Vieira**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970. Tomo 1.

_____. **Cartas do Padre Antonio Vieira**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971. Tomo 2.

BALLY, Charles. Linguistique genérale et linguistique française . Berna, 1942. In.: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português***:* a categoria e sua expressão. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

BANDEIRA**,** Joalêde Gonçalves**. O passado do passado**: o pretérito mais-que-perfeito nos século XVII e XVIII. In**.:** SEPESQ - Seminários de Pesquisa da UFBA, 2007.

BARBOSA, Afranio Gonçalves; LOPES, Célia Regina dos Santos ; CALLOU, Dinah Maria Isensee. (Organizadores). **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro:** Materiais para seu estudo. *UFRJ/CAPES/CNPq, 1994. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/ . Data de acesso: 10 mar. 2010.*

BARBOZA, Jerónimo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Lisboa : Academia Real das Sciencias, 1830. - XIV, 466 p. Disponível em: http://purl.pt/128 . Data de acesso: 17 jul. 2008.

BARRETO, Therezinha Maria de Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Tese de Doutorado. Salvador: PPGLL/ UFBA, 1999.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa.** 1540. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b_002 . Data de acesso 24 jun. 2008

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteiral, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 36. ed Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1997.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral** I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988. p. 53-59.

BERRINE, Beatriz. **As mãos da escrita.** In.: Biblioteca Nacional de Portugal. Depoimentos, 2007.

BERTINETTO, Pier Marco. **Il dominio tempo-aspectualle**: demarcazioni, Intersezioni, contrasti. Torino, Itália: Rosemberg & Séller, 1997

BOSI, Alfredo. **Historia concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2001. 528 p..

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) **Documentos históricos**. Correspondência dos governadores geraes: Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, Roque da Costa Barreto, Antonio de Sousa de Menezes, Marquez das Minas, Mathias da Cunha, Frei Manuel da Ressureição, Antonio Luiz da Câmara Coutinho, e da Junta Trina (1671-1692). Rio de Janeiro: Augusto Porto & C., 1928. v. 10.

BRANCO, Camilo Castelo. Correspondência e declaração intima. In: **Obra Seleta** .Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. ,v.I

BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963

BRANDÃO, Stilvia Figueiredo; MOTA, Maria Antônia (org.) **Análise contrastiva de variedades do português:** *Projeto luso-brasileiro em curso*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Série Projetos, vol. 1, 2000.

BYBEE, Joan; et al. **The evolution of grammar**: tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH,Brian D.; JANDA, Richard D. (eds.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford:Blackwell, 2003.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, J.; HOPPER, J. (eds.) **Frequency and the emergency of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976**.**

_____ **Estrutura da língua portuguesa**. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novaes **Cartas Brasileiras** (1809-1904) - Um estudo lingüístico-filológico. Volume 2, 1ª. Parte: Cartas avulsas para vários destinatários. Campinas, 2005a. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/va_004 em: 30 set. 2010.

_____. **Cartas brasileiras (1809 –1904):** um estudo lingüístico-filológico. Tese (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-graduação em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas. 2005b.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1967.

_____ A gramaticalização. **Estudos lingüísticos e literários**, v. 19, Salvador: PPGLL-UFBA, mar. 1997, p. 25-63.

_____. Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita ? **Impulso**, V. 2, n. 27, p. 59-72, 2000.

CASTRO, Ivo. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa : Universidade Aberta, 1991.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA (Francisco Xavier de Oliveira). **Cartas** (selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro). Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1982. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 02. dez. 2008.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 24. ed. São Paulo: Nacional, 1984. 587 p.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura lingüística**.Tradução de Maria Helena Moura Neves et al. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos S. A, 1975.

COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito**: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente. Tese (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

_____. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

COBRA, Rubem Q. **Existencialismo**. Brasília, 2001. Disonível em: www.cobra.pages.nom.br . Data de acesso: 10 dez. 2008.

COMRIE, Bernard. **Aspect:** an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge :: Cambridge University, 1976.

_____ . **Tense**. 2. ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília: Thesaurus, 2005.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro:Presença; São Paulo:USP, 1979.

COSTA, Pascasia Coelho da. **Os usos do mais-que-perfeito simples e sua substituição pelo tempo composto em textos representativos do português arcaico**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal da Bahia, 2003.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português***:* reflexão a partir de um fragmento do corpus do projeto Nurc*.* 1986. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 4.ed. ver. e aument. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

_____. **Pontos de gramática histórica***.* 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of the English Language**. Tradução: Marcos Bagno. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 4-5. Disponível em : http://marcosbagno.com.br/site2/conteudo/arquivos/for_crystal.htm. Data de acesso: 20 mar. 2011.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA , Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

DAHL, O. **On the Definition of the Telic-Atelic (Bounded – Nonbounded) Distinction**. New York: Academic Press, 1981.

DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. **Sintaxe histórica portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Clássica,1959.

DICIONÁRIO CRONOLÓGICO DE AUTORES PORTUGUESES, Vol. I, Lisboa, 1989. Disponível em: http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7024. Data de acesso: 22 jun. 2009.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**: the structure of the clause. Berlim: Mouton de Gruyter, 1989.

DUBOIS, Jean; et al. . **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1984.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria; MARTINS, J. P. Oliveira. **Correspondência.** Texto introdutório de Paulo Franchetti. Fixação do texto, notas e comentários de Beatriz Berrini. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 05. maio. 2009.

ELIA, Silvio. **Ensaios de filologia e lingüística**. São Paulo, Grifo,1975

ERNOUT, Alfred ; THOMAS, François. **Syntaxe Latine**. Paris : Libraire C. Klincksieck, 1989

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica**; uma introdução ao estudo da história das línguas. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2005.

FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática***:* Fonética e Fonologia,Morfologia, Sintaxe, Estilística. São Paulo: Ática, 2002.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. 524 p. (Biblioteca brasileira de filolofia14).

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia. A.G. **As concepções lingüísticas no século XIX.** Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p.38.

FIGUEIREDO, Antonio Candido de. **Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do seculo actual.** Rio de Janeiro: H. Antunes, [1924]. 208 p

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** Concurso de Livre-Docência. Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo São Paulo, 1994.

FORD, J. D. M. ; MOFFATT, L. G. **Letters of John III, King of Portugal.** Cambridge: Harvard University Press, 1933.

GALVES, Charlotte. Marie Chambelland. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: . CASTILHO; et al. (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007, v., p. 513-528.

GÂNDAVO, Pêro Magalhães de. **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa: com o diálogo que adiante se segue em defensão da mesma língua.** Maria Leonor Carvalhão Buescu, ed.. Lisboa: Biblioteca Nacional., 1574.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. A functional-typological introduction – Vol. I. Amsterdan: John Benjamins Publishing Company,1984.

_____ . **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

_____. Tense, Aspect and Modality in Functional Organization. In: **Syntax***: an* **introduction.** Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GODOI, Elena. **Aspectos do aspecto**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito. **ALFA 37**, São Paulo, 1993.

HALLIDAY, M. A. K. . The functional basis of language. In: BERNSTEIN, B. (Ed.). **Class, codes and control**. London: Routledge and Kegan Paul, 1973.

_____ . **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HAUY, Amini Boainain. **A história da língua portuguesa I**: séculos XII, XIII e XIV. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. (série Fundamentos).

HEIDEGGER, Martin. **O conceito de tempo**. Tradução de Marco Aurélio Werle, Cadernos de Tradução, n. 2, DF/USP, p. 6-39, 1997.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. ; JANDA, Richard D. (eds.) **The handbook of historical linguistics**. Blackwell Publishing, 2003.

HOPPER. P. On some principies of grammaticization. In: HOPPER, P. e TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles**. Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbentian, [1986]. 418 p.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos e língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

INSTITUTO CAMÕES. Eça de Queirós – Um cidadão do mundo. Número 39. Suplemento do **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Nº 809, Ano XXI, 03 de Outubro de 2001 .

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Traduzido por Valerio Rohden e Udo B. Moosburger. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 197 p.. [Coleção Os pensadores, v.1].

KURZ, Robert. A expropriação do tempo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 de janeiro de 1999. Caderno Mais, p. 03.

LABOV, William. **Principles of linguistc change**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LAVRADIO, Marquês do. **Cartas da Bahia** *(1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1972. (Publicações Históricas n. º 68).

LEÃO, Ângela Vaz. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1961.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Ortografia e origem da língua portuguesa.** Maria Leonor Carvalhão Buescu, ed.. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.1576.

LEITE, Serafim. **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol I.

_____ **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol II.

_____ **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol III.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**: a programmatic sketch. Arbeiten des Kõlmer Universalien - Prôjekts 48. Cologne: Universitat zu Koln, Institut für Sprachwissenchaf, 1982.

LEMOS, Renato**. Bem traçadas Linhas**: A História do Brasil em cartas pessoais. São Paulo: Bom Texto, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Organização de Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LLEAL, Coloma . **La formación de las lenguas romances peninsulares**. Bárcelona: Barca Nona,1990. p. 75-96

LOBATO, António José dos Reis. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa : Na Regia Officina Typografica, 1770. - XLVIII, 253 p. ; 15 cm Versão digitalizada do exemplar do CLUL (R-116). Disponível em: http://purl.pt/196 . Data de Acesso: 17 jul. 2008.

LOBO, Tânia (org.) **Cartas Baianas Setecentistas.** São Paulo: Livraria Humanitas-Discurso, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A história da família Ottoni nas linhas e entrelinhas***.* In: LOPES, Célia Regina dos Santos (org). A norma brasileira em construção*:* fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ. Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005. p.15-21.

LUCCHESI, Dante. **O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil**. In: Clauidia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7letras, 2003, v. , p. 272-284

LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1979.

_____ . Linguagem e Linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra Completa**, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.1.027 – 1.094.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **A questão da constituição histórica do português brasileiro:** revendo razões. Biblos (Coimbra), v. 5, p. 187-206, 2007.

MACKENZIE, J.L. What is functional grammar? Congrés International de Linguistique et Philologie Romanes, 20. Comunicação. Zürich, Suisse, 1992.

In.: NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

MALATIAN, Teresa. M.. Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, 1999. p. 377-392.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividade de retextualização. 4. ed.. São Paulo, Cortez, 2003

MARTELOTTA, Mário Eduardo ; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.

MARTINS, Ana Maria. "O primeiro século do português escrito". Na Nosa Lyngoage Galega. **A Emerxencia do Galego como Lingua Escrita na Idade Media,** editado por Ana Boullón Agrelo. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega & Instituto da Lingua Galega., 2007. p. 161-184. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/equipa/ana_martins.php . Data de acesso 02.jun.2009.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. 3.ed. Lisboa : Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA. **Estruturas trecentistas:** elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989a.

_____. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 1989b. (Repensando a língua portuguesa)

_____. **O português arcaico***:* morfologia e sintaxe*.* São Paulo: Contexto, 1993. (Repensando a língua portuguesa).

_____ . **A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro**. ABRALIN (Curitiba), São Paulo, n. 17, p. 73-85, 1995.

_____. **A língua portuguesa em perspectiva histórica***:* do português europeu para o português brasileiro. Estudos Lingüísticos Gel, São Paulo, 1999. Disponível em: http://www.prohpor.ufba.br/perspectiva.html Data de acesso: 22 jun. 2008.

_____. Vitórias de Ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, Américo Venâncio. (orgs.) **O português quinhentista.** Estudos Lingüísticos. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002a, p. 121-142.

_____. A variação ser/estar e haver/ter nas Cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. (orgs) **O português quinhentista***.* Estudos lingüísticos*.* Salvador: EDUFBA/UEFS: 2002b, p. 143-160.

_____**. O Português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006a.

_____. **Três sócio-histórias**: três línguas. 2006b . Disponível em http://www.prohpor.ufba.br/tres.pdf. Data de acesso. 20 set. 2008.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria. Acadêmica, 1923.

MEILLET, Antoine. L'Evolution dês formes grammaticales. In.: MEILLETE, Antoine. **Linguistique hostorique et linguistique générale**. Paris : Klincksiech, 1965.

MELO, D. Francisco Manuel de. **Cartas Familiares** (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 02. dez. 2008.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

MOISES, Massoud. **Literatura portuguesa**. 35 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. As idéias gramaticais de João de Barros. In**: *Revista Philologus*.** Rio de Janeiro: UERJ, 5 (14): 37-48, 1999.

_____. **Para entender LABOV**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, Marco Antonio de. **Edição da "Correspondência Reunida" de Mário de Andrade:** histórico e alguns pressupostos. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 4, p. 1-14, 2009.

MOTTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). ***A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador*.** Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da UFBa, vol. I, Diálogos entre Informante e Documentador, 1994.

MUSEU REGIONAL DE BEJA. **Sóror Mariana Alcoforado**. 1992. Disponível em: http://www.museuregionaldebeja.net/sorormarianaalcoforado.htm. Data de acesso 28 jan. 2011.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org**.). Origens do português brasileiro.** São Paulo:Parábola Editorial, 2007.

NEVES, Luis Euclides da Silva. Amor ou paixão? Que sentimento movia Mariana. **Lato & Sensu**, Belém, v. 4, n. 1, p. 3-5, out., 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. **Revista Alfa**, São Paulo, Vol. 38, 1994. UNESP.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ . **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. Fonética e morfologia. 8. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1975.

OLIVEIRA, Bento José de. **Nova Grammatica portugueza**. Coimbra, na Imprensa da Universidade, 1904..

OLIVEIRA, Fátima. Tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al.. **Gramática da Língua Portuguesa**, 5. ed., revista e aumentada, Editorial Caminho: Lisboa, 2003. p.127-78.

OLIVEIRA, Fernão de. **A Gramática da linguagem portuguesa.** Lisboa: Academia das Ciências, 1536. Disponível em: http://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html. acesso em 24 jun 2008 . (Edição crítica, semidiplomática e anastática)

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa**: ontem e hoje: variação e mudança. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.

ORTIGÃO, Ramalho. **Cartas a Emília**. Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini. Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993.
Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001
Data de acesso: 02. dez. 2008.

PALMER, F. R**. Mood and Modality**. Cambridge textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

PASSOS, Teresa Ferrer. **Fernão de Oliveira:** 1.º gramático de Língua Portuguesa. Lisboa : Gazeta de Poesia, 1994.

PAXECO, Fran. **Cartas de Teófilo:** com um definitivo trecho autobiográfico do mestre e duas "confissões de Camilo". Lisboa: Diário de Notícias, 1924. 100 p

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática História**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923.

PESSOA, Fernando. **Correspondências:** 1905 – 1922. Organizado por Manuela Pereira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PINA MANIQUE, Diogo. **Pina Manique e a Universidade de Coimbra.** Cartas do Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha. (seleção e notas de Lígia Cruz). Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra. 1984. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl
Data de acesso: 20 jul. 2010.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. ms. 1988.

PROJETO ANÁLISE CONTRASTIVA DE VARIEDADES DO PORTUGUÊS. www.letras.ufrj.br/varport. Acesso em março de 2010.

PROJETO NORMA URBANA LINGÜÍSTICA CULTA. Rio de Janeiro. www.letras.ufrj.br/nurc-rj. Acesso em: março de 2010

PUENTE, Fernando Rey . **Os sentidos do Tempo em Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2001.

PUSTEJOVSKY, James. The syntax of the event structure. In: **Cognition**: vol. 41, 1991.

RAGON, Émile. **Gramática Latina**: curso médio. Tradutor: Mário Machelet Rio de Janeiro: FTD, 1926. 208 p.

REICHENBACH, Hans. **The tenses of verbs**. In: _____. (ed.). Elements of symbolic logic. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

REIS, Carlos. Desastre Literário: sobre a publicação d'O crime do padre Amaro. **Revista Semear**, v. 1, 2º semestre 2005. Disponível em: http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/index.html . Data de acesso: 23 jun. 2009.

REIS, Robson Ramos dos. Heidegger: origem e finitude do tempo. **DoisPontos** (UFPR), Curitiba, v. 1, n. 1, p. 99-127, 2004.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza**. 2. ed. aum. e rev. Baía, Romualdo dos Santos, 1915 - xiv+872 p.

RIBEIRO, João: **Grammatica Portugueza**, Curso Superior. 3.º anno de Portuguez. Com um complemento de anotações no texto. 2. ed. corr. e augm.. Rio de Janeiro, Liv. Classica, 1933 . 347 p.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica portugueza.** S. Paulo: Tip. Jorge Seckler, 1884. 299 p.

RIO DE JANEIRO. **Decreto Nº. 29.902**, de 26 de setembro de 2008. Declara Patrimônio Cultural carioca a obra literária de Machado de Assis.

RIO ESTUDOS. Prefeitura municipal do Rio de Janeiro. Secretaria de Comunicação Social. Instituto Pereira Passos. Machado e a cidade. **Rio Estudos**, nº 291, 29 jan. 2008.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 30. ed. (revista e aumentada). Rio de Janeiro: José Olympio , 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Para uma história do português no Brasil: edição de cartas setecentistas e oitocentistas. In: Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro; Norma Almeida.. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Volume VI: Novos dados, novas análises. Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2006, v. II, p. 819-844.

SACONI, Luis Antonio. **Gramática essencial da língua portuguesa**: teoria e prática. 7. ed. rev. São Paulo: Atual, 1991.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa***. 7* ed. Rio de Janeiro:Melhoramentos, 1971.

SANKOFF, Gillian. Age: Apparent time and real time. In.: **Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2. ed.. 2006. Disponível em: http://www.ling.upenn.edu/~gillian/PAPERS/Sankoff.Age,AT,RT.pdf Data de acesso: 20 maio 2011.

SANT'ANNA, Simone Webering Martínez de. **A expressão aspectual por falantes rurais nordestinos não escolarizados e urbanos escolarizados de Salvador**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2008.

SANTOS, Hemetério José dos. **Grammatica portugueza**. 3.ed. São Paulo: Francisco Alves, 1913. Disponível em: http://143.107.31.150/bibliotecaPdf/Lt-620_original_WEB.pdf. data de acesso: 02 JUL. 2008.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

3.4.6
3.4.7
3.4.8 SARTRE, Jean Paul. **Questão do método em Sartre**. *Os pensadores.* São Paulo: Abril Cultural, 1980. 191 p.
3.4.9
3.4.10
SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 1995.
3.4.11
3.4.12
3.4.13 SCHERRE, **Maria Marta Pereira;** NARO, Anthony Julius. **Garimpando as origens estruturais do português brasileiro.** Texto da palestra proferida no Congresso internacional – 500 anos de Língua Portuguesa no Brasil, Universidade de Évora, Évora, Portugal, 8 a 13 de maio de 2000.
3.4.14
3.4.15
SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da linguística**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

3.4.16 SILVA Maria da Conceição Hélio. **A questão da mudança linguística na perspectiva coseriana**. In: www.prohpor.ufba.br/coseriana.doc. Disponível em 10/12/2008. Data de acesso: 21. abr. 2011.
3.4.17

SOTERO DOS REIS, Francisco. **Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica**. 2.ed. São Luís, MA: Livraria de Magalhães & Cia., 1871.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In.: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.) **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 3 ed. Uberlândia, UFU, 1994 .

_____. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus. São Paulo: Cortez, 2001

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics os grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd.

Approaches to gramaticalization Vol 1: focus on theoretical and methodological issues*.* Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de**. Lições de filologia portuguesa**; segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e 1912/13; seguidas das "Lições práticas de português arcaico". (Lisboa): Martins Fontes [1956]. 441 p.

VALVERDE, Maria de Fátima. **A carta, um gênero ficcional ou funcional?. In.:** IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA .UNIVERSIDADE DE ÉVORA, 2004.

VAZ, Carlos Alberto**. História e geografia de Portugal** [mapas]. Postado em 09 de março de 2008 Disponível em: http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://lh3.google.com/c.alberto.vaz/ Data de acesso: 10 maio 2009.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

VILLALOBOS, Cristóbal Macías **La oración condicional del latín al español.** Universidad de Málaga. *Analecta Malacitana,* XX, 2, 1997. p. 447-474.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I.**Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.